



Padre Pierre Chaignon

A PAZ DA ALMA

Fruto da Devoção à Eucaristia e do Abandono à
Providência

Título: A Paz da Alma - Fruto da Devoção à Eucaristia e do Abandono à Providência.

Título Original: *La Paix de l'âme - Fruit de la Dévotion à l'Eucharistie et de l'abandon à la Providence.*

Autor: Padre Pierre Chaignon, SJ (1791-1883).

Tradutor: Francisco de Azeredo Teixeira de Aguiar, Conde de Samodães (1828-1918).

Edição Original Francesa: H. Briand, França, 1880.

Edição Portuguesa Baseada: Livraria Internacional Ernesto Chardron, de Lugan & Genelioux, Sucessores, 2ª Edição, Portugal, 1882.

Nova Edição: Publicação Independente, 1º Edição, Maio de 2019.

Distribuição: KDP Amazon.

EDIÇÕES CATÓLICAS INDEPENDENTES

E-mail: contato@edicoescatolicasindependentes.com

Site: edicoescatolicasindependentes.com

Facebook: fb.me/EdicoesCatolicasIndependentes

Instagram: instagram.com/edicoescatolicasindependentes

Twitter: twitter.com/edcatolicasindependentes

Edição, Transcrição, Revisão: César Augusto Simões.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C434a

Chaignon, Pierre (1791-1883)

A Paz da Alma: Fruto da Devoção à Eucaristia e do Abandono à Providência / Padre Pierre Chaignon: Tradução de Francisco de Azeredo Teixeira de Aguiar – 1ª ed. – Publicação Independente, 2019.

Título Original: *La Paix de l'âme: Fruit de la Dévotion à l'Eucharistie et de l'abandon à la Providence*

1. Religião. 2. Igreja Católica. 3. Devocional. 4. Eucaristia 5. Providência

I. Título

CDD: 242

CDU: 27-4

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura Devocional - 242

APROVAÇÃO E RECOMENDAÇÃO

DO EX.^{mo} E REV.^{mo} SR.

DOM AMERICO

CARDEAL BISPO DO PORTO

Aprovamos esta obra, e muito recomendamos sua leitura e
meditação aos Fiéis desta nossa diocese.

Porto e Paço Episcopal, 15 de Agosto de 1882.

AMERICO, Cardeal Bispo do Porto.

AO EXCELENTÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO SENHOR

JOSÉ ANTÔNIO CORRÊA DA SILVA

**BACHAREL FORMADO NA SAGRADA TEOLOGIA E EM DIREITO PELA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA, CÔNEGO CAPITULAR DA SANTA SÉ
CATEDRAL DO PORTO, PROFESSOR DE CIÊNCIAS ECLESIASTICAS
NO SEMINÁRIO DIOCESANO E SECRETÁRIO PARTICULAR DE SUA
EX.^{ma} REV.^{ma} O SR. DOM AMERICO, CARDEAL BISPO DO PORTO**

EM TESTEMUNHO DE MUITA GRATIDÃO E RESPEITO

O.D.C.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO À NOVA EDIÇÃO INDEPENDENTE

O AUTOR

O TRADUTOR

PRÓLOGO DA TRADUÇÃO

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

PRIMEIRA PARTE – DEVOÇÃO À EUCARISTIA, SÓLIDO FUNDAMENTO DA ESPERANÇA CRISTÃ E DA PAZ POR ELA PRODUZIDA

PRIMEIRA SEÇÃO – O TABERNÁCULO OU A PRESENÇA REAL

Capítulo 1 – Amor que Jesus nos patenteia e motivo de esperança que nos dá pela sua presença no meio de nós

Capítulo 2 – Presença de Jesus Cristo no meio de nós no seu tabernáculo: Ela é de todos os lugares e de todos os tempos

Capítulo 3 – Jesus é para nós na Eucaristia um Doutor que nos ensina

Capítulo 4 – Jesus Cristo na Eucaristia é um médico que nos cura

Capítulo 5 – Jesus na Eucaristia é para nós um irmão e amigo que nos protege

Capítulo 6 – Jesus Cristo na Eucaristia, pela sua presença, é também e principalmente o nosso consolador

SEGUNDA SEÇÃO – A EUCARISTIA CONSIDERADA COMO SACRIFÍCIO: O ALTAR OU A MISSA

Capítulo 7 – Natureza do sacrifício eucarístico

Capítulo 8 – Os dois primeiros fins do sacrifício

Capítulo 9 – Os últimos fins do sacrifício

TERCEIRA SEÇÃO – JESUS, NOSSA ALIMENTAÇÃO NA MESA EUCARÍSTICA: COMUNHÃO

Capítulo 10 – União que Jesus contrai com a alma fiel à mesa divina

Capítulo 11 – Jesus deseja vivamente contrair conosco esta união

Capítulo 12 – Quanto devemos desejar a comunhão

Capítulo 13 – Mas finalmente que é a comunhão? Não podemos insistir em demasia sobre reflexões tão consoladoras?

QUARTA SEÇÃO – QUE TEMOS NÓS A FAZER PARA SECUNDAR OS DESÍGNIOS DE JESUS CRISTO NA EUCARISTIA

Capítulo 14 – Crer neste mistério com fé viva

Capítulo 15 – Honrar a presença de Jesus Cristo no tabernáculo, visitando-O

Capítulo 16 – Assistir santamente à missa: Primeiro método

Capítulo 17 – Assistir santamente à missa: Segundo método

Capítulo 18 – Preparação para o celeste banquete

Capítulo 19 – Ação de graças depois da comunhão: Sua alta conveniência, necessidade e prática

Capítulo 20 – É necessário comungar, mas quando? Que deverá pensar-se da comunhão frequente?

SEGUNDA PARTE – ABANDONO AOS CUIDADOS DA PROVIDÊNCIA

PRIMEIRA SEÇÃO – MONSENHOR JEAN-JOSEPH LANGUET DE GERGY

Capítulo 1 – Tratado da confiança em Deus

Capítulo 2 – Respostas às objeções que o receio sugere às almas timoratas

SEGUNDA SEÇÃO – PADRE JEAN PIERRE DE CAUSSADE

Capítulo 1 – A medida da nossa perfeição é a da nossa submissão ou abandono aos cuidados da Providência

Capítulo 2 – Santidade que se torna fácil pelo abandono à providência

Capítulo 3 – Só há verdadeira paz na submissão à ação divina

Capítulo 4 – A ação divina está presente em toda a parte, mas é só visível para os olhos da fé

Capítulo 5 – A ação divina oferece-nos a cada instante bens infinitos

Capítulo 6 – O abandono à Providência é a santificação do nome de Deus e o advento do seu reino para nós

Capítulo 7 – O abandono à divina ação é uma espécie de comunhão contínua comparável a certos respeito à comunhão eucarística

Capítulo 8 – A ação divina indignamente tratada nesta manifestação de todos os instantes

Capítulo 9 – A ação divina infunde em todas as almas a santidade mais eminente, e para ser santo basta deixá-la obrar

Capítulo 10 – Deus revela-se nos acontecimentos mais vulgares

Capítulo 11 – Deus faz-se guia dos que se abandonam a Ele

Capítulo 12 – O amor supre tudo nas almas que se abandonam à Providência

Capítulo 13 – A alma que se abandona a Deus, depara mais luzes e forças na sua submissão de que não possuem orgulhosos que lhe resistem

Capítulo 14 – Deus assegura às almas que lhe são fiéis, vitória gloriosa sobre as potências do mundo e do inferno

TERCEIRA SEÇÃO – CARTAS DO PADRE JEAN PIERRE DE CAUSSADE

Carta 1 – À uma noviça. Conjunto das provas. Direção geral.

Carta 2 – Utilidade das provas. Trata-se de uma alma entrada nesta via depois de haver desfrutado as doçuras de uma devoção sensível.

Carta 3 – Sacrifício que Deus exige a uma alma para formá-la à vida interior

Carta 4 – Últimas provas, morte mística

Carta 5 – A perfeição da vida espiritual mede-se pela perfeição do despojamento interior

QUARTA SEÇÃO – TRABALHOS MENORES

Capítulo 1 – Padre Cláudio de la Colombière

Capítulo 2 – Padre Milley

Capítulo 3 – São Francisco de Sales
Capítulo 4 – Padre Vincent Huby
Capítulo 5 – Padre Jean Berthier
Capítulo 6 – Santo Ambrósio
Capítulo 7 – Padre Jean Grou
Capítulo 8 – Abade Louis de Blois
Capítulo 9 – Padre Jean-Joseph Surin
Capítulo 10 – Padre Carlo Giuseppe Quadrupani
Capítulo 11 – Abade Henri-Marie Boudon
Capítulo 12 – Jacques-Bénigne Bossuet
Capítulo 13 – Padre Jean-Baptiste Saint-Jure
Capítulo 14 – Padre Gustave Delacroix de Ravignan
Capítulo 15 – Padre de Pontlevoy

SUPLEMENTO

APÊNDICE – PURGATÓRIO E INDULGÊNCIAS

Capítulo 1 – O purgatório
Capítulo 2 – As indulgências

SOCIEDADE DO CORAÇÃO AGONIZANTE

INDICAÇÕES

NOSSOS LANÇAMENTOS

APRESENTAÇÃO À NOVA EDIÇÃO INDEPENDENTE

Em tempos recentes, surgiu o interesse dos católicos pelas obras antigas da catolicidade; estas obras são verdadeiras pedras preciosas, que infelizmente não ganharam novas edições na atualidade, tornando-se assim, verdadeiras Obras Raras do Catolicismo. Esta falta de interesse das grandes Editoras por essas obras nós não sabemos; porém, a iniciativa popular e pequenas Editoras, com muito custo, estão conseguindo devolver ao mercado editorial estas grandes obras esquecidas, relegadas aos sebos.

Esta Nova Edição Independente faz parte deste movimento editorial, tentando impedir que estes tesouros entrem verdadeiramente em extinção, porque estas publicações antigas estão se deteriorando e se perdendo com o tempo. É nosso desejo que aos poucos e com a graça de Deus, estes tesouros sejam republicados, não só pelas iniciativas independentes, mas também pelas grandes Editoras. Que este movimento chame a atenção delas e vejam o quão importante é isso, dando resposta ao anseio do mundo católico.

Que Nossa Senhora interceda por esses projetos, que é como se fosse uma verdadeira restauração de uma "Biblioteca de Alexandria Católica".

O AUTOR

Pierre Chaignon nasceu em Saint-Pierre-la-Cour, Mayenne, França, em 8 de Outubro de 1791. Ele professou seus votos na Companhia de Jesus em 14 de Agosto de 1819 com 27 anos, e passou a vida como sacerdote na direção espiritual de outros sacerdotes, dando cerca de trezentos retiros para o clero francês ao longo de trinta anos. Ele escreveu um livro de meditações espirituais para sacerdotes intitulado *Meditações Sacerdotais* e estabeleceu uma União de Oração para os Sacerdotes Falecidos, que foi canonicamente erigida em Confraria em 1861. Faleceu em Angers, França, em 20 de Setembro de 1883, prestes a completar 92 anos de idade.

O TRADUTOR

Francisco de Azeredo Teixeira de Aguiar, 2º Visconde e 2º Conde de Samodães, nasceu em Vila Nova de Gaia, Porto, Portugal, em 26 de Julho de 1828. Foi bacharel em Matemática pela Universidade de Coimbra, Professor, Engenheiro Civil e Militar, Presidente da Câmara Municipal do Porto. Foi também um conhecido escritor, traduzindo também diversas obras.

Filho do 1º Visconde de Samodães, Francisco de Paula de Azeredo Figueira de Carvalho, depois 1º Conde de Samodães. Frequentou o Colégio da Lapa, no Porto e o Liceu de Lisboa. Matriculou-se na Universidade de Coimbra em 1843, nos cursos de Matemática e Filosofia, tendo-se formado em Matemática em 31 de Maio de 1849, sendo premiado em todos os anos.

Entre 27 de Dezembro de 1868 e 2 de Agosto de 1869, exerceu o cargo de Ministro dos Negócios da Fazenda no 29.º governo da Monarquia Constitucional, governo liderado pelo Marquês de Sá da Bandeira. Faleceu em Porto, Portugal, em 4 de Outubro de 1918, com 90 anos de idade.

PARTICULARIDADES DESTA EDIÇÃO

Nesta edição, a grafia das palavras foi atualizada para a norma vigente e o conteúdo da segunda parte foi reorganizado. No caso da ortografia, em alguns casos, palavras muito arcaicas foram trocadas por outras equivalentes na atualidade; quando não se tinha uma palavra equivalente, foi adicionado o significado nas Notas de Rodapé.

As Notas de Rodapés originais foram mantidas, embora poucas. Foram também adicionadas Notas com brevíssimas biografias de alguns escritores citados. Todas as Notas de Rodapé que foram adicionadas pelo Editor estão assinaladas com um NE.

O endereço das Citações Bíblicas foi revisado, havia, em alguns casos, erros de digitação; em outros, o próprio endereço estava errado. Estranhar-se-á o leitor que grande parte das citações bíblicas não são tão literais às presentes nas Sagradas Escrituras, pois no presente caso são citações meditadas e reflexivas, talvez

até postas de cabeça, mas que de nenhuma forma lhe altera o sentido. Houve alguns casos em que não foi possível localizar a citação, nestes casos as citações foram assinaladas com um asterisco (*).

Como esta Edição é uma iniciativa particular de uma só pessoa, poderá haver alguns erros. Pedimos que qualquer erro, sugestão ou crítica, nos contate pelo e-mail ou por nossas Redes Sociais. Agradecemos a todos vocês e pedimos que Deus nos abençoe e que Nossa Senhora nos cubra com seu Manto Protetor.

Novamente, meu muito obrigado!

O Editor

PRÓLOGO DA TRADUÇÃO

A Paz da Alma, obra do Reverendo Padre Pierre Chaignon, da Sociedade de Jesus, é um livro de piedade, de meditação e exortação. Não é uma produção didática ou descritiva; é uma obra mística, própria para instruir as almas, que aspiram a progredir no caminho indefinido da virtude e da perfeição.

Neste sentido e com este intento é um belíssimo livro, que não pode ler-se sem proveito.

Houve pessoas piedosas, que consideraram ser um bom serviço às almas devotas, ou que o podem ser, a reprodução desta obra em linguagem vulgar.

Embora a língua, do original seja assaz comum, pensou-se, que vertida em português, alcançaria maior aceitação e poderia alargar-se a sua propagação, à qual incontestavelmente é muito vantajosa.

Acedendo a estas boas intenções, procurou-se verter o livro, solicitando previamente a permissão do esclarecido autor, que a concedeu gostosamente.

O livro consta principalmente de duas partes, a primeira destinada a promover a devoção à Sagrada Eucaristia; a segunda a mostrar que entregando-nos à Divina Providência, seguimos a via mais segura nas lutas e transe da vida.

Esta segunda parte é consequência da primeira, a confiança absoluta em Deus, e portanto na Sagrada Eucaristia.

Sempre e em todos os tempos a Eucaristia, como era de razão foi o principal objeto de adoração para os fiéis, que estão no grêmio da Igreja.

A Eucaristia é Jesus Cristo sacramentado, que sob as espécies do pão e do vinho, se acha presente real e perfeitamente como está nos céus. Qual pode ser o objeto de culto, respeito e adoração que se ponha em confronto com o Senhor de todo o criado, com todos os predicados da sua Divina Pessoa?

Nos primeiros séculos do cristianismo a comunhão era fervorosa, frequente e constante. Com o decorrer dos tempos, tornou-se

menos ardente o anseio dos fiéis pela Santa Comunhão, e a Igreja já viu-se forçada a torná-la obrigatória só uma vez por ano.

Os frutos da Eucaristia são, todavia, tantos e tão abundantes que não menos do que nos tempos de grande fé, hoje ainda a comunhão frequente é muito para aconselhar-se, e para praticar-se.

Este livro tem como finalidade convencer desta grande necessidade, incontestável utilidade e inquestionável vantagem prática.

Todos os católicos, que realmente o são, e não de nome apenas, estão de acordo em que nos nossos tempos é de máxima urgência afervorar a devoção pela Sagrada Eucaristia, promovendo o que se denomina de *As Obras Eucarísticas*. Com este intento reúnem-se congressos, organizam-se associações, pronunciam-se discursos, realizam-se peregrinações e propaga-se esta utilíssima e grandíssima prática.

As exposições frequentes, a adoração diurno-noturna, as diversas devoções, acompanhadas de comunhão são meios pelos quais se procura encaminhar os fiéis de um e outro sexo para que além da comunhão obrigatória anual, façam outras muitas comunhões, chegando até a diária.

A propagação das *Obras Eucarísticas* é, por sem dúvida, o zelo mais racional pelo culto, que deve tributar-se a Deus, porque o Santíssimo Sacramento é o tabernáculo, o templo, a religião, o culto no que há de mais sublime, elevado, infinito e incompreensível. Todas as devoções, que não sejam supersticiosas, são louváveis e úteis; mas a adoração do Santíssimo Sacramento é de todas, a mais excelente, síntese delas, compreendendo-as todas, mas com uma amplidão inconcebível; e isto tanto no sacrifício da missa, como na mesa da comunhão, no lausperene^[1], na meditação junto aos tabernáculos, onde se acha encerrado Deus sacramentado, real, perfeito com todo o seu poder e majestade.

Nosso Senhor Jesus Cristo sobre este ponto importantíssimo foi de uma clareza e precisão, que destroem todas as dúvidas, porque do seu sacramento fez o centro de toda a religião, que ensinou.

Ele disse:

“Eu vim para que as minhas ovelhas tenham a vida, e que esta o seja na máxima abundância. Eu sou o pão vivo descido do céu. Se alguém comer

deste pão, viverá eternamente. (Jo 6, 51.10,10)”

Também Jesus Cristo disse:

“Se não comerdes a carne do Filho do Homem, não tereis a vida em vós.
(Jo 6, 53)”

Quem não tem a vida em si, tem a morte, e a morte espiritual é a corrupção, a devassidão, os maus pensamentos, as más palavras, as más obras, a improbidade, o crime, as agressões, as lutas amargas, a desordem em tudo.

A essa morte pavorosa contrapõe-se a vida, com todos os quesitos opostos, e o modo único de consegui-lo é *comendo a carne do Filho do Homem*.

A comunhão é, pois, um remédio eficaz, o único conhecido contra a moléstia funesta, que conduz à morte moral; é ela que salva os indivíduos e as nações.

E como os frutos que dela deslizam são abundantes, quanto mais frequente for esse ato tanto maior será a torrente caudal de riquezas.

É também o recurso reparador, que Jesus Cristo nos deixou e que a Igreja recebeu para compensar nos juízos da Eterna Verdade os pecados, os crimes, as abominações que conspurcam a humanidade e que tão frequentemente se cometem.

Os homens de boa vontade associam-se para santificar-se a si, e santificar os outros, propagando a mais sublime das devoções, aquela que é encaminhada diretamente a Deus, ao Salvador, ao Reparador, à Grande Vítima. Nada comove mais, nada pode infundir mais alevantados sentimentos, nada cura tão eficazmente, nada preserva com maior segurança.

A alma, que se habituar à comunhão frequente, convenientemente preparada, é a mais feliz de todas.

Depara no sagrado manjar delícias que não compreende quem as não haja saboreado; encontra consolações, que aliviam todas as dores; haure forças e energias, que vencem todas as dificuldades, por insuperáveis que pareçam.

A linguagem deste livro não é compreensível para todos, não porque não seja claríssima, mas porque o seu sentido é estranho

aos sentimentos da grande maioria das pessoas, envolvidas no turbilhão dos negócios, ávidas de prazeres, cuidando só de distrações e passatempos agradáveis. Para quem não tiver o espírito de recolhimento, obras desta natureza são insulsas e importunas.

Mas quem tiver gosto pelo livro da *Imitação*^[2], pelas obras de São Francisco de Sales, pela *Paz da Alma* de São Pedro de Alcântara, pelos *Trabalhos de Jesus*, e por outros tratados místicos, a obra do Padre Chaignon é muito apreciável.

Não será possível que todos se dediquem a esse grau elevado de contemplação que aconselha este livro; mas não é impraticável que ainda dentro do bulício mundano haja um certo retiro espiritual, muito proveitoso para todos, qualquer que seja a sua situação.

São tantas as angústias da vida que ninguém pode dispensar o conforto sobrenatural que se encontra pleno no santuário onde descansa sacramentado o Deus de todas as consolações.

Nos dias 28, 29 e 30 de Junho de 1881 reuniu-se em Lille, ao norte da França, um congresso, onde só se trataram assuntos concernentes às *Obras Eucarísticas*. Aí se acharam representadas as dioceses da França; e os estados da Bélgica, Holanda, Espanha, Itália, Áustria, Suíça, México, Chile e outros. Debateram-se questões relativas à organização de Confrarias do Santíssimo Sacramento, aos lausperenes, à adoração perpétua, aos círculos de operários, à comunhão frequente, às nove comunhões anuais em honra do Sagrado Coração de Jesus, à difusão de livros referentes à propaganda eucarística e outras que tinham imediata relação com este grande mistério, tão importante para a salvação das almas.

O Santo Padre Leão XIII abençoou este congresso, cujo alto assunto tanto devia tocar o seu magnânimo coração. As palavras com que Sua Santidade abençoou a assembleia são as seguintes, na sua versão:

“Convém à devoção dos fiéis celebrar solenemente a lembrança da instituição de um sacramento tão salutar e admirável. Por isso nós veneramos a maneira inefável pela qual Deus está presente neste sacramento visível; louvamos o poder divino que opera nesse mesmo sacramento tantas maravilhas; e rendemos a Deus as ações de graça que

lhes são devidas por benefício tão saudável e tão suave. E assim, caríssimos filhos, com especial carinho vos concedemos a bênção apostólica a vós e a todos quantos assistirem ao vosso Congresso.

Roma, 18 de Maio de 1881.”

No mesmo espírito que congregou esse congresso, é concebido o pensamento deste livro de pura, santa e útil devoção; onde além da Sagrada Eucaristia se acha a lição importante acerca da plena confiança na Divina Providência, meio salutar de peregrinar neste vale de lágrimas que elas inundam torrencialmente.

Este livro, como já dissemos, não é para todos. Dos cristãos pode aproveitar aos protestantes que leem a Bíblia, leem-na, mas dão-lhe sentido translato, e não o natural, rejeitando a tradição constante dos séculos, acerca das palavras solenes e características do Divino Salvador a respeito do pão sacramentado. Para estes nem há templo nem altar; há tão somente o sentimento religioso, vago, indefinido, que não se apoia em realidade alguma. É para lamentar que semelhante doutrina, tão oposta às palavras do Redentor, e à crença ininterrupta da Igreja Universal, mantenha em densas trevas uma porção enorme do rebanho de Jesus Cristo que recebem as águas saudáveis do batismo. Erro funesto o do protestantismo sobre a Sagrada Eucaristia que destrói todo o culto, toda a vida espiritual, todo o alimento vivificante da alma!

Os protestantes estão privados da maior das consolações, do manancial da força, dos influxos mais poderosos da graça, pela privação de Jesus sacramentado.

Para os católicos, pode o livro aproveitar sem distinção, mas aqueles que são tíbios, frouxos, inertes, mal podem compreender o que há de sublime em suas exortações.

Só aquelas almas que vão tocando as raias de perfeição, ou as que fazem romaria, embora de muito longe, para essas barreiras, e que a grande distância divisam a Sagrada Jerusalém, objeto de seus anseios e trabalhos, só elas podem entender o que em palavras piedosas exprime o autor na sua admoestação acerca do máximo sacramento e na confiança na Providência.

Possa o livro, que se publica em linguagem vulgar, aproveitar a essas almas já próximas da verdadeira devoção, e àquelas que não

desdenham, que a procuram, que a ambicionam.

Para essas é ele destinado, para os que pensam, meditam, e compreendem que a vida é um estado transitório, é um ponto de suspensão, entre o nada e a eternidade; mas estação importante porque dela depende o destino ulterior nessa infinidade de tempos, que não se contam, não tem datas, não tem anais históricos, porque é um presente continuado, que abrange o passado partindo do infinito, e o futuro, que também será infindo.

Dentro da doutrina da Igreja Católica, esta obra só pode produzir bens; aos que lhe forem indiferentes Deus acudirá pelos meios variadíssimos da sua infinita misericórdia.

Porto, 18 de Maio de 1882.

Conde de Samodães.

PREFÁCIO

Angers, 1 de Novembro de 1879.

Nos últimos dias de Maio do presente ano publicou-se um livrinho intitulado: *Jubileu Consolador - Paz com Deus pelo Abandono aos Cuidados da Providência*.

Este livrinho continha dois assuntos diversos, mas tendentes ao mesmo fim: dilatar pela confiança os corações em demasia encantados pelo temor.

Quanto ao seu primeiro argumento, a obra era da ocasião. Concedia-se um jubileu à Igreja Universal, e tratava-se de auxiliar os fiéis sobre o modo de lucrá-lo. Alcançar a paz com Deus tornava-se mais fácil nestes dias de mais farta abundância de graças; e afastando motivos de inquietação quanto ao passado, preparava-se um futuro tranquilizador e cristão para a salvação. A primeira parte do opúsculo hauria todo o seu interesse da sua atualidade; e as conjunturas presentes o reclamavam; o segundo tema, o abandono à Providência, era apresentado como meio excelente de fortalecer e perpetuar a paz da alma, conquista preciosa do jubileu.

Delongas involuntárias obstaram à rápida publicação da obra, e, quando ela apareceu, estava prestes a finalizar o período da grande Indulgência. Mas a segunda parte do livro é adaptada a todos os tempos; o abandono à Divina Providência é uma virtude, que leva as almas a mais sólida perfeição, por vias suaves e seguras, cumprindo-nos dedicar-nos a prática dela incessantemente.

Numerosos testemunhos nos mostram quanto, e muito além das nossas esperanças, foram gostados os pensamentos consoladores que formam a segunda parte do volume; a tal ponto chegou essa aceitação favorável que meses depois de findo o jubileu ainda eram pedidos exemplares do livrinho, por pessoas que o queriam ler, e meditar atentamente o que tanto as havia impressionado desde que o percorreram.

Um cônego respeitável, juiz competente na matéria, nos escrevia nos fins de Julho:

“Agradeço-lhe a remessa que me fez do seu livrinho; trata do jubileu na primeira parte e quanto a esta passou o seu tempo; mas na segunda, leio reflexões que me interessam e de que me quero aproveitar. Porque não toma vós o assunto de novo, dando desenvolvimento a verdades que tanto bem fazem à alma, e são de tão ajustada conveniência à época triste, que vamos atravessando?”

Depois deste, outro eclesiástico muito recomendável nos pedia alguns exemplares do livro *O Jubileu Consolador*, e manifestava o desejo de se publicar à parte o tratado da vida interior, que teria grande extração. Respondemos-lhe que os seus desejos seriam satisfeitos, e muito além; publicando uma obra mais completa, que íamos oferecer em breve à piedade dos fiéis.

Convencido, com efeito, que havia aqui importante serviço a prestar a número considerável de pessoas piedosas, dignas do maior interesse, e que Deus aceitaria a boa intenção de quem o procurasse fazer; depois de havermos adorado a Deus, e invocado todos os Santos, no dia consagrado ao seu triunfo, e em especial à Augusta Rainha de todos eles; e sem embargo do sentimento profundo da nossa fraqueza e das enfermidades da nossa avançada idade, pusemos mão à obra, confiado na nossa boa vontade.

O que importava à segunda parte do opúsculo, o abandono à Providência, só precisava ser retocado e aumentado com algumas citações importantes; mas a primeira parte reclamava um trabalho completamente novo. Devíamos procurar outra base a essa esperança inabalável, que sempre deve sustentar o cristão e alcançar-lhe o apreciável bem da paz. Encontramo-la na devoção ao Santíssimo Sacramento e ao Sacrifício do Altar; porque se o jubileu com razão nos parecia ocasião propícia para começar a pacificação da alma com Deus e com ela própria, a devoção à Eucaristia bem compreendida e bem praticada, é por sem dúvida, meio ainda mais eficaz, para nos estabelecer nesta forte e invencível esperança que conduz à perfeição da paz.

INTRODUÇÃO

Para vós, almas fiéis, é especialmente que nós escrevemos; sois vós que servis a Deus, arrastando a custo o jugo do temor, quando tendes direito às consolações da esperança e do amor. Conseguiremos por ventura introduzir-vos ou fixar-vos neste paraíso terreno da paz interior, que fez dizer aos mártires, no auge dos suplícios, que nunca depararam tão formidáveis delícias nos festins do mundo? Ousemos esperá-lo e para este fim tomaremos para ponto de partida e base do nosso trabalho, o oráculo do Espírito Santo:

“In pace in idipsum dormiam, et requiescam; quoniam tu, Domine, singulariter in spe constitui me: Dormirei e repousarei no seio da paz, porque sois vós, ó Senhor, que me haveis estabelecido na esperança por modo singular. (Sl 4, 9)”

Depois de haver exposto a excelência, as vantagens e doçuras da paz, especificaremos o seu verdadeiro caráter; diremos em que consiste a paz, que podemos gozar sobre a terra; provaremos depois que ela é haurida em dois mananciais abundantíssimos: *A Devoção à Eucaristia e o Abandono à Proteção da Providência.*

I. A paz! Conheceremos nós assaz a riqueza deste tesouro, o deplorável estado daqueles que a perderam, a felicidade dos que a possuem?

Tem a experiência demonstrado que uma consciência culpada é para o pecador simultaneamente testemunha, juiz e algoz; testemunha que acusa, juiz que condena, algoz que executa. Davi foi um memorável e perene exemplo. Nunca lemos, sem comoção, a descrição, que sob a inspiração do Espírito Santo, nos faz do estado lamentável da sua alma, quando o pecado bania dela a paz.

Desde esse fatal momento, o sono não o visita mais, e sua vida se escoia na tristeza e nas lágrimas. Como poderia ela saborear as doçuras do repouso. Seria imprescindível esquecer o seu pecado, e o pecado estava sempre contra ele (Sl 50 (51)). É um abutre devorando a sua presa. A formidável imagem de um Deus onipotente, cuja cólera foi provocada, segue-o por toda a parte e o

conturba. Esgota as forças do seu corpo e leva a turbção à medula dos seus ossos (Sl 37 (38)).

Brada ele:

“Felizes aqueles que seguem as vias da justiça, sem nunca aberrarem da lei divina. Saboreei essa ventura enquanto me conservei fiel ao meu Deus. Os meus pés se achavam à vontade nas vias da virtude; eu corria, ó meu Deus, em vez de caminhar, tanto o meu coração estava dilatado pela unção da vossa graça (Sl 118 (119)). Feliz também o homem culpado, quando por uma confissão sincera e arrependido, obteve o perdão das suas iniquidades e alcançou a misericórdia que cobriu com um manto seus crimes. Quanto a mim, Senhor, à desgraça de haver-vos ofendido juntei a de concentrar no meu coração o veneno mortal que o pecado nele infiltrou. E quanto ele ali permaneceu, sentia dia e noite a vossa mão vingadora que pousava sobre mim (Sl 31 (32)). Que foi feito dessa porção da minha vida, quando nada tendo que me pesasse, não receava alguma coisa? Já não eram os meus dias como esses serenos e tranquilos quando eu me deleitava na inocência do meu coração (Sl 100 (101)). Que horrível mudança se operou no meu destino! Ralado de terrores e pesares, não eram gemidos e suspiros que a dor me arrancava, eram gritos e acessos de raiva (Sl 37 (38)). Em vão procurava desviar pensamentos aflitivos, reflexões amargas; encontrava-as em toda a parte, porque em toda a parte me encontrava a mim mesmo; e o espinho do remorso contínuo me dilacerava.”

Precioso remorso, todavia, que obrigava a volver para Deus (Sl 31 (32)). O excesso de dor, auxiliado pela graça, torna-se em remédio. Ele disse:

“Confessarei contra mim a minha injustiça para com o Senhor; acusar-me-ei ante ele e aceitarei uma confissão demasiadamente merecida (Sl 31 (32)).”

E apenas com o coração contrito, o Real Profeta articulou o *pequei*, logo tudo lhe foi perdoado. Remitiu-se a impiedade do seu duplo crime (Sl 31 (32)).

Logo que perdeu a inocência, fugiu a paz da alma e só a recuperou, recebendo a remissão de seus pecados. E por isso alto e bom som, convida todas as criaturas racionais a publicar com ele a bondade infinita do Senhor:

“Dizei que o Senhor é bom e eterna a sua misericórdia! (Sl 99 (100), 5)”

Será este o mote de seus cânticos de alegria.

E celebrando a misericórdia que o salvou do abismo, não esquece o ilustre penitente de exaltar também a ventura daqueles que tornaram a encontrar a paz nas lágrimas do arrependimento.

Será a paz frequentemente assunto de seus cantos. Será como a síntese de todos os bens que deseja à Israel, o povo bem-amado (Sl 124 (125)).

Se suspira pelo advento do Messias é porque com Ele nascerá a abundância da paz (Sl 71 (72)). Se felicita os que amam e observam a lei divina, é porque eles serão premiados no gozo da paz (Sl 18 (19)). Exorta-nos para que a procuremos sem cessar, até havê-la deparado (Sl 33 (34)). E justifica isto porque a paz nos atrai todas as bênçãos do Senhor (Sl 29 (30)). E não só isto, mas ela atrai o Senhor mesmo, porque este habita na paz (Sl 75 (76)).

Enquanto o coração humano não perder a graça santificante não cessa de ser o trono de Deus; mas se esse coração está perturbado e agitado, é um trono vacilante e ameaçando ruína. Ele quer encontrar em nós uma morada, onde esteja seguro, habitação fixa e permanente; pouco satisfeito dessas tendas de viagem que se armam à noite e se levantam de madrugada, flutuam com todos os ventos e não tem solidez; verdadeiros símbolos de uma alma ligeira e agitada, vogando à mercê das paixões, sempre diversa de si mesma. Não se poderia dizer que Deus está no meio dela, e que nada a abalará (Sl 14 (15)).

No dia do nascimento do Senhor, os anjos desejavam para os homens de boa-vontade a paz, como a glória para o Senhor nas alturas. A glória é o bem supremo de Deus; a paz da alma é para nós princípio de todos os bens verdadeiros (Is 42). A Sabedoria Eterna, ao encarnar, veio trazer-nos esses bens, e para nos encher deles *dirige os nossos passos nas vias da paz* (Lc 1,79).

São Paulo pensa que a paz excede todo o sentimento; e o espírito do homem não lhe pode compreender todas as excelências (Fl 4, 7). E também no ardor que abrasava o Apóstolo, este não sabe desejar aos seus discípulos senão a graça e paz de Deus. É assim que começam as suas epístolas; e no decurso das suas admiráveis instruções ele repete frequentemente:

“Esteja convosco o Deus de paz. (Rm 15, 33)”

“A paz de Deus guarde os vossos corações e as vossas inteligências; que ela vos faça experimentar seus doces e santos arrebatamentos. (Fl 4, 7)”

A Igreja é o órgão do Espírito Santo e a coluna da verdade; e que juízo forma da paz? A paz é o primeiro e último assunto da sua solicitude para a santificação e felicidade de seus filhos. Primeiramente começa por afastá-los do número dos réus da cólera divina e reconcilia-os com Deus, fazendo-os filhos da sua misericórdia e amor. Os sacramentos, que lhe administra, são outros tantos canais misteriosos que fazem penetrar nas suas almas as águas da graça e da paz. Quando a morte os arrebatava à Igreja; os últimos votos da sua maternal ternura, que repete com frequência sobre a sepultura, são que a alma descanse em paz: *requiescat in pace*.

A vítima, que ela oferece no augusto sacrifício é, por excelência, uma hóstia^[3] pacífica; e quando vê que o seu ministro está próximo a imolá-la, compreendendo que uma recusa é impossível nestas circunstâncias tão favoráveis, não admite limites às suas súplicas; esconjura o Senhor para conceder-nos a paz para a vida presente e o céu para a vida futura; que pediria ela de maior?

O sacrifício prossegue em religioso silêncio que duas vezes é interrompido até a consumação; uma para recitar em voz alta a fórmula da oração ensinada pelo Senhor, *Pater noster* (Pai-nosso); outra para adicionar às súplicas, que ela conta, outra, que é a substância da mesma: *fique sempre conosco a paz do Senhor!*

Ainda isto não basta; fazendo um derradeiro esforço para obter por meio de uma santa importunação um dom tão precioso, quer a Igreja que o sacrificador, com os olhos fixos sobre o divino cordeiro, implore por duas vezes a sua misericórdia, *misere nobis*, e acaba implorando-lhe a concessão do que há para nós mais vantajoso nos tesouros dessa misericórdia, a concessão da paz, *dona nobis pacem*.

O mundo esforça-se para alcançar a paz; é ela para o homem a primeira e mais imperiosa das suas necessidades. Serenais os meus desejos, preenchei o vácuo imenso do meu coração, dai-me a paz; eis o que o cristão não só pede à sua fé, à sua esperança, ao seu amor; mas também o avarento às suas riquezas, o ambicioso às

suas honras, o libidinoso aos seus prazeres. Desgraçados! Eles nem conhecem a verdadeira paz nem o caminho que conduz a ela (Sl 13 (14)). São dignos de lástima. Deus disse ao pecador:

“Que lucraste tu desconhecendo a minha autoridade e transgredindo a minha lei? Se houvesse observado os meus preceitos, a submissão houvera causado a tua felicidade, e eu tivera derramado na tua alma uma torrente de paz. (Is 48, 18).”

E quando se resiste ao Todo-Poderoso poderá haver paz? Não há paz para os maus (Is 48, 22). Cada uma das suas paixões é um algoz. São os doentes que sem cessar se agitam no leito da dor, lisonjeando-se de que estarão melhor em outra posição e sempre se veem iludidos na sua expectativa.

Compara-os o Espírito Santo ao mar no momento da tempestade (Is 52, 20). O mar impele violentamente as ondas contra a praia, onde se quebram; e a praia, a seu turno, as repele com fúria para o pego. Eis aqui, diz São Jerônimo, a imagem de uma vida agitada pelas paixões; não deparando em si senão infâmia e remorsos, a alma procura evitar-se e precipita-se para fora, implorando a todos os objetos que se apresentam uma paz, que lhe recusa o seu interior desordenado; porém, em breve, advertida das suas transgressões pelo enojo e dissabor causados por esses falsos bens, vê-se forçada a cair em si mesma; impelida sempre para fora, e repelida para dentro, sem encontrar um momento de repouso em parte alguma. Disse Santo Agostinho:

“É uma punição da vossa justiça, ó meu Deus, e ao mesmo tempo um benefício da vossa misericórdia, que todo aquele que se desvia de vós para procurar nas criaturas um bem que só vós lhe podeis dar, em vez da satisfação que deseja, só encontra aflição, e a sua culpa se torna o seu suplício.”

Outra é a sorte da alma pura e fiel, que vê a Deus e aprecia todas as coisas na verdade que ele ama! Este amor, diz o autor da *Imitação*, faz leves os fardos mais pesados, e suaviza o que há de mais amargoso.

Pode aplicar-se à paz da alma o que o Espírito Santo nos diz da sabedoria, quando afirma que todos os bens nos advêm com ela. *Venerunt mihi omnia bona pariter cum illa* (Sb 7, 11). Inocência de vida, conhecimento de si mesmo, rápidos progressos na perfeição,

felicidade atual, que é o antegosto da ventura eterna e suprema, que mais é necessário para inflamar as nossas almas com nobre e santo ardor? A paz nos enriquece com esses bens.

1.º Ela é a melhor guarda da inocência, não só porque afasta muitas tentações, mas porque nos dá força para triunfarmos delas, se não as podemos evitar. Neste estado de refletiva atenção sobre o nosso interior, nada se passa de que logo nós não apercebamos.

Vemos a tentação desde o seu princípio, quando é ainda fraca e fácil vencer-se. A turbação nos expõe, ao contrário, à desgraça de ofender a Deus, e favorece os desígnios dos nossos inimigos; divide as nossas forças e impede-nos de empregá-las todas à resistência; aquele que se alucina à beira de um precipício, cai nele infalivelmente. Podemos dizer com o Rei Profeta:

“Desde que o terror se apossou da minha alma, as minhas forças me abandonaram; todos os objetos, capazes de sustentar-me, desapareceram aos meus olhos, e vejo-me como imerso em trevas espessas (Sl 37 (38)).”

O mesmo profeta diz em outro lugar:

“Durante o dia as feras se conservam ocultas nos seus covis; mas, logo que chega a noite saem deles e causam enormes estragos. (Sl 103 (104), 20-22)”

Assim, enquanto a alma é esclarecida pelo facho da fé, está em segurança; o espírito das trevas sabe perfeitamente que a atacaria inutilmente; mas logo que a luz foi substituída pelas obscuridades do terror, a quantos perigos se não expõe esta pobre alma? *Venite nox: in ipsa pertransibunt omnes bestiae silvae* (Sl 103 (104), 20).

O nosso coração não pode estar puro enquanto está sob o império da soberba, começo de todo o pecado e de todas as manchas; a paz nos leva à ruína da soberba, facilitando-nos o conhecimento de nós mesmos.

2.º Um homem mundano que, ao contrário de tantos outros, tomava a sério o negócio da sua salvação, conversava um dia com um eclesiástico, com razão estimado pela sua prudência no governo das almas. Perguntava com grande inquietação como poderia conseguir o conhecimento de si mesmo, o que se dizia indispensável à verdadeira piedade e o que lhe faltava absolutamente.

O hábil diretor em vez de responder-lhe, foi buscar uma garrafa cheia d'água, e agitando-a na sua presença, lhe disse ele: *Vedes vós, no fundo deste vaso uma multidão de grãos de areia?*

Respondeu o consultante: *Como quereis que os veja enquanto a água estiver agitada, esperai que ela se acalme e então os vereis.*

Continuou o eclesiástico: *Muito bem, eis aí a vossa alma, quando está inquieta; é uma água turva, na qual nada se discerne; mas se ela estiver sossegada torna-se límpida, e até os átomos se descobrem nela.*

No estado de tranquilidade apercebem-se as menores faltas e os defeitos mais ligeiros; vemo-nos tais quais somos, conhecemo-nos e nos desprezamos. Nasce daqui essa humildade, à qual o Salvador promete a paz das almas e que é o fundamento de todo o edifício espiritual (Mt 11, 29).

Dir-se-á: *Mas, quanto está distante de mim essa humildade, tão necessária, e quanto devagar se alevanta esse edifício de santidade, se é que ele se eleva! Deixo-me apodrecer sempre na mesma frieza, na mesma laxidão, caminhando rapidamente para o túmulo, sem dar passo algum seguro para a virtude. Como se quererá que me não sinta dominado pelo terror, quando ouço dizer que não avançar é recuar?*

Para conter em justos limites estes temores, de ordinário exagerados, perguntaremos àqueles que os abrigam, se em verdade estão certos que não fazem progresso algum. Não será já um progresso apreciável o conhecimento completo de si mesmo e da sua impotência absoluta para o bem, na ordem sobrenatural? Ignorar-se-á que é muitas vezes por amor de nós que Deus nos oculta o bem que está em nós? Mas quando fosse verdade que a nossa alma está sempre no mesmo estado de torpor e frouxidão, a perturbação e o desalento serão meios para os expelir?

Há duas coisas para as quais a tranquilidade concorre eficazmente, e que fazem progredir na via espiritual; são por uma parte as graças abundantes de Deus, e pela outra a inteira fidelidade do homem para fazê-las valer. A bondade é como o fundo da natureza de Deus; *cujus natura bonitas*. Dir-se-ia que Ele adiciona à sua felicidade tudo quanto nos diligencia.

Bem longo de ser avaro dos seus dons, regozija-se prodigando-os a nós.

Incita-nos a solicitá-los; e se nos descuidamos de recorrer a Ele, lastima-se: *usque modo non petistis quidquam*. Quando nos vê dispostos a recebê-los e a aproveitar-nos deles, consoante os desígnios da sua providência, derrama-os sobre nós com uma liberalidade desmedida. Nós o dissemos; para atrair as bênçãos celestes da graça, e para bem usar delas, a melhor disposição é a tranquilidade da alma para nos abandonarmos, plenamente, senhores de nós, ao Deus que amamos.

Tanto a turbacão afasta as complacências do Espírito Santo ou suspende a sua salutar influência, quanto o silêncio e a paz interior as avoca e lhes favorece a eficácia. Quanta razão tem o autor da *Imitação*:

“É no silêncio e na tranquilidade que aproveita uma alma piedosa.”

A paz que desfruta, prepara-a a todas as boas obras e ajuda-a para as fazer bem. Quereis orar? Não tendes necessidade de procurar o vosso coração para elevá-lo a Deus; vós o possuís sempre dominando-vos (2Sm 7, 27). Quereis unir-vos a Jesus pela comunhão? Vós ofereceis ao Rei Pacífico uma morada, que é para Ele cheia de encantos, por isso que a paz e as virtudes concomitantes são o seu ornato.

Trata-se de comunicar com o vosso próximo? Precisais dominar-vos completamente, aliás sereis duro, impaciente e desigual.

Não esqueçais que para imperar nos espíritos, vos é necessário ser homem de paz, e possuí-la em grau tal que se derrame exteriormente sobre tudo o que vos circunda.

A paz da alma sobrenaturaliza todas as nossas obras, ainda as mais comuns, pela intenção, que as anima. Não somos tentados para fazer em pura perda, trabalhando para o mundo ou seguindo só os instintos da natureza, trabalhando para Deus por modo digno d’Ele.

3º. Finalmente a tantos e tão poderosos motivos de procurar a paz, acrescentamos que se, como São Paulo afirma, a piedade tem promessas da vida futura, também as tem da vida atual, e é útil a tudo: *ad omnia utilis est* (1Tm 4, 8).

Libertando as nossas almas das paixões tumultuosas que nos fazem desgraçados, enche-nos de consolações inefáveis. Ouçamos o Salvador:

“Se alguém me ama e cumpre fielmente as minhas vontades – o que faz o homem que não se aplica a reinar sobre o seu coração senão para fazer aí reinar a Deus – ele será amado do meu Pai e de mim; viremos para ele e ali estabeleceremos a nossa morada; eu vos digo estas coisas a fim de que a minha alegria esteja em vós, e que o vosso júbilo seja perfeito. (Jo 14, 23; 15, 11)”

Repitamos e meditemos algumas vezes estas belas palavras do livro da *Imitação*:

“Se aprendeis a desprezar as coisas exteriores, e vos entregares às interiores, vereis vir para vós o reino de Deus. O reino de Deus é a paz e a alegria do Espírito Santo... Deus visita frequentemente o homem pacífico e retirado, sabendo que o encontrará na sua morada disposto a receber os seus favores. Fala-lhe e a sua linguagem é suave; é um amigo que conversa com o seu amigo; consola-o descobrindo-lhe o fruto das suas privações. Entre esta alma e o seu Soberano Senhor, não é só uma amizade terna, é uma santa familiaridade, que transporta o céu de alegria. Dai entrada a Jesus Cristo, não admitais no vosso coração nada mais.”

Santo Agostinho aparecendo um dia entre o seu povo no púlpito, mal anunciou que ia falar da paz, que logo uma comoção geral de alegria se manifestou na assembleia. Dir-se-ia que a sua primeira palavra tinha infundido a felicidade, ou ao menos, despertado o sentimento dela em todos quantos o escutavam; e então fazendo uma interrupção, disse o eloquente orador:

“Que sucedeu, meus irmãos? Que fogo divino se acendeu repentinamente nas almas? Apenas nomeei a paz e já vós me respondeis com santos transportes. Como se derramou com tal rapidez nos vossos corações um prazer tão puro e tão doce? Não principiei ainda o assunto destinado à vossa edificação, e apenas disse qual ele era; não descrevi as doçuras da paz; apenas repeti este versículo do profeta: *Jerusalém, louva o Senhor; louva o teu Deus, ó Santo Sião, por que firmou paz até as extremidades das tuas fronteiras* (Sl 147, 1-3). E bastou ouvirdes isto para não poderdes reprimir os impulsos dos vossos júbilos! Que vistes? Que magnificência e beleza opulentei eu a vossos olhos? Vós amais, pois, essa paz, cujo nome vos transporta, e para que vos demonstrarei as excelências dela! Vós a louvais mais pelos raptos do vosso amor do que eu poderia fazê-lo pelos meus discursos.”

O mesmo santo doutor define a paz admiravelmente quando diz que ela é a tranquilidade que resulta da ordem. Os elementos só estão em repouso quando estão no seu lugar; quando assim se não acham, agitam-se; é a tempestade, o vendaval.

E Santo Agostinho prossegue:

“Homem, o teu lugar é com Deus; tendo Deus formado o nosso coração para si, deu-lhe uma capacidade imensa, que só ele pode preencher. Só Deus, verdade infinita e bem supremo, pode contentar-nos plenamente, e só ele tem direito de dizer-nos: *Dai aos vossos desejos a amplitude que quiserdes, eu posso satisfazê-los todos* (Sl 80 (81), 11).”

Que Ele reine sobre as nossas inteligências pela nossa submissão às verdades que Ele ensina; que reine sobre a nossa vontade pela nossa obediência à sua lei; creiamos n’Ele quando fala; submetamo-nos quando manda, então estaremos na ordem e teremos a paz.

II. Compreende-se agora qual é essa paz que devemos desejar; a cujo gozo podemos aspirar sobre a terra. Não nos iludamos; não é senão uma paz laboriosa, e, falando com o Espírito Santo, é só uma paz em esperança. *Spe gaudentes* (Rm 12, 12). Só atravessando numerosas tribulações alcançaremos o reino dos céus, isto é, a paz consumada. Seremos saciados, diz o profeta, mas só quando Deus nos admitir na posse da glória (Sl 16 (17), 15).

No mundo presente tudo é efêmero; nada é estável. Temos momentos de tréguas e de tranquilidade relativa; mas nosso estado habitual é combate (Jó). Quando não tivéssemos inimigos exteriores, não seríamos menos obrigados a ter sempre as armas na mão, para vencermos a nós mesmos e sopear nossas concupiscências. Enquanto estivermos sobre a terra, estaremos em um vale de lágrimas, reduzidos a dizer com São Paulo:

“Quanto eu sou desgraçado; quem me livraria deste corpo da morte? Faço o mal, que aborreço, e não pratico o bem, que amo. (Rm 7, 19)”

Daqui esse fundo de inquietação que deixam sempre após de si as faltas que se cometem. Reparará tudo a penitência? Quem me certifica disso? Quando mesmo o misericordioso Salvador viesse dizer-me como a esse doente, cuja cura se procurava:

“Tem confiança, meu filho, os teus pecados te são perdoados. (Mt 9, 2)”

Essa divina segurança, sem embargo de ser consoladora, dissiparia todos os meus receios?

Para o passado, por certo, mas para o futuro que certeza haveria de evitar as recaídas? E como poderíamos abster-nos de pensar que ainda podemos tornar a pecar, e que um momento basta para fazer um santo réprobo^[4]? Só no céu poderei obter segurança completa, e dizer com o Apóstolo:

“Estou seguro que nada já poderá afastar-me da caridade de Jesus Cristo. (Rm 8, 38-39)”

Santa Teresa dizia:

“Senhor, enquanto dura esta vida mortal, corre sempre risco a eterna. No céu, de todos os meus combates só me restarão vitórias; e de todos os meus perigos só uma doce segurança. Afigurasse-me um filho de Deus que deixa o exílio e vai entrar na pátria, e tomar posse da sua herança, que lhe mereceram as graças de Jesus Cristo, e a correspondência fiel às mesmas. O inverno passou para ele e substituiu-o a mais formosa primavera (Ct 2). Bom servo, vai descansar das tuas batalhas na felicidade soberana e eterna. Quanto a alma está transportada! Ela se precipita nos braços de seu Deus e Pai, exclamando: *Estou salva!* Ela o duvidava há pouco ainda, pensando na terrível palavra: *Ninguém sabe se merece o amor ou o ódio* (Ecl 9, 1). Era a última prova, que acabava de purificá-la. Sabe agora que é digna de amor; soube-o da boca mesma de Deus; e experimentou-o com a santa embriaguez que se apodera de todo o seu ser. Ó encanto inefável desse primeiro momento, e esse encanto durará toda a eternidade!”

Desdobra-se, pois, a paz para os eleitos; paz na vida presente, que faz o nosso mérito, paz na vida futura, e esse será o nosso sublime galardão. Uma forma os santos, a outra coroa-os. Pela primeira *semeamos nas lágrimas*, pela segunda *ceifamos na alegria* (Sl 125 (126)).

Uma é a via, a outra o termo; via penosa é o tempo transitório do sofrimento; o termo felicíssimo, e que nos põe na posse de uma inalterável felicidade.

A última é essa boa *medida bem apertada e amontoadá, medida de felicidade que transborda*, e que Deus lança no coração dos eleitos (Lc 6, 38). É a paz consumada que nada deixa a desejar.

Sigamos, pois, o conselho de São Paulo:

“Soltemo-nos de tudo quando nos grava, e dos laços do pecado que nos apertam tão estreitamente; corramos pela paciência na carreira, que nos é patente, imitando Jesus Cristo, autor e consumidor da nossa fé, o qual, com vistas nessa alegria inefável que lhe era proposta, em vez da vida cômoda, de que podia gozar, sofreu a cruz, desprezando a infâmia e a ignomínia anexa a este suplício; e para recompensa dos seus trabalhos e das suas humilhações passadas, está agora assentado à mão direita de seu Pai no cúmulo da glória. (Hb 12, 1-2)”

A esperança fez a sua força e fará a nossa. É ela a lição máxima que nos dá a Escritura, quando diz:

“Ó vós, que temeis ao Senhor, pondo nele toda a vossa esperança; e a sua misericórdia será para vós fonte inesgotável das mais abundantes consolações. (Sb 3,9)”

Em qualquer situação, em que nos encontremos, esperemos sempre.

Quantas razões não tinha Davi para se recluir da justiça do Senhor! E, todavia, nos seus cânticos nada se repete mais frequentemente do que a expressão da sua confiança.

Vê-se que a sua alma está repleta dela, e não se exaure quanto a este assunto:

“Nossos pais esperavam em vós, ó Deus de Israel, entregavam-se aos cuidados da vossa Providência e nunca o fizeram inutilmente. Sempre os libertastes dos perigos em que se achavam. Gritaram para vós e vós os salvastes (Sl 21 (22)). O Senhor está sempre junto daqueles que estão aflitos; salvará aqueles que, desconfiando de si, e não procurando o fim em criatura alguma, só contam sobre ele; nele, os que esperarem nele não perecerão. A salvação dos justos provém do Senhor; ele os libertará e salvará, porque esperavam nele (Sl 36 (37), 40)). Meu Deus, vós sois a minha esperança, e por conseguinte a minha força invencível. Ponde toda a vossa confiança no Senhor, vós que formais o seu povo; derramai o vosso coração na sua presença; porque nunca cessará de ser o vosso onipotente protetor.”

Encontra-se a mesma linguagem em todos os escritores sagrados e nos seus intérpretes mais autorizados. Isaías recebe a missão de predizer as maravilhosas transformações que a graça de Jesus Cristo há de operar sobre a terra.

Fala nos cristãos sob a figura dos filhos de Israel, Deus quer que ele diga:

“Consolai-vos, meu povo; anuncio-vos o fim dos vossos infortúnios, porque as vossas iniquidades, que as trouxeram contra vós, estão perdoadas. (Is 40, 1-2)”

Outra vez lhes dá esta ordem:

“Fortalecei as mãos débeis, apoiai os joelhos trêmulos; dissei àqueles cujo coração está abatido: tende coragem, não temais, o vosso Deus vai apoiar a vossa causa. Deus vai salvar-vos (Is 35, 3-4). Os que esperaram no Senhor receberão forças sempre novas; servi-lo-ão sem desfalecimento; vê-los-ão correr nas veredas da justiça sem cansaço, tais como a águia que paira no mais alto dos céus (Is 40,31).”

São Paulo atreve-se a dizer que tudo pode, não por si, porque confessa que nada vale, mas por Aquele que o fortifica (Fl 4, 13). Por atrevida que seja esta linguagem, não há um só cristão que não possa adotá-la e julga-se autorizado a empregá-la com a mesma segurança, porque o seu poder irá até onde for a sua esperança em Deus.

Tem aqui aplicação muito apropriada o oráculo da Escritura: *omnis locus, quem calvaverit pes vester, vester erit*: todo o lugar em que vós puserdes o vosso pé, será vosso (Dt 11, 24). Esse pé é a esperança. São Bernardo explica o prodigioso ascendente que ela exerce sobre Deus, pela honra extraordinária, que lhe resulta. Diz ele:

“Nada imprime tanto brilho à onipotência de Deus como o poder que confere aos que esperam nele.”

A razão disto é porque a confiança absoluta é homenagem excelente rendida à grandeza de Deus. Santo Agostinho disse no mesmo sentido:

“Aquele, cuja força é Deus, não pode cair, assim como Deus também não pode cair.”

Santa esperança, tu és a virtude e segurança das almas grandes. São Bernardo disse:

“Ó esperança, tu fazes suportar tudo com doçura e suavidade.”

São Lourenço Justiniano afirma falando desta virtude que ela é um descanso no meio do trabalho, um refrigerio na quentura, uma consolação nas lágrimas. Concluamos com o Apóstolo, que é a esperança que nos salva (Rm 8, 24). Assim a Igreja, para assegurar

a salvação de seus filhos, pede-a em nome da sua esperança: *Salvos fac servos tuos, Deus meu, sperantes in te.*

Que belos exemplos nos oferece a Escritura para nos fazer entrar em via tão segura e sedutora! Abraão crê contra todas as aparências, espera contra toda a esperança, que pelo seu filho Isaac há de vir a ser pai de uma numerosa posteridade, embora Deus lhe ordene que sacrifique este filho tão ternamente amado. É o santo homem, Jó, que se sente tão seguro de ver um dia o seu Redentor na glória, que esta esperança poderá extirpar-se-lhe do coração:

“Ainda mesmo que ele me matasse, esperaria nele. (Jó 13, 15)”

É Susana, a quem a sua confiança em Deus preserva de uma morte infamante, à qual parecia não poder escapar. É Judite, que, armada de confiança, empreende e executa o temerário projeto de decepar a cabeça de Holofernes e de preservar a sua pátria das desgraças que estavam prestes a cair sobre ela.

Todos estes fatos, de uma esperança heroica, pertencem à lei antiga; mas a nova ainda oferece outros mais admiráveis.

Lembremo-nos dos doze apóstolos. Eles dividem entre si o mundo e o percorrem como intrépidos conquistadores. Privados completamente de meios humanos tem que superar obstáculos, que são invencíveis. Que importa? Eles partem, com a cruz na mão e a esperança no coração. Qual foi o país onde a sua voz não soou, qual a terra que não fosse fecundada pelos seus suores e pelo seu sangue (Sl 18 (19), 5)? E nas idades seguintes quantos fatos se não podiam lembrar? Entre os soberanos Pontífices, citemos Gregório VII, Inocêncio III e Pio IX; entre os bispos, Cipriano, Hilário, Ambrósio; entre os fundadores de ordens religiosas Francisco de Assis, Domingos, Inácio; entre os homens apostólicos, Xavier, Vicente Ferrer, Vicente de Paulo; entre as virgens e santas mulheres, Teresa, Chantal, Catarina de Sena, Rosa de Lima; nomes venerandos, aos quais poderíamos adicionar outros muitos, que despertam em nós a recordação de uma magnanimidade sobre-humana.

Mas quando fossemos insensíveis a semelhantes exemplos, quando todas as considerações, que precedem, não houvessem extirpado

radicalmente todos os temores, injuriosos à infinita misericórdia do Senhor, dois textos da Escritura bastariam para nos estabelecer e fixar na esperança mais inabalável; ei-los aqui, é Deus mesmo que fala:

“Invocai-me no dia da tribulação; eu vos livrarei e me glorificarei disso; porque o meu servo esperou em mim, eu o livrarei; protegê-lo-ei porque conheceu o meu nome. (Sl 49 (50), 14; Sl 90 (91), 15)”

Meditai nestas palavras consoladoras, ó almas fiéis, que temeis de ter demasiada esperança. Deus nos afiança que pela esperança lhe rendemos honra que lhe é agradável e que Ele a exige; não podendo dispô-lo melhor em nosso favor; mostra-nos depois a nossa esperança como garantia certa da sua onipotente proteção. É exatamente como se Ele dissesse falando de cada um de nós: *Tenho mil razões de libertar esta alma; eu sou o seu criador e redentor; derramei por ela a última gota do meu sangue; dedicou-se a servir-me; mas quando não tivesse nenhum destes títulos ao meu amor, bastava que ela houvesse deposto toda a sua esperança em mim, para que eu a tome e guarde sob a minha proteção.*

Mas, além disto, essa alma *conheceu perfeitamente o seu nome*. Aqueles que não se abandonam a Deus conhecem mal o seu nome. Deus quer que lhe chamem de *o Deus clemente, cheio de paciência e misericórdia; Deus que não quer a morte do ímpio, mas que ele se converta e viva* (Ez 33, 11). Deus se dignou ensinar-nos como deveríamos orar-lhe e a primeira palavra dessa fórmula abre a porta dos nossos corações à confiança: *Pai nosso, que estais nos céus.*

Com motivos tão poderosos de pormos em Deus a nossa confiança, não parecerá que o desânimo deveria ser impossível? E, todavia, quanto é habitual! Pode afirmar-se que se a confiança povoa o céu, a pusilanimidade e o desalento põem muitas almas no caminho do inferno.

Quais são as causas destas deploráveis fraquezas? Assinalaremos três: a moleza, o orgulho, a ingratidão.

1.º O desalento não é muitas vezes senão um véu que nos serve a ocultar uma vergonhosa covardia. O exercício das virtudes evangélicas é circundado de obstáculos. A virtude só merece esse

nome pela luta que exige; ela costuma definir-se de a *força da alma aplicada ao bem*.

Mas entre todas as virtudes distingue-se a esperança pela sua atividade e energia. É a esperança que depõe no coração as santas audácias, faz nascer os projetos atrevidos, e as dedicações generosas.

Uma alma covarde antes prefere adormecer-se na moleza do que impor-se sacrifícios; repele uma confiança, que demandaria esforços, exporia a contradições e a penas. É mais cômodo dizer: não posso, é impossível... do que deitar mão à obra. Envolver-se no manto da indolência é evitar tudo quanto seja penoso e meritório na prática do dever.

2.º O desalento assemelha-se à humildade e no entanto, nada lhe é mais oposto. Todo aquele que se deixa abater pelo receio de sair-se mal é um homem que contava só sobre si, nos seus meios e na sabedoria das suas medidas. Pelo contrário, a grandeza de ânimo no homem cristão mede-se sobre os baixos sentimentos que este tem de si mesmo. Descobrimo em si só pecado, incapacitado, profunda miséria; em que se pode apoiar? Fénelon^[5] diz em alguma parte que para esperar plenamente em Deus é imprescindível desesperar de si próprio.

3.º Outra causa do desalento é a ingratidão. Há corações para os quais o reconhecimento é um peso, que aliviam de bom grado. Censura-se este defeito aos Israelitas, que, quando se viam algum perigo ou necessidade, em vez de recorrer a Deus, se deixavam entregar ao desalento e ao murmúrio, esquecendo os milagres, pelos quais o Senhor havia assinalado o seu poder e a sua bondade para com eles; ou se nisso pensavam era sem sombras de reconhecimento.

Dizem eles:

“É verdade que Deus bateu no rochedo e dele jorraram as águas para saciar o seu povo, mas poderá ele ministrar-lhes o pão no deserto? (Sl 77 (78), 20-21)”

Como se uma coisa fosse mais difícil do que a outra, e como se o bem que nos fez não fosse garantia do que nos quer fazer?

Nós só vemos as dificuldades presentes, e as comparamos àquelas, das quais a Providência nos fez triunfar, calculando friamente e tendo só pago com ingratidão os benefícios já recebidos, tememos contrair novas dívidas, que não satisfaríamos melhor. Conservemos no coração a lembrança dos favores, com que Deus nos favoreceu, e com que nos beneficia todos os dias, e seremos inabaláveis na nossa esperança.

Por uma só comunhão que nos permite fazer, não prova Ele evidentemente que tudo podemos esperar do seu amor?

Parece-nos útil confirmar estas reflexões pelas do Padre Berthier sobre o Salmo 21 (22):

“O que altera essa confiança plena e inteira, que nos faz lançar no seio de Deus com abandono sem reserva é porque não compreendemos bem o procedimento de Deus para conosco. Em uma tempestade, ou interna ou exterior; que se arma contra nós, se nos voltamos para Deus, que se arma contra nós, queremos logo provar os efeitos da sua proteção por modo sensível. Se ele no-los faz esperar caímos imediatamente na desconfiança, e todo o nosso ardor para implorar o seu apoio extingue-se, ou afrouxa. Quanto somos ingratos! Lancemos as vistas sobre a nossa vida e vejamos o que o nosso Pai Celeste se dignou fazer por nós; quantas vezes nos abriu uma saída inesperada em circunstâncias embaraçosas! Recordemos mesmo os momentos de fervor em que nos encontramos, e os bons efeitos que infundia em nós a confiança, que nos animava; eram graças assinaladas do Senhor; mas quem exauriu esse manancial?”

A precipitação dos nossos desejos, a atividade do nosso amor próprio, a plenitude da nossa alma, onerada pelas suas afeições. Se tivéramos cautela de aliviá-la admitindo nela só a boa vontade de Deus, só neste apoio ela confiaria e assim lograríamos socorros especiais!

Até ao presente só procuramos pôr em evidência a beleza e excelência da paz, doce emanção do coração de Deus, e garantia da glória, que destina aos escolhidos. A paz tal qual a podemos desfrutar na terra não é só o fruto da esperança; é verdade que quase se confundem; mas quantas delícias não há nessa tranquilidade da alma que tudo espera e nada teme, exceto desagradar a Deus! E como ela se sente forte para triunfar do desalento!

Destas considerações preliminares deduzamos esta consequência: se o temor é bom e é o princípio da sabedoria, porque nos livra ou preserva do pecado, que é o maior mal, cem vezes melhor é a confiança, que nos une pela caridade a Deus, bem supremo, e derradeiro fim do homem. Vamos, pois, entrar no nosso assunto mostrando sucessivamente que A Paz da Alma é o Fruto da Devoção à Eucaristia e do Abandono aos Cuidados da Providência.

PRIMEIRA PARTE – DEVOÇÃO À EUCARISTIA, SÓLIDO FUNDAMENTO DA ESPERANÇA CRISTÃ E DA PAZ POR ELA PRODUZIDA

Para compreender e apreciar doutrina tão consoladora, basta considerar com atenção, por uma parte o amor que Jesus Cristo nos patenteia no sacramento e sacrifício do altar, e pela outra as relações íntimas da Eucaristia com a esperança cristã, mãe da verdadeira paz. Todas as vezes que entramos numa Igreja Católica há três objetos, sobre o que assentam os nossos olhos, devendo fazer profunda impressão nas nossas almas: um tabernáculo onde Jesus está, um altar onde Ele é imolado, uma mesa santa onde ele presta à nossa alimentação: em três palavras, quantos carvões candentes, juntos nos nosso corações para fundir o gelo e abrasá-los em amor! O tabernáculo, o altar e a mesa santa, eis aí completamente a Eucaristia e a revelação do coração de Jesus neste mistério. Que temos nós a fazer para corresponder aos desígnios do Salvador nestes três maravilhosos excessos da sua caridade para conosco? Tal será o assunto desta primeira parte que dividiremos em quatro seções: a primeira considera Jesus Cristo na sua presença real, a segunda no seu sacrifício, a terceira no que nós devemos fazer para secundar eficazmente os desígnios de um amor tão prodigioso, a quarta expõe o dom, que Ele nos fez de si próprio, como alimento na comunhão.

PRIMEIRA SEÇÃO – O TABERNÁCULO OU A PRESENÇA REAL

CAPÍTULO 1 – AMOR QUE JESUS NOS PATENTEIA E MOTIVO DE ESPERANÇA QUE NOS DÁ PELA SUA PRESENÇA NO MEIO DE NÓS

Deus podendo-nos fazer todo o bem que nos quer, segue-se necessariamente que a nossa esperança deve medir-se pelo seu amor para conosco. Mas esse amor divino para criaturas datará só do dia em que foi instituída a Eucaristia? Ele é tão antigo como Deus mesmo. Já antes de sermos criados estávamos no seu coração. Ouçamos o que Ele nos diz por um dos seus profetas:

“Há uma eternidade que eu vos amo e por isso é que vos tirei do nada na minha misericórdia. (Jr 31, 3)”

“É o meu amor que vos deu o ser de preferência a tantos outros que nunca o terão.”*

Se Deus nos criou pela sua onipotência, conserva-nos pela sua Providência, e esta abrange tudo quanto nos diz respeito. Quanto me é suave pensar que esse Deus imenso se ocupa de contínuo da minha felicidade! Que vela nos meus interesses com uma solicitude, que nunca teve a mãe mais terna pelo filho estremecido! Ele regula o curso dos astros, a série das estações, o nascimento e a queda dos impérios sem perder-me de vista um só momento. É, pois, verdade, Senhor Supremo, que o labor de governar o mundo nunca vos distrai no cuidado, que tomais, na minha felicidade. A Redenção nos fala ainda com mais eloquência sobre a caridade de Deus para com os homens do que a criação e a conservação. Será possível meditar sem comoção no célebre oráculo de São João: *Deus amou tanto o mundo*, e que mundo? O mundo dos pecadores porque não havia outro antes da encarnação; esse mundo perverso, manchado por todos os crimes; Deus amou-o tanto que para arrancá-lo à mais horrorosa desgraça deu-lhe o seu Filho único (Jo 3, 16)! E este Filho, Deus como o seu Pai, como nos amou Ele? O seu nome basta para no-lo dizer. É o seu amor para conosco que lhe mereceu

o mais nobre e belo de todos os nomes; Ele não é Jesus, não é Salvador senão por causa de nós e da nossa salvação.

Foi esse mesmo amor e a necessidade de nos ser útil pelos seus exemplos, antes de nos esclarecer pela sua Palavra, que Ihe fizeram escolher um estábulo para primeira morada e para berço no meio de nós. Ó homens, compreendeis esta missão? Passou a sua vida fazendo o bem; cada um dos dias da sua existência mortal foi assinalado por numerosos e insignes benefícios (At 10, 38). Mas é sobretudo na proximidade de uma separação sempre penosa para a amizade que se costuma dar mais livre voo às afeições, manifestando-as por testemunhos mais expressivos.

Daqui promanam esses legados, testamentos e despedidas, quando chega o momento da suprema separação. Jesus nos amou durante a sua vida; não temamos que o seu amor se desminta na aproximação da morte. Divina Eucaristia, tu és o testamento de Jesus; foi no instituir-te que Ele nos estabeleceu por seus herdeiros e nos fez as suas despedidas. Tu serás, após a cruz, a mais perfeita manifestação do seu amor para conosco; é por ti que Ele se dá inteiramente a nós. É por isso que o Concílio de Trento chama este mistério de a plena efusão das riquezas da caridade de Jesus Cristo. Pelos outros meios de santificação, que nos deixou, fez cair sobre nós o celeste orvalho da sua graça, do qual nos inunda a Eucaristia. São João Crisóstomo e depois dele Santa Teresa nos dizem que a terra com a Eucaristia quase nada tem que invejar o céu. Os santos disseram que por este mistério Deus esgotara o seu amor; será isto possível? Poderá esgotar-se um amor infinito? E, sem embargo, esta expressão não lhe pareceu demasiado forte. E já que na Eucaristia Deus se dá realmente a si mesmo, que poderia Ele dar de mais? Ele não pode senão varia a maneira de dar-se. O Céu e a Eucaristia só diferem por esta forma: na Eucaristia possuímos a Deus sem o ver; no céu vemo-l'O e possuímo-l'O. No céu Deus nos eleva até Ele; na Eucaristia desce até nós. *Quer no Céu, quer no altar, é sempre Deus que se dá* (Santo Agostinho).

Divina Eucaristia, céu antecipado, já que esgotas as manifestações do amor de Deus para com o homem, esgota também toda a minha admiração e todo o meu amor. Olha-me, ó Jesus, através das

espécies sacramentais que te servem de véu. Se eu não conhecesse esta maravilha da tua caridade, eu seria bem desgraçado e digno de lástima; mas só eu a conheço sem te amar, sou a um tempo desgraçado e criminoso. Não embote o excesso da minha miséria o excesso da tua paciência.

“A Eucaristia é o coração da religião, a alma da Igreja, o manancial onde ela haure todas as suas virtudes, o rio divino que lhe golfia em grandes torrentes as águas de uma vida imortal. (Eucaristia Meditada).”

Quando Jesus Cristo dotava o mundo, pensava em todos os filhos da Igreja; pensava em mim e me dizia: *Ó meu filho, dá-me o teu coração*; mas provocando o meu amor não provocava também a minha confiança, já que a confiança é essencial ao amor?

CAPÍTULO 2 – PRESENÇA DE JESUS CRISTO NO MEIO DE NÓS NO SEU TABERNÁCULO: ELA É DE TODOS OS LUGARES E DE TODOS OS TEMPOS

Quando Salomão, cercado pela multidão do povo de Israel, dedicou à glória de Deus o magnífico templo que havia construído, a pompa das cerimônias e a majestade do Senhor; que se fez sensível, infundiram na assembleia um sentimento religioso tão profundo que ela se prostrou em terra e do coração do monarca soltou-se este grito de admiração:

“Será crível que Deus se digne tomar morada sobre a terra no meio dos homens! Se o céu e todos os céus não podem conter a sua imensidade, como a comportará este edifício que é obra das minhas mãos? (2Cr 6, 18)”

Em toda a parte onde estiver o corpo reunir-se-ão as águias em torno dele (Mt 24, 28). O corpo por excelência, o mais nobre e perfeito de todos os corpos, o corpo sagrado de Jesus Cristo, que tão grande parte tivera na obra da nossa Redenção, sabemos onde está. Adoramo-lo sentado à direita do Pai, mas também o adoramos nos nossos tabernáculos. Ah! Onde estão as almas que elevando-se acima da natureza e dos sentidos com um olhar de águia apercebem Jesus através dos véus do Sacramento? Quanto são raros os cristãos que, como Moisés, veem, por assim dizer, o invisível (Hb 11, 27). E apreciam, como devem, a presença do Deus Eucarístico! Se o Verbo Encarnado nos dissesse que se compraz no

meio dos Anjos, Arcanjos, Querubins e Serafins, que compõem a sua corte celeste, concebê-lo-ia facilmente, porque ali ao menos Ele é conhecido e servido como deve sê-lo; mas que Ele se digne assegurar-nos que as suas delícias são de estar com os filhos dos homens, não será motivo para nos causar o maior assombro? Não se diria que o seu amor o cega ao ponto de lhe fazer esquecer o que Ele deve à sua infinita grandeza? João Batista, nas margens do Jordão, conturbado no seu espírito, dizia aos judeus que o tomavam pelo Messias:

“Há no meio de vós alguém que vós não conheceis. Se soubésseis o que ele é o que merece esquecer-me-íeis para não pensar senão nele. (Jo 1, 26)”

Deve convir-se, todavia, que o Santo Precursor não tinha motivo de espantar-se muito vendo o Messias sem consideração nem honras no meio do seu povo, porque Ele acabava apenas de deixar a obscura oficina de Nazaré; mas quanto mais espantoso e aflitivo é que o Divino Salvador seja quase desconhecido de nós depois de tudo o que fez para nosso proveito durante a sua vida, na sua morte e depois na sua triunfante Ressurreição!

A sua presença no meio dos homens não é privilégio de uma nação ou de uma localidade qualquer. Ela pertence a todas as nações e a todos os lugares, onde houver um presbítero católico e um altar. Se Jesus não tivesse senão um templo em todo o universo, qual seria o cristão que não ambicionasse a felicidade de poder, ao menos uma vez na sua vida, ir depor aos seus pés as suas homenagens e orações! Mas na sua excessiva bondade não quis que houvesse na sua inumerável família uma só aflição que não fosse fácil depositar no seu coração, e foi por isso que Ele multiplicou os seus santuários até ao infinito.

Um dia dizia Ele aos seus discípulos:

“Felizes os olhos que veem o que vós vedes, e os ouvidos que escutam o que vós escutais. (Mt 13, 16)”

Nós temos muitas vezes invejado essa felicidade embora a nossa, considerando-a debaixo de todos os aspectos, lhe seja realmente preferível, porque nós temos sobre os seus contemporâneos a vantagem que Ele não estava presente senão em um único lugar ao

mesmo tempo; Nazaré perdia-O quando Ele ia a Jerusalém. Quantas lágrimas teria Ele poupado às irmãs de Lázaro, se Ele tivesse estado em Betânia, quando a morte veio roubar-lhes um irmão que Ele se dignou restituir-lhes, ressuscitando-o! Quanto a vós, almas fiéis, que Ele prova porque vos ama assim como a essas duas irmãs, não tendes a lamentar-vos da sua ausência; Ele está sempre aí junto de vós na sua humilde morada, ressentindo todos os vossos males e convidando-vos a virdes procurar o remédio ao pé d'Ele. Mas porque esta consideração vos não infunde mais firmeza na vossa esperança e não desterra os vossos sustos?

Deus fez para vós o que o Santo Jó lhe pedia para ser livre dos seus receios:

“Ponde-vos ao pé de mim, Senhor, e quaisquer que sejam os meus inimigos e a sanha contra mim rir-me-ei dos seus esforços. (Jó 18, 3)”

Quanta segurança não há neste pensamento; tenho aqui ao pé de mim um defensor infinitamente poderoso e tão dedicado aos meus interesses que ferir-me é feri-l'O a Ele na pupila dos seus olhos (Zc 2, 12)!

Se a Escritura refere como favor insigne, concedido ao Patriarca José, que a sabedoria desceu com ele à sua prisão e nunca o abandonou nos ferros, não será muito mais preciso para nós que o Homem-Deus, a sabedoria encarnada, permaneça conosco na prisão desta triste vida e por tanto tempo quanto dure o nosso cativeiro? Eis aqui novo prodígio de seu amor.

A sua presença no meio de nós não é passageira, mas contínua e perpétua. Os grandes da terra designam o dia e as horas em que concedem audiência; o Filho de Deus, o Rei dos reis, quer que nós possamos aproximar-se d'Ele sempre que o queiramos; o nosso tempo é sempre o d'Ele. Prometeu-nos que estaria conosco até à consumação dos séculos. Quantas tristezas Ele tem dissipado, quanto tem fortalecido os ânimos, quantos anseios tem atendido desde dezoito séculos^[6]!

Era na presença do seu tabernáculo que os seus discípulos, passada a ascensão, se consolavam da sua partida para o céu. Encontravam-no tão bom, tão doce, na Eucaristia, como o haviam conhecido quando andava visivelmente no meio deles.

Era em presença do altar e abrasados nos fogos da Eucaristia, à qual punha os seus corações em combustão, que os mártires arrostavam com o furor dos tiranos, e que um São Lourenço, sobre as grelhas, zombava da fúria impotente dos seus algozes. Era diante da Eucaristia, que Mônica visitava assiduamente, que a santa mãe alcançava a conversão de Santo Agostinho, e Clotilde a de Clóvis.

Foi aí também que as Madalenas de Pazzi, as Catarinas de Sena, as Margaridas Maria e muitas outras receberam essas graças abundantes que as alevantara à mais alta perfeição. Desde a sua instituição, a Eucaristia é na Igreja o que o sol é no mundo físico; ela esclarece, acalenta, vivifica (SI 18 (19), 7).

CAPÍTULO 3 – JESUS É PARA NÓS NA EUCARISTIA UM DOUTOR QUE NOS ENSINA

Quem não lamentaria um homem caminhando sem uma tocha no meio das trevas em um caminho ladeado de precipícios e não tendo para esclarecer os seus passos senão a luz incerta dos astros da noite?

A que funestos acidentes e a que perigos se não exporá ele? Uma vez, tomando as sombras como realidades, tremerá quando nada tem a recear, outras vezes adiantando-se com segurança, precipita-se num abismo, quando julga pôr pé em lugar seguro; triste imagem da multidão considerável de semi-cristãos, com a sua fé quase inútil porque esta é sem vivacidade! Ela projeta apenas alguns clarões pálidos e trêmulos sobre o caminho por onde marcham; daqui as quedas, as ilusões e os falsos juízos! Chamam bom o que é mau; alegram-se quando seria necessário chorar! Quanto é diferente aquele que prossegue à claridade de uma fé viva! Este está ao abrigo de todo o erro em matéria de salvação, aprecia as coisas como elas são e pelo que valem, porque as vê, e por assim dizer, pelos atos de Deus mesmo (SI 35 (36), 10).

1.º Mas se queremos gozar abundantemente desta luz benéfica voltemos os olhos para o sol da justiça, defrontemos a Eucaristia. O altar é a cadeira da verdade onde o Deus da Eucaristia todos os dias instrui os pequenos humildes. A comunhão é a escola onde o

Deus de amor fala aos nossos corações pelas doces insinuações da sua graça que Ele varia consoante as nossas inclinações e necessidade. É aí que, na intimidade da sua ternura, o Bom Mestre se coloca ao nível de todos; aí satisfaz o gênio que tem sede de conhecer como a inteligência singela, que se limita a pedir a ciência necessária para crer e amar; é aí que Ele ensina essa sublime sabedoria que o mundo chama de loucura; e que d'Ele se aprende essa ciência dos santos que os sábios desdenham, mas que o humilde cristão acha, com razão, como a única que possa assegurar a sua felicidade neste mundo e no outro. Quantas almas fervorosas poderiam trazer aqui o testemunho da sua própria experiência? Se algum dia, no meio das suas inquietações, dúvidas e perplexidades vieram fazer sua confidência a Jesus presente no seu sacramento de amor, não sentiriam elas que um raio de luz se escapava do tabernáculo, insinuando se até no fundo de seus corações? Depois de o haverem adorado e orado, elas se ergueram confortadas e fortalecidas como se lhes tivera arrancado uma venda que lhes cobria os olhos; e se retiraram cheias de tranquilidade e segurança pela via que acabava de lhes ser mostrada. É pelo seu exemplo que Jesus Cristo na Eucaristia nos confirma as lições que nos deu, infundindo-nos santas inspirações.

2.º A vida oculta de Jesus Cristo na obscuridade dos nossos santuários, vida concentrada em Deus, privada de todas as vantagens exteriores, às quais o mundo liga tanta valia, contém para nós um ensinamento da mais alta importância, mostrando-nos que devemos desprezar todos os bens falsos e só procurar a felicidade onde Ele se acha. No seu misterioso silêncio o Salvador de contínuo nos repete com o Real Profeta:

“Filhos dos homens, até quando estarão vossos corações gravados para terra; e até quando vos apaixonareis pela vaidade e mentira (Sl 4, 3)?”

Se a felicidade consistisse no brilhantismo, na abundância de tudo o que lisonjeiam os sentidos, nos haveres, nas riquezas, na estima das criaturas; a minha situação na minha vida eucarística seria das mais desgraçadas. Quem esteve mais privado do que eu dessas supostas vantagens, que vos parecem indispensáveis? Qual é a minha pobreza e a solidão em que me deixam? E nos raros momentos em que sou visitado, quantas vezes me encontro em

presença de corações indiferentes ou até de inimigos declarados! E, todavia, nada falta para a minha felicidade; acho-a perfeita dentro de mim mesmo, nos bens espirituais e nada espero de fora. Estou unido a meu Pai, amo-O, e o possuo, e assim a minha felicidade é inalterável. Comprazo-me tanto em um pobre cibório como no palácio mais aparatoso.

Pois bem; tu, ó minha alma, ignoras que o que faz a felicidade de Jesus pode fazer a tua? Meu Deus, vós fartais todos os eleitos; concedei-me a mesma graça.

CAPÍTULO 4 – JESUS CRISTO NA EUCARISTIA É UM MÉDICO QUE NOS CURA

A Eucaristia tem para as almas propriedades comparáveis e até superiores às que tinha para os corpos o fruto da árvore da vida no paraíso terrestre; assim se exprime o Padre Nouet. Esse admirável fruto, prevenindo as doenças, preservava da morte os que o comiam. Sucede o mesmo ao pão eucarístico; cura as nossas enfermidades espirituais, afasta das nossas almas o pecado que lhes é morte, e destruindo ou debilitando as nossas paixões desregradas nos torna dignos da vida eterna. Presente-se a semelhança destas duas maravilhosas alimentações, mas eis aqui a diferença: o fruto da árvore, que tinha a propriedade de imortalizar os corpos, fazia a vida mais duradoura, mas não mais santa nem mais agradável a Deus; e estes felizes efeitos os possui o Pão Vivo que dá vida ao homem. O fruto da árvore só comunicava a sua virtude aos que o comiam; o santo sacramento aproveita não só aos que o recebem, mas aos que o visitam e adoram.

Logo que Adão transgrediu o mandamento divino, pondo mão sacrílega sobre a árvore da ciência do bem e do mal, Deus o expulsou do paraíso terrestre confiando a guarda a um querubim, cuja espada cintilante lhe vedou para sempre a entrada desta bela e deliciosa morada. A Igreja não usa de tão grande rigor a nosso respeito. Cheia de veneração e amor pelo tesouro que lhe está confiado proíbe, com efeito, no pecador de tomar parte no banquete eucarístico antes de lavar-se na piscina da penitência; mas também, cheia de compaixão pelos seus filhos desgraçados e culposos, não

Ihes proíbe, que se aproximem do lugar onde se acha a verdadeira árvore da vida. Voltou um pecador para Deus, e na sinceridade do seu arrependimento é à sombra do santuário que gosta de vir respirar um ar mais puro e tranquilo. Procura a solidão e evita o mundo, e prostrando-se aos pés de Jesus Cristo que a sua fé descobre sob o véu sacramental, recupera a paz que não conhecia. Chora, mas as suas lágrimas são cheias de doçura e para exprimir o que sente, diria de bom grado com São Pedro:

“Senhor, é agradável morar aqui; porque não ficarei eu aqui sempre? (Mt 17, 4)”

É porque Deus está aí e é aprazível habitar ao pé de Deus; e a graça, como uma seiva vivificante, começa a deslizar da árvore da vida e faz sentir a sua eficácia a essa alma atribulada. Por meio da Eucaristia, Jesus renova cada dia, na ordem da santificação, os prodígios que operava durante a sua vida terrena na ordem temporal. Assim como aqueles que se abeiravam d’Ele ficavam livres de todas as suas enfermidades, quaisquer que fossem, assim, por este augusto sacramento, cura todas as enfermidades espirituais dos que se aproximam d’Ele no seu tabernáculo, e não disse Ele que são os enfermos que procuram o médico, e não os que têm saúde? Mas que remédio emprega este Adorável Médico para operar curas tão maravilhosas! Esse remédio é Ele mesmo.

O seu sangue é o banho que purifica os leprosos, o colírio que restitui a vista aos cegos; cura todos os vícios pelas virtudes que lhe são contrárias; a febre da inveja pela caridade, a sede das riquezas pela pobreza, a paralisia da frouxidão pela santa atividade do fervor, o enfatuamento do orgulho pelos atos voluntários da humildade, os excessos da intemperança e da sensualidade pelos piedosos rigores da mortificação.

CAPÍTULO 5 – JESUS NA EUCARISTIA É PARA NÓS UM IRMÃO E AMIGO QUE NOS PROTEGE

Fazendo-nos entrar na família de Deus pelo batismo, dignou-se Jesus Cristo adotar-nos por seus irmãos. Nascido de Adão, assim como nós, não desdenha, antes parece honrar-se de nos chamar de seus irmãos (Hb 2, 11). Ouçamo-lo, Ele fala a Deus:

“Ó meu Pai! Eu anunciarei o teu nome a meus irmãos. Eu te louvarei no meio deles. (Hb 2, 12)”

Ele fala às santas mulheres no dia da sua Ressurreição:

“Ide dizer a meus irmãos que eu os precederei em Galileia; é aí que me verão (Mt 28, 10). Dizei-lhes: Eu subo para meu Pai que é também o vosso Pai, para meu Deus que é também o vosso Deus (Jo 20, 17).”

Um irmão é protetor natural de seu irmão, e o Espírito Santo no-lo fez entender quando disse:

“O irmão que é auxiliado pelo seu irmão, é como uma cidade inconquistável. (Pr 18, 19)”

Na Eucaristia nos protege contra os perigos que nos ameaçam. São Gaudêncio disse que o santo sacramento é um escudo divino, que nos põe ao abrigo de todo o verdadeiro mal, e que dissipa tudo quanto é de natureza a perturbar a nossa tranquilidade. Como não estaríamos nós em segurança, quando temos ao pé de nós um protetor onipotente, que nos abriga com o seu corpo? Ele protege a sua Igreja, e se a Barca de São Pedro nunca naufragou desde dezoito séculos, sem embargo de todas as tempestades que a assaltaram, é porque o Filho de Deus aí está presente; e o que Ele faz pela Igreja, fá-lo para todos os predestinados, preservando-os do naufrágio eterno; e quando estes puseram n’Ele toda a sua confiança retiraram-se para um lugar em demasia elevado para que o mal possa chegar até lá (Sl 90 (91)).

Temos uma tocante imagem desta divina fraternidade na pessoa de José, que foi o apoio, consolador e salvador de seus irmãos, que o tinham indignamente tratado. Imaginemos vê-los transidos de medo na presença do onipotente ministro de Faraó, que eles não reconheciam e de quem pensavam ter tudo a temer; quando o Santo Patriarca, não podendo conter por mais tempo a sua comoção, mandou afastar a toda a gente e exclamou: *Eu sou José! Meu pai é ainda vivo?* Mas eles não puderam responder-lhe, tanto estavam trêmulos e consternados. Ele lhes disse, pois, com toda a doçura: *Aproximai-vos de mim; eu sou José, vosso irmão que vós vendestes. Mas que esta recordação vos não perturbe; porque Deus o permitiu assim para o vosso bem e me enviou adiante para o Egito para a vossa salvação.* Longe de lhes exprobar o seu crime, parece antes desculpá-lo, mostrando-lhe os seus infortúnios pessoais,

como efeito de uma benéfica providência a seu respeito, diz ele: *Não fostes vós que me mandastes aqui; fui eu que vim. Pela vontade de Deus, que me tornou como pai de Faraó e príncipe de todo o Egito. Sossegai quanto à recordação do vosso procedimento para comigo, e dai-vos pressa em voltar para meu pai. Instai com ele para que venha convosco que eu vos alimentarei; porque restam ainda cinco anos de fome!* No mesmo instante lança-se ao seu pescoço, estreita-os nos seus braços, cobre-os com as suas lágrimas, tranquiliza-os e despede-os cheios de presentes para levar ao seu velho pai a feliz nova que vai regozijar os seus últimos dias (Gn 45).

Mas quanto a realidade excede aqui a figura, e quanto o nosso irmão Jesus se avantajava a José! Poderá comparar-se a distância que separa um homem mortal de seus irmãos também mortais, como Ele, com a que se dá entre o Filho Único do Altíssimo e nós, suas miseráveis criaturas? Assim como José não se descobriu a seus irmãos senão quando se achou só com eles, assim é também que na solidão do santuário Jesus se manifesta às nossas almas e patenteia todos os encantos da sua ternura. Nestas comunicações íntimas de um irmão que expande o seu coração no de seus irmãos, Ele levanta o véu que nos oculta as suas perfeições e compraz-se de tranquilizar-nos nossos sustos, dizendo: *Sou eu, não temais; eu sou Jesus, vosso Salvador e irmão.*

E esta linguagem Jesus a emprega para quantos se aproximam d'Ele com um coração reto, ainda para aqueles que o ultrajaram pelas mais criminosas aberrações. Diz Ele àquele que pecou muito: *Não temais, eu posso e quero perdoar muito; eu sou Jesus vosso irmão; perdi a lembrança das vossas faltas; não vejo em vós senão o vosso arrependimento e amor.*

Diz Ele à alma desconfiada e desalentada: *Não temais, eu sou Jesus, vosso irmão e amigo; vinde com confiança, eu sou o Deus de Misericórdia e do amor; eis o meu coração, repousai com segurança neste asilo que vos está patente.*

Vamos, pois, a Jesus, quaisquer que sejam as nossas misérias e enfermidades; quando Ele nos chama, não é para repelir-nos. Se estamos nas trevas, Ele é a luz que as dissipa; se estamos tristes,

Ele é a alegria e a felicidade do céu; se somos tentados e fatigados pelo inimigo da nossa salvação, vamos ainda para Jesus; Ele é o terror das potestades infernais e basta o seu nome para pô-las em fuga. Se sentimos nas nossas almas o frio da laxidão, a Eucaristia é um fogo ao qual ninguém se aproxima com confiança, sem que Ele o abrase. Que a confiança domine, pois, e governe todos os nossos sentimentos, imperando no mar das nossas aflições e iniquidades como o óleo que está em suspensão sobre a água. Desconfiar da misericórdia de Jesus e do seu coração equivale a não o conhecer; temamos de ofendê-lo; mas depois de o haver ofendido, nunca receemos que Ele negue perdão ao nosso arrependimento e lágrimas. Deus é a compaixão e indulgência mesma; e esta disposição de Deus para conosco não é passageira e sujeita a mudanças, mas constante e imutável.

Se Jesus na Eucaristia é o melhor dos irmãos, também é o melhor dos amigos. O amigo fiel, diz o Espírito Santo, é um tesouro incomparável. Feliz aquele que o encontrou e possui; mas se esse amigo é um Deus quem será capaz de compreender a riqueza desse tesouro (Eccl 6, 13)?

Qual é o cristão mais aflito, mais privado de todos os gozos terrestres, mas oprimido sob o peso da adversidade, que não olhasse a sua sorte como digna de inveja se ousasse persuadir-se que é realmente o amigo de Deus Salvador e um daqueles, a quem este Bom Senhor dizia na véspera da sua morte:

“Não vos chamarei meus servos e meus discípulos, chamar-vos-ei meus amigos. (Jo 15, 15)”

E, todavia, um olhar de fé viva, lançado sobre o tabernáculo, seria bastante para dar-nos uma convicção tão consoladora. Interrogue-se, com efeito, quais são as características da verdadeira amizade e ver-se-á que as de Jesus na Eucaristia as compreende todos no mais alto grau de perfeição. A amizade é sincera; não consiste só em palavras, e os mais ardentes protestos de dedicação nem sempre são provas convincentes; ela tem a sua sede no coração e produz-se por atos mais ou menos generosos. Daqui vem que há poucos amigos verdadeiros no mundo, porque a dissimulação e o egoísmo se encontram em toda a parte.

Jesus Cristo não é do número desses amigos que tem o mel nos lábios, diz São Jerônimo, e o fel no coração. Se nos diz que nos ama, prova-o; o presépio, o Calvário e o altar, eis os testemunhos da sua amizade para conosco. A amizade deve também confiar. Davi depõe a sua sorte nas mãos de Jônatas; Jesus confia sua Mãe a São João. Conta-se sobre um amigo como sobre si próprio; comunicam-se-lhe todos os pensamentos e todos os interesses; entregamo-nos à sua descrição sem a mínima reserva. Um amigo é qual outro nós. Fio-me no meu amigo como em mim mesmo, e espero tanto dele como de mim próprio. Se estou triste, refiro-lhe a minha dor, se alguma boa fortuna me advém faço-o participar da minha alegria. Não será isso que se passa entre Jesus e a alma fiel nesses momentos afortunados, em que essa passa à sombra dos altares? Ó deliciosas expansões, familiaridade celeste que nos permite o Rei do Universo! Que honra, que prazeres puros, que para aqueles, que o Salvador eleva à dignidade de seus amigos e que forcejam para justificar tão belo título (Sl 38 (39), 17)!

A amizade é comunicativa; tudo é comum entre aqueles que ela une. Recusa Jesus alguma coisa aos que Ele honra com a sua amizade? Dá-lhes Deus por Pai, Maria por Mãe, e os Anjos por Guardas e o seu Reino por Herança. Ele dizia falando a seu Pai:

“Tudo o que é meu é teu, e tudo o que é teu meu é. (Jo 17,10)”

Ele pode de alguma maneira falar conosco pela mesma forma. Há uma comovente comunicação entre nós e aquele adorável amigo; comunidade de bens e de males, de combates e triunfos; aqueles que são por nós são por Ele, os que são contra nós são contra Ele, os que nos perseguem perseguiram-n’O primeiro. A amizade é desinteressada.

O Filho de Deus não tem necessidade alguma de nós, não nos ama senão para nos fazer bem, se houvera consultado os seus interesses não teria descido do céu para procurar amigos no meio dos homens. Ele sabia bem o que encontraria no meio de nós; não veio senão para fazer-se cargo das nossas misérias e dar-nos parte da sua felicidade; para sofrer a morte e assegurar-nos uma vida feliz e imortal; para abater-se até ao nosso nada e elevar-se até ao trono da sua glória. Se quer que guardemos os seus mandamentos para

sermos seus amigos é para tornar-nos dignos da mais magnífica recompensa; se quer que procuremos a sua glória pelas nossas boas obras é para nos conferir todo o proveito. A sua maior glória consiste em fazer a nossa felicidade, e está em dar toda a grandeza a essa mesma felicidade. Daqui deriva este cântico da Igreja:

“Graças vos damos, Senhor, por causa da vossa grande glória.”

A amizade une e na sua ternura teme a ausência. Desejamos estar ao pé daqueles que amamos e quiséramos nunca nos separar deles. Vede essa Mãe, ela não está bem senão ao pé de seu Filho, é imprescindível que ela o veja, o ouça e lhe fale. Jesus podia operar a nossa santificação, enviando-nos do céu os dons do Espírito Santo, sem baixar pessoalmente entre nós; podia não estar presente à oblação do divino sacrifício e enquanto o exigia a participação dos fiéis ao celeste banquete; mas o seu coração não lhe permitiu afastar-se de nós um só instante. A sua habitação será contígua às nossas moradas, se por ventura não habita na nossa própria casa; e estará no meio de nós não de passagem e como um viajante, mas como hóspede permanente e como Pai no meio da sua família. Ela é constante e nada a contraria.

Ama-se um amigo ainda mesmo depois de se adquirir a triste convicção que já se não é amado. Desde a instituição da Eucaristia, quanto não tem feito os homens para fatigar a paciência do coração de Jesus Cristo? Ele os amou durante a sua vida mortal, a despeito da ingratidão, com que pagaram os seus benefícios, apesar das suas calúnias e perseguições; amava-os até ao ponto de solicitar para eles a divina clemência quando lhe faziam sofrer a morte mais cruel. Ama-os na sua vida eucarística apesar da sua indiferença, frieza e ofensas; até este dia a nossa constância em ofendê-lo não conseguiu vencer a sua constância em amar-nos.

CAPÍTULO 6 – JESUS CRISTO NA EUCARISTIA, PELA SUA PRESENÇA, É TAMBÉM E PRINCIPALMENTE O NOSSO CONSOLADOR

Duas espécies de consolações nos são necessárias; uma na ordem temporal, outra na espiritual; e Jesus, pela sua presença no tabernáculo, nos procura abundantemente umas e outras.

1.º Consolações Temporais. Por todos os títulos Jesus eucarístico reclama a nossa confiança e amor; títulos de Mestre para instruir-nos, de Médico para curar-nos, de Irmão e Amigo para auxiliar-nos nas nossas dificuldades e não deixemos também de acrescentar o título de Consolador; porque uma das razões, diz o Padre Nouet, que o determinaram a multiplicar os seus santuários e a perpetuar a sua presença entre nós foi dar livre acesso junto d'Ele a todos os aflitos.

O título de perfeito consolador só compete a um Homem-Deus, cuja sabedoria é bastante para prever todos os nossos males possuindo o poder para desviá-los, bondade para repará-los, graça para suavizar lhes o rigor, ou dar-nos coração para suportá-los com paciência e até com alívio.

É o que faz o Salvador no adorável sacramento; se não nos preserva sempre das misérias de que nos queixamos, se até permite, por secretos juízos, que passemos por provas severas temos ao menos a consolação da certeza de que Ele é assaz poderoso para curar as nossas feridas e assaz bom para nos indenizar de todas as perdas, que tenhamos tido ou venhamos a ter. Quando a má fortuna nos houvera feito o homem mais desgraçado, nunca ela nos poderá privar de tanto que Jesus não possa restituir-nos à razão de cem por um. Quando estivermos privados de todos os gozos e que o fel e o absinto se achem dissolvidos em todas as doçuras da vida, a má fortuna só terá envenenado os regatos; o manancial da felicidade subsiste para nós sempre claro e puro, e qualquer que seja a desgraça, que nos suceda, podemos esquecer todos os nossos males, bastando lembrar-nos que Jesus nos resta. Ele diminui as nossas penas tomando parte nelas conosco. Não será uma verdadeira consolação o ter um amigo que mistura as suas lágrimas com as nossas e que é afetado por compaixão por aquilo que sofremos? Um fardo levado por dois é menos pesado. À medida que as nuvens se descarregam, a tempestade dissipa-se e o céu retoma a sua serenidade; assim, quando nós vertemos as nossas lágrimas no peito de um amigo, o nosso triste coração se descarrega e sente o seu mal mais leve.

2.º Consolações Espirituais. Cumpre convir, todavia, que há na ordem sobrenatural das aflições, cujo amargos só Deus pode conhecer, situações tão aflitivas que seriam capazes de abalar a coragem mais firme.

São Paulo falava disto por experiência quando escrevia aos coríntios:

“Estimo que saibais, meus irmãos, que os males que temos sofrido, foram espantosos e acima de todas as forças humanas, a ponto da vida se nos ter tornado um cargo horrível. (2Cor 1, 8)”

E mais adiante acrescenta:

“Experimentamos toda a sorte de tribulações: foram combates no exterior e sustos no interior. (2Cor 7, 5)”

Esta última palavra do grande Apóstolo aplica-se naturalmente às penas interiores, mais opressivas, sem dúvida alguma, de que todos os sofrimentos físicos. Diz o mesmo Apóstolo:

“Aqueles que se dão à piedade e querem sinceramente unir-se a Jesus Cristo, sofrerão perseguição. (2Tm 3, 12)”

O inimigo das almas, diz São João Crisóstomo, irrita-se contra nós na proporção dos nossos progressos na virtude. Quanto mais tesouros ele vê nas nossas mãos, tanto mais procura despojar-nos deles; daí esses assaltos, que nos dá, essas tentações multiplicadas, importunas e persistentes com que se esforça para abalar a nossa constância; e se ainda nós não tivéssemos que lutar senão contra o demônio, o mundo e as nossas más inclinações, seríamos menos dignos de lástima; que o meu corpo seja abatido pelo sofrimento, a minha soberba confundida pela humilhação, o meu coração dilacerado pelo pesar; com a unção de uma graça sensível posso facilmente sustentar-me nestas penosas conjunturas. Mas eis que, pelo menos para aqueles que são chamados a caminhar em vias mais perfeitas, chega a prova das provas; quanto esta é dolorosa! Deus mesmo parece voltar-se contra nós e, se eu me atrevesse a dizê-lo, fazer-se também nosso perseguidor. Cioso de possuir só e completamente os corações, cujas afeições lhe pertencem todas, Ele não permite que se lhe desvie uma parte, por pequena que seja; e com este fim que faz Ele? Derruba todo o apoio humano em volta de uma alma que quer determinar a amar só a

Ele; tira-lhe um após outros todos os objetos criados em que ela depositava toda a confiança e dá-lhe a inteligência desta grandiosa palavra:

“Videte quod ego sim solus. Vede que sou eu só. (Dt 32, 39)”

Compreende, pois, que só eu devo ser temido, servido e amado. Tu contas com amigos; a sua posição é cheia de encantos e pretendes repousar aí; pois eu quebrarei todos esses laços miseráveis. Confias na tua reputação? Eu permitirei que ela seja manchada. Queres alegrias fora de mim? Ó! Pobre alma, que acharás tu no teu nada?

Mas Ele introduz mais fundo o punhal; fá-lo chegar até as raízes do amor próprio, o mais lícito e santo na aparência; corta toda a consolação espiritual; obscurece-se a luz; tudo é desconsolador; sente-se repugnância para todo o bem e um desgosto universal por tudo quanto é referente à piedade. Sentimo-nos como repelidos por esse mesmo Deus, cuja ternura paternal tantas vezes tínhamos provado; invocamo-l’O, e Ele não responde; esperamo-l’O e Ele não vem.^[7]

Não, todos os outros sofrimentos não têm comparação alguma com este martírio de uma alma que já não sabe nem se ama nem se é amada, e que se vê reduzida a dizer como a Vítima do Calvário:

“Meu Deus! Meu Deus! Porque me abandonastes? (Mt 27, 46)”

A uma aflição tão profunda não haverá remédio? Há um cuja eficácia será certa se a fé o sabe empregar. Ó! Vós que gemeis nesta situação dolorosa, recorrei ao Santíssimo Sacramento. Lembrai-vos de Madalena junta do túmulo de Jesus no dia da ressurreição, quando lhe falava sem o conhecer. Para se manifestar a ela e abraçar o seu coração, bastou que o Salvador pronunciasse o seu nome: Maria! Ao som desta voz que lhe era tão conhecida e que tantas vezes tinha encantado o seu ouvido ela exclama transportada: *Mestre!* Que rápida, feliz e prodigiosa mudança! Uma só palavra dissipou a nuvem de tristeza que oprimia essa alma desolada. Jesus já lhe não pergunta a razão porque chora; não é já um pesar amargo, é a alegria mais suave que faz deslizar as suas lágrimas. E vós, a quem o Bom Mestre está impaciente de consolar, retirai-vos a um santuário e fixando os olhos sobre o tabernáculo,

dizei: *Ele está ali, vê-me e ama-me! Está ali Aquele que nunca enganou a confiança dos que n'Ele esperam. Está ali o consolador de todos os corações aflitos; é pelos desgraçados, é por amor de mim que Ele habita esta humilde morada. Ele me vê, conhece as minhas angústias, conta os meus suspiros, sabe melhor do que eu o que me é útil, e sobretudo ama-me. Que Ele diga uma palavra e eu serei curado; recusar-me-á uma palavra depois de haver-me dado todo o seu sangue?*

Ó! Não, alma aflita! Conhece melhor o seu coração.

Se se demora em escutar-te no sentido dos teus desejos não te desalentes; Ele te alumiará sobre o valor inestimável dos teus sofrimentos e tu os preferirás à todas as consolações sensíveis. Tu lhe provarás o desinteresse do teu amor; Ele verá que tu o amas mais do que todos os seus dons e que estás prestes a segui-l'O tanto ao Calvário como ao Tabor. De resto, tem paciência, em breve experimentarás a celeste suavidade que desliza da cruz; talvez chegues a dizer com São Paulo: *Transbordo de alegria no meio das minhas tribulações* (2Cor 7, 4). Mas se a presença do Filho de Deus na Eucaristia é bastante para acalmar os nossos temores e fortalecer-nos com uma sólida esperança, que diremos da sua imolação? Do tabernáculo passemos ao altar.

SEGUNDA SEÇÃO – A EUCARISTIA CONSIDERADA COMO SACRIFÍCIO: O ALTAR OU A MISSA

Para ter alguma ideia do amor que Jesus nos testemunha e de forte motivo de confiança, que nos dá, imolando-se por nós todos os dias em milhares de altares é imprescindível considerar com atenção a excelência do nosso augusto sacrifício; a sua natureza, efeitos e fins sublimes.

Vamos tratar este assunto nesta segunda seção.

CAPÍTULO 7 – NATUREZA DO SACRIFÍCIO EUCARÍSTICO

Dizer que ele é essencialmente o mesmo pelo qual suspirou o mundo durante quatro mil anos, que foi predito pelos profetas, figurado pelas cerimônias do culto antigo; oferecido no meio dos templos perto de Jerusalém sobre o Calvário, e cuja oblação, consoante São Paulo, foi plenamente suficiente para consumir a santificação de todos os eleitos, é reconhecer com a Igreja que nada há nem no céu nem na terra, que seja mais agradável a Deus e mais útil aos homens (Hb 10, 14).

O Concílio de Trento decidiu que estes dois sacrifícios são um só e que só divergem no modo do oferecimento. Em ambos os lados é um Deus-Sacerdote que oferece um Deus-Vítima; tudo é divino sobre o altar como sobre a cruz.

1º. É o mesmo sacerdote. Diz São João Crisóstomo:

“Não é o poder de um homem que pode operar as maravilhas que a fé nos patenteia sobre o altar. Quando vedes um ministro sagrado a levantar para o céu a santa oblata, não julgueis que esse homem é o verdadeiro sacerdote; mas elevando os nossos pensamentos acima do que atingem os nossos sentidos, considerai a mão de Jesus Cristo invisivelmente estendida; é por ele que tudo se faz, e nós, os seus ministros, nada fazemos senão prestar-lhe os nossos órgãos.”

O nosso Generoso Redentor, que se ofereceu a si mesmo sobre a cruz, é ainda agora o oferente pelo ministério sacerdotal, diz o Concílio de Trento. Mas que oferece Ele? Sem dúvida o dom menos precioso por si próprio, mas apresentado pela sua mão divina seria sempre infinitamente agradável a seu Pai. Quando não oferecesse senão um débil cordeiro como Abel, ou pão e vinho como Melquisedeque; a dignidade deste sacerdote adorável comunicaria sempre à sua oblação um valor infinito. Mas um dom deve ser digno de quem o faz e de quem o recebe; e já que no altar é um Deus-Sacerdote que se sacrifica a Deus, um Homem-Deus era a única vítima conveniente para semelhante sacrifício; é, pois, ainda Jesus Cristo que Jesus Cristo imola.

2.º A mesma vítima. Quando o Salvador, celebrando a primeira de todas as missas, dava aos seus presbíteros o poder de fazer o que Ele acabava de praticar, sabemos qual era a vítima que Ele tinha nas suas mãos santas e veneráveis, e por consequência quem depositava entre as mãos dos seus ministros. Isto é o meu corpo, disse Ele, *o mesmo que será entregue por amor de vós*; este é o meu sangue, *o mesmo que será derramado por amor de vós*. Tanto no Calvário como no altar é, pois, o mesmo corpo e o mesmo sangue. Assim, divindade no sacerdote que sacrifica; não se celebra uma só missa que Jesus Cristo a não celebre com o seu ministro e pelo seu ministro; divindade na vítima que é sacrificada; é sempre Jesus Cristo. Qual é a diferença entre o Calvário e o Altar? É unicamente na maneira porque se faz uma e outra oblação.

Sobre o Calvário correu o sangue; Jesus ofereceu-se por uma morte natural, que foi para Ele, como é para todos os homens, a separação da alma do corpo; sobre o altar o Filho de Deus, impassível e glorioso, oferece-se por uma morte mística e incruenta. Sobre a cruz ofereceu a sua morte presente; sobre o altar oferece a sua morte passada.

Na cruz mereceu todas as graças que queria conceder aos homens por toda a sequência dos séculos; no altar aplica-nos os méritos da sua morte e coloca ante os nossos olhos uma representação viva e comovente.

Por que razão estas grandes verdades não fazem sobre nós impressão mais profunda?

É porque desgraçadamente nos habituamos aos milagres. São tantos os que nos rodeiam, são eles coisa tão comum, especialmente no altar, que quase não despertam a nossa atenção. Imaginemos por um momento que tendo nascido em uma dessas tristes regiões, ainda cobertas pelas sombras da morte, e não tendo outras ideias religiosas senão as que resultam de uma educação pagã, repentinamente nos achamos transportados a um país cristão no meio de uma população católica. É um domingo, suponho eu, o dia do Senhor; vemos todos aqueles que nos rodeiam, com vestidos de festa, caminhar para a casa da oração; nós, arrastados pelo exemplo e curiosidade também vamos. O primeiro objeto, que salta aos nossos olhos, é o presbítero no altar; em volta dele uma assistência numerosa se mantém a distância e em atitude de respeito. Ele acaba de recitar em alta voz um cântico misterioso: *santo, santo, santo, é o Senhor Deus dos exércitos*; então cala-se. A tranquilidade mais profunda estabelece-se na assembleia; tudo está em silêncio e o povo de joelhos espera e ora. Qual é a maravilha que acaba de realizar-se? Que vai fazer esse homem, cujo ministério parece ser o centro de todos os pensamentos? Vai sacrificar! Mas onde está a vítima, onde está o gládio^[8]? O gládio é a sua palavra, a vítima está no céu. Mas atentai: a vítima vai descer; com uma só palavra ele vai produzi-la, essa vítima adorável, e com uma só palavra vai imolá-la: *Isto é o meu corpo, este é o meu sangue*. Ele disse e Deus aparece sobre o altar. Deus é sacrificado a Deus. Quanto é inefável esse poder dado por Deus sobre Deus mesmo a um fraco mortal! Nada se pode comparar a ele. Moisés ordena ao mar; este abre a todo um povo uma passagem a pé enxuto, no meio das suas águas suspensas. Josué manda parar o curso do rio, fazendo remontar as ondas para a sua nascente e obriga o sol a retardar a sua marcha. Dir-se-ia que o profeta Elias é o senhor da natureza, quando se vê a esterilidade ou a fecundidade da terra submeter-se às suas ordens. Mas esse império transitório sobre os elementos, que alguns homens extraordinários exerceram uma ou duas vezes, poderá comparar-se ao império cotidiano do presbítero sobre o Soberano Senhor do universo? Quanto é grande

aos olhos da fé esse homem do santuário, para quem a impiedade dos nossos dias não pensa ter assaz vilipêndios! Quando nas suas sublimes funções de sacrificador a sua voz, tão rápida como o pensamento, atravessa os nove coros dos anjos e vai tomar o Verbo Eterno no seio de seu Pai e o faz descer encarnado sobre o altar, se Ele fica ainda como homem não será um homem divisado? O nome do profeta Elias, que acabamos de citar, lembra-nos um sacrifício e um acontecimento dos mais memoráveis da antiguidade.

Vejo-o no meio da assembleia dos hebreus que ele quer arrancar ao culto dos ídolos e restituir ao culto do verdadeiro Deus. Diz ele:

“Até quando, hesitareis entre a mentira e a verdade, entre Baal e o Senhor? Preparamos dois sacrifícios: um em honra de Baal, outro em honra do Deus de nossos pais, e esconjuremos o céu para explicar-se por um milagre. (1Rs 18, 21-24)”

O desafio é aceito com aplausos de todo o povo; dois sacrifícios se preparam e duas vítimas são imoladas. Durante muitas horas os falsos profetas fazem os maiores esforços para obter que a sua pretendida divindade se manifeste; passam e tornam a passar cem vezes em volta do altar, invocando Baal por grandes clamores; tudo é inútil, Baal está surdo. Quando a impotência do ídolo é bem constatada, Elias põe-se a orar e num instante uma chama desce do céu, consome a vítima e até o altar sobre o qual ela estava estendida. Eis aqui uma maravilha admirável e um poder bem espantoso em um homem, e concebe-se que o povo que presenciou isto se prostrasse em terra exclamando:

“O Senhor é verdadeiramente o nosso Deus. (1Rs 18, 39)”

Cumpre, todavia, observar que este prodígio merece apenas ser mencionado quando o confrontamos com o que se opera todos os dias na celebração dos santos mistérios. E, com efeito, aqui o sacerdote não pede que o fogo do céu venha reduzir à cinzas a oblação que faz ao Senhor; mas da sua boca saem palavras sagradas, às quais, mais poderosas que o fogo, devoram o que havia de material nesta oferenda, e a transformam na pessoa de Jesus Cristo. É assim que se operam simultaneamente sobre os nossos altares duas maravilhas incompreensíveis às inteligências criadas e que os nossos lábios trêmulos mal ousam exprimir: *Produzir um Deus, sacrificar um Deus.*

Produzi-l'O! Sim porque Jesus Cristo é Deus; ainda há pouco Ele não estava no altar, e agora caio de joelhos e adoro-O; o que fez dizer a São Bernardo que o presbítero é de certa maneira pai da santa humanidade de Jesus Cristo, e Santo Agostinho a balançar-se a dizer que ele é o seu criador, se tal linguagem fosse permitida. Diz ele:

“Aquele que me criou, por assim dizer me deu o poder de criá-lo a ele.”

Imolá-lo! Não se pode imolar uma vítima senão quando se tem sobre ela direito de vida e de morte; mas quem tem esse direito sobre o Homem-Deus? Não disse Jesus que só Ele podia livremente deixar a vida e que ninguém tinha direito de lha tirar? Ele o disse; mas esse direito tão espantoso deu-o ao ministro de seus altares, porque o presbítero, consagrando separadamente o pão e o vinho, e transubstanciando-os no corpo e sangue do Salvador, não lhe daria a morte se Ele pudesse morrer ainda? Não nos devemos, pois, espantar quando vemos que os mais eloquentes doutores da Igreja caíram em êxtase contemplando estes mistérios sublimes.

Santo Agostinho exclama:

“Ó caráter de sacerdócio, digno de toda a veneração! Jesus Cristo encarna todos os dias entre as mãos do presbítero como uma só vez encarnou no seio virginal de Maria. Quanto a santidade das mãos do presbítero é digna de respeito! Quanto o seu ministério é feliz e para o mundo inteiro admirável assunto de alegria! O Cristo toca o Cristo, quer dizer que o presbítero tem nas suas mãos o Filho Eterno de Deus!

O que não foi concedido ao anjo foi conferido ao homem; e no momento em que se cumpre este mistério inefável o céu está em prêmio; a terra repleta de admiração; o homem de fé inundado por um respeito religioso; o inferno e os demônios tremendo, e tudo quanto há de mais elevado nas hierarquias celestes tributando louvores de adoração.”

Falamos dos efeitos da missa e dos seus fins sublimes.

O sacrifício dos nossos altares cumpre todos os desígnios que a religião se propõe; une perfeitamente a criatura com o criador, o céu com a terra; aí se acha a adoração que honra a Deus como Soberano Senhor, a ação de graças que o reconhece como benfeitor universal, a expiação que apazigua a sua cólera, a súplica que obtém da sua bondade o que reclamam as nossas necessidades.

Estes fins diversos eram representados na lei antiga por diferentes sacrifícios; o primeiro chamava-se holocausto, e oferecia a Deus uma homenagem de adoração; o segundo eucarístico ou testemunho de reconhecimento; o terceiro sacrifício de propiciação^[9], e o quarto sacrifício de impetração^[10]. A missa preenche, da maneira mais perfeita, estas quatro grandes intenções.

CAPÍTULO 8 – OS DOIS PRIMEIROS FINS DO SACRIFÍCIO

1.º Sacrifício de holocausto.

A missa honra a Deus como Soberano Senhor. A primeira obrigação do homem é adorar a Deus, reconhecendo-O como o princípio, de onde deriva todo o bem, como Senhor Absoluto a quem tudo pertence, como fim derradeiro, ao qual tudo deve referir-se. A confissão, que eu faço da minha inteira dependência, profunda miséria e nulidade na presença da sua infinita grandeza, honra a plenitude do seu ser e constitui a adoração. Mas como poderei eu cumprir dignamente este grande dever, e como oferecerei a esta majestade suprema homenagens que não sejam infinitamente abaixo das honras que lhe devo?

Quando eu me aniquilasse diante de Deus, e não só eu, mas todas as criaturas, que existem e as que houverem de existir, que glória poderia advir-lhe da aniquilação de nada? Porque eis aqui que estou diante d'Ele como estão comigo todas as nações do universo (Sl 38 (39), 13). Nos sacrifícios antigos, quando diante do Senhor se queimava a vítima inteira, era reconhecimento de que Ele nenhuma necessidade tinha dos nossos dons ou das nossas oferendas e bastava plenamente a si mesmo. Que significa, pois, imolar um Deus por vítima? Qual é essa majestade diante da qual a humanidade do Redentor; apesar da sua adorabilidade, parece confessar-se indigna de aparecer, oculta-se sob os símbolos da morte, e cai, por assim dizer, a seus pés, absorvida de respeito para honrar as suas inefáveis perfeições? Conta-se que uma alma santa falando a Nosso Senhor em uma dessas expansões familiares que Ele não só permite, mas deseja, lhe dizia: *Bem quisera eu, ó meu Deus, por cada uma das minhas respirações, criar milhões de*

mundos, povoados por milhões de serafins, de contínuo ocupados em louvar-vos, bendizer-vos, e quanto me seria doce proporcionar-vos esta glória e provar-vos que vos amo?

Ela pensou ouvir uma voz interior que lhe respondia: *Vai à missa e por essa ação tu me proporcionarás ainda mais glória e me patentearás mais amor.*

É certo que por uma só missa é Deus mais honrado do que por todas as ações heroicas dos patriarcas e profetas, por todos os trabalhos dos apóstolos e homens apostólicos, tormentos dos martírios, austeridades dos penitentes, pureza das virgens e por todas as virtudes de Maria mesma; mais do que por milhões e milhões de serafins; porque realmente por mais perfeitas que sejam as criaturas, em qualquer número que as suponhamos, haverá sempre delas a Deus distância incomensurável, que tornará as suas homenagens sem proporção com a majestade que as recebe; ao passo que no altar Aquele que adora é tão infinito em toda a sorte de perfeições como Aquele que é adorado. E poderá uma alma fiel não exultar de alegria, aprofundando-se esta reflexão? Quando assistis à missa não temais que o Senhor vos dirija a censura que outrora fazia ao seu povo:

“Se eu sou vosso pai, onde está a honra que recebo de vós? (Mt 1, 6)”

Só depende de nós responder-lhe com a mais respeitosa confiança:

“Vede, Senhor, sobre este altar a face do nosso Cristo, meu Salvador e reparador da vossa glória. (Sl 83 (84), 10)”

Pelo sacrifício que Ele vos oferece e que eu vos ofereço com Ele não sois vós honrado tanto como mereceis sê-lo? Não temais que Ele nos diga como a este mesmo povo tantas vezes infiel: *Eu não quero as vossas oferendas*; pelo contrário, Ele se reconhece dignamente honrado entre as nações quando, desde *a aurora ao ocaso, uma vítima imaculada é oferecida à glória do seu nome* (Mt 1, 11). Majestade adorável! Que honra vos não resulta de semelhante sacrifício? Que alta ideia vos dá Ele das vossas grandezas? Sim, a vossa santidade, poder e justiça, mas principalmente a vossa bondade aí aparecem com um esplendor incomparável.

2.º Sacrifício eucarístico ou de ação de graças.

A missa tem a dupla vantagem de excitar em nós o belo sentimento de reconhecimento para com o benfeitor soberano e pôr-nos em estado de cumprir dignamente a obrigação. Não podemos desconhecer qual foi a intenção de Jesus Cristo, deixando-nos memorial tão eloquente de tudo o que fez e sofreu por nós. Quis que a missa fosse perpetuamente na sua Igreja uma grande lição de gratidão por nós compreendida. E como seríamos nós insensíveis à linguagem de que Ele se serve, exprimindo o desejo de que pensemos n'Ele e no milagre da sua infinita caridade?

Dizia Ele a seus discípulos: *Fazei isto em minha memória, recordai-vos dos meus sofrimentos e não esqueçais o vosso Salvador. Se todas as vezes que assistirdes à minha imolação mística vos recordardes de mim e do meu sacrifício sangrento, nada terei a pedir-vos; vós me amareis e, se necessário for, estareis prontos a sacrificar-vos por mim.*

Tocante recordação que Ele renova todos os dias no altar no momento da consagração, quando temos diante dos olhos a imagem viva do que se passou no Calvário. Não é só nesta circunstância solene, é durante a celebração dos santos mistérios que somos exortados a lembrar-nos dos benefícios do Senhor e pagar-lhe o tributo do nosso reconhecimento. Dêmos graças a Deus, dizemos repetidas vezes, e louvemo-l'O pela sua grande glória, porque é justo sempre e em toda parte, por não haver um só instante da nossa vida nem um lugar no universo, onde não sejamos investidos dos seus benefícios; mas no santuário e na hora do sacrifício quanto é mais justo ainda bendizê-l'O! Todavia por extensas e prodigiosas que sejam a nosso respeito estas divinas larguezas, não peçamos com Davi *o que renderemos ao Senhor que seja proporcionado aos seus benefícios* (Sl 115 (116), 3); já que nós podemos oferecer o cálice da salvação e a vítima da cruz, estamos em circunstâncias de pagar a dívida imensa, contraída não só por nós, mas por todas as criaturas, pelos Anjos e Santos, e por Maria, sua Rainha. Deus nos deu seu Filho e nós lhe restituímos tanto quanto recebemos d'Ele.

CAPÍTULO 9 – OS ÚLTIMOS FINS DO SACRIFÍCIO

1.º Sacrifício de propiciação.

Se a liberalidade do Senhor nos impõe a obrigação no reconhecimento, cuja extensão nos é impossível medir, nem por isso somos menos devedores à sua justiça por tantas ofensas que lhe havemos feito, no que não podemos pensar sem tremer. Quando o sacerdote no ofertório eleva para o céu a hóstia material que ele já chama de santa e imaculada, porque vê de antemão nela o que será bem depressa, turba-se pensando na sua indignidade e lastima-se dos seus inumeráveis pecados, ofensas e negligências. Humilhemo-nos com ele, as nossas iniquidades excederam em número os cabelos da nossa cabeça; mas sosseguemos um pouco; o sangue de Jesus Cristo é oferecido sobre o altar como foi derramado sobre a cruz, para a remissão dos pecados. A virtude que Ele tinha de purificar as consciências não a perdeu; hoje, como na sua paixão, Jesus desempenha o ofício de reconciliador; Ele é a propiciação pelos nossos pecados (1Jo 2, 2). Os fiéis com o sacerdote oferecem a Deus este sacrifício para a redenção das suas almas, como diz a liturgia. As almas são, pois, realmente resgatadas pela missa e libertas do cativeiro do demônio e do pecado; e eis porque o Concílio de Trento anatematizou aqueles que ousassem negar que o nosso sacrifício seja verdadeiramente propiciatório. Há sempre no sangue da adorável vítima uma voz que pede perdão pelos pecados, e que inclina o coração de Deus para tratá-los com clemência, quaisquer que sejam as suas prevaricações. Deveremos espantar-nos disto? Quando mãos sacrílegas derramaram este sangue divino pelo mais horrível atentado, Ele teve bastante crédito junto do Senhor para dominar a sua cólera; teria Ele menos crédito agora sendo oferecido por ministros da sua escolha, consagrados para este fim e que imolam Jesus Cristo de acordo com Ele? Eis aqui a explicação de um mistério de paciência divina que nos deve afetar profundamente. Por que é um pecador mais poupado na lei da graça de que fora nos tempos antigos?

Não podemos negar que a terra no nosso tempo se acha mais manchada de vícios de que quando fora sepultada nas águas do dilúvio universal. Qual será a razão por que essa torrente de iniquidades, que desde o dia do cenáculo tem já atravessado tantos séculos e que no nosso não conhece já barreiras, não constrangeu

o Senhor a esmagar o mundo sob o peso das suas vinganças; qual é a força oculta que retém o seu braço? Não o duvidemos; é o nosso augusto sacrifício; e por inflamada que seja a cólera de Deus ultrajado, ela se extingue nas lágrimas e no sangue de um Deus vítima e imolado. Ao entrar no mundo Jesus tinha dito ao seu Pai: *Eis-me aqui: Eu venho desarmar a vossa justiça.*

Todos os dias, sobre milhares de altares, Ele lhe repete no silêncio dos nossos santuários: *Eis-me aqui, ó meu Pai; eu já satisfiz pelas ofensas que vós recebestes dos que são meus irmãos; e volto para apaziguar-vos ainda. Olhai o abismo do opróbrio em que eu me precipitei, os suplícios que sofri, a morte que padei pela sua salvação; não vejais os seus crimes senão para ver ao mesmo tempo a reparação que eu fiz deles. São homens que vos ofendem; é um Deus, é o vosso Filho que vos honra; e sereis vós mais juiz deles do que eu, o seu Salvador?*

E a cólera de Deus se apazigua e Ele abençoa os que ia fulminar. Daqui resulta essa bela frase de um santo:

“O sacerdote no altar, tendo na mão a santa hóstia, é a coluna, que sustenta o mundo vacilante sob o peso de seus crimes.”

A missa nos justifica, não diretamente como o batismo e a absolvição sacramental, que produzem imediatamente a graça santificante nos pecadores bem dispostos, mas obtendo-lhes graças atuais que os preparam à reconciliação. Por isso dizia um jovem turbado pelos remorsos quando ia adormecer: *Meu Deus! Tende paciência até amanhã, depois de eu ter ouvido missa não recearei que me castigueis na vossa justiça.*

2.º Sacrifício de impetração.

A missa é a grande oração da Igreja, e uma vez que as nossas más disposições não sejam obstáculo às suas virtudes, ela é soberanamente eficaz, quer consideremos que é Jesus Cristo que ora por nós, quer orando nós mesmos unidos a Jesus Cristo. Pelo que diz respeito a Jesus sabemos que Ele é sempre escutado e que é uma consequência necessária das atenções que lhe são devidas. Ele foi escutado na cruz e não merece de sê-lo menos no altar. Não é já *por um grande clamor e pelas lágrimas que ele intercede por nós* (Hb 5, 7); mas é por um estado de humilhação não menos

próprio a comover o coração de seu Pai. Sobre o altar Ele está sem ação aparente e sem movimento; é uma vítima que recebeu o golpe de morte. Ele fez orar por nós as lágrimas e o sangue que derramou e as feridas que dilaceraram o seu corpo, cujas cicatrizes manifesta, assim como o seu estado de aniquilamento. Considerada em nós a oração que fazemos durante a missa não é uma oração puramente humana; ela é, por assim dizer, penetrada da santidade de Jesus; torna-se divina não sendo mais do que uma só com a do Filho de Deus. Uma petição apresentada em tempo oportuno, acompanhada por uma oferta magnífica, sustentada pelos sufrágios mais poderosos sobre o coração daquele a quem é apresentada, não terá todas as condições desejáveis para obter o que impetra? Assim é a nossa oração durante a missa. Por uma parte Deus contempla seu Filho bem-amado que se abaixa e aniquila para reparar a sua glória; pela outra nós comparecemos diante d'Ele não levando as mãos vazias porque lhe oferecemos a mais agradável das oferendas; e Maria, nossa Mãe, todos os santos, todos os amigos de Deus, e Jesus Cristo mesmo se dão pressa de solicitar por nós, apoiando-nos com o seu crédito. Por isso a Igreja, que tem a consciência do seu poder nestas felizes conjunturas, não admite limites aos seus votos; ela suplica o perdão de todos os males passados, presentes e futuros, a aquisição de todos os verdadeiros bens, a paz na vida temporal, a salvação na eternidade.

E como podemos nós ficar pobres no meio de tantas riquezas?

Na presença destas considerações e para resumir em poucas palavras os efeitos do augusto sacrifício, perguntamos a qualquer alma cristã, que se deixa dominar pelo terror, o que é necessário para sossegá-la, e como ela poderia negar-se à doce paz que é o fator da perfeita esperança. Pensamos ouvi-la dizer: *Sem dúvida esses motivos são fortes e eu abriria o meu coração a uma plena confiança se a minha vida fosse verdadeiramente cristã; mas não o é. Eu abuso das graças de Deus, sou insensível aos seus benefícios; os meus dias escoam-se na maior frouxidão e além disso tenho cometido grandes e enormes pecados e sem fazer penitência. São Paulo me diz que é horrível cair entre as mãos de Deus vivo (Hb 10, 31).*

Se ao menos eu soubesse orar; mas o tempo, que dou a este santo exercício, perco-o em contínuas distrações. E para estes males tão aflitos haverá remédio? Há um, cuja eficácia é infalível: ir à missa. Com o sacerdote oferecerei a Deus a vítima da salvação. Jesus Cristo imolado é vosso: seu Pai vô-lo deu e Ele se entregou a si mesmo.

Brada Santo Anselmo:

“Misericórdia inefável do Senhor, eu mereci a morte e a condenação ao suplício eterno pelos meus pecados; não tenho meios de satisfazer à terrível justiça, e Deus, por um excesso de amor, me dá seu Filho crucificado por mim, dizendo-me que lhe apresente, e este Filho se entrega a mim e me diz: *Toma-me e oferece a meu Pai.*”

Que deverá fazer uma alma cristã? Seguir o conselho que nos dá um piedoso comentador: usai do Salvador que vos pertence, consoante a intenção de Deus e do Salvador mesmo; ofereci a Deus a penitência que Jesus fez por nós, a contrição do seu coração, a confusão da sua alma, as dores do seu corpo; ofereci as suas orações e adorações tão fervorosas pelas vossas que são frias e frouxas; a santidade da sua vida pela remissão de todos os vossos pecados, a sua humildade pelo vosso orgulho, a sua obediência pela nossa revolta, a sua pureza pelas nossas manchas. Dizei lhe: *Eu sou incapaz, ó meu Deus, de vos louvar, bendizer-vos e honrar-vos por mim mesmo; no meu espírito há só trevas, na minha imaginação só extravagância, no meu coração só o frio de gelo; mas eu vos ofereço o coração terno de Jesus e todos os ardores dessa fornalha de amor. Incapaz de amar-vos pelo meu próprio coração, quero amar-vos pelo seu. Ofereço-vos o pensamento do vosso Verbo Eterno, os louvores infinitos, que Ele vos dá, e as súplicas incessantes que vos faz por mim sobre o altar. Refleti sobre o valor do que vos ofereceis, e confiando unicamente na excelência da vossa oferenda consolai-vos.*

Por Jesus Cristo e em Jesus Cristo preencheis os quatro deveres essenciais que a religião vos impõe: adoração, ação de graças, expiação, impetração. Convenho que é horrível cair entre as mãos de Deus vivo e, com efeito, caímos nelas se não temos por nós senão o pecado; mas quanto me é doce cair com Jesus Cristo unido de coração e de sentimento a Jesus Cristo mesmo, juntando o meu

coração contrito ao seu e o óbolo^[11] da minha penitência ao tesouro infinito da sua morte!

É aqui que um abismo chama outro abismo; o abismo das nossas misérias implora o abismo da infinita misericórdia.

O Apóstolo São João nos ensina o uso que devemos fazer da morte do Salvador, quando diz:

“Meus filhos, escrevo-vos isto para que não pequeis, e se, não obstante, alguém peca, temos para advogado junto do Pai, Jesus Cristo, seu filho único; é ele que é a vítima da propiciação pelos nossos pecados, e não pelos nossos, mas também pelos do mundo inteiro. (1Jo 2, 1-2)”

Os méritos desta vítima seriam suficientes para resgatar uma infinidade de mundos se os houvesse; é um oceano imenso sem fundo nem praias. A nossa alma e todas as almas pecadoras não são a seu respeito senão pequenas conchinhas que podem lavar-se e encher-se aí, mas que cheias permanecerão sempre abismadas nessa imortalidade de méritos. Dizei a Deus: *Sim, Senhor! Espero tudo da vossa misericórdia para comigo. As injúrias que fiz à vossa glória são mais do que reparadas pela glória que Jesus Cristo vos oferece nos altares; porque eu vos ofereço um Deus por um homem, todas as virtudes de vosso Filho pelas ofensas do vosso escravo. Se Jesus não é infinitamente melhor do que eu sou mau, se a sua vida não é infinitamente mais santa do que a minha é criminosa, consinto em suportar eternamente o peso das vossas vinganças. Mas se tendes mais complacência na santidade do vosso Filho do que horror aos meus crimes, não dei plena satisfação à vossa justiça? Não devo esperar de ser o objeto das vossas bondades? Não posso ter certeza que cantarei eternamente as vossas misericórdias?*

Divino Jesus! Vós sois o meu Salvador, a minha justiça, a minha satisfação, a minha redenção; só em vós ponho toda a minha esperança; é unicamente confiando nos vossos méritos que quero entrar no sono da morte e no repouso eterno (Sl 4, 9).

TERCEIRA SEÇÃO – JESUS, NOSSA ALIMENTAÇÃO NA MESA EUCARÍSTICA: COMUNHÃO

CAPÍTULO 10 – UNIÃO QUE JESUS CONTRAI COM A ALMA FIEL À MESA DIVINA

Para nos fortalecer nos sentimentos de confiança e de amor que nos inspiram a presença de Jesus Cristo no tabernáculo, a sua imolação sobre o altar, e para aumentá-los ainda, auxiliemo-nos com uma suposição muito simples.

Onde está o rei, aí está a corte; os anjos formavam sempre o cortejo invisível de Jesus Cristo durante a sua vida mortal; e imaginemos que o Salvador algumas horas antes de instituir a Eucaristia, houvesse feito a confidência deste desígnio aos espíritos bem-aventurados, que o rodeavam, e que lhes falasse nos seguintes termos: *Vedes que há 33 anos que habito no meio dos homens sem conseguir afeição os seus corações. Os meus discursos, milagres e benefícios alcançaram-me mais admiradores do que verdadeiros discípulos. Amanhã vou morrer por eles no interesse da sua salvação, para reconciliá-los com meu Pai, para fechar o inferno debaixo de seus pés, e abrir o céu sobre as suas cabeças, vou padecer um suplício, onde o excesso da infâmia será reunido ao excesso da dor. Pois podereis acreditá-lo, espíritos celestes? Se aos trabalhos da minha vida, aos sofrimentos e ignomínia da minha morte, não acrescento alguns novos meios de vencer a sua insensibilidade para comigo, continuariam a esquecer-me, a mim e a meu Pai, levando todas as suas afeições para as criaturas.*

Respondem os anjos espantados: *Mas, Senhor, que podeis vós acrescentar a tantos testemunhos de amor, quando principalmente lhe houverdes posto o remate pela vossa própria imolação, que no céu produzirá admiração eterna?*

Responde o Salvador: *O que eu posso fazer além disso e o que vou fazer é não me separar deles, ainda morrendo por eles; é fixar-me*

no meio do meu povo, cativo da minha ternura, para o não deixar nunca; achar-me-ei sempre no meio daqueles que eu amo, oferecendo-lhes constantemente as consolações da minha presença, as riquezas da minha graça e todos os socorros da minha onipotência; terei uma casa contígua às suas casas, habitarei sempre aí para derramar os meus benefícios com profusão ilimitada sobre qualquer que venha adorar-me e reclamar a minha assistência.

A uma linguagem tão inesperada, afigurasse-nos ouvir os anjos exclamar no maior transporte: Ó Deus, amigo dos homens! Que invenção da vossa caridade para ganhar seus corações! Haverá algum que não seja abrasado pelo vosso amor? Ó mortais! Vós partilhareis da nossa felicidade! E com que ardor vos encaminhareis à causa do vosso Deus! Quanto vos parecerão curtos os momentos que passardes na sua presença; com que confiança ireis dizer-lhe as vossas aflições e expandir no seu coração os vossos corações! Que encantos terá para vós essa divina presença!

Continua o Salvador, interrompendo os anjos: Todavia, não é só isso o que quero fazer para a felicidade dos homens; o que acabo de dizer não é senão uma parte do novo favor que lhe destino; e vede até que ponto eles me são caros. Conheço a sua fraqueza; são impotentes a render a meu Pai homenagens proporcionais à sua grandeza, ações de graças correspondentes aos seus benefícios; são principalmente incapazes de satisfazer à sua justiça pelos pecados que cometerem. Vou deixar-lhes um sacrifício, que suprirá tudo o que lhes falta; serei a um tempo vítima e sacerdote. O mistério da minha morte que vos parece, com razão, o mais perfeito testemunho do meu amor, vou continuá-lo e perpetuá-lo no meio deles. Todos os dias, sobre milhares de altares, serei oferecido aos olhos de meu Pai no estado de imolação, em que Ele me verá amanhã, exalando o último suspiro sobre uma cruz, pelos interesses da sua glória e salvação dos homens; mas não param ainda aqui os desígnios da minha ternura em favor daqueles que adoto para meus irmãos. É nos seus corações, é no centro do seu corpo, que vou estabelecer a minha morada; serei o seu alimento, comerão a minha carne e beberão o meu sangue; transformarei a sua vida humana na minha vida divina. E esse favor não será só concedido aos meus

sacerdotes, mas a todos os meus discípulos de qualquer classe e condição que sejam; nenhum será excluído do meu real banquete, salvo quem assim o quiser.

Admirados com que acabam de ouvir, só com o silêncio podem os anjos exprimir o seu espanto. Mas que acontece ainda? Afastemos por um momento o nosso espírito de uma lembrança tão contristadora, para só pensar na união contraída por Jesus Cristo com a alma fiel, que o recebe na comunhão. Considerá-la-emos por três modos diversos: em si mesma, e veremos quanto é íntima e inefável; em Jesus Cristo, e seremos arrebatados pelo desejo ardente, que ele tem, de contraí-la conosco; em nós mesmos, e compreenderemos com que ardor devemos desejá-la.

Neste capítulo só falamos da intimidade dessa união considerada em si mesma. Uma reflexão, que não pode escapar a uma alma atenta é que a palavra de que nos servimos para exprimir a participação da mesa eucarística não contém outra ideia senão a da união, porque é o efeito próprio e direto que produz o adorável sacramento naqueles que o recebem; a comunhão é a aliança ou união do homem com Jesus Cristo. Mas a intimidade dessa união e os seus laços apertados não encontram na linguagem humana palavras para defini-la; e nós não compreenderemos na terra até que ponto ela é estreita.

O Salvador nos tinha já enobrecido pelas gloriosas relações, que estabeleceu entre nós e a sua divina pessoa. Já Ele tinha achado meios de aproximar estes dois extremos, a nossa baixeza e a sua infinita grandeza; já nos havia unido da qualidade de Mestre como discípulos, em qualidade de amigo como amigos, por que se dignou dar-nos este nome e desempenhou para conosco todos os deveres da mais perfeita amizade.

Poderíamos nós pensar que tantas alianças, contraídas com a nossa mísera natureza, seriam suficientes para contentar o desejo, que Ele tinha, de avizinhar-se de nós sendo apenas o prelúdio da união eucarística mil vezes mais espantosa? Quando a Escritura nos mostra o Senhor conversando familiarmente com o primeiro homem nos dias da sua inocência; quando no-lo representa na série dos séculos despojado dos esplendores da sua glória, revestido da

nossa carne, percorrendo a cidade e os campos, aproximando-se dos pequenos e dos grandes, indo Ele mesmo procurar os pecadores e chamando para a volta de si todos os que sofriam, admiro nisto uma condescendência e uma bondade que deveriam triunfar de todos os corações; mas que essa infinita majestade se faça nosso alimento, se identifique de alguma forma conosco, numa palavra, se una a nós como o pão, que comemos, se une ao nosso corpo, poderíamos crê-lo ou imaginá-lo? Eis, todavia, o que a nossa fé nos ensina sobre o que a menor dúvida seria um crime. Não se trata aqui só de uma união moral, tal como a amizade que liga dois corações, quais foram os de Jônatas e Davi, dos quais se dizia que a alma de um estava colada à alma do outro. Não é só essa união sobrenatural, que Deus contrai conosco pela graça santificante, e por virtude da qual nos tornamos os templos, que Ele habita, os filhos, que Ele ama. Estas duas uniões morais e sobrenaturais são bem necessárias como preparação àquela de que falamos, mas esta última excede-as infinitamente. É uma união substancial, cujo apoio é Jesus Cristo, vida e alma da nossa alma de modo tal que não fazemos senão um com Ele; e, segundo a expressão de Santo Agostinho, o cristão, assim divinizado com a sua união com Jesus Cristo, não é senão um mesmo Cristo com Jesus Cristo mesmo.

Os Santos Padres^[12] e os mestres da vida espiritual serviram-se de diversas comparações para explicar esta união tanto quanto é possível. A mais conhecida é a de São Cirilo de Alexandria:

“Quando se fundem juntamente dois pedaços de cera ficam reunidos em um só; é o que sucede na comunhão eucarística: Jesus Cristo está em nós, e nós estamos n’Ele; a nossa alma torna-se a mesma com a de Jesus, o nosso corpo o mesmo corpo com o d’Ele.”

Lois de Blois serve-se duma comparação, expondo esta aliança sagrada, que dá ideia justa dos seus felizes efeitos. Cita este texto de São Paulo:

“Aquele que adere a Deus, que é o que faz a alma que comunga, não é senão o mesmo espírito com Deus (1Cor 6, 17).”

E continua:

“Ligando-se a Deus, despoja-se o homem do que tinha de terrestre e humano em excesso; liberta-se das más inclinações viciosas para assumir as divinas, transforma-se e muda-se, por assim dizer, em Deus. Veja-se o

ferro quando se tira da fornalha; quanto é diferente do que era quando entrou! Um brilho substituiu a ferrugem que o cobria; estava duro e agora é candente; estava duro e agora é flexível. Será ferro ou fogo? É ferro que tomou as propriedades do fogo. Assim a alma, que se une a Deus pelo uso frequente da Santa Comunhão, perde insensivelmente as suas imperfeições e defeitos; morre para si e para todas as coisas criadas; vive só em Deus e para Deus; de frouxa, que era, tornou-se cheia de um celeste ardor; para ela a luz substituiu as trevas; a sua dureza e indocilidade mudaram-se em ternura e em docilidade aos movimentos da graça. Compenetrou-se da divina essência.”

Mas de todas as comparações a mais perfeita, sem contradição, é a que emprega Jesus Cristo mesmo quando disse:

“Como meu Pai, que me enviou, está vivo, e como eu vivo por meu Pai, assim aquele que me come viverá por mim. (Jo 6, 57)”

A mesma vida que eu recebo de meu Pai, meus discípulos a recebem de mim; eu vivo de meu Pai e eles vivem de mim; tudo que Ele me dará, e tudo que eu sou, dou-o aos meus discípulos.

E quem não poderá agora admirar-se das magníficas promessas, ligadas pelo Salvador à Santa Comunhão? Lembremos uma:

“Aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e ressuscitá-lo-ei no último dia. (Jo 6, 54)”

Pesemos estas últimas palavras, Jesus não diz que este feliz discípulo terá vida eterna, mas sim que ele a *tem*; adquiriu a propriedade dela pela comunhão; e no deixar esta triste vida entrará na posse dessa rica herança, que já lhe pertence. O justo só morre aparentemente; na realidade ele adormece no seio da paz. *O que parece uma morte aos olhos dos insensatos não é senão um sono* (Sb 3, 2). Jesus o despertará no dia da ressurreição e cada comunhão, que ele faz, é um penhor que recebe da sua gloriosa imortalidade.

Um doutor da Igreja pergunta como há espíritos tão pouco sensatos que recusem a esperança da vida eterna aos corpos que tiveram a honra de comer a carne de um Homem-Deus, no qual reside a origem da imortalidade. O Senhor não permitirá que uma carne consagrada tantas vezes pela sua união com a d’Ele, alimentada com a sua própria substância, permaneça sempre no estado e corrupção, ao qual vai reduzi-la a morte (Sl 15 (16), 10). Ele não

sofre que estes santuários da sua divindade caiam para nunca mais se erguerem na degradação do túmulo. A morte consolar-se-ia de ver a Deus um instante debaixo do seu império se ela pudesse reter eternamente aqueles que Deus fez semelhantes a si na participação do seu sacramento. Nós temos com Deus relações tão profundas e tão íntimas que a nossa gloriosa ressurreição é a consequência necessária da de Jesus Cristo. Que mais é necessário para fortalecer a nossa esperança e tornar impossível todo o desalento? Eis, todavia, um motivo de confiança e de amor que excede tudo quanto havemos dito sobre o mistério da Eucaristia.

CAPÍTULO 11 – JESUS DESEJA VIVAMENTE CONTRAIR CONOSCO ESTA UNIÃO

Quando uma pessoa é dominada por algum desejo ardente, não há obstáculo, que a retenha, sacrifício, que lhe custe, meio, que desdenhe, para chegar ao fim que se propôs. Partamos daqui para compreender, se possível é, a força e veemência do desejo que impele o Salvador a dar-se a nós pela Santa Comunhão.

I. Para realizar esta divina união era necessário vencer dificuldades que pareciam invencíveis. Alimentar-se do corpo e do sangue do Salvador, comer a sua carne viva; esta ideia tem à primeira vista alguma coisa que revolta o nosso espírito; não é para admirar que os habitantes de Cafarnaum se escandalizassem com uma linguagem tão estranha na primeira vez que a ouviram: *Ó Salvador! Comer o vosso corpo, beber o vosso sangue, poderei eu exprimir este pensamento? Receio de blasfemar. O respeito que vos devo e os sentimentos mais legítimos do meu coração me infundiriam a obrigação de repeli-lo. Pois que, meu Deus! Vós, que eu adoro como criador do universo, que eu receio como Juiz Supremo dos vivos e dos mortos, vós ante quem os anjos tremem de espanto, me permitireis e me ordenareis até de me alimentar do vosso corpo?*

Me responde Jesus: *Ó homem! Estás longe de compreender o coração do teu Deus! Escuta: vou instruir-te dos meus desígnios. Sim, quero ser o alimento dos que eu amo; quero que o meu sangue corra nas suas veias; não só o respeito que eles me devem não*

será obstáculo à união, que eu desejo, mas nunca poderão dar testemunho de respeito, que me seja mais agradável, de que quando, tendo preparado o melhor que puderem, vierem assentar-se à minha mesa. De resto, saberei moderar o seu temor e animar a sua confiança, ocultando-me sob os símbolos do pão. O homem aproxima-se sem terror e mesmo com prazer de um alimento destinado à conservação da sua vida, e será sob as aparências deste alimento diário que eu virei para ele. É verdade que para satisfazer este ardente desejo do meu coração será necessário que eu me despoje da força do meu braço e multiplique as mais espantosas maravilhas. É por mim que os reis reinam, e será preciso que eu obedeça a homens, que são cinza e pó! Será necessário que à sua voz eu aniquile a substância do pão e do vinho sem destruir as suas aparências; que eu ponha, em lugar desta substância que deixou de existir e conserva as suas qualidades acidentais^[13], todas as minhas incompreensíveis perfeições. Os sentidos do homem não serão assustados; só a fé me descobrirá debaixo destes véus misteriosos. Aquele que os céus não podem conter encontrar-se-á no estreito espaço de uma hóstia.

A minha presença simultânea em milhões de hóstias não causará detrimento à minha unidade. Estarei inteiro debaixo de cada espécie, que se poderá dividir sem me dividir a mim mesmo. Sim, para unir-me ao homem tão intimamente, como desejo, será necessário amontoar milagres sobre milagres; mas o meu amor exige todos estes milagres e o meu poder fá-los-á. É verdade que seguindo estas inclinações da minha ternura e para permitir a frágeis criaturas este excesso de familiaridade com o seu Deus, terei necessidade de resignar-me às humilhações mais incompatíveis, ao que parece, com a minha infinita grandeza. Terei de abaixar-me a abater-me ainda mais do que no presépio de Belém e no Calvário. É aqui que eu serei o Deus oculto e desgraçadamente muitas vezes o Deus desconhecido! Quantos opróbios e sacrílegas profanações terei a experimentar da parte dos meus inimigos em consequência desta obscuridade voluntária, mas não se dirá que a sua perversidade me impede de visitar as almas que me servem e me amam?

Quando o Filho de Deus instituiu a Eucaristia tanto conhecia o futuro como o presente; sabia a ingratidão monstruosa, com que os homens corresponderiam aos prodígios da sua terna condescendência. Eu, que leio esta página, era visto tão distintamente por Ele como os discípulos do Cenáculo, quando lhes apresentava o seu corpo e o seu sangue. Afigurasse-me ouvi-lo predizer a São João, seu confidente mais íntimo, os indignos tratamentos que teria que experimentar antes de chegar até mim; os despezos e abomináveis profanações que encontraria no seu caminho neste longo percurso de dezoito séculos. Expõe ao discípulo bem-amado a narração da guerra sacrílega que os heréticos e ímpios hão de fazer em todos os tempos ao grande mistério do seu amor. Faz-lhe conhecer quantas vezes seus tabernáculos serão quebrados e a hóstia santa calcada aos pés. Diz São Cirilo de Alexandria:

“Quantos pérfidos Judas receberão a Satanás e Jesus Cristo; Satanás a quem darão um império absoluto, e Jesus que eles crucificarão; Satanás que exaltarão acima de Jesus, e Jesus que apresentarão a Satanás como vítima para lhe ser sacrificada.”

O Salvador não recua ante um cálice tão amargo e quanto é ardente o amor que não se extingue na perspectiva de tantos horrores! Mas o de Jesus manifesta-se ainda de outra maneira. Não bastava que o seu amor e o seu poder tivessem aplanado todas as dificuldades, que da sua parte se opunham à esta união; mas como pela nossa ela devia ser livre, era necessário que ele nos determinasse a desejá-la, a atrair as nossas vontades e, se é possível, proceder como Ele mesmo. Por isso quantos meios não emprega Ele para nos chamar à sagrada mesa?

II. Ele convida, insta, manda, promete, ameaça; quer dizer que emprega todos os meios de que nós mesmos usamos, quando procuramos obter de alguém que queira o mesmo que desejamos.

1.º Convida para um banquete; e sob esta risonha imagem que nos oferece a comunhão; e como de todos os banquetes os mais esplêndidos são aqueles em que um monarca celebra as bodas de

seu filho, é este o sentido da parábola, pela qual somos convidados a comunicar neste sacramento adorável.

Já era muito que o monarca do céu e da terra nos convidasse para um festim real; mas Jesus vai adiante, insta-nos fortemente, quer até forçar-nos a entrar na sala do banquete (Lc 14, 23).

Ide, ministro do altar, é Deus que manda, ide dizer aos convivas de Jesus que tudo está pronto; percorrei as cidades e os campos e dizei em seu nome: *Vinde para mim: **venite ad me** e nunca para o mundo, que não conseguiu tornar ninguém feliz. Por tempo de sobra haveis procurado as suas alegrias e prazeres. O peso de vossas misérias vos fatiga, e o mundo não pode senão agravá-las. Vinde para mim, é o vosso Deus que vos chama. Suavizarei vossos pesares, e mudá-los-ei em delícias. A minha graça operará em vós felizes mudanças. **Venite ad me et ego vos reficiam.** Mas vinde todos, **omnes**, crianças e velhos, pobres e ricos, grandes e pequenos; do meu banquete ninguém seja excluído. Vinde, almas justas e fiéis; mas vinde também, pecadores convertidos; se o vosso amor se penitencia, o meu se expande em generosidade; e vós, almas frouxas e lânguidas, que achais tão difícil amar-me, conhecereis o segredo do amor à minha mesa.*

Se não podeis ir a Ele, se as enfermidades vos impedem, se escusas legítimas vos não permitem de corresponder ao seu convite, estará a vossa casa tão afastada da sua que interiormente não possas endereçar-lhe a homenagem dos vossos afetos? Não poderá o vosso coração levar-se por um movimento piedoso ao pé do seu altar? Ele fez-se vosso hóspede, vosso vizinho, companheiro do vosso exílio e habita convosco. Ele irá pessoalmente, transporá o limiar do seu templo, atravessará as ruas e praças públicas, as cidades e os campos para levar a paz às vossas casas, a bênção aos vossos campos, a saúde aos vossos corpos, a graça às vossas almas, como outrora fazia nas cidades e aldeias da Judéia.

Médico cheio de caridade irá visitar o doente no seu leito de dor para restituir-lhe a saúde ou ajudá-lo a morrer; entrará na choupana do pobre como na morada do rico; penetrará sem repugnância na triste mansão da miséria; e último e derradeiro amigo tomará cuidado de nós quando tudo nos acabar.

2.º Ordena, promete e ameaça. Solicitações tão vivas e tanta condescendência não bastaram ao Amável Salvador para obter de nós o que tão ardentemente desejava, e para vencer a nossa indiferença foi-lhe necessário empregar a sua autoridade. Ele fez da comunhão um preceito, glória do seu coração e vergonha do nosso, porque o fizemos necessário. Como Ele disse:

“Se não tomardes novo nascimento nas águas do batismo, não entrareis no reino dos céus. (Jo 3, 5)”

Ele diz agora:

“Se não comerdes a minha carne e não beberdes o meu sangue, não tereis a vida em vós. (Jo 6, 53)”

Nos séculos de fé, em que os cristãos comungavam todos os dias e só se consideravam felizes à mesa eucarística, mal se suspeitaria que a Igreja se visse forçada a compelir por um mandamento ao cumprimento de outro do Adorável Esposo. Todavia o Bom Mestre nos tornou este mandamento atrativo e podemos bem dizer com o Apóstolo Amado:

“O amor de Deus consiste em guardar os seus preceitos; e esses preceitos não são terríveis, mas cheios de doçura. (1Jo 5, 3)”

Deus foi obrigado a dizer-nos: *Sob pena de incorrer na minha implacável cólera recebei o dom mais precioso.*

Para fazer respeitar essa lei nem poupa ameaças nem promessas e nos diz: *Ou o inferno com Satanás ou o céu com Jesus: escolhei. Temeis a morte? A comunhão vos preserva de tudo que ela tem de terrível. Amais a vida? Nada é mais apreciável como a vida sem enfermidades, sem decrepitude, com a felicidade soberana e eterna, que a Eucaristia dá, servindo-lhe de garantia a comunhão.*

CAPÍTULO 12 – QUANTO DEVEMOS DESEJAR A COMUNHÃO

Um Deus abismo de perfeições, não tendo precisão de nada para a sua infinita felicidade deseja ardentemente unir-se ao homem, e esse desejo tem no seu coração uma chama que o consome; Ele emprega a sua onipotência em arrasar os obstáculos, que se opõem a esta união, e a sua sabedoria a inventar os meios que a facilitam; para realizá-la não recua perante os sacrifícios mais espantosos: é

este o mistério da mais incompreensível caridade de Jesus Cristo. Mas o homem, abismo de misérias e que tanto precisa de Deus, deseja frouxamente ou até não deseja uma união, que encerra para Ele todos os bens; é um mistério de cegueira e insensibilidade que não é fácil de compreender; porque quanto temos nós a ganhar por uma Santa Comunhão quer em glória, quer em beatitude? A participação à mesa santa eleva-nos, enriquece-nos e faz-nos gostar as delícias mais doces e legítimas. Procuremos compreender a inteligência destes efeitos excelentes da comunhão.

I. A comunhão *nos eleva*. A verdadeira grandeza está só em Deus, e tanto mais o homem se avizinha do Ser Supremo quanto mais se engrandece. À mesa eucarística o homem está perto de Deus e desaparece o intervalo entre ele e Jesus quando pode dizer: Ele habita em mim e eu habito n'Ele; *já não sou eu que vivo, mas Jesus que vive em mim* (Gl 2, 20).

O profeta Isaías contemplando no futuro, cheio de admiração, as maravilhas, que haviam de acompanhar a redenção dos homens, chamava-as com tanta energia como verdade as *invenções de Deus*. Dizia ele:

“Louvai o Senhor, porque ele fará para vós grandes coisas; publicai por toda a terra as suas adoráveis invenções. (Is 12, 4-5)”

Só um Deus era capaz de inventar os mistérios do presépio, do Calvário e da sagrada mesa; quer pudesse imaginar de nos fazer este excesso de honra, ao qual o homem, por mais ambicioso que seja de elevação e grandeza, nunca ousaria aspirar. Quando comungo Jesus é a carne da minha carne, os ossos dos meus ossos, a alma da minha alma; e Deus com todo o seu poder, não poderia tornar o homem maior; e a energia do seu pensamento e a fecundidade do seu amor se esgotam de certa maneira por estas magníficas criações; e nós, convivas de um Deus, participantes da divina natureza, nada temos que invejar as grandezas do céu e menos ainda as da terra.

Um simples pastor, um lavrador obscuro, um modesto adolescente que acaba de receber o seu Deus, ao retirar-se da mesa sagrada, levando no seu coração a Jesus Cristo é bem maior aos olhos da fé

do que esses homens que se ilustraram em todos os gêneros dessa glória frívola que o mundo ambiciona.

II. A Comunhão enriquece-nos. A fé, a esperança, a caridade, eis as virtudes excelentes que ela alimenta, desenvolve e fecunda no coração do justo; riquezas invisíveis e puramente espirituais, mas verdadeiras e inerentes à alma, que a corrupção não ataca, e são independentes dos caprichos da fortuna e da injustiça dos homens. Se tivésseis visto Salomão na sua glória, em um trono adornado de púrpura, com a fonte cingida com o diadema, por meio da qual sua mão tinha coroado, haveríeis contemplado o que a terra pode apresentar de mais esplêndido; se nos fosse dado ver uma alma unida a Jesus Cristo pela Santa Comunhão, essa esposa adornada de inocência, rainha coroada de virtudes, rica com os dons do Espírito Santo, teríeis diante dos olhos espetáculo incomparavelmente mais surpreendente.

Aí estão ocultos todos os tesouros da verdadeira ciência e santidade. Se quereis esclarecer-vos e instruir-vos na ciência da salvação, ide comungar; a Santa Mesa é um foco de luz; espíritos incultos hauriram aí conhecimentos superiores aos de todos os sábios do século, e os doutores da Igreja confessaram, que ali aprenderam verdades mais altas do que nos seus livros e vigílias.

Se vos falece a força e energia, a mesa santa é um arsenal divino onde podereis revestir-vos com a armadura dos fortes; é aí que mulheres tímidas e crianças débeis depararam coragem superior à sua idade e sexo; é daí que os mártires se arremessavam aos combates e à morte como leões, que respiram o fogo da divina caridade.

Falando do glorioso São Lourenço, disse Santo Agostinho, que, alimentado por esta carne adorável e inebriado por esta divina bebida, foi insensível aos tormentos mais excruciantes. A comunhão é a fonte dos pensamentos puros e dos hábitos virtuosos, e os dons que nela se recebem são orvalho celeste que refrigera os ardores da concupiscência.

Se neste dilúvio de corrupção, que transborda de todas as partes, ainda resta alguma inocência sobre a terra, devemos agradecê-la à

mesa eucarística, porque só pela comunhão se mantém a nossa vida interior. A Eucaristia inspira a humildade, protege a pureza, e persuade a doçura; a fé torna-se mais viva, a esperança mais firme, a caridade mais generosa e ardente.

Mas é principalmente na alma aflita que a Eucaristia derrama graças mais abundantes.

Vós devíeis, ó Senhor! Essa preferência aos que choram, porque vós abençoastes as nossas lágrimas e prometestes secar a fonte delas, limpando-as com a vossa mão (Ap 21, 4).

III. *A comunhão nos enche de doces consolações.*

1.º As alegrias espirituais são da natureza da comunhão. Falando do maná, que não era senão a figura da Eucaristia, disse o Espírito Santo:

“Ó Deus! Vós nos haveis dado um pão que encerra todas as suavidades celestes. (Sb 16, 20)”

São Macário assegura que a alma bem-disposta depara na participação deste mistério alegrias inefáveis, descobrindo nele riquezas, que os olhos não viram e os ouvidos não escutaram. São Boaventura faz dizer a Jesus Cristo:

“Alma fiel! Não conhecestes tu por experiência ao receber-me, que saboreavas o mel com o seu sabor e a doçura da minha divindade junta ao meu corpo e ao meu sangue?”

Todas as obras dos Santos Padres exprimem os mesmos sentimentos; a Escritura nos dá a entender, pelos símbolos de que se serve, quando fala da Eucaristia, quanto este alimento é delicioso aos corações bem preparados; umas vezes é um vinho esquisito, outras vezes é uma iguaria delicada e um pão feito da farinha mais pura. Os intérpretes aplicam à Eucaristia as diversas passagens dos livros sagrados, onde se fala do leite e de mel, e de tudo quanto é agradável em assunto de alimentação e de bebida. Diz Santo Tomás:

“Não há língua que possa exprimir a suavidade deste sacramento pelo qual saboreamos, na sua origem, todas as doçuras espirituais.”

São Jerônimo disse as seguintes palavras:

“Não há para nós neste mundo senão um bem: é comer a carne do Filho de Deus.”

O bem-aventurado Berchmans dizia ternamente a Nosso Senhor:

“Ó meu Senhor! Que haverá depois da comunhão que possa dar-me-á na terra doçura e contentamento?”

2.º Mas em que consistem as santas alegrias que a Eucaristia dispensa às almas? A resposta que Santo Tomás faz a esta questão deve tranquilizar aqueles que se queixam de não sentir alegria alguma quando comungam, embora se esforcem para fazê-lo dignamente. Diz ele:

“Um objeto pode causar-vos prazer ou por si mesmo ou pela ideia que formamos dele; por si mesmo quando faz atuar impressão sobre os nossos sentidos, como quando o vemos, o saboreamos, etc; pela sua imagem quando espírito se ocupa da ideia vantajosa que concebeu dele; e, com efeito, basta o pensamento de um bem, principalmente quando o possuímos ou o esperamos, para produzir na alma um sentimento agradável.”

Assim um avarento que tem o seu tesouro encerrado no cofre, sem vê-lo nem tocá-lo, experimenta alegria todas as vezes que pensa nele. A Eucaristia faz as delicias da alma fiel por uma destas duas maneiras.

Ainda que eu não experimente ao comungar consolação alguma sensível, não será para a minha alma tão grande consolação o ter a certeza que Jesus Cristo se entregou a mim e que possuindo-O possuo o soberano bem, manancial de todos os bens? Diz o Padre Alvares:

“Quando o Filho de Deus vem para nós, ele não deixa no céu as suas riquezas espirituais, as suas graças e favores; ele vem com as mãos cheias de dons e o coração repleto de amor; mas quando viesse só, não seria ele suficiente para a minha felicidade? Não é ele o bem mais precioso dos bens? Posso eu ignorar que os gostos e consolações sensíveis são dos menores frutos da comunhão?”

Se este Bom Mestre priva muitas vezes os seus servos mais dedicados é para ensinar-lhes a estimá-l’O a Ele mais do que aos seus dons. A grande doçura de ser contente de Deus, sem esperar d’Ele alguma doçura, consiste em entregar-se todo a Ele, embora nos não deixe algum sentimento de devoção.

Se pudésseis, depois de haverdes recebido a Eucaristia, entrar no sentido dessas palavras que o Salvador dirigiu aos seus Apóstolos no dia mesmo da ceia, quando acabava de lhes dar a comunhão com a sua própria mão: *Sabeis vós o que acabo de fazer?* Ficaríeis mais satisfeitos de estar sem alegria alguma do que se tivésseis todas as alegrias do mundo. Jesus acaba de nos dar o seu corpo para alimento, o seu sangue para bebida, a sua alma para reparação, a sua divindade para apoio, o seu paraíso por herança; Ele dissipa as nossas ilusões, aumenta o nosso amor, purifica o nosso coração, mortifica os nossos sentidos, enfraquece as nossas paixões, comunica-nos as suas virtudes, santifica-nos; que doçura é comparável a este excesso da sua bondade para conosco (Padre Nouet)?

Aconteceu também algumas vezes que a comunhão derrama na alma alegrias sensíveis.

É quando Jesus Cristo faz gestar a doçura da sua graça e a suavidade da operação, pela qual é produzida. Diz São Lourenço:

“Então não há coração tão duro que não seja penetrado dos sentimentos mais ternos. A alma, embalsamada de celestes perfumes, inflama-se com os santos ardores do amor divino.”

Canta os louvores d'Aquele que é toda para ela! *Dilectus meus mihi*, é à qual se deu completamente: *Et ego illi*. Consagra-se ao seu serviço e só aguarda ocasião para mostrar pelos sacrifícios quanto o ama. Ela experimenta um soberano desgosto por todas as satisfações terrenas e se torna insensível a todas as desgraças da vida; de tal modo que nem se afasta com as injúrias, nem com as contradições, nem com o desamparo das criaturas.

É verdade que estas grandes delícias da comunhão não são concedidas a todos, nem no mesmo grau a quantos a recebem; poucas almas são assaz puras e desapegadas do mundo e de si mesmas, para se crucificarem a Jesus Cristo e saborear todas as doçuras destes celestes prazeres. Quanto à alegria espiritual que produz o conhecimento dos grandes bens contidos neste sacramento, não há cristão que não possa experimentá-la.

Basta estimar os bens da graça, desejar a sua salvação, suspirar pelo céu, e lembrar que a Eucaristia é o meio melhor para realizar

estes santos desejos.

Eu compreendo, Senhor, o misericordioso desígnio, que nos propusestes, instituindo um sacramento tão justamente chamado de *a doçura das doçuras, amor dos amores*. Quisestes unir-vos ao homem, torná-lo semelhante a vós na medida do possível, enchê-lo de graças, e assim inspirar-lhe o amor perfeito, em que consiste a vida perfeita, cujo princípio é este pão celeste, como é o penhor da vida eterna. Realizai em nós, ó Divino Jesus, um desígnio tão digno do vosso coração.

Amar-vos, ser por vós amado, estar ocupado só em agradar-vos e a ganhar-vos corações, que vida tão nobre e tão venturosa!

CAPÍTULO 13 – MAS FINALMENTE QUE É A COMUNHÃO? NÃO PODEMOS INSISTIR EM DEMASIA SOBRE REFLEXÕES TÃO CONSOLADORAS?

A comunhão é Jesus Cristo, que nos enriquece consigo mesmo. As suas perfeições infinitas, as suas graças, seus méritos e virtudes; tudo quanto Ele é, e quanto tem, coloca-O, por assim dizer, à minha disposição quando comungo. Ó profundeza impenetrável deste mistério! Desde que comi o pão vivo descido do céu, Jesus é meu, todo meu, a sua divindade bem como a sua humanidade.

1.º Sapiência, potência e misericórdia... todas as suas perfeições me pertencem, porque Ele vem oferecer-me-ás para empregá-las na minha santificação e para a minha beatitude. Se soubéssemos escutá-lo, quando o possuímos dentro de nós pelo seu adorável sacramento, ouvi-lo-íamos dizer-nos, como ao cego de Jericó:

“Que quereis que vos faça (Lc 18, 41)?”

Falai, que desejais? Quando baixeis à terra, encarnada no seio de Maria, foi para o mundo inteiro; neste momento é a vós pessoalmente que me entrego. Que esperais de mim? Estou pronto a vo-lo conceder.

Será possível, que eu fique indigente quando o Todo Poderoso coloca em minhas mãos o tesouro da sua incompreensível caridade?

2.º Todas estas *graças* são minhas. Nos outros sacramentos e dons, que me faculta o Salvador, é aos rios que recorro; na Eucaristia é o manancial, que possuo, porque possuo o coração sagrado de Jesus. Não é Ele que fornece à Igreja toda, para todos os lugares e tempos, da água, que brota para a vida eterna?

Não é deste manancial inexaurível que saíram e sairão para sempre todas as graças que formaram e formarão os eleitos?

3.º Todos os seus *méritos* são meus; porque é principalmente neste mistério que se estabelece, entre Jesus e a alma, que o recebe, essa comunidade de bens e de vida comparada pelo Salvador mesmo a que faz entre Ele e o Pai um só. Quanto é animador este pensamento!

Operário negligente, era com susto que eu via chegar o fim do dia, em que cada um recebe consoante a medida de suas obras. Que bem fiz eu e como? Quanto tempo desperdiçado! Onde estão meus títulos para as recompensas celestes? Em que poderei fundar meus direitos à coroa dos santos? Minha alma, sossega! Sobre os méritos de Jesus Cristo que me pertencem, quando tenho a felicidade de comungar.

4.º Todas as suas *virtudes* me pertencem. Neste bendito momento em que Jesus está em mim como seu Pai está n'Ele: *Ego in eis et tu in me*; não devo temer de comparecer na presença de Deus três vezes santo; porque me vê, para dizê-lo assim, transfigurado na imagem de seu Filho. É me permitido dizer-lhe com legítima altivez: *Senhor, já não sou indigno que baixeis sobre mim a majestade das vossas vistas.*

Que amais vós e que não deparais em mim, à medida dos vossos desejos? Quereis a justiça? Vede a justiça que me exorna, quando pela sagrada comunhão estou conjunto a vosso Filho bem-amado! Quereis a pureza? Vede a inocência que brilha em minha alma, quando contemplais em mim a do Verbo Encarnado! É a humildade que conquista o vosso coração? E que falta é minha quando vos ofereço Jesus aniquilado? Já me não lamento, beleza vetusta, mas sempre nova, de não vos amar tanto quanto devo, porque neste momento vos amo extraordinariamente, amando-vos pelo próprio coração de vosso Filho.

Já não lamento de não ter para oferecer-vos adorações que bastem às vossas grandezas, reconhecimento equivalente aos vossos benefícios, expiação correspondente às minhas ofensas, porque vos ofereço as homenagens, ações de graças e penitência de um Homem-Deus, que é igual a vós em todos os gêneros de perfeições. E todas essas virtudes não existem só em mim como vestido de empréstimo que exalta a minha baixeza aos vossos olhos; Jesus me-ás apropria, fazendo passá-las do seu coração para o meu.

Havemos considerado nos seus principais benefícios o mistério de que a Igreja não fala senão com transportes de admiração.

Que ordem lhe damos na nossa estima depois destas reflexões? Pensaremos que o generoso Salvador não fez bastante para nos patentear todas as riquezas do seu amor? Se nos tivesse dito o que outrora disse a um rei de Israel:

“Escolhei e determine o testemunho que devo dar-vos de vivo interesse, que tenho por vós. Procurai no céu ou sobre a terra um prodígio que não vos deixe dúvida alguma sobre o meu amor, e fortalecendo as vossas esperanças assegura plenamente a vossa paz. (Is 7, 11)”

Qual de vós se atreveria a pedir a Eucaristia? Mas a sua bondade preveniu e ultrapassou todos os nossos desejos; e aí de nós se tal generosidade não basta para triunfar dos nossos corações. Os grandes benefícios que não obtém justo reconhecimento só fazem grandes ingratos. Quando vier o dia em que Jesus Cristo dará a cada um segundo as suas obras, para justificar a severidade da sua justiça para com os maus cristãos e confundir todos os pretextos da sua perversidade, bastará que lhes diga: *Vós tínheis a Eucaristia!* Sim, temo-la; mas é imprescindível aproveitar-nos dela. As virtudes e as ações que nos hão de fazer valer esse talento inapreciável vão ser tratados nos capítulos seguintes.

QUARTA SEÇÃO – QUE TEMOS NÓS A FAZER PARA SECUNDAR OS DESÍGNIOS DE JESUS CRISTO NA EUCARISTIA

CAPÍTULO 14 – CRER NESTE MISTÉRIO COM FÉ VIVA

A fé é para o justo o que a alma é para o homem. A fé é a sua vida, segundo a expressão de São Paulo:

“Justus meus et fide vivit. O justo vive da fé. (Rm 1, 17)”

Ela é a vida da sua inteligência pelas luzes da verdade que aí derrama; a vida do seu coração pela caridade que aí faz nascer; a vida do seu coração pela caridade que aí faz nascer; a vida das suas obras; santificando as mais comuns e habilitando ao mesmo tempo para empreender e executar as maiores e mais difíceis. A fé nos faz crer o que não vemos; a fé viva nos faz de certo modo ver o que não cremos; estão nela os olhos do coração, diz Santo Agostinho. Se o meu olhar é penetrante, se atravessa as nuvens, se descobre Deus e as suas infinitas perfeições, se divisa Jesus Cristo e suas inefáveis misericórdias, ocultas sob débeis aparências, sem a menor dúvida o nosso coração será comovido. Esta luz celeste inspirar-nos-á uma luz profunda, quero dizer, um respeito soberano para Deus e todas as coisas de Deus; grande delicadeza de consciência, eminente pureza, que nos permitirá associar-nos aos anjos para celebrar a glória d’Aquele que é a santidade mesma. O Padre Cláudio de la Colombière servindo-se da célebre palavra de Santo Agostinho que reduz ao amor todos os deveres do cristão, *ama et fac quod vis*, mudava a primeira palavra – *ama* – em – *crede* – e por esta máxima assim modificada estava persuadido que indicava aos fiéis uma excelente regra de proceder a respeito da Santa Eucaristia.

“Acreditai com fé viva e não frouxa tudo o que a religião vos ensina a respeito daquele que ides visitar no seu tabernáculo ou adorar sobre o altar ou receber à mesa sagrada; e será menos necessário excitar vossa piedade do que reprimi-la e dirigi-la. O grau da vossa fé será o do vosso fervor.”

O mistério eucarístico, na linguagem da liturgia, é um mistério de fé porque nele tudo é de ordem sobrenatural. Não podemos aceitar o que é proposto para uma fé absoluta; as nossas ideias humanas, longe de nos auxiliar a crer neste prodigioso excesso de amor induzem a repeli-lo como impossível. E que nos dizem os nossos sentidos? Que temos diante de nós duas substâncias materiais, pão e vinho, porque são incapazes de ver outra coisa além destes símbolos; quando se nos afirma que esse pão e esse vinho não existem, que uma palavra criadora passando pelos lábios do sacerdote os transformou no corpo e sangue de Jesus Cristo; numa palavra, quando nos dizem que temos diante dos olhos o verdadeiro corpo nascido da Virgem Maria e imolado sobre a cruz, o Homem-Deus vivo tal qual está no céu nos esplendores da sua glória, recuam os nossos sentidos e só a nossa fé proclama a inefável realidade da presença do Salvador. Mas longe de lamentar aqui a nossa impotência, regozijemo-nos, por ter esta ocasião de fazer a Deus sacrifício da nossa razão orgulhosa e poder dizer-lhe com o santo Jó:

“Grande Deus! Que sabemos nós das vossas soberanas perfeições? Vós ultrapassais infinitamente os limites da nossa inteligência, principalmente nas provas que nos dais do vosso amor. (Jó 11, 7)”

Temos tido e lemos todos os dias ilusões a deplorar por havermos seguido as impressões dos nossos sentidos e as falsas luzes da nossa razão, quase sempre obscurecida pela paixão, ao passo que a vossa palavra é a verdade mesma. Tudo passa e ela fica; mas para obter da fé estes benéficos efeitos, é imprescindível que ela opere sobre o espírito, o coração e as obras.

A irreflexão debilita muito ou destrói completamente esta ação. Um doutor da Igreja diz que a fé é um conhecimento abreviado de tudo o que há de mais estimulante e enérgico para fazer sair a alma da sua inação.

Que solicitude poderá ser maior quando um Deus não se contenta de nos permitir, mas nos ordena imolá-l’O, comer a sua carne e beber o seu sangue? Estes mistérios sagrados têm chamadas de sobra para nos abrasar com santo amor. Que impressão farão sobre nós verdades poderosíssimas se elas se não apresentam ao nosso espírito? Na Escritura a fé é comparada ora a um escudo, ora a uma

espada. O escudo só protege aquele que o cobre, e se queremos que uma espada seja útil, para repelir o inimigo, é necessário tirá-la da bainha.

Não é o habito da fé que faz o seu mérito e força; são as obras principalmente e os sacrifícios que a tornam valiosa. Todo o cristão crê na eternidade, mas só um cristão refletido pergunta com São Luiz Gonzaga:

“Que é isto ou aquilo com referência à eternidade?”

Boudon acha toda a sua ciência e toda a sua vida espiritual nestas duas palavras:

“Deus só!”

São Francisco de Assis passa noites inteiras a repetir:

“Meu Deus e meu tudo!”

O Apóstolo das Índias^[14] nos ensina o segredo da sua santificação nesta máxima:

“Quem tem a Deus não lhe importa o mundo.”

Explico agora porque a mesma palavra de Deus, que para os santos era cheia de poder e vida, fica para mim quase no estado de letra morta: Os santos a meditavam continuamente e eu não penso nela; eles eram homens de recolhimento e oração e eu ocupo-me só do que é exterior e das frivolidades. Deixo a fé no meu espírito como um fato sem consequências; considero de tempos a tempos os grandes objetos que ela me apresenta, mas superficialmente, à maneira desse homem leve que deita ao passar a vista para um espelho e esquece logo o que viu. Se eu soubesse vivificar a minha fé entraria sem pena na profundidade dos santos mistérios; tudo neles se alargaria diante de mim e tudo falaria eficazmente à minha alma pura e recolhida.

CAPÍTULO 15 – HONRAR A PRESENÇA DE JESUS CRISTO NO TABERNÁCULO, VISITANDO-O

A alma fiel procura visitar o seu Salvador no seu santuário, e não poderia, com efeito, haver ocupação mais racional, suave e útil.

I. No quinto século, piedosos cenobitas se consagraram a formar uma guarda de honra perpétua ao Divino Rei. Divididos em diversas tribos como em outro tempo os filhos de Israel, sustentavam no templo do Senhor uma salmodia que nunca era interrompida. Demos graças a Deus por haver suscitado nos nossos dias comunidades religiosas, cuja vocação é também de render contínuas homenagens ao Deus dos nossos santuários. Mais e mais; esse zelo não se concentra nos claustros, e seculares fervorosos nos dão dele belos exemplos; vemo-los em muitas das nossas cidades adorar o Santíssimo Sacramento durante todas as horas, não só diurnas, mas noturnas... Apesar de tão louvável esforço, quantas razões não temos ainda para gemer sobre o esquecimento em que se deixa tão admirável e tocante mistério!

O Padre Berthier disse:

“Há milhares de associados na adoração perpétua, e milhões de corações insensíveis à presença do Filho de Deus, residindo entre nós.”

O Padre Balthasar Alvarez não podia refletir sobre a solidão das nossas igrejas sem sentir-se penetrado de uma profunda dor.

Estranha contradição, que se observa a este respeito no procedimento de grande número de pessoas, que fazem profissão de piedade! Fazem viagens para irem reverenciar as relíquias dos santos; transportam-se com ardor aos lugares onde se conservam algumas porções da verdadeira cruz, alguns espinhos da coroa do Nosso Senhor... Compraz a Deus que não censuremos estas devoções. Mas como conceber essa ânsia em praticá-las, com uma espécie de indiferença para com a Santa Eucaristia? Essas mesmas pessoas têm em um santuário ao pé delas ou de suas casas não os ossos de um santo, mas o corpo vivo do Santo dos Santos; têm aí nesse tabernáculo não a cruz e os espinhos, instrumentos dos sofrimentos de Jesus Cristo, mas Jesus Cristo mesmo que só espera a sua visita para enchê-los com os seus favores.

Onde está o cristão, por pouco que ele mereça esse nome, que não fizesse objeto de alegria, ir venerar, se pudesse os lugares consagrados pela presença do Salvador durante a sua vida mortal; beijar essa terra santa onde Ele imprimiu as suas sagradas pegadas; honrar todos os lugares onde assinalasse o seu poder e

bondade pelos seus milagres e benefícios? Cansar-se-ia ele de contemplar o Calvário, onde Jesus Cristo sofreu tanto para a expiação dos nossos pecados, e deixaria de regar com as suas lágrimas os lugares que Ele inundou com o seu sangue? Nós temos tudo isso nas nossas igrejas e muito mais do que isso. Jesus apenas passou na Palestina e já não está, à medida que escolher os nossos templos para renovar neles todas as maravilhas da sua vida e da sua morte e para permanecer aí até a consumação dos séculos.

Uma reflexão muito simples nos fará sentir a conveniência da nossa assiduidade a visitar o santo sacramento. Imagino que um monarca unicamente para me honrar e proteger e mostrar toda a afeição, que ele tem por mim, vem fixar a sua habitação no lugar onde moro, a fim de que eu possa apresentar-me diante dele e implorar o seu socorro tantas vezes quantas quiser. Poderei eu ser insensível a semelhante benevolência? Como seria considerado o meu procedimento se eu desdenhasse visitá-lo e aproveitar-me de uma bondade tão generosa? Pois o que nenhum rei fez ainda em benefício de seus súditos, fê-lo Jesus Cristo por causa de nós, porque é só pela nossa utilidade e pelas delícias que Ele encontra em morar no meio dos filhos dos homens, que perpetuou a sua presença nos nossos santuários. Qual será o bom filho que não goste de procurar seu pai e entreter-se com ele? Que satisfação há para um amigo como conversar com o seu amigo fiel? Quanto deveríamos felicitar-nos de poder a todos os momentos fazer a Jesus Cristo a confidência das nossas penas, derramar as nossas lágrimas no seu seio e receber as graças e favores com que deseja encher-nos!

Davi exprimia-se nos seguintes termos:

“Senhor dos exércitos! Quanto os vossos tabernáculos são deslumbrantes! A minha alma está em ânsia por habitar a vossa casa. (Sl 83 (84), 2-3)”

Ouçamos Santo Ambrósio que nos exorta a não desdenhar tão grande misericórdia. Diz este santo doutor:

“Em qualquer estado que vos encontréis, quer dominado pelas inclinações da carne, quer afeiçoado ao mundo pelos laços da ambição, quer forcejando por dominar as vossas imperfeições, quer tendo já feito grandes progressos na virtude; tudo encontrareis nele.

Se procurais a cura das chagas da vossa alma, Jesus Cristo é o melhor dos médicos; se estais abrasado pela concupiscência, Jesus é uma fonte que vos refrigera; se gemeis debaixo do peso das vossas iniquidades, ele vos aliviará; se tendes necessidade de socorro, ele é a força; se evitais as trevas, ele é a luz; se temeis a morte, ele é a vida; se desejais o céu, ele é o caminho para lá. Felizes as almas que põem todas as suas esperanças em Jesus Cristo.”

II. Santo Agostinho diz que sua mãe ia todos os dias duas vezes à igreja para ouvir as palavras do Senhor e para que o Senhor ouvisse as suas. Escutar Jesus Cristo e falar-lhe, eis o assunto dos momentos que a alma fiel consagra a visitar o Santíssimo Sacramento.

1.º Ela escuta, e desde que se penetra da presença de Jesus Cristo por um ato de fé, guarda um profundo silêncio, silêncio de admiração: onde estou eu? Onde estais vós, meu Deus?

Quem sois vós e quem sou eu? Silêncio e atenção. *Escutarei com respeito e amor as palavras que me endereça o Senhor meu Deus* (SI 84 (85), 9). Sejam os atentos às lições que nos dão os seus exemplos às palavras interiores que a sua graça nos faz ouvir. Ordinariamente Ele fala de uma maneira mais luminosa depois da comunhão; mas Ele fala também à alma recolhida que o visita; e temos uma prova quase infalível da sua palavra quando nos sentimos animados pelo desejo de trabalhar e sofrer pela sua glória.

2.º Mas se o Bom Senhor quer que o escutem, também que quer lhe falem. E quantas coisas temos nós a dizer-lhe, quantas homenagens a render-lhe, quantos louvores a dirigir-lhe, quantas súplicas a fazer-lhe! Há pessoas que nas suas visitas ao Santíssimo Sacramento recitam fórmulas de orações ou fazem leituras piedosas. Isto é louvável, mas é muitas vezes mais vantajoso, ao menos em algumas destas visitas, entreter-nos coração a coração com Jesus e falar-lhe como se o víssemos com os nossos olhos.

Não imaginemos que para isso é necessário ter o espírito cultivado ou possuir a arte da palavra; não são discursos estudados nem pensamentos sublimes que o Salvador espera de nós; deixemos falar o nosso coração com toda a simplicidade. Entretenhamos o adorável amigo, que nos quer dar audiência, acerca dos nossos

negócios temporais e espirituais. Eu digo temporais porque Ele declarou que a sua providência se estende a tudo o que nos diz respeito, contando até os cabelos da nossa cabeça. Por grande que Ele seja, sabe acomodar-se à nossa miséria e por um excesso da sua bondade compraz-se ouvindo a narração das nossas misérias, dos nossos pesares domésticos, de uma doença que nos atormente, de um revés de fortuna, etc. Mas quer principalmente que tratemos com Ele dos nossos interesses espirituais; que lhe falemos do nosso gosto pelas frivolidades, do esquecimento pelas coisas eternas, das recaídas frequentes apesar de todas as nossas resoluções; dessas tendências violentas que nos arrastam para o mal e nos afastam do bem. Digamos-lhe com o leproso do Evangelho:

“Senhor, se quiserdes podeis curar-me. (Mc 1, 40)”

Ou com as irmãs de Lázaro:

“Aquele que amais está doente. (Jo 11, 3)”

Pensemos também no nosso próximo.

Como na Eucaristia o coração de Jesus Cristo se abrasa em um amor inefável por todos os homens sem exceção, nada lhe é mais agradável do que as petições que lhe são apresentadas em favor de todos os desgraçados. Oremos, pois, por tantos infelizes e por tantos pecadores a quem ao demônio retém nas suas algemas, pelas almas do purgatório e, sobretudo, pelas mais abandonadas; oremos pelo clero e pelo sucesso dos seus trabalhos; supliquemos ao grande zelador das almas para que suscite no meio de nós alguns desses homens apostólicos, poderosos em obras e palavras, que mudam as faces das províncias e dos reinos. De resto não temamos de perder solicitando pelos outros. Não sei se há algum meio mais eficaz de participar abundantemente nas liberalidades de Jesus do que instando-O para espalhá-las sobre o nosso próximo. Um procedimento tão caridoso impele a encher-nos de graças e bênçãos. Finalmente não nos esqueçamos d’Ele mesmo, falando-lhe dos seus próprios interesses. Não podemos amá-l’O sem nos regozijarmos com as conquistas que faz à sua Igreja nos países infiéis, com o despertar da fé entre os católicos; sem nos afligirmos com os escândalos que ocasionam a perda de tantas almas com

estas blasfêmias inauditas que a impiedade vomita contra o que há de mais santo e adorável. Supliquemos-lhe para tomar a seu cuidado a sua própria causa e dissipar os inimigos da sua glória (Sl 62 (63), 10). Diz o Padre Berthier:

“Apresentemo-nos repetidas vezes diante do tabernáculo da nova aliança e experimentaremos bem depressa que este exercício não só é um dos mais salutareis, mas dos mais doces e consoladores da religião.”

CAPÍTULO 16 – ASSISTIR SANTAMENTE À MISSA: PRIMEIRO MÉTODO

I. A excelência deste método.

Uma alma fervorosa, que servia a Deus com toda a simplicidade do seu coração, informava-se um dia sobre o que devia fazer para bem ouvir a missa. Perguntaram-lhe: *Que fazeis vós? Encho-me de recolhimento da presença do tabernáculo; mas quando vejo a imagem da cruz na casula do sacerdote, que se encaminha para o altar, creio ver a Jesus Cristo indo para a morte para salvar-me. Enterneço-me, choro, e não posso pensar em outra coisa senão nos seus sofrimentos e no seu amor por mim.*

Observai este método: ele é preferível a todos os outros, porque é fundado sobre a natureza do sacrifício e entra perfeitamente nos desejos do Salvador e nas intenções da Igreja. A missa é a paixão, próxima de nós e representada aos nossos olhos; é o culto especial que rendemos aos sofrimentos e à morte de Jesus Cristo, por ordem d’Ele mesmo; da parte dos fiéis é a repetição solene e prolongada do grande brado de reconhecimento que se soltava do coração de São Paulo: *Ele me amou e entregou-se por amor de mim* (Gl 2, 20).

Quando o nosso Divino Redentor nos não tivesse deixado senão uma representação da sua imolação sangrenta, deveríamos prestar-lhe todo o afeto que merece a recordação mais interessante; quanto mais nos não deve impressionar este sinal vivo, esse memorial sagrado? Sabemos quanto Jesus deseja ver-nos ocupados acerca dos seus sofrimentos e morte e foi para isso que ele instituiu a missa: *fazei isto em minha memória: lembrai-vos do que eu fiz e sofri por vós e não me recusareis o coração.* E se nós podemos esquecer tão grande benefício ao menos não seja quando nos

encontramos perante o altar. A Igreja, durante a celebração dos santos mistérios, emprega todos os meios para fixar toda a nossa atenção sobre o espetáculo comovente de um Deus morrendo por nós; ela quer que os nossos olhos encontrem em toda a parte a cruz: no altar, nos ornamentos, nas cerimônias. Antes de autorizar o sacerdote para o cumprimento do seu ministério conduze-lo a um lugar já santo que é como vestíbulo da casa de Deus. Aí ela o transfigura, por assim dizer, à semelhança do seu Divino Esposo, conturbado pela dor e cheio de opróbios. No amito que lhe põe sobre a cabeça reconhece o véu ignominioso que foi lançado sobre a cara de Jesus; e o manípulo e a estola relembram as algemas com que o carregaram; o cordão representa as varas com que dilaceraram o seu corpo; a alva é o vestido branco com que Ele foi entregue à chacota de um tribunal ímpio e de um povo iludido.

Todo o cerimonial do sacrifício tende para o mesmo fim. Representar a paixão do Salvador, inspirar-se na sua lembrança, compenetrar-se vivamente dela é entrar no espírito da Igreja quando se assiste à missa.

II. Prática deste método.

Consistia ela em meditar sobre as diferentes circunstâncias da paixão à medida que a memória é suscitada nas diversas partes do sacrifício.

O sacerdote ao pé do altar é Jesus Cristo no Jardim das Oliveiras. Considerai o Homem-Deus prostrado diante de seu Pai, a cujos olhos Ele aparece onerado com todos os pecados do mundo; Ele chora-os, suporta-lhes a vergonha, experimenta a dor como se fora Ele mesmo que os houvesse cometido. Ele parece a ponto de recuar de dor à vista deste horrível cálice e, todavia, aceita-o; bebê-lo-á até as escórias, visto que os nossos interesses o exigem. Eis aqui o sacerdote; apenas chega ao pé do altar perturba-se como Jesus à entrada do jardim. Precisa confortar a sua alma imersa na tristeza:

“Quare tristis es, anima mea, et quase conturbas me? Por que te deprimes, minha alma, por que te conturbas dentro de mim? (Sl 41 (42), 5)”

Considera-se como um penitente público; geme, bate no peito, ora em nome de todos os culpados, cujo é mediador. Este espetáculo e lembrança não me impressionarão também? Permanecerei testemunha impassível da agonia do Salvador? O suor de sangue que percorre todos os seus membros deixar-me-á em fria insensibilidade? Não terei uma lágrima que derrame sobre os sofrimentos do meu Deus, sobre as iniquidades do mundo e as minhas próprias?

Quando o celebrante transpõe os degraus do altar, e que entra no exercício do seu tremendo ministério, passa sucessivamente aos dois lados do altar, e representa o Salvador depois de entregar-se a seus inimigos, sendo conduzido como malfeitor a Jerusalém, cheio de opróbrio, arrastado de tribunal em tribunal, e recebendo em toda a parte novas afrontas em troca de seus inefáveis benefícios. Compadecemos-nos pelos ultrajes, que o vexam; sigamo-l'Os com espírito o não o abandonaremos. Ao evangelho podemos ouvir as testemunhas falsas que o acusam e incriminam, censurando-lhe ora a doutrina, ora as obras, que foram todas conducentes ao bem. Os homens são assim: quem poderá confiar em seu reconhecimento, ou ligar importância à sua estima?

No momento em que o sacerdote descobre o cálice para o ofertório, considera-se Jesus despojado dos seus vestidos. Ele oferece seus membros sagrados ao tormento da flagelação, a sua cabeça ao coroamento insultante e cruel, tendo já exposto seu rosto divino aos escarros e bofetões. Admirai a sua invencível paciência; e vós nada quereis sofrer por Aquele que tanto padeceu por vós? Sereis sempre um membro delicado sob um chefe coroado de espinhos?

Ao *lavabo* pensai no covarde pretor, que condena a inocência reconhecida e procura, lavando as mãos, purificar-se do atentado horroroso. Lamentai a cegueira do povo que aceita a responsabilidade:

“Recaia sobre nós e sobre nossos filhos todo o seu sangue! (Mt 27, 25)”

Serás escutando, povo ingrato, e até ao fim dos tempos as gerações aterradas reconhecerão em tuas desgraças o sinal evidente de uma maldição, provocada por teus crimes. Elas serão compelidas a

confessar que não se insulta impunemente o Todo Poderoso, desafiando-O sacrilegamente (Gl 6, 7).

Deu-se a sentença de morte; e tudo se prepara para a execução. O sacerdote estende as mãos sobre a oferenda material deposta sobre o altar. Ele depõe sobre a cabeça do Salvador e a seu encargo para serem por Ele expiados todos os pecados do gênero humano; tanto os presentes, como os passados e futuros, culpas inumeráveis de que a divina vítima é expiatória.

E enquanto Ele sucumbe apreciái quanto pesais no formidável número de pecados, que o oneram.

Proferiram-se as miraculosas palavras. Eleva-se a hóstia, Jesus é suspenso na cruz entre o céu, que se cobre com um véu fúnebre e a terra que estremece. Ficareis sem comoção? Que haveríeis feito e experimentado se tivésseis estado ao lado de Maria sobre o Calvário? Que vos teria dita a vossa fé à vista deste sacrifício sangrento, diga-o ele em presença desta mística imolação. Recolhei as derradeiras palavras do vosso Deus moribundo; quando ora pelos seus inimigos, roga por vós. Rogai-lhe para dar-vos Maria por mãe, para prometer-nos o paraíso, como prometeu a esse pecador, que a sua graça converteu na hora extrema.

No fim da missa, acompanhai a alma de Jesus aos limbos; ela vai consolar os justos, anunciar-lhes que vão sair da sua prisão para entrar na morada da glória com o seu libertador. Consolai os fiéis do purgatório, aliviái as suas penas, abri-lhes o céu aplicando-se os frutos da missa que acabais de ouvir e as obras satisfatórias, que fizerdes durante o dia.

Finalmente pela comunhão, ao menos espiritual, honrai a sepultura de Jesus Cristo. O coração puro é um túmulo, onde Ele se compraz. A humildade, a paciência, e, sobretudo, a caridade, eis os aromas em que Ele deseja que se embalsame o seu divino corpo. Mas como Ele não está sepultado senão para ressuscitar a uma vida gloriosa, orai-lhe para comunicar à vossa alma uma virtude de ressurreição, que se manifesta por uma vida nova e celestial.

CAPÍTULO 17 – ASSISTIR SANTAMENTE À MISSA: SEGUNDO MÉTODO

Diz o príncipe dos apóstolos:

“Todos os fiéis formam uma nação santa, um real sacerdócio. (1Pd 2, 9)”

O ministro sagrado, que preside a celebração dos santos mistérios, procede como deputado da sociedade cristã; é, pois, justo que eles conformem os seus pensamentos e afetos ao que ele diz e faz, para bem deles e de si próprio. Distinguem-se na missa diversos prelúdios que preparam ao sacrifício e três partes essenciais no sacrifício mesmo.

1.º Unir-se ao sacerdote nos prelúdios do sacrifício.

Esses prelúdios começam ao pé do altar e o sacrificador não ousaria transpor os seus degraus se não houvera posto a última de mão aos seus preparativos.

Jesus Cristo vai descer do céu para colocar-se à frente da Igreja, e conjuntamente com os fiéis, que são seus membros, render a Deus o culto perfeito que lhe é devido. Ele vem oferecer-se por vós a seu Pai e oferecer-vos com Ele. O vosso primeiro cuidado deve ser purificar-vos pelo arrependimento, para serdes menos indigno do vosso adorável chefe e para que a nossa oblação seja recebida mais favoravelmente. Humilhai-vos, pois, com o sacerdote e com ele confesse as vossas faltas em presença de Deus e de toda a corte celeste; e para obter mais seguramente o perdão, implorai-o pela Virgem Imaculada, tão compassiva para os pobres pecadores, e por todos os santos, que só devem a sua bem-aventurança à vitória que alcançaram sobre o pecado: *Confiteor*.

Fazei subir ao céu, repetindo até nove vezes, o brado das vossas misérias e esperanças: *Kyrie eleison*: mas depois de vos terdes abaixado diante de Deus três vezes santo, lembrando-vos das vossas faltas, erguei-vos com confiança e cantai com alegria o cântico dos anjos: *Gloria in excelsis Deo*. Estas palavras exprimem toda a Redenção; está aí a sua glória; na obediência e aniquilamento de seu Filho, a expiação do nosso orgulho rebelde; o homem depara aí a paz na sua união com Deus, que este sacrifício restabelece na vitória sobre as suas paixões, das quais triunfa por este sacrifício e na posse eterna do céu, que por Ele merece. E Deus não exige de mim, para enriquecer-me com todos estes bens senão que eu seja um homem de boa vontade, e a minha vontade

será boa e conforme a de Deus, que só quer a minha felicidade. Louvando, bendizendo e adorando a Deus dispuseste-l'O para bem acolher as nossas súplicas, e o sacerdote nos convida a isto dizendo: *Oremos.*

Fazendo a *Coleta* de todos os votos, o sacerdote, com os braços estendidos, figura compreender na sua oração as necessidades do mundo inteiro e ir advogar a nossa causa e a do universo. Uni-vos a Ele e confiai no poder da sua mediação; embora sejam múltiplos os nossos pedidos e os seus, por importantes que sejam os favores que solicitais e, apesar da vossa indignidade pessoal, esperai tudo: vós sereis escutado porque ao terminar a sua oração o sacrificador faz retumbar um grande nome aos ouvidos e no coração de Deus; rememora grandes méritos para vós e para Ele: *Por Jesus Cristo, vosso Filho, Nosso Senhor.*

Durante a Epístola, o Evangelho e o Credo, apreciareis o dom da fé e vos tornareis dóceis às suas lições.

Permita Deus que a luz que me esclarece ilumine tantos desgraçados, que ainda estão imersos na noite profunda da infidelidade!

Sim, meu Deus, eu me uno com todas as forças da minha alma à uma religião, em que só deparo a manifestação do vosso amor pelo homem. Crendo no que ela me ensina, quero submeter-me à lei que ela me impõe, lei amável dimanada do vosso coração; quero que ela seja a regra dos meus sentimentos, das minhas ações e da minha vida.

2.º Unir-se ao sacerdote no ofertório.

Ele levanta os olhos para a cruz e abaixa-os logo sobre os dons, que apresenta. Por este duplo olhar exprime a identidade da vítima, que foi imolada sobre o Calvário, com a que vai descer sobre o altar; e considerando entre as suas mãos essa hóstia imaculada, cujos méritos são infinitos, implora ao Pai Santo Onipotente e Eterno, para recebê-la pela remissão de suas faltas, pelo bem de todos os fiéis vivos e defuntos, de modo que aproveite a todos para a salvação e vida eterna. Compenetrai-vos desta oração, juntando a oferenda de nós mesmos à da oblação, que vai tornar-se corpo e sangue de

Jesus Cristo, e suplicai a Deus que nos transforme na semelhança de seu Filho bem-amado.

Antes de oferecer o cálice, o sacerdote mistura um pouco de água no vinho para representar a união da nossa natureza, que é figurada pela água com a pessoa do Verbo, figurada pelo vinho, união de todos os fiéis com Jesus Cristo, seu chefe. Excitai em vós um ardente desejo de unir-vos ao Salvador, de vos perderdes felizmente nesse abismo de perfeições para que a vossa alma como que absorva n'Ele se torne uma alma divina.

3.º Unir-se ao sacerdote no momento da consagração.

Temos três coisas a considerar nesta parte da missa que se chama *Canon*: o prefácio ou introdução à grande ação do sacrifício, o que precede imediatamente até a consagração e o que a segue até no *Pater*. Depois de haver levantado o espírito e a alma dos assistentes dizendo o *Orate frates*, o sacerdote despede-se deles e recolhe-se profundamente. Até ao fim do sacrifício os fiéis não tornarão a ver mais a sua cara, ainda mesmo quando os saúda; dir-se-ia que ele teme distrair-se num momento em que toda a atenção do homem é insuficiente. É para ele agora o tempo das comunicações mais íntimas com Deus e dos segredos mais confidenciais; pelo que esta oração se chama *Secreta*. Quando o sacerdote sai deste misterioso silêncio, parece sair de um êxtase; a terra, o tempo, todas as coisas criadas desapareceram aos olhos da sua fé e a sua linguagem, guiando-se à altura dos seus pensamentos, só fala das coisas eternas: *Per omnia saecula saeculorum*.

O fogo do amor divino acendeu-se no seu coração e ele procura comunicá-lo a todos os assistentes. Daí provém essa exclamação pela qual ele os excita a fazer conhecer os sentimentos que lhes inspiram as bondades divinas e a parte, que tomam, no que ele diz e faz, em nome de todos, e o povo ratifica em alta voz as orações que o celebrante acaba de dirigir a Deus em segredo; associa-se às suas dores, louvores e atos de reconhecimento, pois tal é o sentido desse *Amém* que se supõe sair de todas as bocas. São Jerônimo assegura que nos primeiros tempos do cristianismo, quando ainda fumegava o sangue de Jesus Cristo, e a fé dos seus discípulos estava em todo o seu fervor, essa resposta era feita por todas as

vozes do povo com ardor maravilhoso; e esse *Amém* retumbava em todas as partes da igreja como o ribombo do trovão.

Quanto é nobre a imolação e santa a harmonia de sentimentos piedosos entre quem preside ao sacrifício e aqueles que lhe assistem e o oferecem pelas suas mãos!

Falando aos fiéis, o sacrificador excita-os a que abandonem a terra e se elevem até ao trono de Deus, no seu pensamento e afeto: *sursum corda*, exclama ele e todos a uma voz lhe respondem: *Habemus ad Dominum*.

Se assim é, continua o ministro sagrado, se todos os corações estão voltados para Deus, cumpramos todos juntos o mais santo dos nossos deveres: demos graças a Deus, Senhor Nosso.

Fiéis! Proclamai que nada é mais justo e mais conforme à razão, à dignidade de Deus e à nossa; e vós, sacerdote, intérprete de todos os votos, pagai ao Supremo Benfeitor o tributo do reconhecimento universal.

Tendo dado graças a Deus pelo seu filho bem-amado, o qual é o dom mais precioso, o sacerdote exorta a assembleia a juntar a sua voz, louvor e adorações às dos espíritos bem-aventurados para cantar com eles no templo o que com eles esperamos cantar na eternidade: Santo, Santo, Santo, é o Senhor Deus dos exércitos! Desde logo entra no seu misterioso silêncio, cumprindo aos fiéis redobrar de atenção e fervor. Exponde as vossas súplicas ao Pai clementíssimo e enchei-vos de confiança: a Rainha do Céu, os Apóstolos, todos os Santos, não recusarão interceder por nós para que vós ofereçais o sacrifício em ação de graças pelos benefícios e pela glória, com que Deus os encheu: dai, pois, aos vossos desejos amplitude ilimitada. Orai pela Igreja, pelo seu Chefe, pelos seus ministros, pelos seus membros, por todas as pessoas que vos são conjuntas por alguns laços de justiça e de caridade. Em conjuntura tão favorável, devendo esperar tudo, abalançai-vos a tudo pedir. Aproxima-se o momento terrível. O sacerdote já não fala em seu nome nem em nome da Igreja; emprega as palavras mesmas de Jesus Cristo e obra em virtude delas. Ele não diz: *Isto é o corpo e sangue de Jesus Cristo*, mas; *isto é o meu corpo e o meu sangue*.

Realiza-se o milagre da transubstanciação e Jesus está sobre o altar.

Quando o sacrificador levanta a hóstia e a apresenta às nossas adorações não se nos afigurará que estamos sobre o Calvário e vemos torrentes de graças sair das chagas da santa vítima, para jorrarem sobre toda a humanidade? Será necessário que o Salvador tenha necessidade de dizer-nos: *Fazei isto em memória de mim?* Podemos esquecer a sua paixão quando temos diante dos olhos a sua representação tão viva? Ofereçamos à majestade suprema essa hóstia pura, santa e imaculada e imploremos ao Senhor para que nos não separe desta oblação e, em consideração por ela, nos mostre um rosto propício e sereno de modo que tudo lhe seja agradável no nosso sacrifício e que por Jesus, nosso Pontífice, que se oferece a si mesmo como vítima, mereçamos ser cheios de toda a bênção celeste. A Igreja pensa em tudo; e nas circunstâncias em que ela pode consolar tantas dores, limpar tantas lágrimas, ela se lembra de seus filhos, que se estão purificando nas chamas do purgatório. Imitemos a sua caridade compassiva; e o céu que pedimos para essas almas aflitas, peçamo-lo também para nós; é verdade que nós estamos longe de merecê-lo porque somos pecadores, mas não é da justiça divina que o esperamos, é sim da multidão infinita das suas misericórdias. Não vos pedimos toda a glória com que haveis coroado todos os grandes servos, mas só uma parte dela.

4.º Unir-se ao sacerdote na comunhão.

A oração dominical^[15] começa a preparar-nos e o sacerdote, antes de recitá-la nos recorda a excelência da sua instituição divina: *Divina institutione formati*. Por nós próprios nunca nos atreveríamos a chamar Deus de nosso Pai; era necessário que Ele nos convidasse a dar-lhe este nome. E quanto é poderosa esta oração principalmente quando Jesus, aniquilado sobre o altar, a faz por nós! Não será então que devemos esperar a santificação do nome de Deus, o reino da sua graça que nos prepara ao da sua glória, o cumprimento da sua vontade, todos os socorros que as nossas necessidades reclamam, o perdão dos nossos pecados, a isenção de todo o mal? Um coração puro e onde reina a paz é a morada que

Jesus procura, e tal é o objeto de todos os votos do presbítero, até a consumação do sacrifício pela comunhão. Deseja a paz aos assistentes quando, tendo nas suas mãos a vítima, que reconciliou o céu com a terra, ele lhes diz: *Que a paz do Senhor esteja convosco*; e os fiéis respondem ao presbítero: *e que ela seja com o vosso espírito*. O sacrificador continua: *Cordeiro de Deus, que apagais os pecados do mundo, tende compaixão de nós e dai-nos a paz*. Ó sacerdote! Ó fiéis! Ambicionai principalmente essa paz inalterável, da qual gozareis no céu, no seio de Deus, após os combates desta triste vida; o corpo e sangue do Salvador, que ides receber, vos valerão direitos incontestáveis. Comungai ao menos espiritualmente e, se puderdes, comungai realmente; e não esqueçais que depois de tão grandes benefícios a ação de graças nem pode começar muito cedo nem prolongar-se em demasia.

A missa está dita; *Ite, missa est*; o celebrante despede os fiéis, e, todavia, em vez de deixar o santo lugar, eles caem de joelhos; é porque ainda vão receber um precioso favor. Desceu o sacrificador do altar, que representa Jesus Cristo, e depois de haver haurido pela última vez neste manancial do supremo bem, voltando-se para o povo com o coração, os lábios e as mãos cheias de bênçãos, derrama-as sobre todos os filhos da Igreja, e em particular sobre a assembleia: *Benedicat vos omnipotens Deus*.

Vimos o que reclama de nós o augusto sacrifício dos nossos altares para corresponder ao amor que Jesus Cristo nos testemunha, e para enriquecer-nos com os bens infinitos que só de nós depende aproveitar; não nos acusa a consciência sobre assunto de tal gravidade?

Depois de considerarmos o que o altar nos impõe, quando nele está colocado o Filho de Deus sacrificado, vejamos o que reclama de nós a mesa, onde Ele se nos dá na Santa Comunhão.

CAPÍTULO 18 – PREPARAÇÃO PARA O CELESTE BANQUETE

Nunca houve alma cristã que pusesse em dúvida a sua absoluta necessidade. Entrar precipitadamente na sala do festim, sem tomar o tempo necessário para recolher o seu espírito, purificar o seu

coração quando se está a ponto de receber o seu Deus, não seria uma grave irreverência contra a primeira de todas as majestades? Já o dissemos: nada há de comum entre os mistérios eucarísticos e os sentidos. Se antes de começar esta ação angélica, não desperto em mim a fé, que transpõe as nuvens, não tardarei em desonrá-la pela minha frouxidão.

Sem falar desse respeito profundo que nos deve sempre acompanhar quando entramos em relações diretas com a divindade; dessa pureza de coração tão perfeita quanto nos é possível, disposições gerais e indispensáveis para a Santa Comunhão, deparamos duas que são excelentes e particulares nestas palavras da Esposa no livro dos Cânticos:

“Repousei à sombra daquele que eu tinha desejado; e gostei do seu fruto, cuja doçura saboreou a minha boca. (Ct 2, 3)”

As espécies sacramentais, que nos ocultam os esplendores de Jesus Cristo neste mistério, são como a sombra dessa árvore, cujo fruto é de uma doçura deliciosa. Deseja unir-nos ao Salvador, que pela sua parte tão ardentemente deseja unir-se a nós; estabelecer-nos e assentar-nos no recolhimento e tranquilidade, quando estamos a ponto de contrair, ou já acabamos de contraí-la, essa suave união, eis aqui duas disposições eficacíssimas para saborear útil e deliciosamente o pão dos anjos.

I. Desejar vivamente a comunhão.

Qual é a importância desse desejo e que é o que deve incitá-lo em nós?

1.º Como a fome dos alimentos materiais indica de ordinário a boa disposição, em que está o corpo para os receber, assim também um grande desejo de tomar a Eucaristia é preparação excelente para participar abundantemente dos seus felizes efeitos. O homem interior, diz Santo Agostinho, deve ter fome do pão celeste para comê-lo santamente. É o que São Jerônimo exprime perfeitamente explicando este verso do Salmo 80 (81), 11:

“Dilata os tuum et implebo illud. Abre a tua boca, e eu a encherei.”

Diz este Santo Padre:

“Quereis vós receber o alimento do Senhor e comer o Senhor mesmo? Escutai o que ele nos diz: abri a boa e enchê-la-ei; abri o coração e recebereis a proporção que desejardes; a medida das graças que serão dadas não depende de mim, mas de vós.”

Aprofundemos estas palavras. Se desejamos a Jesus Cristo, com todo o ardor de que somos capazes, recebê-lo-emos inteiro com todos os bens, que Ele nos quer fazer. Jesus quer que nós o desejemos. Diz São Gregório Nazianzeno: *Tem sede da nossa sede*; e Bossuet explica assim esta palavra:

“Deus é infinito e, todavia, nós podemos obrigá-lo, porque podemos pedir-lhe que ele nos obrigue e ele dá com melhor vontade do que os outros recebem.”

Essa fome de pão celeste era tão ordinária aos primeiros fiéis que eles chamam a Eucaristia de desiderata, isto é, objeto dos santos desejos. Daqui se conclui que nunca estamos melhor dispostos para recebermos os frutos deste sacramento do que quando podemos dizer ao Salvador:

“A minha alma vos desejou toda a noite, e despertarei ao alvorecer do dia para procurar-vos com todo o meu espírito. (Is 26, 9)”

2.º Duas coisas contribuem principalmente para excitar em nós o desejo de comungar; a reflexão e a mortificação. O desejo é um movimento da alma pelo qual, conhecendo o valor de um bem, de que está privada, aspira a possuí-lo.

Cumprir, pois, refletir sobre o valor dos bens, que nos advém da comunhão. Uma alma, que está cheia de amor da sua santificação e que conhece a virtude da Eucaristia, quer para destruir o pecado até a raiz, quer para guindar-se à mais sublime perfeição, experimenta necessariamente um ardente desejo de comungar. Cumprir juntar aqui o jejum à oração, isto é, a mortificação dos sentidos à meditação dos bens infinitos de uma comunhão fervorosa.

Os gozos dos prazeres terrestres diminuem as forças da alma e a tornam menos apta para desejar os celestes. As satisfações sobrenaturais tem pouco atrativo para um coração que está só ocupado dos gozos humanos, mas se o privamos das distrações frívolas, como o coração não poderia viver sem prazer, corre com todas as suas forças na via que se lhe abre, mostrando-lhe a doçura que gozará no banquete eucarístico. Deus só promete o maná e a

sua suavidade ao vencedor de si mesmo, aquele que sabe reprimir os seus apetites (Ap 2, 17).

A Eucaristia é um manancial de inefáveis gozos para aqueles que reinam sobre si mesmos e não para os escravos das suas inclinações sensuais (Gn 49, 20).

II. Entrar em um recolhimento e tranquilidade profunda, nos momentos que precedem e seguem imediatamente a comunhão.

Se alguma vez a alma deve estar atenta ao que faz é, sobretudo, quando se trata de cumprir um ato divino. Não será deplorável que, mesmo então, o nosso espírito tenha necessidade de ser chamado a si mesmo? Entre as comunhões que se fazem em estado de graça e com disposições absolutamente suficientes, Santo Tomás distingue duas espécies: uma comunhão habitualmente espiritual, outra comunhão atualmente espiritual.

Na primeira come-se o pão eucarístico, tendo-se só o hábito da fé, da esperança e do amor, porque se está distraído; na segunda praticamos os atos destas virtudes, porque estamos concentrados na grande ação que fazemos. Aquela basta até certo ponto para aumentar a graça santificante; porque supõe-se que não damos consentimento a essas divagações do espírito; mas esta é necessária para a refeição espiritual e, como diz o santo doutor, para gostar a doçura do sacramento e colher-lhe todos os frutos. Jesus Cristo nos fez um preceito da primeira quando disse: *Tomai e comei, isto é o meu corpo*; e parece ordenar-nos o segundo quando acrescentou: *Fazei isto em memória de mim*; porque isto equivale a dizer: *pensai em mim, crede-me, esperai em mim, amai-me*.

Esta última maneira de receber a Eucaristia com atenção respeitosa, e produzindo todos os atos interiores, que devem inspirar-nos a grandeza e a bondade do Filho de Deus, é a única que seja digna d'Ele e de nós. É dela também que falam os doutores da Igreja quando nos exortam a adorar a Jesus Cristo dando-se a nós, humilhando-nos na sua presença, conversando com Ele e implorando-lhe os auxílios que necessitamos; porque nisto consiste a comunhão espiritual. Diz São João Crisóstomo:

“Quando o Salvador entra em uma alma bem-disposta, espalha ali os raios da sua luz e enche-a com a sua ação. Ele solicita-a para amá-lo e recebê-lo; e é principalmente pela sua fiel correspondência a estas graças que se une a ele de espírito e de coração e faz rápidos progressos na virtude.”

Esforcemo-nos, pois, nestes felizes momentos, para desocupar-nos de todas as coisas do mundo e ser unicamente de Jesus Cristo. Imitemos a Abraão, que, querendo oferecer a Deus o seu sacrifício, deixou toda a sua comitiva ao pé da montanha; e a Moisés, que subiu só ao Sinai ordenando ao povo que ficasse embaixo.

Digamos então com São Bernardo:

“Ficai lá fora, pensamentos estranhos e frívolos; não é aqui o vosso tempo nem o vosso lugar.”

(Leia-se o Capítulo 7º do Livro 4 da *Imitação*.)

CAPÍTULO 19 – AÇÃO DE GRAÇAS DEPOIS DA COMUNHÃO: SUA ALTA CONVENIÊNCIA, NECESSIDADE E PRÁTICA

I. Ela é um dever do mais justo reconhecimento.

Deus é sensível à nossa gratidão e exige-nos este tributo. As festas que Ele estabeleceu no Antigo Testamento, e que a Igreja ordenou no Novo, quase todas devem a sua instituição a algum favor insigne, cuja memória se quis perpetuar; são como outros tantos reclames ao reconhecimento. Os judeus tinham uma hóstia pacífica ou sacrifício de ação de graças; e nós os cristãos, temos a missa, cujo fim principal é recordar-nos os mistérios da nossa redenção.

1.º Posto que nunca houvesse coração tão desinteressado como o de Jesus nos serviços que prestava, lamentava-se, todavia, e de maneira comovente, quando não recebia senão ingratidão em troca dos seus benefícios:

“Curei dez leprosos; um só me agradeceu: onde estão os outros nove? (Lc 17, 17)”

“Provei-vos a minha afeição por obras numerosas que fiz no meio de vós; por qual delas me apedrejais? (Jo 10, 32)”

A ação de graças é uma obrigação de justiça, como proclama o sacerdote antes de entrar no grande ato do sacrifício:

“Toda a conveniência, toda a justiça nos obrigam, ó Senhor, a render-vos graças sempre em toda a parte.”

Mas se em todos os templos e lugares o reconhecimento deve estar nos nossos corações porque sempre e em toda parte Deus nos prodigaliza os seus dons, quanto mais quando acabamos de receber o maior de todos, que é Deus mesmo!

2.º Três coisas em um benefício provocam a gratidão: o valor do benefício em si, o amor que ele supõe em quem o deu, a preferência dada a quem o recebe. Homem feliz, quando sairdes da Santa Mesa que tesouro recebestes convosco? Escutai Santo Agostinho:

“Eu ousou afirmar que Deus, com o seu poder infinito, nada nos podia dar que fosse melhor; com a sua infinita sabedoria, não poderia achar dom mais excelente; na sua riqueza infinita nada poderia encontrar mais precioso para dar-nos.”

Que vos falta, com efeito, quando possuis Jesus Cristo, o seu corpo, alma e divindade, e quando lhe podeis dizer familiarmente tudo o que Ele mesmo dizia a seu Pai?

“Tudo quanto é vosso é meu! (Jo 17, 10)”

A palavra, que São Francisco de Sales se comprazia a repetir: *Quem tem Jesus, tem tudo*, não é para vós neste momento uma verdade consoladora? E esse tesouro, que encerra todas as preciosidades, não é unicamente ao amor do Salvador que o deveis, e enriquecendo-vos com Ele mesmo, não será verdade que só hauria conselhos na sua infinita bondade? Nesta caridade para convosco existe até uma preferência, que deveria enternecer o coração menos sensível. Não esqueçais, que não foi dado tocar o que vós tocais, comer o que vós comeis, receber o que recebeis a nenhum dos santos personagens do Antigo Testamento, a Moisés, Abraão, Jeremias, Ester, Judite, Suzana, nem mesmo ao admirável precursor, do qual disse Jesus Cristo:

“Entre todos os filhos das mulheres, nunca houve algum maior do que João Batista. (Mt 11, 11)”

Não esqueçais que muitos povos estão privados da Santa Comunhão, ou pela sua infidelidade ou pela heresia, e que vós sois um dos privilegiados, que tendes a felicidade de tomá-la sempre que

quiserdes, o que vos deve compenetrar de profundo reconhecimento.

II. A Ação de graças depois da comunhão é um dever do qual podemos auferir frutos inapreciáveis.

A presença de Jesus Cristo em nós, as disposições do seu coração a nosso respeito, a sua ação, o estado de imolação em que Ele se apresenta a seu Pai; tudo concorre para fazer dos instantes, que se seguem imediatamente a comunhão, o tempo mais precioso da nossa vida.

Antes da missa vós adoráveis o Filho de Deus no céu e no tabernáculo; depois da missa vós o adoráveis sobre o altar nas mãos do sacerdote; agora aonde adorais? Ele mora em vós e vós morais n'Ele.

Quanto é belo o momento em que podeis aplicar os vossos lábios ao lado aberto do Filho de Deus, beber a largos sorvos neste manancial de todas as bênçãos celestes! Ele põe à vossa disposição todo o seu poder e infinitas riquezas: *que quereis que eu vos faça* (Mc 10, 51). Ele está em vós e não é inativo.

É sentimento de muitos e sábios teólogos que os atos de virtudes praticadas logo depois da comunhão têm um mérito particular, como sendo produzidos por uma alma intimamente unida à alma do Salvador. Tudo o que fazeis então pelo movimento do seu espírito, Ele o faz convosco; vós adorais, Ele adora; agradeceis, Ele agradece. Os vossos atos identificados com os seus são de certa maneira teândricos ou divinamente humanos; nunca Deus vos contemplou com maior complacência do que nestes felizes momentos.

Em que estado vê Ele em vós este Filho bem-amado, objeto de todas as suas complacências? Vê-O abatido até ao nada, sacrificando-se pela sua Igreja e por vós em particular. Enquanto o tempo passa, e sem que penseis nisso, os anjos contemplam em vós inefáveis maravilhas. Pela alteração que sofrem as santas espécies, Jesus perde insensivelmente o seu ser sacramental; sobre o vosso coração como sobre um altar vivo, Ele sacrifica-se

atualmente a seu Pai, adorando-O, dando-lhe graças, orando-lhe por nós. Que é que seu Pai poderia recusar-vos em semelhante momento, se vós não pondeis obstáculo aos desígnios do seu amor?

III. A ação de graças depois da comunhão é um dever, cuja omissão seria grave irreverência e poderia causar funestos efeitos.

O apóstolo São João disse a respeito do pérfido Judas que depois de ter comungado saiu logo do cenáculo. Qual é, pois, a triste semelhança que tem com o mais odioso dos traidores aqueles que, havendo apenas deixado a Santa Mesa, desdenham refletir sobre a ação tão divina, entram logo na agitação e movimento dos negócios, levam para o meio do mundo o hóspede admirável que receberam, esquecendo-O no seu coração como um morto no túmulo? Onde está a fé? Que cegueira em um cristão!

Antes da comunhão e quando o sacerdote convidava todos os corações à ação de graças, ele respondia com toda a assembleia dos fiéis, que nada havia mais justo e racional; e eis que já falta ao seu dever quando este lhe era incomparavelmente mais exigido! Há a um momento apenas que ele protestava até três vezes, com todas as demonstrações de uma convicção profunda, que não merecia ser a habitação de um Deus tão santo, *Dominus, non sum dignus*; Senhor, eu não sou digno; e logo que este grande Deus se deu a ele com uma bondade, que abisma o céu e a terra, já não pensa no Senhor, nada tem que dizer-lhe nem homenagens a render-lhe e graças a pedir-lhe! Não deverá temer de trocar o amor mais terno em terrível cólera, quando falta por maneira tão ofensiva às intenções que são devidas ao Soberano Senhor do universo?

IV. Prática da ação de graças depois da comunhão.

É para se desejar que uma alma fiel não tenha necessidade de se prescrever método para bem empregar os preciosos momentos que seguem a comunhão; e que abandonando-se ao atrativo da graça, umas vezes contemple nela o Adorável Salvador e o escute em profundo silêncio, outras vezes lhe fale sobre a inspiração da sua

divina presença. Mas já que ainda então sentimos frequentemente a necessidade de sopear a nossa imaginação e dirigir-lhe as nossas faculdades interiores, indiquemos os atos que mais importa produzir para aproveitar abundantemente de uma visita que nos permite dizer: *o céu, mais que o céu, está no meu coração.*

Não é nossa intenção que nos liguemos rigorosamente a produzir todos estes atos ou demorar-nos igualmente sobre cada um deles, devemos seguir principalmente o atrativo da graça.

1º. Logo que hajamos recebido o pão dos anjos, concentremo-nos com Jesus no santuário do nosso coração e imponhamos silêncio a todas as criaturas e a nós mesmos:

“Deus está no seu templo, cale-se toda a terra diante dele. (Hab 2, 20)”

É muito útil ficar tanto tempo quanto se possa em silenciosa admiração, contemplando em si o Rei dos reis, o Senhor dos senhores. Suspendamos todos os movimentos da nossa alma em presença desta grandiosa e suave majestade, deixando que a adorável substância de Jesus penetre e transforme todas as nossas potências, tome posse completa de nós e substitua a nossa vida humana pela sua vida divina.

Não há nenhum modo de honrar a Deus que tenha mais relação com a sua grandeza soberana e convenha melhor à nossa nulidade, do que essa cessação momentânea de toda a ação, de todos os pensamentos e, por assim dizer, de toda a vida própria na sua presença, é confessar que Ele está infinitamente acima de tudo o que somos ao Ser Infinito, e dizer-lhe:

“Senhor, quem é semelhante a vós? (Sl 34 (35), 10)”

2º. Adoremos com Maria sempre em tranquilidade profunda o Verbo, que se encarnou em seu seio virginal e que habita em nós. Humilhemo-nos diante d’Ele tanto mais quanto Ele se humilhou por nós; adoremos esse Deus adorador, que se aniquilou por amor de nós diante do seu Pai; invoquemos todas as potências da nossa alma, todos os sentidos do nosso corpo, e digamos-lhe: *Vinde, adoremos a Deus, confundamo-nos na sua presença; como faria aquele que recebendo um príncipe em sua casa chamasse os seus criados, parentes e amigos para saudá-los todos juntos. Unamos*

nossas homenagens à dos anjos, que estão prostrados em torno de nós, convidando-os a adorá-l'O em nós e conosco.

3.º Mas o sentimento que deve dominar todos os outros é o amor. Que faríeis vós de nosso coração se não pudésseis dá-lo plenamente Àquele que emprega, para obtê-lo, atrações tão poderosas? Vós haveis posto fogo ao vosso seio; poderia Ele não abraçar-se com a bondade, ternura e abandono com que Jesus cuida só em vós? O amor faz tudo na ação de graças no bom cristão que acaba de comungar; é o amor que admira, adora e há de produzir os atos seguintes: agradecimento, oração, oblação.

Cheio dos divinos favores, considerai-vos como delegado de toda a Igreja, para tributar ao bem-feitor universal o reconhecimento que lhe é devido.

Rendei graças a Deus por todo o bem que Ele tem feito ao gênero humano, principalmente aos habitantes da pátria celestial. Que rendereis vós ao Senhor por todo o bem que Ele vos fez, vós apóstolos, mártires, confessores, virgens e sobretudo a Rainha dos Santos, a mais privilegiada e grata de todas as criaturas? Vós me convidais a glorificá-l'O convosco; e o cumprio agradecendo por vós e por mim.

Quanto me é suave adquirir alguns direitos à vossa gratidão, auxiliando-vos a desempenhar-vos da vossa! Graças a sua infinita misericórdia estou habilitado para pagar a vossa dívida e a minha, por imensas que sejam. Ele me deu o seu Filho, esplendor da sua glória, objeto de todas as suas complacências; e é esse Filho bem-amado que neste momento o louva e bendiz e agradece em mim, em nome de toda a Igreja, cujo chefe é.

Igreja da terra, Igreja do céu, louvemo-l'O, bendigamo-l'O com um dom que nos permite igualar o nosso reconhecimento aos seus benefícios. Haveis dado graças por vós e pelo mundo inteiro, orai também por vós e pelo mundo inteiro. Todo o poder foi colocado nas vossas mãos desde que Jesus Cristo entrou no vosso coração; e pelo crédito ilimitado que tendes sobre Ele, e por Ele sobre seu Pai, nada há que não possais obter. Orai, pois, por vós e por estas almas cuja salvação vos é cara. Vos diz Jesus: *Dai aos vossos desejos toda a extensão que vos aprouver; eu posso e quero satisfazê-los.*

Pecadores, justos, moribundos, orai por todos; mas particularmente pelo clero, cuja santificação procura para Deus tanta glória e dispensa à humanidade tantos socorros. Podeis servir-vos aqui da oração do Salvador depois da ceia:

“Meu pai, está chegada a hora, glorificai o vosso Filho a fim de que o vosso Filho vos glorifique. (Jo 17,1)”

Admiráveis palavras na boca de um cristão que acaba de comungar. Não percais de vista esta circunstância. Meu Pai; saboreai primeiramente um nome tão doce e não temais demorar-vos sobre ele demasiado tempo: **Pater!** *Sim, meu Pai; porque vós sois, Senhor, e eu o compreendo agora melhor que nunca; o dever do Pai é alimentar seus filhos; e que alimento me acabais vós de dar? Jesus, o vosso Filho, com o qual neste momento não faço senão um; Ele está em mim e eu n'Ele; o seu sangue corre nas minhas veias, as palpitações do seu coração juntam-se às do meu, e vendo-O, vós o vedes. Que negareis vós às orações de Jesus, que são as minhas? Venita hora!* Chegou a hora favorável aos desígnios do vosso amor. Chegou a hora ou nunca chegará de mostrar-vos o que sois: o melhor, mais terno e generoso dos pais; a hora de dar-me todas as graças, socorros e luzes que eu desejo ou posso desejar, ultrapassando até a medida dos meus desejos, porque o vosso Filho que está em mim, que ora em mim e comigo, merece infinitamente mais do que eu possa desejar: Glorificar o vosso Filho. Ele tomou o cuidado da vossa glória, cuidai vós também da sua. Para honrar-vos abateu-se e neste momento se imola sobre o altar do meu coração; dai, pois, ao Pai a glória que Ele deseja. A glória de um rico beneficente é socorrer os pobres, a de um médico curar, a do Salvador salvar. Não consentais que se possa dizer que Ele veio visitar um doente sem curá-lo, um indigente sem aliviar a sua miséria, um pecador arrependido que se lançou em seus braços sem santificá-lo e salvá-lo. Para que o vosso Filho vos glorifique, ó Pai de Jesus e meu, se me concedeis este favor, vós sereis glorificado, não tanto por mim como pelo vosso Filho em mim. Ele será no meu coração para abraçar-me com os fogos do vosso amor; no meu espírito para inspirar-me santos pensamentos; na minha boca para louvar-vos e bendizer-vos.

Depois da súplica a oblação. Oferecei-vos primeiro a Jesus Cristo, e depois Jesus Cristo a seu Pai. O Filho de Deus entregou-se a vós e pede que vos entregueis a Ele; fazei, pois, a um amigo tão generoso inteira e plena cessão de todo o vosso ser, entregando-lhe todas as vossas solitudes para o corpo e para a alma, para o tempo e para a eternidade, não tendo outro cuidado senão agradar-lhe; deixando-O dispor de vós, atuar e viver em vós como em uma casa onde tudo lhe pertence. Tendes um belo modelo desta oblação na súplica de Santo Inácio:

“Recebei, ó Senhor, a oferenda de todo o meu ser, aceitai a minha memória, entendimento e vontade sem reserva alguma. Tudo o que tenho, tudo o que sou, fostes vós que me destes; restituo-o completamente e abandonando-o para sempre à vossa vontade. Dai-me, ó meu Deus, o vosso amor e a vossa graça e serei rico de sobra; eu nada mais peço.”

Mas visto que Jesus Cristo está em nós, usai d’Ele segundo a sua intenção, oferecendo-O a seu Pai. Ele vos foi dado para suprir a tudo que vos falta; com Ele que pode faltar-vos ou que podeis temer? Será a insuficiência das vossas homenagens que pela vossa parte nada valem?

Vede, pois, em vós um Deus que desaparece na presença de Deus, pondo-se, por assim dizer aos seus pés; Ele lhe presta e vós lhe prestais, por intermédio d’Ele, homenagem equivalente à sua grandeza. Será a lembrança das vossas faltas, a imperfeição da vossa penitência, a ausência da verdadeira virtude que vos inquieta e assusta? Oferecei a Deus a penitência que Jesus Cristo fez por vós; a contrição do seu coração, a tristeza da sua alma, as dores do seu corpo, porque tudo isso vos pertence. Oferecei a santidade da sua vida para reparar as manchas da vossa, as suas virtudes pelos vossos vícios, a sua doçura pelas vossas impaciências, a sua humildade pela vossa soberba, e dissei-lhe: *Eu sou incapaz, ó meu Deus, de honrar-vos por mim mesmo. As trevas do meu espírito, as extravagâncias da minha imaginação não me permitem ter um pensamento digno de vós; mas eu vos ofereço o divino pensamento de Jesus; os louvores que Ele vos dá em mim agora e vos dará no céu, na eternidade.*

O meu coração é para vós de uma insensibilidade que me conturba, mas eu vos ofereço o coração de vosso Filho e todas as chamadas da

sua ardente caridade. Eu vos amo por esse coração adorável que vós me destes, e não me fazeis a pergunta que tanto contristou o príncipe dos vossos apóstolos: Tu amas-me? Porque eu vos responderia com ele e com toda a segurança: Sim, Senhor, eu vos amo, vós o sabeis e deveis estar contente com o meu amor, porque ele toma uma infinita perfeição no coração de Jesus que está em mim.

A conclusão da ação de graças é a resolução de traduzir em obras, no mesmo dia, os protestos de reconhecimento e dedicação que se fizeram a Jesus Cristo. Quando se recebeu semelhante testemunho do seu amor, está se impaciente para provar-lhe o próprio; só se anseia, só se busca a ocasião; *Domine, quid me vis faccere?* Que quereis que eu faça? Estamos prontos a empreender tudo e a tudo sofrer pela sua glória; trabalhos, fadigas, humilhações, contradições de toda a sorte. Vida de recolhimento, zelo, imolação, deve ser a ação de graças depois da comunhão, continuando sempre. Pensai naquilo em que deveis patentear a Deus que não esqueceste o favor incomparável, que d'Ele recebestes.

CAPÍTULO 20 – É NECESSÁRIO COMUNGAR, MAS QUANDO? QUE DEVERÁ PENSAR-SE DA COMUNHÃO FREQUENTE?

Quando o Salvador em um transporte do seu amor por nós, instituiu a Eucaristia, não determinou quando deveríamos comungar, e limitou-se a estabelecer a suavíssima obrigação: *isto é o meu corpo, tomai e comei: este é o meu sangue, tomai e bebei; em verdade, em verdade em vo-lo digo, se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós.* Não sabemos além disto até que ponto Ele deseja que contraiamos com Ele essa aliança inefável, que nos eleva a tão alevantado grau de honra, e nos proporciona tantos bens inapreciáveis.

Até nos sinais sensíveis deste augusto sacramento a intenção do Salvador se manifesta, sobre a sua instituição. Dá-se nos a Eucaristia para ser a refeição espiritual das nossas almas, como o pão e vinho são destinados à refeição do corpo. O pão exige uma boca que o coma, muito mais que uma custódia que o exiba.

Durante os sete primeiros séculos do cristianismo, a Igreja nada ordenou além do que dispusera o seu Adorável Esposo, para excitar seus filhos a frequentar o celeste banquete. Eles corriam pressurosos a tomar a comunhão, cheios de ardor e de alegria. No século oitavo, notando com dor que essa dedicação afrouxava, a Igreja impôs o preceito de comungar nas três principais festas do ano, Páscoa, Pentecostes e Natal.

Finalmente no século décimo terceiro, tornou-se tão grande o relaxamento, que a Igreja se viu obrigada a decretar, que excluiria do seu grêmio e não reconheceria como filhos aqueles que não comungassem ao menos uma vez por ano, na solenidade da Páscoa.

Por esta lei, tão penosa ao seu coração de mãe, estava ela longe de decidir que bastaria uma única comunhão anual, mas era esse o limite mínimo, que a sua bondade podia admitir.

A comunhão é, como já dissemos, para alma o que o alimento material é para o corpo. Uma abstinência excessiva pode determinar a morte; não é necessário recorrer ao veneno, para se cometer o suicídio; basta deixar-se morrer de fome.

Quanto à comunhão estamos sujeitos a três diversas leis: a lei de Deus ordena-nos que comunguemos, a lei da Igreja que façamos a comunhão ao menos pela Páscoa, e a lei natural que comunguemos tantas vezes quantas o pedir a conservação e o desenvolvimento da nossa vida espiritual.

Vamos tratar de um ponto delicado e importante: *a comunhão frequente*.

Bourdaloue tratou esta questão com a sua solidez e exatidão habituais.^[16] Mas para colocar esta doutrina, que é segura, ao alcance de todas as inteligências e posições, tomaremos para guias três autores que nos parecem ter tratado o assunto de modo mais concludente.

I. O Padre Claudio de la Colombière faz uma reflexão frisante sobre o afastamento que mostram tantos cristãos pela Santa Comunhão. Se antes do Salvador do mundo ter vindo à terra; se nesses séculos

de ferro e de rigor quando Deus se fazia chamar de O Deus Vingador, O Deus Forte, O Deus dos Exércitos; quando Ele não falava senão pela voz do trovão e castigava com a maior severidade as mais ligeiras faltas contra o respeito que lhe é devido; se nesses tempos ainda obscuros se houvesse previsto o que vimos depois; se os israelitas tivessem compreendido o sentido de todas as figuras da Eucaristia: o maná, o pão de Elias, os pães da proposição; se lhes tivessem dito que este Deus tão terrível se abaixaria até a descer à voz de todos os presbíteros, a deixar-se tocar, transportar, encerrar e expor aos ultrajes e ainda entrar nos nossos corpos pela comunhão tantas vezes quantas nos aprouver, teriam eles podido crer estes prodígios de abatimento e de amor da parte de um Deus tão grande? Teriam eles podido admitir, sobretudo, que os homens corresponderiam com tanta frieza a semelhante bondade? Presenciamos todos os dias uma insensibilidade que lhes teria parecido mais incrível que este mistério. Nunca eles persuadiriam que o Soberano Senhor abaixando-se assim, dando-se e prodigando-se, seria recusado na comunhão; e que se desgostariam deste pão celeste assim como do maná. Todavia, nós o vemos, este prodígio de cegueira é tão comum que quase se não repara nele. Pretende-se o afastamento da comunhão frequente por dois motivos, que, de ordinário, só são vãos pretextos.

O primeiro é o temor de faltar com o respeito devido à infinita majestade do Senhor; o segundo é o perigo de familiarizar-se com uma ação tão santa e expor-se por isso a torná-la não só inútil, mas contrária ao nosso interesse espiritual. Ora, é fácil demonstrar que na comunhão frequente há, em geral, mais glória para Deus e utilidade para nós. Este pretendido respeito assemelha-se muito à falsa modéstia de São Pedro quando recusava que Jesus Cristo lhe lavasse os pés antes da ceia; modéstia enganosa que foi condenada por um modo tão enérgico e que houvera perdido o santo apóstolo se ele não mudasse de sentimento:

“Se eu te não lavar os pés não terás parte comigo. (Jo 13, 8)”

Bem longe de privar-nos da comunhão por estes motivos de respeito por Deus e zelo pela nossa própria salvação, é certo que nos cumpre acercarmos dela com frequência por essas mesmas razões. Supomos sempre que falamos às almas cristãs, às quais,

embora imperfeitas, têm o temor de Deus e o desejo de salvar-se. Primeiramente não podemos negar que Jesus Cristo nos não tenha convidado muitas vezes a recebê-lo, instando-nos para isso energicamente. Prometeu a eternidade e a vida eterna àqueles que comungassem; ameaçou com a morte e a reprobção aqueles que se afastassem da sua mesa. Toda a gente sabe que para obedecer aos conselhos e preceitos do Evangelho, os primeiros cristãos recebiam todos os dias o corpo do Salvador, transformando-se este costume em uma espécie de lei eclesiástica. O Papa Santo Anacleto confirmou-a no princípio do século II de modo que, durante muito tempo, todo aquele que se havia tornado indigno de comungar, ou por qualquer motivo recusava fazê-lo, era obrigado a sair da igreja depois do Evangelho.

Devemos, pois, concluir daqui que Deus é muito honrado pela comunhão frequente; que vale muito mais acercar-se frequentemente da Santa Mesa por amor, do que abster-se por uma pretendida humildade, a menos que não queiramos sustentar que os primeiros cristãos e até os apóstolos ignoraram um gênero de culto e respeito pelo Salvador mais excelente, do que aquele que estabeleceram e praticaram. Demais todos, quantos têm combatido com mais calor o uso da comunhão frequente, reconhecem que todos os padres da Igreja, sem excetuar um só, exortaram os fiéis a adotarem esta prática. É verdade que nos convidam muitas vezes a aproximar-nos do altar com grande piedade, mas nunca a afastar-nos dele por respeito; e não duvidamos desafiar que nos apresentem um só nome que aconselhe esta sorte de humildade. Eles fazem todos consistir a religião profunda, que deve inspirar-nos este mistério no cuidado que devemos ter de purificar-nos por uma verdadeira penitência; mas em parte nenhuma dos seus escritos falam desse respeito, que nos excomunga a nós mesmos, representando-o como uma grande virtude. Seria possível que Jesus Cristo nos tivesse patenteado tão grande desejo de se dar a nós pela Eucaristia; que nos primeiros tempos da Igreja se houvesse introduzido e praticado por tanto tempo a comunhão cotidiana; que todos os Santos Padres nos exortassem ao frequente uso deste sacramento; que os concílios houvessem mostrado tanto zelo em restabelecer esse uso, onde ele se tinha perdido; se

houvesse mais virtude, méritos e honra para Deus, antes afastando-nos de que aproximando-nos da Santa Mesa, e se fossem na verdade mais respeitosos para com o Filho de Deus aqueles que mais raras vezes se apresentam a recebê-lo? Que virtude é essa que os maiores luminares da Igreja nunca descobriram e que a Igreja mesma nunca ensinou a seus filhos? Dir-nos-ão que nem na Escritura, nem nos Cânones dos Concílios, nem nas obras dos Padres, nem na história da Igreja se encontra traço ou exemplo desse respeito que afastar-nos da Sagrada Mesa; são convites com instância para que nos aproximemos dela e sendo possível todos os dias. Mas a quem se endereçam essas solicitações? Não é a pecadores como nós; referem-se só a essas grandes almas comparadas a águias, que se congregam aonde repousa o corpo de Jesus Cristo; são para as pessoas de eminente piedade que se purificaram das mais ligeiras imperfeições. A isso responderíamos que se houvesse verdadeira humildade, virtude sólida na abstenção da comunhão, seriam os maiores santos que nos dariam o exemplo como no-lo deixaram de todas as virtudes.

Leia-se todavia a vida de todos os heróis do cristianismo e achar-se-á que não são só os fiéis da primitiva Igreja, mas todos os que se alçaram à mais alta perfeição nos séculos seguintes, louvaram a comunhão frequente e esforçaram-se por introduzir-lhe e conservar-lhe o uso; que eles mesmos a praticaram e não julgaram desonrar a carne do Salvador nutrindo-se dela, quer todos os dias, como Santa Teresa, quer quase todos os dias, como Santa Catarina de Sena, ou muitas vezes por semana como Santo Elzeir e outros. Como podemos nós acreditar que vós adiais a comunhão em atenção à vossa indignidade, quando vemos que continuais todos os dias a tornar-vos mais indignos, multiplicando essas faltas mesmas que vos determinam a deferi-la? Começai a purificar o vosso coração para comungar dignamente, ou deixai de dizer que o que vos leva a deferir a comunhão é efeito do respeito interior que tendes pelo corpo de Jesus Cristo. Não será estranho querer fazer passar por virtude a afeição que tendes aos vossos hábitos viciosos, ao amor de uma falsa liberdade que se acharia contrariada pelas comunhões frequentes? Teme-se penetrar frequentemente em uma consciência conspurcada; receia-se a humilhação da confissão; e teme-se que

os prazeres não sejam só interrompidos por um ou alguns dias, mas perturbados por muito tempo ou até para sempre, pelos bons pensamentos, que costumam acompanhar as ações santas. Numa palavra, é necessário retirar-se ou da desordem ou da Mesa Sagrada, e prefere-se antes tomar este partido do que ser obrigado a viver cristãmente. Não é pela glória de Deus que se comunga o mais raras vezes possível; ainda menos o é pelo zelo da sua salvação.

Segundo. Todos os mestres da vida espiritual convêm que a melhor prova que podemos ter da bondade de uma prática religiosa é a reforma que ela opera nos costumes, o progresso na virtude e a perseverança no bem.

Se é verdade que milhares de almas não saíram da desordem ou de graves imperfeições senão por este modo, e não entraram em uma vida solidamente cristã senão por frequentes comunhões, não podemos abster-nos de aprovar esta prática. Trata-se, pois, aqui de consultar a experiência. Interrogai as pessoas verdadeiramente piedosas, mas que o não foram sempre; e elas vos responderão: *Enquanto as minhas comunhões foram distanciadas, conservei-me nos maus hábitos, que me pareceriam invencíveis; e não me desfiz deles senão multiplicando este grande ato religioso; e seria o demônio, que me induziria a prática tão salutar? Todas as vezes, que interrompi essa prática, senti-me mais fraco e tornei a cair nos meus primeiros desvarios. Logo que tornei a esse manancial de graças reconheci que o fervor se reanimava em mim. Eu sei que nunca uma alma piedosa se relaxa senão desprezando a frequência dos sacramentos. Se comungo frequentemente e descubro que em vez de avançar, recuo, em lugar de fortificar-me no amor do bem, enfraqueço-me; em vez de considerar-me em erro quanto à comunhão frequente, pensarei não de abster-me dela, mas aplicar-lhe mais santas disposições; terei motivo para temer que às minhas confissões falta a sinceridade, o arrependimento, a resolução.*

Se estais na desordem, sai dela o mais breve possível para comungar frequentemente; se sois imperfeito, comungai frequentemente para avançar na perfeição.

Acontece no uso da comunhão o que sucede nas ligações de amizade. A união dos corações alimenta-se pela vista e conversação frequente; dispensamo-nos sem custo de uma pessoa que se deixou sem pesar, e chegamos até a esquecê-la; a ausência arrefece e acaba até por extinguir as afeições mais vivas. Mas se acontece que abuso da comunhão e dela, não tiro proveito, não deve por isso abster-me dela, mas sim regulamentar a minha vida, emendando-me das más disposições que tornam estéril o mais poderoso de todos os meios de santificação. O partido que deve tomar não é deixar a comunhão, mas os vícios que me impedem de aproveitar-lhes os frutos.

Um alimento excelente pode ser tomado em condições que o façam inútil e até prejudicial. Demos um exemplo:

Um homem apaixonado pelo estudo ou absorvido pelo cuidado, que dá a um negócio, que julga importante, vai pôr-se à mesa depois de uma aplicação forte e prolongada; mesmo a comer passa no seu espírito as coisas que leu ou o assunto que ocupa o seu pensamento; apenas acaba de comer volta ao seu estudo e começa a aplicar-se com extrema contenção de espírito; que resulta daqui? Por esta aplicação forçada, impede o trabalho da digestão ou torna-a imperfeita; de modo que os alimentos em vez de alimentá-lo, corrompem-se no seu estômago, alteram o seu temperamento e arruínam a sua saúde. Se consultarmos todos os médicos mais hábeis acerca desta moléstia, haverá algum que prescreva ao doente não comer?

Todos lhe dirão que modere o seu ardor pelo estudo, que deixe os seus livros e o cuidado dos negócios antes de tomar a sua refeição; que procure desviar toda a preocupação, enquanto estiver à mesa e que antes de retomar o trabalho, que o ocupa, dê à natureza o tempo de obrar e assimilar os sucos alimentares que acaba de ingerir. Mas se este conselho lhe foi dado cem vezes e sempre inutilmente, o doente caminha necessariamente para a sua perda. Sucede o mesmo com o remédio que pode matar ou curar, segundo se seguem ou não as precauções prescritas. Chame-se o médico imediatamente e ele dirá sempre: *Se o doente se recusa a conformar-se com as minhas prescrições, que quereis que eu faça?*

Se ele é imprudente, obstinado e teimoso, a medicina não tem remédios para esta espécie de doença. Se está determinado a matar-se, pode comer ou deixar de comer; por um modo ou por outro morrerá.

Depois destas diversas considerações dirigimo-nos a três classes de cristãos de opiniões diversas, quanto à frequência da Mesa Eucarística.

Uns, em boa fé, pensam que convém comungar raras vezes; outros, adotando o louvável costume de comungar frequentemente, têm tirado pouco resultado; os terceiros sentem-se compelidos com um desejo ardente de santificar-se pela comunhão frequente. Diremos aos primeiros que há mais virtude e proveito em comungar frequentemente e pedimos-lhes que façam a experiência; desenganar-se-ão e sentir-se-ão cheios de força, luz e unção. Pediremos aos segundos, em nome de Jesus Cristo, que lhes testemunha tanto amor, que regulamentem a sua vida do modo que os fiéis se não escandalizem, tendo ocasião para atribuir à comunhão frequente o que não seria senão efeito do mau uso que se faz dela; porque é pouco edificante que pessoas que comungam frequentemente sejam sempre tão vãs, impacientes e arrebatadas, maledicentes e leves nas suas ações e discursos, como se o alimento divino não fosse senão pão material e comum. Sigamos o conselho de São Pedro:

“É vontade de Deus que pela nossa boa vida fechemos a boca aos homens ignorantes e insensatos. (1Pe 2, 15)”

Finalmente não poderíamos exortar em demasia aqueles a quem Deus inspira um ardente desejo de santificar-se ou de perseverar em uma sólida devoção, para que recebam frequentemente o corpo de Jesus Cristo. Meditem eles estas palavras do Concílio de Bale:

“Não é só coisa útil e salutar o comungar frequentemente, mas é uma prática absolutamente necessária àquele que não quer recuar, mas avançar no caminho do serviço de Deus e da vida perfeita.”

Que estas almas fiéis achem, pois, a Divina Eucaristia como seu escudo, remédio universal, asilo contra todos os perigos, apoio que deve torná-las inquebrantáveis, penhor e promessa da sua imortalidade.

II. O Padre Bretonneau, editor das obras de Bourdaloue e bom pregador, tratou o assunto que nos ocupa, com admiráveis precisão e lucidez. Todo o seu trabalho versa sobre estas duas verdades: *As comunhões devem ser frequentes, mas para serem frequentes, cumpre que sejam fervorosas.*

1.^a VERDADE. A COMUNHÃO DEVE SER FREQUENTE.

O autor prova-a *pela nossa extrema fraqueza, comparada à virtude poderosa do sacramento.*

Basta a nossa existência própria para nos convencer da nossa fraqueza; era o que o Real Profeta representava humildemente a Deus para tocar a sua misericórdia e implorar o seu auxílio:

“Tende piedade de mim, ó Senhor, auxiliai-me porque sou só enfermidade e miséria. (Sl 6, 2).”

Que a Eucaristia é remédio para nós o mais completo e eficaz; que ao fruto proibido, que perdeu nossos primeiros pais e com eles toda a sua posteridade, Jesus Cristo contrapôs esse elemento sagrado, que nos salva, curando-nos; nos fortifica, nos faz crescer e nos eleva ao grau de santidade mais sublime e perfeita; que todas as graças da salvação aí se acham contidas, como no seu manancial; é outra verdade e artigo de nossa fé do qual somos assaz instruídos desde que sabemos qual é o santo mistério, em cuja participação temos a fortuna de entrar.

Suposto isto, por um lado a fraqueza humana, pelo outro a força e virtude do sacramento, resultam três proposições evidentes:

1^a proposição. Fora do estado de pecado e da afeição a ele, nada há mais salutar do que a comunhão frequente, acompanhada de preparação conveniente.

Com efeito, quando não estamos em pecado nem afeiçoados voluntariamente a ele, somos, ou fiéis que prosseguem nas vias do Senhor, ou desses tíbios que se debilitaram, ou do número dos penitentes que acabam de voltar para Deus e de, por meio d’Ele, alcançar as graças. Neste estado de piedade é imprescindível perseverar, adiantar e aperfeiçoar-se; nesse estado de debilidade e frouxidão, é necessário retomar a primitiva atividade, despertar-se e

reanimar-se; nesse estado penitência, e por assim dizer de convalescença espiritual, cumpre fortificar-se, continuar-se, destruir os hábitos viciosos, repelir os ataques do pecado e precaver-se contra ele. Mas como lograremos nós estes felizes resultados? Por meio da graça e da sua poderosa eficácia; mas estas graças de rejuvenescimento, precaução e perseverança só podem deparar-se com segurança e abundância na união santa com Jesus Cristo e na participação frequente ao seu sacramento.

Não direi, pois: para que comungar a frequentemente?

Direi antes: visto que tantas quantas vezes eu comungo se me adiciona a graça e ela se multiplica em mim, cumpre-me, com todas as precauções necessárias, reiterar as minhas comunhões.

Não direi, pois: a minha vida consta só de imperfeições e fragilidades; a cada momento cometo faltas; devo esperar que tudo isto se corrija e comungarei por isso menos vezes.

Direi sim: o remédio é para os doentes e não para o que têm saúde; retardar a aplicação do remédio, até que se cure o mal, seria transtornar a ordem das coisas. É seguro, conforme o Concílio de Trento, que o remédio para estas imperfeições, fragilidades e faltas cotidianas é a comunhão.

Não direi, pois: sou um pecador, e se recupero a graça, as minhas feridas vertem ainda sangue; a obra da minha conversão está apenas esboçada; e neste estado como poderei comungar?

Mas direi: foi por causa dos pecadores que Salvador veio ao mundo, e é pelos pecadores que Ele se sacrificou. Dignou-se comer com eles, sem embargo dos murmúrios, que os fariseus levantavam; Ele ama os pecadores... Pelo sacramento da penitência, restituiu-me a vida; pelo sacramento do seu corpo quer sustentá-la, conservá-la e aperfeiçoá-la em mim.

2.^a proposição. Nada há mais perigoso para uma alma cristã, como afastar-se por muito tempo da Santa Comunhão.

Se depois de haver recebido o corpo de Nosso Senhor, não se aflorassem os sentimentos de fervor; se no futuro não houvesse que repelir assaltos, inimigos que vencer, embora e ainda nesse caso a religião e o amor nos solicitassem a comungar frequentemente,

poderia dizer-se que havia menos risco em nos privarmos deste auxiliar; mas o fundo da nossa fraqueza é inalterável, e as nossas propensões viciosas tendem sempre a predominar. Se puserdes grande intervalo entre vossas comunhões, a que vos não expondes? Segui o conselho de Santo Ambrósio:

“Comungai tantas vezes quantas puderdes; tomai um socorro que vos é indispensável; e até o tomai diário, para que todos os dias vos possais aproveitar dele.”

3.^a proposição. Não há humildade pior entendida do que aquele que afrouxasse o nosso ardor pela comunhão frequente, e cuja prática nos fosse retardada por semelhante pretexto, considerando o caso em geral.

Dizemos em geral, porque neste ponto pode haver almas, a quem Deus guie por modo especial, mas isso não pode ser modelo para todas. Também a humildade pode inspirar utilmente curtas interrupções nas comunhões; mas em todas as outras circunstâncias a humildade, que só tende a conservar a alma no afastamento da comunhão, é enganadora, aparente e ilusória; torna-se em tolice ou maldade. Tolice se obedecemos a conselhos sedutores e influências pouco esclarecidas; maldade, se é apenas o véu com que pretendemos encobrir a nossa laxidão. A isto se reduz a tal pretendida humildade.

Eis aqui a razão porque desde o estabelecimento da Igreja a comunhão frequente nos foi tanto recomendada, e os primeiros fiéis a praticarem tão universalmente.

Todavia, contra reflexões tão convincentes nunca faltam pretextos, vãs desculpas.

Na realidade todas elas se baseiam na má fé; resultam da tibieza, indiferença, ingratidão, respeitos humanos, obstinação, ilusão; e de tudo isso que devemos esperar a não serem consequências deploráveis? Mas passemos a outra consideração não menos importante que a primeira.

2.^a VERDADE. A COMUNHÃO, PARA SER FREQUENTE, DEVE SER FERVOROSA.

Admite-se que na comunhão frequente se introduzam algumas vezes imperfeições, que lhe alteram a virtude e podem suspender-

lhes quase a eficácia. É para evitar este abuso que formulamos outra verdade: *as comunhões, para serem frequentes, devem ser fervorosas*. E como deve isto suceder? Por três modos, porque exige-se aqui o fervor como princípio, meio e fim.

1.º O *princípio*, que induz à comunhão frequente, dever ser o fervor. Não se fala de um fervor sensível, que não depende de nós e é perigoso, mas de um fervor sólido. Consiste em um desejo sincero e intenção reta; desejo e intenção, que estão realmente na vontade, embora nem sempre se façam sentir. É o fervor de abnegação, de coragem, que nos aconselha a vencer-nos pelo amor de Deus e para cooperar à nossa santificação. Estas disposições são suficientes; mas infelizmente não raras vezes substitui-se-lhes o hábito, o costume, o respeito humano, erros vaidosos sobre a eficácia do sacramento, vã ostentação, emulação secreta, etc.

2.º Se o fervor deve ser o princípio da comunhão frequente, cumpre que o mesmo fervor a acompanhe. Humilde e respeitosamente, com o coração santificado e puro, cheios de amor e reconhecimento, devemos acercar-nos da Sagrada Mesa.

Felizes as almas, que experimentam estas disposições; não se inquietam todavia as que as não sentem por modo apreciável; porque gemem sobre o seu estado no que ele possa ser desagradável a Deus; cumpre porém que se humilhem e nada omitam do que deva fazê-las sair desse estado.

3.º Devemos obter na comunhão frequente novos alentos, porque são esses os efeitos, que ela deve produzir em nós.

Assim sucedia aos primeiros cristãos. Quão grande era o seu desinteresse; assiduidade na oração e visitas ao Santíssimo Sacramento! Que simplicidade de coração, concórdia e caridade recíproca! Até os pagãos se maravilhavam e diziam uns para os outros: *Vede como eles se amam*. Onde veio que um escritor sagrado disse:

“Entre eles só havia um coração e uma alma. (At 4, 32)”

Um dos escândalos mais funestos para a religião é o ver cristãos, alimentados pelo corpo de Jesus Cristo, afeiçoados às vaidades da terra, egoístas e ávidos de cômodos; eles, que comungam frequentemente, não se mostram mais recolhidos, vigilantes e

discretos nos seus atos; não se apresentam mais dados às coisas de Deus e à caridade para com o próximo, não se corrigindo nos seus defeitos, cheios de amor próprio, impacientes nas privações, tenazes nos seus sentimentos, etc. É estranho, diz São João Crisóstomo, que usando de alimento tão salutar, se padeçam tão grandes enfermidades. Fogo que não aquece, luz que não esclarece, santidade que não santifica, de onde provém isto? Do céu ou do inferno?

O fato não é, todavia, universal; a injustiça do mundo consiste em aplicar a todos o que é de alguns.

É verdade que os frutos da comunhão frequente são lentos, imperceptíveis, mas são reais e abundantes. As almas, como os corpos, crescem por graus insensíveis de dia para dia. Tempo virá em que os progressos se evidenciarão. Esperemo-lo e no entretanto disponhamo-nos por meio de frequentes comunhões, sempre fervorosas, para obter a vida eterna, que deve ser o seu galardão.

III. Sobre a Eucaristia escreveu o Padre Vaubert, mostrando as suas excelências infinitas e o modo de prestar-lhe honra. Aqueles que se sentem arrastados, para penetrar as excelências deste assombroso mistério, encontram nas suas obras assunto para estudo.

Imitando-o e para acabar de esclarecer o que havemos dito neste capítulo, vamos responder a várias questões sobre o uso da comunhão frequente.

1.^a QUESTÃO. Já que quanto à comunhão tudo depende das disposições, com que se faz, quais são as que se tornam necessárias para a comunhão frequente?

Resposta: Há de duas espécies, habituais e atuais.

1.º Disposições habituais. Deve entender-se por isto o grau de graça santificante e caridade a que a alma chegou.

Toda a gente concorda que para comungar bem é necessário estar em graça; mas nós adicionamos que não é essencial ter tocado uma grande perfeição.

O Papa Alexandre VIII condenou a opinião dos que sustentam que não deve comungar-se senão depois de haver adquirido um puríssimo amor de Deus, e esta decisão é doutrina dos Padres da Igreja. Deixemos falar São Cirilo primeiro de todos:

“Aplicai-vos com todas as vossas forças e purificai-vos dos vossos pecados, e quando tiverdes lançado os alicerces de uma boa vida, ide confiadamente à comunhão, sem embargo dos artifícios do demônio para iludir-vos. Ele começa por arrastar as almas a uma vida criminosa, e quando elas se acham oneradas de pecados, persuade-as a desviar-se da Mesa Sagrada, que poderia fazê-las sair dos seus desvarios. Por isto rompei as vossas algemas, sacudi o jugo do pecado, servi o Senhor com temor, e, renunciando aos prazeres pecaminosos, abeirai-vos da graça celeste, participando do corpo de Jesus Cristo e poreis em fuga o demônio.”

2.º Disposições atuais. Podem reduzir-se a quatro. Renunciar a toda afeição aos pecados veniais e pedir perdão dos cometidos. Desejar Nosso Senhor e excitar em si o desejo, como já expusemos; é nesse desejo que consiste a fome espiritual tanto recomendada pelos Padres. No momento da comunhão, recolher-se profundamente, afastar cuidadosamente todas as distrações, o que leva à atenção, respeito e devoção exigidas por este sacramento. Finalmente, depois da comunhão, vigiar sobre o coração e a imaginação e dar graças com toda a atenção possível.

Esses quatro deveres são da mais alta conveniência. São até necessários para auferir da comunhão todas as vantagens, que nela se encerram.

2ª QUESTÃO. Qual é o grau dessas disposições para comungar frequentemente e com fruto?

Resposta: Não devem exigir-se de toda a gente no mesmo grau de perfeição, mas em proporção com a capacidade, as luzes e as circunstâncias dos comungantes. Um secular, um homem do povo, medianamente instruído nos mistérios, não é obrigado a ter disposições tão perfeitas como um presbítero ou religioso; e uma pessoa que entra apenas no caminho da perfeição, também não pode fazer tanto como aquele que tem já feito notáveis progressos. Deus não exige os cinco talentos de quem só recebeu dois.

O rei ficaria satisfeito da recepção, que lhe faria um homem do campo, embora essa recepção não igualasse a que lhe poderia fazer um príncipe. Pelo inverso, não poderia estar satisfeito com a recepção, que lhe fizesse um príncipe, sendo esta inferior à que lhe faria um simples agricultor.

3.^a QUESTÃO: Segundo o que se tem dito acerca das disposições requeridas para a comunhão frequente, não seria consequência de que as pessoas muito imperfeitas poderiam comungar frequentemente?

Resposta: Distingamos duas sortes de cristãos com imperfeições. Uns querem permanecer nesse estado de imperfeição, outros querem sair dele.

Diremos ousadamente aos primeiros que eles se expõem muito a serem punidos pela sua covardia; porque, consoante os mestres da vida espiritual, o desejo de amar a Deus, de se tornar melhor, de tender eficazmente à perfeição deve ser um dos primeiros motivos das nossas comunhões. Mas os que querem sinceramente sair das suas imperfeições, e trabalham para isso, moralmente falando, fazendo quanto podem, nunca comungarão demais. Eis aqui o que a este respeito diz São Francisco de Sales, ele fala a uma alma, que quer fazer avançar na via da virtude perfeita:

“Se as pessoas mundanas vos perguntarem por que comungais tantas vezes, respondi-lhes que duas classes de pessoas o deverão fazer: os que são perfeitos, porque estando bem dispostos fariam mal se não se aproximassem do manancial de toda a perfeição; e os imperfeitos, para poderem justamente aspirar à perfeição; os fortes para que não enfraqueçam, os fracos para que se fortifiquem, os doentes para curarem-se, e os sãos para não adoecerem; e como vós sois fraco, imperfeito e doente tendes precisão de comungar repetidamente. Dizei-lhes que aqueles que não tem muitos negócios mundanos devem comungar frequentemente, porque têm vagar; e que os muito ocupados o devem fazer igualmente por necessidade. Dizei-lhe que recebeis o Santíssimo Sacramento para aprender a recebê-lo bem, porque não se faz de ordinário bem o que se pratica poucas vezes. Comungai com frequência, Filoteia, e as mais das vezes que puderdes, com o conselho do vosso diretor; e notai que as lebres se fazem brancas nas nossas montanhas, durante o inverno, porque só veem e comem neve; assim também à força de adorar e de comer a beleza, a pureza e a bondade, neste divino mistério, vos fazeis bela, pura e realmente boa.”

Haverá coisa mais consoladora para as almas ainda imperfeitas, que tem, todavia, verdadeiro desejo de aperfeiçoar-se?

4ª QUESTÃO. Quando nos sentirmos tentados não valerá melhor que passe a tentação antes de comungar, enquanto ela dura?

Resposta: É como se nos perguntassem se é melhor depor as armas, quando o inimigo nos ataca, ou servir-nos delas para a defesa; porque sabe-se, segundo os Padres da Igreja, que deparamos na Eucaristia armas poderosas para triunfar de todos os inimigos.

Se houvesse algumas tentações, que devessem afastar da comunhão, seriam as que se referem à pureza e à caridade, e sem embargo todos os mestres da vida espiritual no-la aconselham então como meio de dominá-las.

São Pedro Damiano, escrevendo a um jovem extremamente propenso ao vício da carne, exorta-o à comunhão frequente, para fortificar-se contra esta deplorável tendência; e o Padre Luiz Lallomant acrescenta que o frequente uso da Eucaristia destrói a origem de todas as tentações. Diz ele:

“Nosso Senhor, unindo o seu ao nosso corpo, a sua à nossa alma, consome em nós os germens dos nossos vícios e comunica-nos pouco a pouco o seu divino temperamento com as suas perfeições, conforme a nossa disposição, e a liberdade que deixamos à sua ação.”

5.ª QUESTÃO. Duas pessoas igualmente dispostas à comunhão, uma das quais se aparta dela por humildade e outra se aproxima com o mesmo respeito, prestam por igual a honra devida à Eucaristia?

Resposta: Falar deste modo e querer igualar a honra que se presta ao Filho de Deus, recebendo-O com humildade, com a que se lhe rende, privando-se da comunhão por esse mesmo sentimento, é ignorar a natureza da *honra* que devemos a Jesus Cristo, e o caráter da verdadeira *humildade*.

1.º Eu afirmo que é aquele que se aproxima da Sagrada Mesa quem melhor compreende a honra devida a Jesus Cristo. Para compreender isto, é preciso saber em que consiste a honra que devemos a Deus.

Honrar a Deus, diz Santo Tomás, é dar-lhe provas da altíssima ideia que fazemos das suas perfeições. Aquele que se acerca da mesa da comunhão, com humildade e confiança, mostra que forma uma ideia elevada da bondade e misericórdia do Salvador; o que não demonstra quem se retira estando em circunstâncias de comungar. Fazer bem àqueles que o merecem, é apenas efeito de uma bondade comum; mas fazê-lo àqueles que, por confissão própria, se consideram indignos, é só da bondade divina. Quando, pois, vos desviais da Santa Mesa, podendo aproximar-vos dela, estais persuadidos ou não que Jesus Cristo vos quer fazer bem embora o não mereçais? Se o não estais, desonrais o Salvador, e não tendes pela sua bondade a estima que vos cumpre ter; se o estais, porque vos retirais da Santa Mesa, onde Ele espalha com tanta abundância das riquezas do seu amor?

Mais e mais; é certo que o que mais honra a Deus é o exercício das virtudes, e o que torna as nossas ações mais agradáveis aos seus olhos, é a obediência. Não basta, para ser-lhe agradável, fazer o bem que exige de nós. Deus rejeita os jejuns do povo israelita, porque jejuando, este povo só procurava a sua vontade própria (Is 58, 3). Pelo contrário faz altos elogios a Davi, chamando-o de homem consoante o seu coração; porque em vez de procurar a si nas suas obras, só procurou a vontade do Senhor (At 13, 22).

Posto isto, vós que por humildade vos abstendes da comunhão, estando em circunstâncias de fazê-la, podereis não reconhecer que atendeis a vós mesmos, e não seguis as intenções de Jesus Cristo? Quando este Bom Senhor prometeu que nos daria o seu corpo e o seu sangue, não disse Ele sempre que era para alimentar nossas almas? Disse Ele alguma vez que era só para receber as nossas adorações e os testemunhos de nosso respeito? Disse simplesmente: *tomai e comei*. Não procedeis, pois, em harmonia com os seus desejos, quando vos contentais de humilhar-vos na sua presença.

2.º Sustento, em segundo lugar, que nas circunstâncias dadas, aquele que comunga mostra mais humildade do que o que se abstém. Com efeito, a verdadeira humildade não está só nos lábios, mas tem a sua sede no coração; não consiste em dizer que estamos

cheios de misérias, mas sim em ter delas uma dor profunda. Nas enfermidades do corpo, tanto mais se conhece o perigo, quanto se forceja por dar-lhe remédio; tanto mais um cristão sente vivamente as suas enfermidades, fraquezas, más propensões e perigos, tanto mais ele deve comungar porque está convencido que não há meio mais eficaz para sair desse estado que o aflige. Quando o filho pródigo veio implorar a misericórdia de seu pai, embora se não considerasse digno ser chamado de seu filho, não recusou, todavia, o vestido que seu pai lhe ofereceu nem tomar parte à sua mesa.

Aprendamos daqui que embora estejamos persuadidos que não somos bastantemente dignos, não devemos privar-nos da Mesa Sagrada, onde se nos dá a comer o Cordeiro Imaculado, pelo qual são apagados os pecados do mundo. Embora em geral se preste a Jesus Cristo uma honra, que lhe é mais agradável, e se pratique a humildade por um modo mais perfeito, antes acercando-nos, do que afastando-nos da Mesa Santa, é, contudo, verdade que podemos algumas vezes e em certas circunstâncias privar-nos da comunhão para despertar o nosso fervor por esta abstinência passageira.

No tempo de Santo Agostinho, tendo-se levantado uma questão a este respeito entre os fiéis, sustentando uns que era necessário comungar todos os dias, e outros que convinha algumas vezes a abstenção, o santo doutor nada quis decidir absolutamente; observemos, todavia, que se tratava da comunhão cotidiana. O célebre teólogo Suarez ensina também que aqueles que comungam muitas vezes, podem de tempos a tempos afastar-se da Mesa Sagrada, para aumentar o respeito, que é devido a este augusto sacramento; mas acrescenta que esta abstenção deve ser rara, extraordinária e de pouca duração, para que não suceda a desgraça de que fala o profeta quando disse:

“Fui varrido como a erva dos campos e o meu coração se dessecou, porque deixei de comer o meu pão. (Sl 101 (102), 5)”

Eu volto para vós, almas piedosas, que não tendes temores excessivos senão pela ignorância ou esquecimento do amor, que tem para nós Jesus Cristo, o grande reparador de todos os males. Vós desejais a paz tanto mais quanto rara vez lhe gozais as doçuras; não pergunteis onde ela está; sabeis agora que ela se

acha seguramente à sombra dos nossos santuários, em presença do tabernáculo onde o Salvador reside, ao pé do altar, sobre o qual Ele é imolado, e principalmente à mesa onde Ele se dá sem reserva e com uma bondade tão compassiva.

Com que alegria deve estremecer o vosso coração, quando escuta isso que o sacerdote vos diz nesse momento solene: *Que o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo guarde tua alma para a vida eterna!* Será um voto, que ele formula, ou uma predição, que faz? Será uma coisa e outra se o quiserdes; por que será possível dar à vossa esperança fundamento mais sólido, à vossa predestinação penhor mais certo? Diz o Espírito Santo:

“Quando um homem forte e bem armado guarda a sua casa, tudo está aí em paz e tudo quanto possui está em segurança. (Lc 11, 21)”

Depois da comunhão Jesus está em vós e vós sois a sua morada; Ele guarda-vos armado da sua onipotência e do seu amor invencível; quem poderia arrancar-vos dos seus braços e coração? Temos combatido a tristeza e o temor imoderado que entibiam as almas; vamos agora confortá-las incitando-as à alegria.

O Padre Lombez, que fez um tão belo livro sobre a paz, não haveria satisfeito plenamente ao seu intento se lhe não houvesse adicionado um tratado sobre a alegria espiritual: esta depende da esperança, fundamento da paz, como o efeito da sua causa; o Espírito Santo disse:

“Alegrem-se todos aqueles que esperam em vós, ó Senhor: permaneçam eles em eternos transportes de alegria, porque eternamente vós morais neles. (Sl 5, 12)”

Para terminar esta primeira parte por um capítulo sobre este assunto, diremos que ideia devemos fazer desta santa alegria e até que ponto ela é útil e necessária para a nossa santificação.

A) Verdadeira ideia da alegria espiritual.

São Paulo nos expõe esta alegria com clareza e precisão na sua epístola aos filipenses:

“Meus irmãos, regozijai-vos sem cessar no Senhor; mais uma vez vo-lo digo, regozijai-vos. Seja a vossa modéstia conhecida de todo o mundo; o Senhor está próximo. Não vos inquieteis de coisa alguma; mas em

qualquer estado que vos encontréis apresentai a Deus os vossos pedidos por meio de súplicas, acompanhadas de ações de graças. (Fl 4, 4-6).”

Nós temos neste texto os caracteres e motivos de uma alegria solidamente cristã. É de Deus que ela dimana e por isso é constante e inalterável. A alegria que provém das paixões satisfeitas passa como uma torrente, que seca bem depressa e não deixa após si senão um lodo impuro. Aquela que provém das criaturas, ainda supondo-a inocente, é, pelo menos, superficial e transitória como as criaturas que a ocasionam. Só a alegria espiritual pode encher completamente o coração e lucrar sempre, porque o manancial não se exaure. Ela é *modesta* e nada tem de comum com as alegrias loucas e turbulentas do mundo. O apóstolo diz que ela é fundada sobre a nossa fé, na presença de Deus, no seu poder, na sua bondade e fidelidade às suas promessas; de onde nasce em nós o sentimento de confiança. Quem poderá inquietar-nos? Deus está em toda a parte, Ele vê tudo e quer sempre a nossa felicidade. Os seus tesouros são nossos; colocou a chave entre as nossas mãos, que consistem na *oração*, e deseja que façamos uso dela. Animados pela lembrança dos benefícios já recebidos, a oração alcança tudo; a alegria espiritual é em nós um dom do Espírito Santo e um princípio de participação na alegria de Deus mesmo; sobre a terra ela cai gota a gota sobre o coração dos eleitos; no céu é um rio que os inunda.

Em que consiste, pois, o regozijo no Senhor? Procurar n’Ele, no seu serviço e amor todas as nossas satisfações. Regozijo-me em Deus, quando me comprazo no cumprimento da sua vontade, me felicito de ser servo de tão Bom Senhor, filho de um Pai tão generoso e eterno; quando me alegro com o amor que Ele tem por mim, as provas que me dá e os bens que espero; mas ainda mais e por modo mais perfeito me regozijo em Deus, quando com grande prazer contemplo as suas infinitas perfeições, a sua independência absoluta, felicidade suprema, imperturbável e inalterável ante os atentados dos maus corações e então a minha alegria é o amor do filho que se apraz a contemplar seu Pai e sente-se feliz com a sua felicidade.

B) A nossa alegria espiritual é muito agradável a Deus.

Deus criou-nos à sua imagem e quer que lhe sejamos semelhantes tanto quanto cabe em nós; pelas nossas tristezas, desfiguramos essa imagem divina; porque Deus é a alegria assim como é a caridade. Não há página alguma dos livros sagrados onde se não encontrem solicitações enérgicas, para que os pecadores se convertam, e convite aos justos para que se regozijem. É tão agradável a Deus a nossa alegria, quando Ele é objeto dela, que é um meio de obtermos a satisfação de todos os nossos votos (Sl 36 (37), 4). Eis aqui porque a Igreja, intérprete fiel de seu Adorável Esposo, nos exorta com tanta vivacidade para a alegria espiritual. Ela sabe que nada faz mais honra ao jugo de Jesus Cristo do que a serenidade, que resplandece no rosto daqueles que a suportam. Desde que começa a oração pública excita-nos aos júbilos e transportes de uma santa alegria (Sl 94 (95)). Ainda no tempo que consagra à penitência, que é o advento e a quaresma, ela interrompe os seus gemidos para nos convidar ao regozijo. A alegria é o fruto da graça, dom do Espírito Santo e bem das almas justas e fiéis, às quais ninguém pode contestar a posse. Quereis procurar o Senhor e pertencer-lhe completamente; basta: tendes direito de regozijar-vos. Quantas vezes nos exorta Ele aos júbilos, aos transportes de alegria e aos cânticos de satisfação. Louvai-O dignamente e por isso vos sentireis felizes em servi-l'O.

É principalmente a vosso respeito que se pode dizer, que Deus vos cobre com as suas asas, como a galinha cobre os seus franguinhos no momento da tempestade.

Não digais que se é prescrita a alegria também o é o temor. Não é Deus que ordena o temor, a opressão e as inquietações; o temor que preceitua está, ao contrário, numa santa alegria; é ainda o Rei Profeta que no-lo ensina:

“Que o meu coração se regozije, ó meu Deus, afim que eu tema o vosso nome. (Sl 104 (105), 3)”

Diz o sábio:

“O temor do Senhor é assunto de alegria e coroa de regozijo; ele encherá o coração do justo e depois de o haver preservado do pecado, dar-lhe-á a paz e a salvação. (Eccl 1, 11-13)”

Se fizerdes uma oferenda a Deus, não vos mostreis triste porque ele ama o que dá com alegria. Se entrardes num templo para orar mostre-se a alegria no vosso rosto, porque Deus tem desígnio de regozijar-vos na sua casa (Is 56, 7).

C) A alegria é útil e necessária à nossa santificação.

Basta uma simples reflexão para prová-lo: nós acabamos de ver que Deus quer a nossa alegria e sempre; ela não é, pois, só útil, mas necessária à nossa santificação, porque na realidade uma só coisa nos santifica: fazer a vontade de Deus. Esta necessidade absoluta da alegria espiritual não admirará aqueles que aprofundarem este oráculo da escritura:

“A alegria do coração é a vida do homem e um tesouro inesgotável de santidade. (Eccl 30, 23)”

Ela é um baluarte que protege a inocência ou meio poderoso de reparar-lhe a perda.

Se fordes tentado e se a tristeza se apossar do vosso coração, vedes-vos envolvidos em trevas, perdeis as vossas forças e sois vencido; se, pelo contrário, tendes a alegria da esperança, Deus vos libertará porque o prometeu; e a vossa esperança o obrigaria a isso. Se pecastes, a esperança do perdão virá tranquilizar a vossa alma, perturbada pela primeira impressão da queda; porque ela vos levará a Deus e à sua misericórdia e vos restituirá a saúde. Se se trata do cumprimento dos vossos deveres nada o facilita tanto como a santa alegria, porque quando o coração está contente nada lhe custa. Assim sempre se notou que os melhores santos eram os mais propensos para a alegria. Os solitários no meio dos seus desertos experimentavam transportes que nunca conheceram os grandes do mundo nas delícias da opulência. Essa alegria pintada no seu rosto inundava seus corações e transparecia em todas as suas palavras e ações. São Lucas observa que os apóstolos quando saíam do conselho dos judeus, que os haviam maltratado, caminhavam com a fronte erguida e faziam manifestar a sua alegria. São Filipe Néri dizia mostrando Santo Inácio: *Eis aqui um homem que tem cara do paraíso.*

O mesmo Santo Inácio foi lançado em um calabouço em Salamanca, e tratado como malfeitor, com os pés e mãos

algemadas; e, contudo, nunca homem algum pareceu mais contente da sua sorte. Vieram pessoas de toda a parte contemplar essa serenidade e ar de felicidade que tocava a todos e estes, ao deixá-lo, diziam: *Realmente eu vi Paulo nos ferros.*

Os seus amigos deixam escapar algumas palavras de consolação, mas ele só quer receber parabéns. Disse ele:

“Saiba-o, Salamanca, que por mais algemas que ela tenha, eu quisera muitas mais sobre mim pelo amor de Jesus Cristo.”

Xavier queixa-se do excesso da sua própria alegria e teme que a sua felicidade não diminua o desinteresse do seu amor:

“Basta Senhor, basta; reservai para outrem vida de tanta felicidade.”

E que seria se pudéssemos descrever as alegrias eucarísticas? Não disse Santo Tomás que Deus tinha oculto neste mistério a origem das mais doces consolações? Exclama Santo Eusébio:

“Ó! Pão dos anjos! Em vós se deparam todas as alegrias, prazeres santos e bens apetecíveis.”

Como poderíamos nós sentir o coração de Jesus bater no nosso próprio coração, sem nos sentirmos inebriados de delícias? Senhor Jesus, se eu vos amo gozarei sempre uma alegria inefável; mas também se tenho alegria espiritual amar-vos-ei; porque ela dilata o coração e abre-o às doces impressões do amor. Ó meu Deus! Dai-me o vosso amor, dai-me a alegria que provém desse amor; só então nada poderá separar-me de vós nem perturbar a minha felicidade. A nossa devoção para com a Eucaristia é o primeiro fundamento de onde dimana a paz da alma; o abandono aos cuidados da Providência é outro que não é menos sólido e fecundo.

SEGUNDA PARTE – ABANDONO AOS CUIDADOS DA PROVIDÊNCIA

Jesus Cristo, por assim dizer, esgotou todas as riquezas do seu coração para dar-nos a paz da alma. Depois dos mistérios do seu nascimento, da sua vida e morte e principalmente depois da Eucaristia com o seu altar, tabernáculo e divina mesa; tem direito de dizer-nos: *Ó homens! Que poderia eu fazer mais do que fiz para estabelecer-vos nessa esperança, que nunca é confundida, e pela alegria que infunde, é precursora da celeste felicidade?*

E que exige este Divino Senhor de nós para corresponder a tanto amor e para que Ele realize em nós os desígnios da sua misericórdia? A coisa mais simples que é possível: basta que sejamos homens de boa vontade. Ora, não há vontade melhor do que a que se identifica com a de Deus, só desejando e procurando que ela se cumpra; e eis aqui precisamente em que consiste o abandono aos cuidados da Providência, de que encontramos tantos exemplos que nos deixaram o Salvador e todos os santos.

Nesta parte nada direi por mim próprio, mas darei a palavra aos mestres da vida espiritual mais autorizados.

Começaremos este resumo de pensamentos consoladores pelos que se encontram em uma obra que está esquecida em demasia e merece ser lembrada. Falo do *Tratado da Confiança e na Misericórdia de Deus* por Monsenhor Languet^[17], Bispo de Soissons, que foi impresso pela primeira vez em 1718. Com dificuldade se encontraria livro mais próprio para consolar e dilatar os corações. O *Tratado* divide-se em duas partes: na primeira estabelecem-se as provas sólidas da confiança que devemos ter na divina misericórdia; na segunda responde-se às objeções que o receio sugere às almas timoratas. Demos substância de uma e de outra com leves modificações.

PRIMEIRA SEÇÃO – MONSENHOR JEAN- JOSEPH LANGUET DE GERGY

CAPÍTULO 1 – TRATADO DA CONFIANÇA EM DEUS

Depois de haver explicado que gênero de temor ele vai combater, o autor anuncia que se endereça a esses cristãos, que sinceramente se entregaram a Deus, mas que, assustados com a terrível ideia de seu julgamento, esquecem o que um Deus-Homem, Deus-Menino e Deus-Eucarístico tem de amável e consolador, para só se ocuparem do que um Deus juiz e vingador tem de assustador e terrível; de onde resulta que mal podem esperar n'Ele. O amor divino, que para outros tem tanta suavidade, não tem de sensível para eles senão o temor de não amar bastante. Todavia, eles amam a Deus, mas o temor faz-se mais sentir neles do que o amor. Para grande número de cristãos, é conveniente que sejam conduzidos por esta via, porque só um temor excessivo pode conter os corações naturalmente vaidosos; daqui provém que Deus faz muitas vezes experimentar às almas mais fervorosas, impressões de terror e desalento para contê-las na humildade e reprimir o orgulho que poderia causar a abundância das graças que recebem. Longe de condenar estes sentimentos, cumpre admirar a bondade de Deus, que quer abater-se até estudar de alguma forma as nossas disposições naturais para proporcionar-lhe as suas graças e acomodar-se às nossas fraquezas. Mas se algumas vezes é necessário intimidar não é menos importante infundir coragem; e já que o temor tem seus defeitos, excessos e perigos, é necessário também que tenha preservativos e remédios.

1.º Entre os maus efeitos do temor excessivo, devemos apontar o desalento. Quando nos entregamos demasiadamente às impressões do temor, sentimo-nos perturbados e agitados, sobrevindo a amargura e o desgosto. Daqui ao desalento medeia um passo. Neste profundo abatimento é difícil resistir à tentação que nos impulsiona a sair de um caminho, onde só se encontram sofrimentos e se colhem espinhos. O homem, segundo São

Bernardo, não pode viver sobre a terra sem consolações; e se não é mantido na virtude por alguma doçura, suportará dificilmente o constrangimento que ela exige. A mesma verdade se encontra em São Gregório:

“O coração humano tem necessidade de gozos; se não encontra em cima, procura-os embaixo.”

O que equivale a dizer que se os não encontra na virtude, procura-os no vício. É verdade que esse constrangimento e os rigores da penitência são facilmente aceites por aquele que ama e goza todas as doçuras da esperança, mas aquele que não tem senão um coração assustado e amor tímido, é para lamentar. Por isso vemos nós frequentemente as almas devoradas pelo escrúpulo procurar cedo ou tarde na dissipação dos prazeres e na satisfação dos sentidos, gozos que não puderam encontrar na piedade, conhecendo-a só por aquilo que lá tem de austero e assustador. Esse temor não só arrasta ao desalento, mas produz uma grande fraqueza naquele que se deixa dominar. Um exército está já meio vencido quando teme sê-lo; pelo contrário a confiança do soldado que se crê já vencedor duplica as suas forças e coragem. É, pois, certo, que a esperança é um dos meios mais eficazes para operar a nossa salvação e não é em vão que está escrito:

“É a esperança que nos salva. (Rm 8, 24)”

2.º Se o temor levado ao excesso não vai até ao desalento, produz, pelo menos, a tristeza e basta esta para torná-lo criminoso e funesto.

Disto nos convenceremos se considerarmos quanto esta tristeza é injuriosa a Deus, o qual quer que o sirvamos com um coração alegre e contente e exige que a alegria do coração acompanhe as oferendas que se lhe apresentam (2Cor 9, 7).

Haverá coisa mais penosa para um pai, que ama seus filhos com ternura, do que vê-los acercados em torno dele com um aspecto onde nunca lampeja a alegria, tremendo sempre e nunca respondendo aos seus afagos senão pelo terror? Acrescentaremos que essa tristeza faz grande mal à devoção, porque desgosta a gente do mundo, fazendo que olhem o serviço de Deus como uma terra que devora os seus habitantes, jugo opressivo e desprovido de

toda a suavidade. Que deverá pensar um homem, que não conhece as doçuras da virtude e as consolações da penitência, quando só vê nos que fazem profissão de ser cristãos exterioridades austeras, a fronte carregada e o olhar sombrio, falando apenas do rigor das vinganças divinas? Não o afastaria isso de um estado em que não experimentaria senão inconvenientes? Resultam daqui das expressões tão enérgicas de que serve a Escritura para nos desviar da tristeza. Diz o Sábio:

“A tristeza debilita a alma e abate-a. (Pr 15, 3)”

Desterrai a tristeza do vosso coração, expulsai-a para longe de vós, como um mal cuja aproximação deveis temer; a tristeza foi para muitos a causa da sua perda. O que os vermes são para o pau que roem, é a tristeza para o coração do homem; ela devora-o, consume-o e torna-o incapaz de todo o bem. A tristeza do coração é uma úlcera universal (Eclo 25, 17).

3.º Outro efeito deplorável do temor excessivo é o enfraquecimento na ternura do amor de Deus. Habitua-se os fiéis a formar ideias sublimes sobre a religião; ensinam-lhes a raciocinar sobre o infinito amor divino, mas não lhe fazem conhecer esse amor; parecem ignorar que um dos seus mais belos caracteres é a ternura. Fácil é prová-lo.

O nosso amor para com Deus deve corresponder àquele que Deus tem para conosco e ao que Jesus Cristo mostrou por provas tão decisivas. Compraze-me em representar a Deus tal qual Ele se mostra a nós na Sagrada Escritura, porque aí Ele se patenteia à nossa admiração, retratando-se a si mesmo, umas vezes como uma *ama que acaricia um menino ao seu seio*, não se cansando deste fardo, e sem dar importância aos seus gritos e teimas, acarinha-o e abraça-o dando-lhe até de mamar; outras vezes como um *pastor* que não pode consolar-se de ter perdido uma ovelha entre cem; este pastor corre em procura desta ovelha e não descansa enquanto a não encontra (Lc 15, 4). Quanto não é consolador ouvi-lo dizer: *Meu filho, dá-me o teu coração*; e para obtê-lo nos oferece o seu com todo o seu amor. Se as inquietações do amor provam a sua vivacidade, que coisa haverá mais comovente do que a pintura das que Ele experimenta quando nos chama e espera?

Ele se interroga: *Tenho feito bastante? Que posso eu fazer mais?* Gemendo pergunta-o a todas as criaturas que são testemunhas dos seus cuidados e solicitações. Queixa-se a elas do pouco sucesso do seu amor e da frouxidão com que lhe correspondemos. Um Deus que geme quando pode fulminar, limitando-se a lamentar-se, merece bem que nós o amemos ternamente! O Evangelho no-l'ô mostra chorando sobre nós. Poderemos esquecer cena tão comovedora?

Jesus avizinha-se de Jerusalém e vê nesta cidade uma figura da Igreja, que vai formar, e uma imagem dos nossos corações, que quer ganhar; e logo derrama lágrimas sobre essa cidade infiel, parecendo não ouvir os cânticos festivos, que se levantam em torno d'Ele. Preocupa-se apenas dos males de Jerusalém e dos nossos. Há outra razão que exige que amemos a Deus ternamente. O verdadeiro amor divino não é só o amor de reconhecimento, mas também de complacência, mas tal como deve encontrar-se entre os esposos, porque a esta honra, Deus eleva as nossas almas conferindo-nos este título. Poderão os nossos corações ser tão sensíveis para as criaturas, dispensando-nos de sê-lo para o amor do nosso Deus?

Somos tão atenciosos para um amigo, para um benfeitor, ou para nosso pai; uma mãe é solícita para seu filho e um esposo para sua esposa; a presença dos que amamos dilata o nosso coração e enche-nos de alegria; a sua ausência causa-nos lástima e desgosto, envenenando os prazeres da família mais deliciosos; o risco que correm é para nós motivo de lágrimas e nada pode tranquilizar-nos; a sua perda transforma-nos em tristeza; gememos, lastimamo-nos, recusamos o alimento; negamo-nos a receber qualquer consolação: porque razão este coração tão sensível, terno e cheio de afetos não sentiria para com Deus o mesmo amor e esse amor não produziria nele os mesmos efeitos?

É, pois, necessário que o nosso amor para com Deus tenha essa ternura ou que a desejemos ao menos. Haverá meio mais próprio para no-la dar do que a confiança n'Aquele cuja bondade conhecemos e cujas misericórdias experimentamos todos os dias? Nenhum motivo é mais capaz de excitar em vós esses sentimentos

como esta reflexão: Tenho em Deus um Pai que tem por mim um amor infinito; Ele prepara-me uma herança magnífica e essa herança é a sua própria felicidade. Sem embargo das minhas misérias e fraquezas Ele quer fazer-me santo e dar-me parte na sua beatitude. Ele conhece todos os meus desvarios e as minhas enfermidades, e sem embargo, suporta-me com paciência e desculpa as minhas faltas; dissimula-as e perdoa-as, e embora seja justo só me deixa aperceber as suas misericórdias.

São Paulo excitava em si estes ternos sentimentos quando dizia:

“Eu sei em quem tenho depositado a minha confiança e tenho a certeza de que ela não será iludida. (2Tm 1, 12)”

Forte do seu amor e da sua esperança, julgava-se capaz de resistir a todas as provações. Ousava desafiar *todas as criaturas a afastá-lo da caridade de Jesus Cristo* (Rm 8, 35).

A confiança deve produzir em nós o mesmo efeito e o produz em toda a parte onde se encontra. Eu conto com um amigo que me deu provas repetidas de uma sincera dedicação e não ponho em dúvida a sua fidelidade quando penso o que Ele fez por mim em ocasiões difíceis e nos socorros que me deu. Se considero os serviços que posso esperar d’Ele no futuro, consoante as circunstâncias em que me encontrar, sinto multiplicar a minha afeição e união para com Ele. Era assim que pensava Santo Inácio, mártir, que conhecia tão profundamente os caracteres do santo amor que o devorava.

Escrevendo aos seus discípulos felicitava-os por eles manifestarem *a extensão do seu amor para com Deus e Jesus Cristo na plenitude da sua esperança*. Tal é, com efeito, o verdadeiro espírito do cristianismo, espírito de adoção que nos ensina, não a tremer como escravos, mas a amar como filhos, a invocar o nosso Pai Celeste com confiança, a servi-l’O sem inquietação, esperando em paz todos os socorros que nos destina (Rm 8, 15). Mas que faz o tentador? Quer ele busque arremessar uma alma justa na perturbação, quer retenha o pecador dos seus desvarios ou procure perder um moribundo pelo desespero, forceja por destruir esta santa confiança em todos os corações. Representa com exageração a uma alma tímida a multidão das faltas que ela pode cometer; patenteia-lhe a enormidade dos seus pecados, lança-a em

escrúpulos sobre cada uma das suas confissões, agita-a com horrorosas representações, faz-lhe um crime de cada um dos seus pensamentos, ainda dos menos deliberados; e mostrando-lhe quanto os juízos de Deus são severos, procura persuadi-la que não tem perdão a esperar, que Deus lhe recusa as suas graças e a abandona, e que ela é do número dos obstinados e réprobos.

Se essa alma conturbada ouve algumas ameaças endereçadas aos pecadores impenitentes como *morrereis no vosso pecado*, o tentador lhe diz que é a ela que Deus fala, que é para ela que estão preparados os mais terríveis castigos. Se ela escuta algumas palavras de conforto, ele procura todos os meios de impedi-la de aplicá-las a si e logra assim perturbá-la e lançá-la numa tristeza mortal, de modo que essa pobre alma desesperada não sabe que partido há tomar vendo só objetos pavorosos e só descobrindo abismos.

Compreende-se sem trabalho quanto esta agitação torna impossível a ternura do amor divino; e eis aqui como eu raciocino a uma alma que se abandona a estes funestos pensamentos: toda a vossa tristeza não provém senão da vossa desconfiança na misericórdia de Deus, na qual vos não atreveis a esperar. Esta desconfiança só pode fundamentar-se ou duvidando da onipotência de Deus ou da sua boa vontade a vosso respeito.

Não é por certo sobre a sua onipotência que a vossa fé hesita, e facilmente credes que a vossa salvação não é difícil; a vossa dúvida recai unicamente sobre a sua boa vontade a vosso respeito. Não tendes confiança que Ele queira salvar-vos; afigura-se-vos que a sua misericórdia esgotada com referência a vós é substituída por uma justiça inexorável. Que formidável obstáculo estas ideias desconsoladoras devem opor a um amor, cujo motivo principal devia ser, que este Deus de bondade vos ama, apesar de serdes um pecador cheio de misérias; que Ele vos ama bastante para esperar-vos, chamar-vos, receber-vos e perdoar-vos! Quanto a mim é isto o que me entenece e comove vivamente. Se eu fosse santo, perfeito e justo, parece-me que teria menos motivo de admirar a bondade divina; mas o que me espanta e aumenta o meu amor para com Deus é que, sem embargo das minhas misérias, Ele me ama ainda;

embora pecador, ingrato e infiel, sou, ainda neste estado, objeto dos seus desvelos e benefícios. É isso o que abrande a dureza do meu coração; ele não pode resistir aos encantos de uma bondade tão admirável. Assim pensa naturalmente um coração a quem a confiança anima. Mas como poderá encontrar estes sentimentos de amor aquele que crê falsamente que Deus abriga para ele só severidade e castigos? Basta a dúvida sobre a infinita bondade do Senhor para perturbar, contristar, arrefecer o coração logo que ele sente diminuir a sua confiança.

Em confirmação de tudo o que acabamos de dizer, poremos em confronto uma da outra duas almas justas, que caminham para Deus por vias diferentes; uma pelo caminho da confiança, outra pelo do temor.

A primeira ama a Deus ternamente como um filho ama seu pai. O amor aumenta a sua confiança, e a confiança entretém o amor. Deus é bom, diz ela, Ele é meu Pai, e é por isso que temo ofendê-lo; mas se cometo alguma infidelidade, apresso-me a recorrer a Ele com confiança, porque sei que as suas bondades são maiores do que as minhas ingratidões. Eu sei que Ele é terrível na sua cólera; mas também sei que essa cólera não resiste a um coração contrito e humilhado. Mil vezes tenho experimentado que Ele perdoa facilmente a quem o invoca e nunca desesperarei de experimentá-lo ainda. Grande é a minha fraqueza, mas Ele me sustentará pela sua graça; essa graça foi me alcançada pelo sangue do meu Salvador; e para ter nela parte abundante ocultar-me-ei nas suas chagas e me envolverei nos seus méritos. Com estes sentimento e para agradar a Deus, a alma fiel leva uma vida austera, sem que essa austeridade a impeça de ser sempre igual consigo mesma, sem deixar de ser alegre e de um comércio agradável com o próximo; a sua virtude nada tem de sombrio; e as lágrimas da sua contrição são misturadas com uma doçura que as torna amáveis. Ela caminha a passos agigantados na via dos sentimentos divinos, porque o seu coração está dilatado pela confiança (Sl 118 (119)).

Sucede por outro modo àquele que se governa pelo temor; este quisera amar o seu Deus e com efeito o ama; mas inquieto sobre o seu amor, não ousa persuadir-se que ele é verdadeiro. Atento a

todas as faltas que tem cometido e que comete todos os dias, especulativo em encontrar pecados mesmo onde os não há, sutil nas esquisitices dos seus escrúpulos, exagera os defeitos que tem ou que julga ter. Esquece a misericórdia que perdoa e só pensa na justiça que castiga; vive com Deus não como um bom filho vive com um bom pai, mas como servo tímido com um amor duro e severo. Na verdade, ele caminha fielmente nas vias da salvação e dos mandamentos divinos, mas sempre triste e vergado; a cada instante para pra prever tentações, que algumas vezes provoca à força dos temores e aumenta à força de lutas. Tudo lhe custa e lhe é penoso, porque o seu coração não conhece as doçuras da paz. Neste estado não pode, por assim dizer, resolver-se a frequentar os sacramentos, afigurando-se lhe que vão profaná-los em vez de se purificar.

Se se trata da confissão, está inquieto sobre o exame dos seus pecados, sobre a sua acusação, qualidade e medida da sua contrição e põe o seu espírito em torturas, para esgotar todas as precauções. Estes escrúpulos multiplicados fazem com que a sua consciência não é mais do que um caos, onde tudo são trevas e obscuridade. A Sagrada Comunhão ainda o assusta mais; e torna-se necessária toda a habilidade de um diretor sábio e firme para obrigá-lo a acercar-se do celeste banquete. Ele não escuta o doce convite do Salvador:

“Vinde para mim, vós todos que tendes penas e eu vos refarei: Eu vos darei uma existência nova. (Mt 11, 28)”

Eu não pergunto qual destes dois estados é mais feliz, mas qual é mais seguro e perfeito; qual é conforme com o espírito do cristianismo, do qual nós temos dito com São Paulo *que não é de terror, mas de adoção e ternura*. Eu pergunto, enfim: Qual dos dois estados é mais agradável a Deus e mais conforme ao seu coração? Sem dúvida alguma é o primeiro. Em todos os escritores que vamos citar encontramos fundamentos sólidos contra o temor exagerado e em favor da confiança, mas vamos desde já apontar sucintamente quatro vantagens principais que compreende a confiança em Deus.

1.º Ela apazigua a cólera celeste. É o Rei Profeta que no-lo ensina; este príncipe que tinha tantas razões para temer depois dos

crimes que havia cometido, e que sentira tão energicamente a ingratidão de que se havia tornado culpado para com Deus, acreditava não poder abrandar melhor a sua cólera do que glorificando com toda a sua energia Aquele que tão indignamente tinha ultrajado. Mas entre os louvores que ele lhe dá, para reparar os crimes que cometeu, a mais perfeita homenagem que pensa dever-lhe oferecer é esperar na sua bondade:

“Esperarei em vós, ó Senhor! Sim, eu esperarei sempre, e coroarei por esta homenagem, prestada à vossa misericórdia, todos os louvores que me é dado tributar à vossa infinita grandeza. (Sl 70 (71), 14-15)”

2.º Esta confiança é um recurso poderoso para assegurar a nossa salvação. O homem mais criminoso e corrupto que quiser sair das suas desordens pela penitência, encontrará na confiança em Deus remédio eficaz para todas as suas misérias. Que ele se aflija e espere e será salvo; Deus o disse e prometeu. É por isso que se compara a esperança à âncora de um navio, e essa comparação foi consagrada pelo uso que dela fez São Paulo:

“Confiemos na palavra de Deus, para que tenhamos uma poderosa consolação, nós, os que havemos posto o nosso refúgio na procura dos bens eternos, que nos são propostos pela esperança à qual serve para nossa alma como âncora firme e segura. (Hb 6, 19)”

Embora o navio tenha perdido todos os seus aparelhos na tempestade, se ainda lhe resta uma âncora, poderá salvar-se do naufrágio; assim sucede à confiança em Deus e podemos afirmar que foi por falta dela que Caim e Judas se perderam. O primeiro havia irritado a Deus pelo seu ciúme e fratricídio; mas o que pôs o selo à sua reprovação foi dizer no seu desespero:

“O meu crime é demasiadamente grande para que eu mereça o perdão. (Gn 4, 13)”

O segundo arrependeu-se da sua abominável traição (Mt 27, 3); mas, diz São João Crisóstomo, se ele tivesse tido confiança na bondade de seu Mestre e se houvesse voltado para Ele, pedindo-lhe misericórdia, o Filho de Deus, que perdoou a São Pedro e orou pelos seus algozes, sem dúvida teria perdoado ao traidor arrependido.

3.º Esta confiança é uma defesa e arma poderosa contra as tentações. Ouçamos a Escritura:

“Na esperança encontrareis a vossa força. (Is 30, 15).

Em outra parte diz:

“Esperarei no Senhor e nada poderá enfraquecer-me. (Sl 25 (26), 1)”

Com efeito, é invencível o homem que confia em Deus, isto é, que descansa n’Ele, invoca o seu socorro, apela para a sua bondade e poder. Com armas destas o que poderá temer-se? Qual será o inimigo que prevalecerá contra o Todo Poderoso?

O coração do justo está disposto a esperar sempre; é isto o que o fortifica e nada poderá abalá-lo (Sl 26 (27), 14). Mas se a justiça de Deus chega a manifestar-se, não desesperéis; Ele vos indicará os meios de apaziguá-la; precipitai-vos nos seus braços com confiança que Ele nunca perderá quem depositar n’Ele a sua confiança (Sl 21 (22), 5).

4.º É nesta confiança que se depara o fervor da caridade que afasta o receio. Resulta daqui que o Sábio compara o que está apoiado com esta virtude *a uma águia que voa com rapidez e fende os ares sem obstáculos* (Is 40, 31). Se quisermos novo testemunho, ouçamos o grande Apóstolo, que ordena aos primeiros fiéis que sirvam a Deus com fervor e lhes promete ao mesmo tempo a alegria da esperança como meio mais eficaz para chegar a esse fervor que lhes pede.

Poderíamos nós deixar de estar alegres e contentes quando temos a certeza que o negócio mais importante, que nos possa interessar sobre a terra, está entregue às mãos de Deus sobre o qual deseja o bom êxito mais do que nós? Se a minha salvação só dependesse de mim, sentir-me-ia oprimido de tristeza e temor, porque conheço a minha miséria, as minhas paixões e inconstâncias. Mas visto que ela depende principalmente de Deus, que não só coopera comigo, mas até me antecipa, me impele a corresponder aos movimentos da sua graça, estou contente, regozijo-me e abandono-me suavemente aos desvelos da sua providência.

CAPÍTULO 2 – RESPOSTAS ÀS OBJEÇÕES QUE O RECEIO SUGERE ÀS ALMAS TIMORATAS

I. A primeira objeção funda-se na severidade dos juízos de Deus. Quando se reflete sobre o ódio que Deus tem ao pecado e os castigos pelos quais o pune, não podemos abster-nos de nos assustar:

“Se o justo mesmo se salva com tanto custo, que será dos ímpios pecadores? (1Pd 4,18)”

Como juiz, Deus é terrível; mas é um juiz que pode apaziguar-se e tornar-se favorável; um juiz que perdoa. Ele pune, e ao mesmo tempo adverte, ameaça, espera e faz diligência para absolver; é tão fácil aplacá-l’O durante a nossa vida, como é impossível dissuadi-l’O no julgamento imediato à morte. Vejo que, se toma a posição de juiz *forte e poderoso*, ao mesmo tempo é *juiz paciente* e cheio de bondade (Sl 7).

Vejo-O sob o símbolo de pai de família, que se irrita com as infidelidades do seu intendente, e lhe diz com cólera:

“Dá-me conta da tua administração. (Lc 16, 2)”

Não se pensaria que ele vai puni-lo? Nada disso, esse homem é franco à custa de seu amor, imagem das esmolas que um pecador faz dos bens que recebeu de Deus e lhe merecem a sua conversão, e o pai de família cessa de irritar-se, quando tem tanto motivo para o estar. Abranda-se, aplaude a engenhosa habilidade do seu intendente, que só merecia a sua indignação.

Vejo-O sob a figura de outro pai de família, que vai procurar obreiros para mandá-los trabalhar na vinha. Encontra alguns ociosos que passam o dia sem fazer coisa alguma. Censura-os com um tom que parece severo (Mt 10). Estes homens comovem-se com as suas advertências, *trabalham uma hora*. E que podem eles fazer em uma hora? Só a boa vontade é que se aprecia; e o pai de família recompensa-a com a mesma liberalidade, como se houvessem trabalhado o dia inteiro.

Deus queixa-se de ver-se obrigado a destruir o homem que criou. Um juiz não só queixa; profere sentenças irrevogáveis, condena, castiga. É o amor que se lamenta. Um pai, um amigo, um irmão, mostra-se aflito se não corresponde à sua dedicação; e pelo fato de lamentar-se, mostra-se que ainda conserva a amizade, é assim que Deus se queixa, quando podia fulminar, e queixa-se ao homem que

o mal contentou, para comovê-lo e enternecê-lo. Quando nos queixamos a um inimigo, e que isto se faz com doçura, prova-se que estamos dispostos a receber as suas desculpas e a perdoar. Deus é assim. Poderemos depois disto encher-nos de temor até ao ponto de nos conturbarmos? Estremeçam os obcecados, presunçosos, impenitentes, pensando na sua cólera; mas aqueles que querem servi-l'O, em vez de temê-l'O, deverão amá-l'O.

Não esqueçamos que se Deus é nosso juiz, é também nosso pai, esposo, amigo, irmão, advogado e Salvador. Quantas qualidades consoladoras contra uma só, que é terrível! Vendo tantas formas diversas que toma a sua misericórdia, por uma só em que a sua justiça se nos mostra, não teremos razão para sossegar-nos nos nossos terrores, confessando com o Profeta, que as *misericórdias do Senhor sobrelevam mil vezes*, com referência a nós, *a todas as obras* da sua onipotência (Sl 114 (115), 5)?

Adicionamos aqui o belo pensamento de São João Crisóstomo explicando a oração do Profeta, que pedia a Deus que seus *juízos e a sua justiça fossem exercidos por seu Filho*. Diz este Santo Padre:

“Por que pede o Profeta que Deus se despoje do seu poder para revestir dele o seu Verbo feito homem? Por que Deus, com efeito, confiou a Jesus Cristo a missão de julgar os vivos e os mortos? Não teria o julgamento nas mãos de Deus sido executado por modo igualmente equitativo?

Não há que duvidar: mas seria mais terrível. Quando o Deus três vezes Santo julga os pecadores, e esse mesmo Deus impassível avalia os homens entregues a todas as paixões, e ele onipotente e irritado aprecia as ações dos homens fracos e pecadores, não haveria de esperar senão castigos. Mas sendo julgados por um homem semelhante a eles, que sentiu as suas misérias, por natureza se fez seu irmão, amigo e Salvador: em lugar de terem tudo a temer e pouco a esperar, têm pelo inverso muito mais que esperar do que temer, porque o seu juiz está bem disposto para ser-lhes favorável.”

Esclareçamos mais esta verdade consoladora.

Penso que Deus para segurar-me plenamente sobre a questão tão grave da minha eternidade, me deixava a liberdade de escolher o meu juiz; quais seriam as qualidades que eu quisera encontrar nele? Queria que fosse de uma bondade sem igual; que conhecesse perfeitamente tudo quanto poderia desculpar-me e que fosse muito

propenso em comunicar nas minhas dores; queria que ele realmente me amasse, que fosse para mim amigo particular e íntimo. Desejaria que esse amigo tivesse interesse especial em julgar-me favoravelmente e salvar-me. Eis o que eu queria e qualquer outro pensaria do mesmo modo.

Esse conjunto de circunstâncias que procuraria em meu pai, meu irmão, meu amigo ou em um homem qualquer, encontro-as em subido grau de perfeição no juiz adorável que Deus escolheu para mim, na pessoa de Jesus Cristo, seu Filho, e seria impossível depará-lo em outrem.

Quanto a bondade, haverá coisa que se compare a d'Ele? Lembremo-nos o que a religião nos diz a seu respeito. Fez-se menino para que nos pudéssemos acercar d'Ele; fez-se homem para participar nas nossas misérias; fez-se escravo para dar-nos liberdade, pobre para enriquecer-nos; quis morrer para dar-nos a vida verdadeira. Se estamos nas trevas, Ele é a nossa luz; se somos pecadores, é a nossa justificação; se somos fracos é a nossa força; se tememos a morte, é a nossa ressurreição; se andamos desviados das veredas da justiça, procura por todos os meios conduzir-nos ao bom caminho.

A Escritura no-l'O apresenta umas vezes de pé à porta dos corações para estudar o momento de neles penetrar, outras vezes fatigado das longas esperas da nossa ingratidão e tristemente assentado para esperar-nos. Eis uma fraca imagem da bondade de Jesus para conosco. Haverá juiz sobre a terra tão complacente?

Uma parte da bondade de Jesus consiste em ter por nós toda a compaixão. Compadece-se das nossas misérias, porque ainda como Deus, sabe o limo de que nos criou e que não somos senão pó (Sl 102 (103), 14). Por força de maior razão, se apiedará de nós como homem, porque nesta qualidade quis passar pelas dores. Acaso ignora alguém que para ser sensível à desgraça dos outros é necessário ter sido infeliz? São Paulo diz que o Salvador quis associar-se às nossas dores para amercear-se mais eficazmente das nossas enfermidades (Hb 2, 17). E com efeito, apesar de ser Deus, sua alma contristou-se até à morte. Quase sucumbiu em

presença das provações, por onde devia passar, de onde resultou o suor de sangue no Jardim das Oliveiras.

É verdade que essa tristeza e sustos eram suscitados pela sua vontade própria na parte inferior da sua alma, e que só os experimentou por assim o querer; mas a verdade é que os experimentou, e é quanto basta para que se amerceie daqueles que padecem esses sofrimentos involuntariamente; é quanto basta para que não exija deles uma insensibilidade impossível à nossa natureza, e para que perdoe facilmente àqueles que clamam por Ele do profundo abismo das suas misérias, cujo peso é por Ele bem conhecido.

O nosso juiz é o nosso amigo, o melhor, mais íntimo, terno e generoso dos amigos, de onde resulta novo motivo de esperar d'Ele um julgamento cheio de misericórdia. Porque enfim, se procuramos na terra os amigos mais perfeitos, concluiremos que há infinitamente mais a esperar de Jesus do que de todos eles.

O vosso amigo ama-vos ternamente, e vo-lo disse mil vezes; está pronto a servir-vos em todas as ocasiões, e já vos deu provas. Será, todavia, esta amizade comparável à de Jesus Cristo? Os amigos deste mundo só têm um coração pequeno e limitado a dar-vos; é sempre o coração de homem. O de Jesus é grande, é imenso, infinito; é o coração de quem é Deus. A afeição do vosso amigo é muitas vezes impotente; e em quantas ocasiões só se pode socorrer-vos com as suas lágrimas! A de Jesus Cristo é forte e nada lhe resiste. A natureza, o inferno, a morte estão submetidas às vontades deste Senhor adorável. A dedicação do vosso amigo é nova; só vos conhece há alguns anos; a de Jesus é mais antiga, é eterna, e antes de todos os séculos teve por vós pensamentos de misericórdia e salvação. A afeição do vosso amigo talvez seja interessada; espera de vós alguns serviços, ou ao menos é o prazer que acha na vossa sociedade que o liga a vós; o de Jesus só tem interesse no que vos importa.

Ele é rico, é feliz; nada falta à sua glória; é Deus a vosso pesar; ama-vos só para o vosso bem, e para promover-vos a felicidade eterna; e a amizade do vosso amigo é débil; uma ofensa, o ciúme, uma resposta em demasia viva, menos ainda, um descuido, uma

falta de consideração, basta para arrefecer a ligação mais terna. A amizade de Jesus é constante e perdurável. Milhares de ofensas não o enfadaram; e embora desprezeis a sua voz desde muito tempo e ainda agora, negando-lhe alguns sacrifícios que vos pede, fala-vos, insta e diz-vos com ternura: *Meu filho, dai-me o vosso coração, como eu vos dei o meu.*

Vou ainda mais adiante. Aqueles que vos amam mais sobre a terra, amigo, irmão, esposo deram a vida por vós? Deu-a Jesus. Preservou-vos da morte eterna? Fê-lo Jesus. Perdoou-vos a traições e ingratidões enormes? Perdoou-as Jesus. Alimentou-vos com o seu corpo e o seu sangue? Alimentou-vos Jesus. Far-vos-á subir a um trono, encher-vos-á de delícias? Jesus vos dará um trono e nada poupa para vos contentar. Dizei agora a qual desses amigos prestareis mais confiança: Será no homem ou em Jesus? E depois disto não teríamos vergonha de temermos o julgamento do Salvador, e preferi-lhe o de um homem, cuja amizade é desprezível em comparação com a d'Ele?

Jesus Cristo é juiz interessado na minha salvação. O interesse da sua glória está nela, porque o que Ele mais anseia é ganhar o meu coração, sem embargo das minhas rebeldias, das minhas faltas e indignidade.

Quanto mais pecador eu sou, tanto mais procura Ele desenvolver em meu favor a magnificência da sua misericórdia. É destarte que Ele triunfa nos seus santos; neles é glorificado, e assim na presença do universo. É glorificado nas riquezas da sua graça. Queria Ele perder o que tem feito pela minha salvação? Custei-lhe tanto! Queria Ele renunciar a recolher o fruto do sangue que derramou por mim? Ele acha na minha salvação, se me é permitido falar assim, interesse de parentesco e família. Não se interessará um pai pela saúde de seu filho? O esposo não temeria ser desonrado pelo suplício de sua esposa? Ousaria Ele condená-la? Não se esforçaria um parente, ou um irmão para preservar seu irmão de uma condenação vergonhosa, cuja infâmia repuxaria sobre ele mesmo? Por estes títulos Jesus está interessado a encontrar-nos justos e salvar-nos.

Dirá uma alma timorata: *Mas que! Jesus Cristo é um amigo, um pai compassivo e interessado na minha salvação, mas também é justo e deve estar irritado contra mim, que sou grande pecador!*

Abster-se-á Ele de proferir decisões terríveis contra quem só merece castigos? Por maior que seja a sua misericórdia, não podemos deixar de reconhecer a sua justiça. É necessário reconhecê-la, não há dúvida; mas isso não justifica os excessos do temor naqueles que estão assustados. Para confirmar a sua convicção, procuro mostrar que é essa justiça mesma que deve ser base da sua esperança.

Por isso que Deus é justo e devemos esperar n'Ele. O pecador penitente não perde a misericórdia de Deus, baseado no direito que tem para obtê-la. Qual é o direito que faz valer? É o de Jesus Cristo, e que lhe dão os méritos infinitos de um Deus redentor.

Se o pecador pedisse misericórdia em seu próprio nome, em consideração das suas lágrimas ou pelo mérito das suas boas obras, seria desprezado e digno de sê-lo. Mas que oferece a Deus para obter o seu perdão? As satisfações do seu adorável Filho; a sua cruz, os seus sofrimentos, sangue e morte, digno prêmio das graças que pode esperar-se da misericórdia do Senhor, por indignos que sejamos. O Profeta, espantado da justiça de Deus, dizia-lhe tremendo:

“Se enumerais as nossas iniquidades, quem poderá sustentar a vossa cólera? (Sl 129 (130), 3).”

Mas para serenar, acrescenta que *há em Deus um pendor infinito para perdoar* (Sl 129 (130), 4), e na redenção de Jesus Cristo, há para nós direito seguro de obter perdão.

É, pois, com esta abundante redenção que podemos satisfazer plenamente à justiça.

Achamos este tesouro em Jesus Cristo. Nós o possuímos n'Ele, e por meio d'Ele o apresentamos a seu Pai e temos razões para tudo esperar da sua misericórdia.

O pecador não diz: *Olhai-me, Senhor*. Pelo contrário, confuso da sua indignidade dirá como São Pedro:

“Retirai-vos de mim, porque sou um pecador. (Lc 5, 8)”

Abaixa os olhos, como o publicano, não se atrevendo a erguer os olhos para o céu, mas não ousando mostrar-se a si, diz a Deus: *Senhor, olhai para vosso Filho* (Sl 83 (84), 10); *vede as suas chagas, o abismo de humilhação e sofrimento em que se submergiu para reparar a vossa glória, que ultrajei; e ficareis tranquilo. Que digo eu, é o pecador que fala? Não; é o Filho de Deus, que solicita seu Pai pelo pecador, e que revestindo-se até certo ponto com a sua personalidade, diz em seu nome e por ele: ‘Meu Pai, pequei* (Lc 15, 18).’

E ao mesmo tempo oferece a este Pai ofendido os tesouros infinitos dos seus méritos, para satisfazer todos os direitos da sua justiça, e por isso esta se nos torna favorável. A este raciocínio adiciono outro, tirado as promessas que Deus fez.

Ouso dizer que Deus é obrigado por sua justiça a dar-nos o que nos prometeu pela sua misericórdia. Haverá coisa mais justa do que manter a sua palavra e ser fiel aos compromissos que se tomaram? Não é uma vez só, porém mil que nos prometeu o perdão, quando volvemos a Ele com o coração contrito e humilhado. Vejamos a amplitude que Ele dá a esta promessa:

“Se o ímpio faz penitência, ele viverá e eu esquecerei os seus pecados; quando o ímpio se converter, logo a sua impiedade será perdoada e nada o prejudicará. (Ez 18, 21)”

Não endereça estas palavras só aos fracos ou aos pecadores arrastados pela fragilidade humana, mas aos ímpios mesmos; e nesta palavra compreende-se o que há de mais odioso. Os sacrílegos, ateus, profanadores, todos encontrarão misericórdia se a pedirem. Ele não diz que a receberão depois de longas solicitações, mas logo, *imediatamente*.

Confessemos-lo, pois, para glória e consolação das almas timoratas. Sem embargo da severidade dos juízos do Senhor, o justo e o pecador penitente encontram na sua justiça o que deve excitar e alimentar a sua confiança. Digamos com o Profeta:

“Senhor, relembrei-me dos vossos juízos, e eles me consolaram. (Sl 118 (119), 52)”

A justiça de Deus é, para o justo, motivo antes de confiança do que temor. Eis aqui como esta doutrina vem exposta no *Novo Curso de*

Meditações Sacerdotais.

Se a confiança do justo não exclui todo o temor, sólidas razões o persuadem para que ela ocupe no seu coração o primeiro lugar.

É lei divina esperar: *Propter legem tuam sustinui te, Domine*. Além desta lei, Ele tem as vossas promessas, e além delas o vosso amor, pelo qual desejais muito mais do que Ele próprio, perdoar e associá-lo à vossa soberana beatitude; amor, que solicita, que compulsa à amizade, como se não pudésseis, ó Senhor, ser feliz sem ele; amor levado ao extremo:

“Propter mimiam charitatem suam, qua dilexit nos. Mas Deus, que é rico em misericórdia, pela extrema caridade, com que nos amou. (Ef 2, 4)”

Que não tendes vós feito e não fazeis todos os dias para testemunhar-lhe esse amor?

Se um Deus pode receber-me e admitir-me à sua glória; se o quer e promete, que falta à minha confiança senão que seu consinta em aceitar a soberana felicidade que me oferece? É verdade que impõe obrigações aos seus servos; mas confere-lhes auxílios poderosos para que as cumpram com facilidade.

Tudo quanto pode e deve causar inquietação ao cristão fiel, é Deus por uma parte e ele mesmo por outra. Ele vos teme, Senhor, a vós e à vossa justiça, e mais se teme a si próprio. Receia a sua fraqueza, suas paixões, pecados e inconstância; e por isso que tem este temor é que se tomam tão prudentes precauções.

A desconfiança de si faz evitar o perigo, como nele precipita a presunção. A sua humildade assegura-lhe a vossa proteção onipotente; será livre de todo o perigo.

Mas eis que o que há mais consolador e digno de toda a atenção. Se souber fazer reto uso da minha fé e apreciar-lhe bem os princípios, é a vossa justiça mesmo, ó meu Deus, que tranquiliza contra as inquietações que ela me causa. Meditei em assaz estas palavras: *De suo bonus, de meo justus?* Deus haure a bondade de seu próprio fundo, e a justiça do meu; assim, se eu o quiser, a sua justiça será para mim só bondade, amor, liberalidade. Porque finalmente essa justiça, que me gela de terror, terá só por missão despejar raios?

Não distribui ela também e cem vezes com melhor vontade, recompensas magníficas?

Viva eu, ó meu Deus, submisso à vossa lei, consagre-me aos interesses da vossa glória, a fim de poder dizer como São Paulo, ao menos pela parte de vida que me resta: *Combati o bom combate*; a vossa justiça fará a minha alegria, porque poderei acrescentar com ele que ela me deve uma coroa: *In relíquie repostia est mihi corona justitiae quam reddet mihi, ... justus judex* (2Tm 4, 7-8).

Por sem dúvida Deus é justo; e a sua justiça mesmo, para ter uma satisfação condigna, levou o seu amor a dar-me na pessoa de Jesus Cristo um medianeiro que solicita e é sempre escutado, um advogado que pede o meu perdão com autoridade e certeza de obtê-lo; um Salvador finalmente que fornece *de sobra*, disse o Apóstolo, o prêmio do meu resgate.

Ouso apelar da vossa justiça para ela mesma, ó meu Deus; e apresentando-lhe o vosso Filho, que é meu, porque me destes e Ele se deu a si próprio; e por Ele, com Ele, n'Ele, oferecendo-vos o meu coração pecaminoso, mas arrependido, fico certo da vossa misericórdia. Atrevo-me a dizer-vos: *Feri-me, se Jesus não é infinitamente melhor do que eu sou perverso, se não tendes infinitamente mais complacências na sua santidade do que terror dos meus crimes...*

É, pois, a vossa justiça mesmo que me consola, é sobre ela que coloco toda a minha confiança:

“Não, Senhor, eu não serei confundido. Em vós coloquei toda a minha esperança, livrai-me da vossa justiça. (Sl 30 (31), 4).”

II. Segunda objeção. *Grandeza e multidão dos pecados que se cometeram.* Temos aqui a meditar os sentimentos da maior misericórdia.

1.º Ele ama-os e apieda-se destes infelizes. Temos numa interessante figura dessa ternura com referência àqueles para com os quais deverá ter, ao que parece, só indignação, no amor de Davi por Absalão. Sabemos qual foi o proceder deste filho ingrato, o qual calcou aos pés os direitos mais sagrados da natureza.

Pai desgraçado, pela defesa do seu trono e segurança da sua vida, Davi viu-se forçado a armar-se contra seu filho, e perseguiu-lo como rebelde.

Os exércitos aproximam-se e Davi receia ficar vencedor e o seu principal cuidado antes de romper o combate consiste em recomendar aos seus oficiais e soldados que *salvem seu filho*. O rei ama ainda esse filho ambicioso, cruel, pérfido e teme muito mais pela vida dele do que pela própria... Davi triunfa, Absalão perece no conflito! Vitória deplorável, funesto triunfo! Quantas lágrimas custa ao desgraçado pai!

“Ó meu filho, quem me tirará a vida para restituir-te a tua? Prouvera a Deus que eu tivesse morrido em vez de ti! (2Sm 18, 33)”

Tais são os sentimentos de Deus nosso Pai, quando o mesmo pecado nos precipitou na rebelião contra Ele.

Mas se somos filhos tão culpáveis como Absalão, Deus não é menos um bom pai como Davi. Que não faz Ele por um pecador, cujo castigo todos reclamam? São Gregório faz falar as criaturas que pedem a Deus licença para vingar a sua glória, ultrajada pelo pecador:

“Se vós o quereis, Senhor, *diz o sol*, queimarei esse ingrato com os fogos que clarejo; eu, *diz a terra*, abrirei os meus abismos; e eu, *diz o inferno*, que não existo senão para punir os pecadores, entregá-los-ei a suplícios eternos.’

E tantas vezes que clamam vingança, o Senhor responde:

‘Esperai, esperai. Eu evitaria insultos a fartar, fulminando sem hesitação os ímpios que a minha bondade não entenece, mas pesa-me perdê-los. Antes quero que eles vivam e que se convertam.’”

Eis aqui até que ponto Deus ama os pecadores; e até certo ponto Ele é interessado a amá-los assim, porque lhe deram ocasião de manifestar com mais aparato as riquezas da sua misericórdia; e é o que insinua o Profeta quando disse:

“Deus espera o pecador para perdoar-lhe, e é por este perdão que ele será glorificado. (Is 30, 18)”

Se um senhor tem direito de punir, é muitas vezes para ele uma glória perdoar.

Concluamos que os nossos pecados, quaisquer que eles sejam, não devem persuadir-nos que não tem senão por nós pensamentos de vingança e ódio. São miseráveis aqueles que são objeto da sua misericórdia, e quem será mais miserável do que o pecador? Perdoar é próprio de Deus.

E a ninguém perdoa de melhor grado do que aos culpados, que arrependendo-se dos seus crimes, apresentam por única justificação ante o tribunal a confissão humilde das suas misérias e o desejo ardente de ver-se isento delas.

2.º Se Deus se contentasse em esperar os pecadores, esperá-los-ia inutilmente; fortes, como frenéticos para nos destacarmos dos seus braços, somos débeis como crianças quando se trata de voltar para Ele. É necessário que a sua graça nos antecipe, nos busque e atraia. A graça fá-la por modo a animar-nos. Não esqueçamos que são os pecadores por quem Jesus Cristo baixou à terra; por eles morreu; a eles chama (Lc 5, 32); e quanto maiores são estes pecadores, mais procura compeli-los. E aqueles que Ele chama em voz mais penetrante são os que estão mais distantes.

Ter pecado e pecado muito, haver cometido pecados enormes, não será uma razão para crer que Ele há de rejeitar os que se resolverem a deixar de pecar. Pensar-se-á que aquilo que é objeto da misericórdia, seria obstáculo para debitá-la a nosso respeito?

É verdade que fatigado de chamar com doçura almas insensíveis aos seus afagos, Deus as ameaça, e incrimina e toda a Escritura nos oferece exemplos; mas nem por isso devemos deixar de avizinhar-nos d'Ele com confiança; ao contrário, é nisso que se nos demonstra quanto lhe é penoso castigar. Ameaçar é admoestar, deferir, dar tempo e meio de evitar a punição; não será estes os efeitos da sua bondade imensa?

É demorado a castigar, e pronto a perdoar. Bastou-lhe um momento para converter São Paulo, para tocar Madalena, para perdoar ao ladrão penitente. E quando se trata de castigar quase que esquece o poder e motivos que tem para isso. Adia, dissimula, parece querer ignorar os crimes. Se finalmente é forçado a vingar-se, demora, ou para mostrar-nos que é a pesar que se decide, ou para dar-nos

ocasião de nos aproveitarmos deste adiamento para ainda aplacar a sua cólera.

Este caráter de misericórdia divina é tão adaptado para assegurar o pecador, que é para recear que ele não abuse persistindo no seu pecado. Que bondade é essa que espera a penitência de quem repeliu todos os motivos, que deviam arrastá-lo a fazê-la? Esperar o pecador é sofrer com paciência os seus insultos, desprezos e preferências indignas, que dá às criaturas; é deixar-lhe o tempo de ser pecador e agravar seus crimes; é expor Deus a perder todo o fruto da sua Paixão. Haverá coisa que mostre melhor o excesso do seu amor pelas almas que são indignas d'Ele?

3.º Deus recebe o pecador com bondade, logo que este volta para Ele. E como lhe não daria acolhimento favorável na sua penitência, estando cheio de tantas mercês ainda na sua obstinação? Os vossos pecados são numerosos e enormes, mas desde que os detestais serão mais odiosos à majestade divina, do que eram quando vós os antepúnheis ao vosso Deus, e insultáveis a sua misericórdia?

Não seria fazer de Deus um Ser extravagante, inconsequente e injusto, que amasse os ímpios e repelisse os penitentes? Não, Ele não os repele, e se quiséssemos aprofundar os seus desígnios acharíamos que a razão que o induz a esperar o pecador, a procurá-lo, e dissuade a recebê-lo com alegria quando ele volta a si.

E a parábola do filho pródigo nos dá disto uma ideia perfeita.

Não recordemos as faltas gravíssimas deste filho para com seu pai nem do acolhimento que recebeu. Estava ele ainda distante (Lc 15, 20) da casa paterna, quando esse bom pai, preocupado da sorte de seu filho, o descobre; mas como poderá reconhecê-lo na pessoa de um mendigo, coberto de farrapos, desfigurado pela miséria e pelo vício? Mas as vistas de um pai carinhoso são penetrantes! Ao vê-lo *comove-se o seu coração*, não de cólera e indignação, mas de compaixão e ternura. Corre, precipita-se para o filho, abraça-o, e cobre-o de pranto! Mas em que pensa ele? Sabe por ventura se o seu filho está arrependido, e se não vem ao contrário insultá-lo? Não recearia aviltar a sua dignidade de pai abstendo-se a antecipar-se perante aquele, que deveria dar-se por feliz em ser recebido na

casa paterna? Não seria mais prudente ocultar o seu contentamento para fazer sentir ao filho culpado o peso da enormidade de suas faltas? Débeis reflexões da prudência humana, elas nada prevalecem diante do amor verdadeiro; o bom pai é incapaz de reprimir-se; lança-se ao pescoço de seu filho, abraça-o e chora com ele sem lhe deixar tempo para falar e pedir perdão.

Far-lhe-á ao menos reparos suaves sobre a sua ingratidão? Poderia fazê-los, mas há mais misericórdia em poupá-lo, e basta a sua confissão.

Dá-se pressa em pôr em movimento todos os servos da sua casa; manda que tirem os farrapos que cobrem seu filho: que o vistam conforme a dignidade do seu nascimento; que se lhe ponha no dedo o anel, que é distintivo dos membros da sua família. Vai ainda mais adiante; impõe silêncio ao seu primogênito, o qual zeloso de tantos carinhos, ia lembrar as faltas de seu irmão. Quer que estas se esqueçam, como ele já as esqueceu; e sabe dizer apenas estas palavras:

“Meu filho tinha morrido e ressurgiu, estava perdido e encontrei-o. (Lc 15, 32)”

Não faremos a aplicação desta parábola; mas poder-se-á meditá-la e não experimentar a confiança que ela deve inspirar aos maiores pecadores?

Deus parece favorecer os pecadores penitentes mais ainda do que os justos, sempre fiéis; não disse o Salvador que havia mais contentamento no céu por uma alma transviada, que se converte, do que por noventa e nove justos, que perseveraram (Lc 15, 7)? Dir-se-ia também que os recompensa mais liberalmente, porque vemos santos penitentes mais glorificados sobre a terra pelos favores insignes concedidos pela sua invocação, do que outros, cuja vida inocente pareceria ser credora de maior distinção. É que o grau de favor que os santos gozam na presença de Deus, regula-se pelo ardor de seu amor.

III. Última objeção. *O pequeno número dos eleitos.* Eu ignoro se entro nesse número e sei que ele é pequeno. Que terrível incerteza!

A tentação que vamos combater aqui não é nova. Desde os tempos apostólicos encontravam-se espíritos conturbados por isto, e era para confortá-los que São Pedro escrevia aos fiéis que em vez de desalento pelo receio de não ser predestinado, cada um deles devia assegurar a sua predestinação pelas boas obras (2Pd 1, 9-10). Os Santos Padres tomaram a seu cargo a mesma afirmação, seguindo o exemplo do Príncipe dos Apóstolos.

1.º Sem dúvida é diminuto o número dos eleitos; mas fixai-vos nas razões que tendes em vosso favor para vos contardes nesse pequeno número e o vosso temor transformar-se-á em consolação.

Com efeito, que tendes vós a temer do pequeno número dos eleitos se tudo vos leva a crer que vós fazeis parte dele; que Deus vos ama com esse amor particular que teve pelos santos, se vos lembrardes do feliz encadeamento de graças que vos sustentaram nas diferentes circunstâncias da vida? Por certo aquele que reflete seriamente sobre a atenção paterna de Deus a seu respeito, longe de ser perturbado pela verdade que aponta, deparará aí poderoso motivo de alegria. Digo sem hesitar: entre as almas fiéis de que nos ocupamos não há uma só que não encontre na lembrança dos favores particulares que recebeu, uma prova sólida dessa boa vontade do Senhor para com os seus eleitos. Mas ainda temos uma reflexão mais consoladora; a confiança em Deus é um meio efficacíssimo para dar-nos não só a esperança, mas também até certo ponto a certeza da nossa predestinação. A razão é porque Deus prometeu tudo a essa confiança e empenhou a sua palavra. Ele disse:

“Sabeis que nenhum daqueles que esperou em mim foi confundido na sua esperança. (Eclo 2, 11)”

E mais:

“Senhor! Todos aqueles que esperam de vós todos os bens, que lhe prometestes, não serão iludidos. (Sl 24 (25), 2)

E ainda disse:

“Ele salva todos os que esperam nele. (Sl 24 (25), 5).”

O ofício da misericórdia é salvar; ora se eu espero no Senhor, essa misericórdia envolver-me-á e me cobrirá com um escudo

impenetrável (Sl 32 (33), 20-22). O Profeta, compenetrado desta certeza, exclamava em transporte de alegria:

“Senhor, alevantei-o, meu coração e a minha alma para ti; tu és o meu Deus; deponho em ti a minha esperança e nunca me envergonharei disso porque ela não pode enganar-me. (Sl 129 (130), 5)”

O que explica a excelência dessa eficácia com referência à nossa salvação é que ela é inseparável do amor, e sabe-se que ao amor nada é impossível: é ele que abre as portas do reino do céu.

Como poderia Deus resistir a essa esperança? Não estão interessados a sua glória e o seu coração em nunca iludir aqueles que se abandonam plenamente a Ele? Um filho diz a seu pai: *Tenho tanta confiança em vós que receberei só o que me derdes; estado, posição, aliança, herança*. Um criado diz a seu amo: *Não quero pensar em outra fortuna senão naquela que me derdes. Servir-vos-ei fielmente e entrego-me à vossa bondade para recompensar o meu trabalho*. Um amigo associado em um negócio, diz ao seu amigo: *Louvo-me em todas as vossas decisões nos negócios que existem entre nós*. Poderá esse amigo, esse amo, esse pai, ser insensível a um proceder tão honroso? Se têm amizade e probidade, se zelam a sua reputação e glória, não serão excitados por isso a fazer tanto ou mais do que se esperava deles? Será Deus menos fiel às leis da amizade ou desconhecerá os interesses da sua glória? Se Ele é um Deus zeloso, como afirma na Escritura, suportará que os que descansam na sua bondade sejam iludidos na sua santa confiança e possam queixar-se um dia que, depois de haverem contado sobre as suas promessas, foram vítimas de uma indesculpável decepção?

Pode afirmar-se que a verdadeira confiança em Deus contém em si todas as provas de predestinação. Indicaremos algumas e só desenvolveremos a última: *A vocação ao cristianismo*. Comparai, almas fiéis, o vosso estado com o dos pagãos, dos cismáticos e de todos os que não têm a verdadeira fé. A conversão para vida melhor e as circunstâncias que a acompanharam. Relembrai todos os anos da vossa vida, que série de misericórdias extraordinárias!

Podereis duvidar que Deus vos não queira conduzir pela conversão do coração à perseverança final e daí à coroa dos eleitos? Quantos

cuidados vos não tomou na vossa educação e de quantos perigos vos não livrou? Mas de todos os sinais de predestinação, não há nenhum mais seguro do que as provas e aflições. Será necessário demonstrar uma verdade tantas vezes provada na Escritura? *O mundo há de regozijar-se*, dizia o Salvador e os discípulos, mas vós ficareis na aflição. *É verdade que as vossas penas serão transformadas em alegria*, mas não gozareis as suas doçuras sem ter experimentado o amargor da aflição. *Bem-aventurados os que sofrem, bem-aventurados os que choram e são perseguidos, porque deles é o reino dos céus* (Mt 5). Estes adquiriram direito à herança celeste; a sorte dos outros é duvidosa, incerta; mas aqueles que sofrem com paciência, têm a predestinação segura. A eleição não depende de estado algum, exceto do sofrimento. *Vós imprimireis este sinal na fronte daqueles que estão na amargura e nos gemidos*, disse o Senhor, tratando do caráter que distingue os eleitos (Ez 9, 4). Tirando-nos do caminho da perdição, Deus nos pôs naquele que conduziu os santos à beatitude eterna. Se Ele houvesse querido a minha perda, não houvera recebido da minha mão o sacrifício que lhe ofereci, porque me entreguei a Ele sem reserva alguma.

Sempre Ele pôs em mim o desejo de servi-l'O; não coroará Ele os seus sacrifícios pela perseverança final? Se há graça, cujo abuso devemos rezear, é sem dúvida a do sofrimento, porque não é só graça de predileção, mas de predestinação; adicionamos ainda algumas reflexões de que o nosso piedoso autor acaba de fazer a este respeito. Jesus Cristo é o primeiro e mais acabado modelo de todos os eleitos. Todos aqueles, cujo nome está escrito no livro da vida, predestinou-os Deus para serem imagem fiel do seu Verbo Encarnado, devendo assimilar-se ao Homem das Dores. A pobreza, a humilhação, uma vida de sofrimentos, morte afrontosa, tal foi a herança que Deus preparou sobre a terra a esse Filho tão ternamente amado; ouçamos ainda os santos doutores:

“Quando fordes vítima de perseguições, é sinal certo de que Deus vos colocou no número dos eleitos. (Santo Agostinho)”

“Suportar com paciência os flagelos que o Senhor nos manda, é sinal certo de que somos predestinados. (São Lourenço)”

“Desde a vida presente discernimos os eleitos de Deus por este sinal não equívoco: eles multiplicam as obras de caridade e suportam os mais

indignos tratamentos. A tribulação é o pão dos predestinados. (São Gregório)”

Este princípio é fundado sobre a justiça de Deus que não deixa mal algum sem punição nem bem sem recompensa; ela pune, por consequência, ou recompensa na outra vida o que não puniu ou não recompensou na vida presente.

Não há homem algum, por mais mau que seja, que não tenha feito algum bem, assim como não há nenhum tão perfeito que não haja feito algum mal. Se, pois, me encontro sempre na prosperidade, devo tremer porque não será essa vã felicidade salário das minhas virtudes! Se Deus me poupar agora, apesar de tantas faltas que tenho cometido, não terei que expiar os meus pecados com suplícios eternos? Sucede o contrário ao justo experimentado: no tempo expiou as suas faltas e a eternidade coroa as suas virtudes. No meio dos sofrimentos direi, pois, com Tobias:

“Bendito sejas, meu Deus, porque me castigastes para minha felicidade. (Tb 13, 17)”

A minha aflição é a minha consolação. Nutri-vos destas verdades, almas aflitas, e pelos sofrimentos da vida preparai-vos para as delícias da eternidade.

SEGUNDA SEÇÃO – PADRE JEAN PIERRE DE CAUSSADE

CAPÍTULO 1 – A MEDIDA DA NOSSA PERFEIÇÃO É A DA NOSSA SUBMISSÃO OU ABANDONO AOS CUIDADOS DA PROVIDÊNCIA

A ordem de Deus, a sua vontade, a sua ação, a graça, tudo equivale à mesma coisa nesta vida; é Deus que forceja por tomar o homem semelhante a si, e a nossa perfeição não é outra coisa senão cooperar fielmente para este trabalho divino. ^[18] Tais foram os meios de procedimento de Maria, a mais santa das criaturas; a resposta que ela deu ao anjo quando se limitou a dizer-lhe: *Faça-se em mim segundo a tua palavra* (Lc 1, 38), encerrava toda a espiritualidade dos santos da Antiga Lei. Tudo se reduzia, como agora, ao puro e simples abandono à vontade de Deus, e essa bela e alta disposição, que era o fundo da alma da Santíssima Virgem, evidencia-se admiravelmente nessas palavras tão singelas; e essas palavras concordam perfeitamente com as que Nosso Senhor Jesus Cristo quer que tenhamos constantemente na boca, como expressão dos nossos sentimentos: *Faça-se a tua vontade*.

É verdade que era gloriosíssimo para Maria o que se lhe exigia naquele momento célebre; mas todo o esplendor dessa glória não a houvera impressionado em coisa alguma, se não fora a vontade de Deus que a tocasse. Em tudo procurava ela conformar-se com essa vontade. As suas ocupações ou comuns ou sublimes não eram aos seus olhos senão sombras, ora obscuras, ora brilhantes, que lhe apresentavam ocasião de glorificar a Deus e reconhecer as operações do Onipotente. O seu espírito pleno de alegria, considerava tudo quanto tinha a fazer ou a sofrer como dom Àquele que enche de bens os corações que se alimentam d'Ele.

CAPÍTULO 2 – SANTIDADE QUE SE TORNA FÁCIL PELO ABANDONO À PROVIDÊNCIA

Se a obra da nossa santificação nos oferece dificuldades aparentemente invencíveis, é porque não formamos dela uma ideia exata. Com efeito a santidade reduz-se à fidelidade, à ordem ou à vontade de Deus; e essa fidelidade está igualmente ao alcance de todos, quer na prática ativa, quer no que ela tem de passivo.

1.º A prática ativa da fidelidade consiste no cumprimento dos deveres, que nos são impostos pelas leis gerais de Deus e da Igreja e pelo estudo particular que abraçamos. O seu exercício passivo consiste em submeter-se com amor a tudo o que Deus nos envia a cada instante. Qual destas duas partes da santidade é superior às nossas forças? Não é a fidelidade ativa, porque os deveres que ela nos impõe cessam de ser deveres logo que o seu cumprimento é superior às mesmas forças. Se estais enfermo e não podeis ouvir missa não tendes obrigação de ouvi-la e o mesmo acontece com todos os outros deveres positivos.

Só a proibição das coisas más não admite exceção, porque nunca é permitido fazer o mal. Deus não exige de nós outra coisa na obra da nossa santificação, e nada é tão fácil como obedecer-lhe, não admitindo sequer uma desculpa. Aprendei o que pareceis ignorar.

Deus todo cheio de bondade fez comuns todas as coisas necessárias na ordem natural; como o são o ar, a água e a terra. Nada é mais necessário do que a respiração, o sono e a alimentação, mas também nada é mais fácil. A mesma coisa sucede na ordem sobrenatural; a nossa vida compõe-se de uma multidão de ações comuns e de pouca importância, e Deus se contenta com isso porque é a parte que a alma deve ter na obra da sua perfeição. Deus explica-se a este respeito claramente: *temei a Deus e observai os seus mandamentos; é quanto basta para o homem* (Ecl 12, 13). Eis o que cumpre fazer ao homem e em que consiste a sua fidelidade ativa; satisfaça ele à sua parte que Deus fará o resto.

2.º A parte passiva da santidade é ainda mais fácil, porque não se trata senão de aceitar o que se não poderia a maior parte das vezes afastar; e sofrer com amor, consolação e suavidade o que frequentemente padecemos com enfado e despeito.

Não me pergunteis, pois, qual é o segredo de ser santo, porque não há tal segredo, estando patente a todos esse riquíssimo tesouro. As

criaturas amigas e inimigas o espalham sobre nós as mãos cheias e o fazem correr por todas as suas faculdades dos nossos corpos e das nossas almas até ao centro dos nossos corações. Abramos a boca e ela está cheia. Prouvesse a Deus que todos os homens conhecessem quanto lhes é fácil chegar a uma eminente perfeição. Basta cumprir os deveres do cristianismo e do estado de cada um, abraçar com amor a cruz que lhe for imposta e submeter-se à ordem da Providência para tudo o que se apresenta para fazer ou para sofrer sem procurá-lo. A ordem de Deus, a sua divina vontade, é a vida da alma, por qualquer modo que a ela aplique ou receba. O que nos acontece a cada instante por efeito desta ação divina é sempre o que há de melhor para nós. Não é isto ou aquilo que nos santifica, é a ordem de Deus no momento presente; o que era o melhor no momento passado deixa de sê-lo agora, porque está privado da vontade de Deus; é o dever presente que santifica verdadeiramente o homem. Se a divina vontade retira um sacerdote do santo exercício da oração para ouvir confissões, visitar enfermos, etc, isto por muito tempo; o dever atual que ele desempenha forma Jesus Cristo no fundo do seu coração e toda a doçura da contemplação lhe seria prejudicial longe de ser-lhe útil. No cumprimento do dever presente estamos sempre seguros de possuir a melhor parte; porque a melhor parte é a vontade de Deus, à qual nos devemos abandonar com confiança plena. Essa vontade é infinitamente prudente, poderosa, beneficente para as almas que esperem nela sem reserva alguma; é a essência, a realidade da virtude de todas as coisas; é ela que as ajusta e acomoda à alma e sem ela tudo é vácuo, nada, mentira, vaidade, exterioridade e morte. A vontade de Deus é a salvação, saúde e vida do corpo e da alma, qualquer que seja o indivíduo a que se aplique.

Não devemos, pois, olhar as relações que as coisas têm para com o espírito e o corpo, para julgar da sua virtude; é a vontade de Deus que dá às coisas, quaisquer que elas sejam, a eficácia para formar Jesus Cristo em nós. Tenha o espírito as ideias que lhe aprouver; sinta o corpo doenças e morte; essa divina vontade será para o momento presente, vida do corpo e da alma, porque finalmente um e outro em qualquer estado que se achem só por ela são sustentados. Sem a vontade divina o pão é um veneno; com ela o

veneno é um remédio salutar; porque ela é tudo, o bom, o verdadeiro de todas as coisas, dá a Deus, e Deus é o ente infinito, que concede tudo à alma que o possui.

CAPÍTULO 3 – SÓ HÁ VERDADEIRA PAZ NA SUBMISSÃO À AÇÃO DIVINA

A alma, que não procura unicamente a vontade de Deus, não deparará contentamento nem santificação nos diversos meios que tentar, ainda nos exercícios espirituais mais excelentes. Se o que Deus escolhe para vós não é suficiente e vos não contenta, qual será a mão que poderá servir vossos desejos? Se estais enjoado com o manjar divino que Ele vos preparou, que alimento não será insípido a um gosto tão depravado como o vosso? Uma alma não pode ser alimentada, purificada, santificada senão pela ação presente desta divina vontade. E se vós encontrais aí todos os bens, para que ides procurá-los em outra parte?

Entendereis isso melhor do que Deus? Se Ele o ordena assim, podereis vós desejá-lo de outra forma? A sua sabedoria e bondade são infalíveis e por isso, tudo que elas fizerem deveis julgá-lo excelente. Podereis vós encontrar a paz, pondo-vos em oposição com o Onipotente? Não será essa luta que nós renovamos tantas vezes sem quase a conhecermos que é a causa de todas as nossas perturbações e agitações?

Se quiséssemos compreender que para alçar-nos ao grau mais sublime da santidade e da paz, as cruces da Providência nos abrem caminho bem mais seguro e certo do que os estados e obras extraordinárias; que a verdadeira pedra filosofal é a submissão à ordem de Deus, à qual transforma em ouro divino todas as nossas ocupações, enfados e sofrimentos; quanta consolação e coragem auferiríamos desse pensamento, que para adquirir a amizade de Deus e todas as glórias do céu não há mais a fazer senão o que fazemos nem a sofrer senão o que sofremos! Concedei-me a graça, ó meu Deus, de ensinar a toda a gente que nada há mais fácil e tanto ao alcance de todos como a santidade. Assim como o bom e o mau ladrão não tinham coisas diversas a fazer e a sofrer para serem santos; assim duas almas, uma mundana e outra interior, não tem a

fazer e a sofrer uma mais do que a outra; um adquire a felicidade eterna, fazendo submissa e voluntariamente o que condena a outra, que o faz e sofre por fantasia; e esta última condena-se sofrendo a seu pesar e murmurando o que sofre com resignação e suavidade aquela que se salva.

Temos só a mudar o coração, e o que se chama de *coração* é a vontade. A santidade é um simples *fiat*, singela disposição de conformidade à vontade de Deus; e haverá coisa tão amável e boa como a divina vontade? Amemo-la, pois, e isso basta para tornar esse amor divino em vós.

CAPÍTULO 4 – A AÇÃO DIVINA ESTÁ PRESENTE EM TODA A PARTE, MAS É SÓ VISÍVEL PARA OS OLHOS DA FÉ

Não há momento algum em que Deus se não apresente debaixo da aparência de alguma obrigação a cumprir. Tudo o que se faz em nós, e por nós, contém e cobre a sua ação. Ele aí está realmente presente, mas invisivelmente; e se nos fosse dado atravessar o véu, se fôssemos vigilantes e atentos, Deus se revelaria sem cessar a vós, gozando da sua ação benéfica em tudo que vos acontece; a cada instante diríamos: *É o Senhor*; eu ia repelir como mau o que é um dom do seu amor. A alma esclarecida pela fé está muito distante de julgar as coisas como aqueles que as medem pelos sentidos e ignoram o tesouro inapreciável que convém. Aquele que sabe que uma pessoa disfarçada é o rei, trata-o quando ele chega por modo muito diferente, do que um homem comum, que se apresenta ante os seus olhos; assim, a alma que vê a vontade de Deus em todas as coisas, nas pequenas como nas grandes, até nas aflitivas e nas mortais, recebe tudo com alegria, júbilo e respeito igual. O que os outros temem e evitam com horror, ela abre as suas portas para recebê-lo com honra. O aparato é pequeno e os sentidos desprezam-no; mas o coração debaixo desta aparência vil respeita igualmente a majestade real; e tanto mais ela se abate, tanto mais o coração está compenetrado de amor. Quanto essa pobreza de um Deus, esse abatimento até vir habitar em um presépio e repousar em uma porção de palha, chorando e tremendo, penetra vivamente

o belo coração de Maria! Interrogai os habitantes de Belém; vede o que eles pensam deste menino; se Ele estivesse em um palácio com a ostentação dos príncipes, ir-lhe-iam prestar a sua homenagem. Mas interrogai Maria, José, os magos, os pastores, estes vos dirão que acham nessa pobreza extrema uma certa coisa que lhes torna Deus maior e mais amável; o que falta aos sentidos enriquece a fé; tanto menos há para os olhos, quanto mais para a alma. Adorar Jesus no Tabor, amar a vontade de Deus nas coisas extraordinárias, não provam fé tão excelente como amar a Deus nas coisas comuns e adorar Jesus em um estábulo e sobre a cruz. Em presença do presépio São Bernardo exclamava:

“Ele me é tanto mais caro quanto mais se abateu por causa de mim.”

CAPÍTULO 5 – A AÇÃO DIVINA OFERECE-NOS A CADA INSTANTE BENS INFINITOS

Se soubéssemos olhar cada momento como manifestação da vontade Deus, encontraríamos aí tudo quanto o nosso coração pode desejar. Nada há mais racional, perfeito e divino como a vontade de Deus: o seu valor infinito não pode sofrer alteração pela diferença dos tempos, dos lugares e das coisas; e se possuímos o segredo de achá-l’O a todos os momentos e em todas as coisas, teríamos o que há de mais precioso e digno dos nossos desejos.

Que desejais, almas fiéis? Levai as vossas inspirações além de toda a medida; estendei, dilatai o vosso coração; eu tenho com que possa enchê-lo.

O momento presente está cheio de tesouros infinitos; ele contém mais do que a vossa capacidade comporta. A vontade de Deus apresenta-se a cada instante como um mar imenso, que o vosso coração não pode estancar; mas ele haure aí tanto mais quanto mais se estende a fé, a confiança e o amor. Quando essa divina vontade se revela a uma alma e lhe faz sentir que está prestes a dar-se inteiramente, contanto que essa alma se dê pela sua parte, esta experimenta em todas as ocasiões um socorro poderoso; ela goza a felicidade da presença de Deus e tanto mais quanto melhor compreende o abandono em que deve estar sem interrupção alguma em frente dessa vontade adorável.

Quanto é deliciosa a paz que se desfruta quando se aprende pela fé a ver a Deus através de todas as criaturas, como de um véu transparente! Então as obscuridades tornam-se luminosas, e as amarguras cheias de doçura.

A fé, mostrando-nos as coisas na sua verdade, transforma em beleza a sua feiura e a sua malícia em bondade. Tanto mais a ação da criatura é malévola, tanto a de Deus a torna vantajosa; e enquanto o instrumento humano se esforça para prejudicar o divino artífice, entre cujas mãos ele se acha, aproveita-se da sua malícia mesma para tirar à alma o que lhe é nocivo.

CAPÍTULO 6 – O ABANDONO À PROVIDÊNCIA É A SANTIFICAÇÃO DO NOME DE DEUS E O ADVENTO DO SEU REINO PARA NÓS

O momento presente é como um embaixador que declara a ordem de Deus. O coração pronuncia o *fiat*, e a alma, por todas estas coisas, penetra no seu centro e no seu termo; não para, segue todos os ventos; tudo lhe é meio e instrumento de santidade sem diferença alguma. A única coisa necessária acha-se sempre para ela no presente. Não é a oração ou ação, o retiro ou a conversação, a leitura ou a escritura, o refletir ou deixar de pensar, a abundância ou a penúria, a languidez ou a saúde, a vida ou a morte; é tudo o que cada momento produz pela ordem de Deus. Se tudo o que acontece à alma submetida é o único necessário, vê-se bem que nada lhe falta e que nunca deve queixar-se. Se ela o faz entibia-se-lhe a fé e nesse caso serve pela razão e pelos sentidos, que nunca estão contentes porque veem essa insuficiência das graças.

Santificar o nome de Deus é reconhecer a sua santidade, amá-l'O, adorá-l'O em todas as coisas. As coisas procedem da boca de Deus como as palavras. O que Deus faz a cada momento é um pensamento divino manifestado por uma coisa criada. Santificar o nome de Deus é conhecer, amar e adorar o Ente Inefável, que este nome exprime. É também conhecer, adorar e amar a sua santíssima vontade em todos os seus efeitos.

É assim que Jó bendizia o nome de Deus. A desolação universal que lhe significava a vontade do Senhor, foi constantemente abençoada e adorada por este santo homem; ele a chamava não de uma ruína e desgraça, mas de um nome de Deus: *Seja bendito o nome do Senhor* (Jó 1, 21)! É por esta incessante revelação e aceitação da vontade divina em todas as coisas que Ele reina em nós e sobre nós, que Ele faz na terra o que faz no céu. O abandono à sua vontade compreende e contém toda a substância desta oração incomparável que Jesus Cristo nos ditou. Todos os dias e muitas vezes a recitamos; mas deve incessantemente pronunciar-se do fundo do coração, quando se quer fazer sinceramente a vontade de Deus. Aprendamos, pois, a conhecer no que sucede a todos os momentos o cunho da vontade divina e do seu adorável nome. Devemos adorar este santíssimo nome como um sacramento, que santifica pela sua própria virtude as almas, que não lhe opõe estorvo.

Venha a nós o vosso reino, Senhor, para santificar o meu coração, alimentá-lo, purificá-lo e fazer-me vitorioso dos meus inimigos.

CAPÍTULO 7 – O ABANDONO À DIVINA AÇÃO É UMA ESPÉCIE DE COMUNHÃO CONTÍNUA COMPARÁVEL A CERTOS RESPEITOS À COMUNHÃO EUCARÍSTICA

Quantas verdades há escondidas aos olhos dos cristãos que se julgam mais esclarecidos! Quão poucos dentre eles compreendem que toda a cruz, toda a ação, todo o impulso da ordem de Deus, nos dão Deus por modo comparável ao mais augusto dos nossos mistérios!

A razão e a fé nos mostram Deus sempre presente no amor divino em todas as criaturas e acontecimentos da vida, com tanta certeza quanto a palavra de Jesus Cristo e da Igreja nos revelam a presença da carne do Salvador sob as espécies eucarísticas. Por todas essas criaturas e acontecimentos, Deus quer unir-se a nós; Ele produziu, ordenou e permitiu tudo o que nos circunda e nos acontece, tendo em mira essa união, alvo único dos seus desígnios; e para consegui-lo serve-se das criaturas mais perversas assim como das melhores, e dos acontecimentos mais lamentáveis como

dos mais agradáveis; e a nossa união com Ele é tanto mais meritória, quanto os meios que aproveitam para estreitá-la são mais repugnantes à natureza!

Mas se tudo isso é verdade, porque não sucede que todos os momentos da nossa vida sejam uma espécie de comunhão com o divino amor e essa comunhão não produza nas nossas almas tantos frutos como a comunhão eucarística? Esta tem eficácia sacramental que não possui a outra; mas quanto essa pode ser mais frequente e quanto o seu mérito pode acrescentar-se pelas devidas disposições! Banquete perpétuo! Deus sempre dado e sempre recebido, não só no que há de grande e sublime, mas em tudo quanto há na terra de ínfimo, insano e nulo!

CAPÍTULO 8 – A AÇÃO DIVINA INDIGNAMENTE TRATADA NESTA MANIFESTAÇÃO DE TODOS OS INSTANTES

Quantas infidelidades no mundo! Como se pensa indignamente a respeito de Deus! Faz-se crítica às suas disposições, procura-se contraditá-las. Quer se forçar a divindade a proceder consoante as regras e nos limites estreitos da nossa deliberação. Tudo são queixas e murmúrios. Mas a vontade divina poderá praticar erros?

Tenho um negócio e falha-me; um homem me importuna; qualquer obstáculo me incomoda. Seja o que for, só a vontade de Deus é necessária. Nada nos falta, na verdade. Os acontecimentos, que chamamos de revezes, contratempos, contrariedades, que nos desgostam, se pensássemos bem, não murmuraríamos nem blasfemaríamos; a vontade de Deus seja feita.

Quando o Senhor Jesus estava na terra os judeus o tratavam de mágico; e agora, que Ele reside na eternidade, como se olha a sua vontade, sempre digna de bênçãos e louvores? Como é que a vontade de Deus me poderia ser nociva? E onde iria eu para encontrar alguma coisa que fosse melhor?

CAPÍTULO 9 – A AÇÃO DIVINA INFUNDE EM TODAS AS ALMAS A SANTIDADE MAIS EMINENTE, E PARA SER SANTO BASTA DEIXÁ-LA OBRAR

Por se ignorar o uso que deve fazer-se da ação divina, andamos nós ansiosos durante a vida recorrendo a meios, que podem ser bons se a ação divina os prescreve, mas que podem ser nocivos se impedem que nos unamos a ela. É necessário receber sempre essa divina ação e corresponder-lhe com o coração aberto, confiada e generosamente, porque só pode fazer-nos bem. Vós dizeis que gostaríeis de morrer por Deus; uma ação desta força vos encheria de satisfação. Perder tudo, morrer desamparado, sacrificar-vos pelos outros, encantam-vos estas ideias.

Eu, Senhor, rendo toda a glória só à vossa ação; nela deparo toda a felicidade do martírio, das austeridades, dos serviços prestados ao próximo. Essa ação me basta; por qualquer modo que ela me faça viver ou morrer, estarei contente. Ela me agrada por si mesma, além de todas as suas formas e efeitos, porque ela se estende a toda a parte e tudo diviniza; tudo pra mim é céu; e vivendo ou morrendo eu estou repleto da ação divina. Assim nunca lhe marcarei horas nem modos; sereis sempre bem-vinda. Parece-me que me patenteastes a vossa imensidade; não quero senão introduzir-me no vosso seio. Não vos irei buscar nos limites estreitos de um livro, numa vida de santos, no pensamento de uma pessoa espiritual; tudo isto são átomos. Não irei solicitar o meu pão de porta em porta; não suplicarei às criaturas, porque em vós deparo tudo.

Sim, meu Deus, quero viver, honrando-vos, como filho de um pai infinitamente bom, sábio e poderoso. Quero viver como creio e como a vossa ação é sempre empregada para a minha perfeição e ventura, quero viver desse capital imenso, que nunca se pode esgotar. E já que a vossa mão divina quer dispor tudo quanto me sucede, irei por ventura procurar auxílio a criaturas impotentes, ignorantes e ingratas?

Morreria de sede? Correria de fonte em fonte, de ribeiro em ribeiro, quando me circunda um mar sem praias? Pela vossa ação tudo se transforma em pão para manter-me, sabão para lavar-me, fogo para

purificar-me, instrumento para dar-me formas celestes; tudo é meio transmissor de graças: o que procurava em outras coisas, aqui o deparo suprindo todas as criaturas. Será possível que se procure esse amor em lugares onde ele não pode estar, e se despreze o único ponto onde jorra em torrentes? Quanta é a loucura de não respirar o ar, de ter receio de assentar o pé em terreno chão, de ter mingua de água em um dilúvio, de não encontrar a Deus, e de não receber a sua ação em todas as coisas?

Almas fiéis! Vós procurais os segredos de estar com Deus; não há outros senão lançar mão dos que se apresentam. Tudo leva a essa união que desejais; cumpre acabar tudo e entregar-se à Providência. Tudo vos dirige e aperfeiçoa. Tudo é a mão de Deus; a sua extensão é mais larga do que os elementos. Os licores vitais, que circulam nas vossas veias só correm pelo impulso que ela lhes dá.

Toda a diferença que existe nos nossos movimentos, a força ou a fraqueza, a languidez ou a vivacidade, a vida ou a morte, são instrumentos que a mão de Deus maneja para a vossa santificação. Todos os estados corporais são operações de graça sob a sua influência.

Todas as almas atingiriam estados sobrenaturais, sublimes, admiráveis, se todos se contentassem da vossa ação! Se deixássemos obrar essa mão divina, alcançaríamos a santidade mais eminente! Como poderia eu fazer gozar às criaturas o que eu avanço? Possuindo tão rico tesouro, ver-me-ei compelido a ver morrer tantas almas na indigência mais triste? Mostrando-lhes o manancial das águas vivas, vê-las-ei morrer sequiosas? Vinde, almas simples, sem talento e sem entender os termos espirituais, que admirais a eloquência dos sábios; eu vos ensinarei um segredo que ultrapassa todos esses espíritos hábeis, e vos porei tanto à vontade na perfeição que a encontrareis sempre à mão. Vinde, não para ver a história da ação divina, mas para serdes objeto dela; não para aprender o que ela fez nos séculos e o que faz ainda, mas para serdes objeto da sua operação.

CAPÍTULO 10 – DEUS REVELA-SE NOS ACONTECIMENTOS MAIS VULGARES

A palavra de Deus escrita é cheia de mistérios; a sua palavra executada nos acontecimentos não o é menos; estes livros estão verdadeiramente selados; a letra de ambos mata. Os acontecimentos do século são palavras obscuras deste grande Deus tão escondido e incógnito. São gotas do mar, mas de um mar tenebroso; todas as gotas e todos os rios promanam da sua origem. A queda dos Anjos, a de Adão, a impiedade e idolatria dos homens, antes e depois do dilúvio... São palavras bem obscuras da Escritura Sagrada: um punhado de homens, perseverados da idolatria, na destruição geral do mundo, até a vinda do Messias; a impiedade sempre reinante e poderosa; esse pequeno número de defensores da verdade sempre perseguidos, os tratamentos feitos a Jesus Cristo, as chagas do Apocalipse. São estas as palavras de Deus! É o que Ele revelou... É o que ditou? Que quer dizer Deus pelos turcos, pelos protestantes, por todos os inimigos da Igreja? Tudo isso manifesta a vontade divina, tudo isso prega com força, tudo isso glorifica as perfeições infinitas do Senhor.

Vós falais, ó meu Deus, a todos os homens pelos fatos gerais. Falais em particular a cada homem pelo que lhe acontece de momento em momento. Mas em vez de ouvir nisto a sua voz, de respeitar a obscuridade e o misterioso da vossa palavra, só se quer ver aí o acaso, a fantasia do homem; quer-se ajuntar, diminuir, reformar; consente-se em excessos cujo menor seria um atentado se se tratasse de uma só vírgula das Escrituras Sagradas. Estas são respeitadas. Dir-se-á: *É a palavra de Deus, tudo aí é santo e verdadeiro. Se não se compreende, maior é a veneração, dando-se glória e justiça às profundezas da sabedoria de Deus.*

Isto é justo.

Mas o que Deus vos diz, almas carinhosas, as palavras que sem cessar pronuncia, que tem por corpo, não tinta e papel, mas o que vós sofreis, o que vos acontece de um momento ao outro, nada merecerá da vossa parte? Porque não respeitais vós em tudo a verdade e vontade de Deus? Não vedes que medis pelos sentidos e pela razão o que só pode medir-se pela fé; e que lendo com os

olhos da fé a palavra de Deus escrita, andais mal, quando ela se manifesta nas suas operações, lendo-a por outros olhos?

CAPÍTULO 11 – DEUS FAZ-SE GUIA DOS QUE SE ABANDONAM A ELE

O fundamento mais sólido da vida espiritual consiste em entregar-se a Deus para ser conduzido e dirigido a seu bel prazer em tudo, tanto no interior, como no exterior; e de levar a abnegação ao ponto de considerar-se uma coisa vendida e entregue, à qual já se não tem direito algum, de sorte que a vontade divina faça toda a nossa alegria. Estabelecido este fundamento, a alma passa a sua vida regozijando-se em Deus, por Ele ser Deus, deixando a sua própria existência tanto no seu arbítrio, que o contentamento seja igual, que ela faça isto, quer o contrário, não fazendo reflexão alguma sobre o que Deus assim dispuser.

Abandono completo! É o grande dever que resta a cumprir, depois de haver satisfeito finalmente a todos os deveres do estado que se tomou.

A perfeição, com que cumprirmos este grande dever, será a medida da santidade. Uma alma perfeita é uma alma livremente submetida à divina vontade com os auxílios da graça. Tudo quanto segue a pura anuência a essa santa vontade, não é obra do homem, mas de Deus. Esta alma recebendo-O cegamente em uma indiferença universal, Deus só lhe exige esta disposição, de resto, todo o mais Ele determina e escolhe à sua vontade, como um arquiteto designa as pedras do edifício que quer construir.

É imprescindível amar a Deus e a sua ordem; amá-l'O tal qual se apresenta sem nada desejar a maior. Como é admirável esta máxima de espiritualidade no abandono pleno à ordem de Deus! E no contínuo esquecimento de si, ocupar-se a amá-l'O eternamente e obedecer-lhe, sem todos esses temores, reflexões e recaídas que só servem para perturbar a alma! E já que Deus se oferece a nós para fazer os nossos negócios, entreguemo-nos à sua infinita sabedoria, ocupando-nos só d'Ele.

Vamos, alma minha, com a cabeça erguida acima de tudo o que se passa dentro e fora de nós, sempre contente de Deus, com o que Ele

faz de nós e nos leva a fazer. Vamos através das relutâncias, das doenças, privações, riquezas, debilidades de espírito, ciladas do demônio, e dos homens, das suas desconfianças, ciúmes e prevenções. Voemos como águias acima das nuvens; sintamo-l'O, não podemos ficar-lhe insensíveis; mas lembremo-nos que a nossa vida não é vida de sentimentos. Vivamos nessa região superior da alma, em que Deus e a sua vontade são tudo.

A alma de fé, que sabe o segredo de Deus, está sempre em paz: tudo o que se passa nela, em vez de assustá-la, sossega-a; intimamente persuadida que é Deus quem a conduz, tudo toma por graça e benefício; e repete continuamente com o Divino Salvador: *assim meu Pai, porque tal foi a sua vontade.*

CAPÍTULO 12 – O AMOR SUPRE TUDO NAS ALMAS QUE SE ABANDONAM À PROVIDÊNCIA

Privando de tudo as almas que se entregam absolutamente a Deus, Ele lhes dá alguma coisa que substitui tudo, a luz, a sabedoria, a vida e a força; é o seu amor. O divino amor é nestas almas como um instinto sobrenatural; e a arte de abandonar-se a Deus, é a arte de amá-l'O.

A ação divina só se importa com a boa vontade; não é a capacidade das outras faculdades que a atrai nem a incapacidade que a desvia. Se depara com um coração bom, puro, reto, simples, submisso, filial e respeitoso, não precisa de mais: apossa-se deste coração, possui-lhe todas as faculdades, e dispõe tão bem de todas as coisas, que a alma só encontra motivos de santificação. O que mata as outras almas, o contraveneno da boa vontade, não deixaria de neutralizar seus terríveis efeitos; embora chegasse às beiras do precipício, a ação divina a desviaria da queda; e depois de cair ainda a salvaria.

E no fim de tudo, as faltas dessas almas são sempre pequenas fragilidades, e o amor consegue sempre voltá-las em vantagem própria.

Elas iluminam-se em clarões divinos, porque a divina inteligência as acompanha em todos os passos e as livra de todos os perigos, onde poderia naufragar a sua simplicidade. Se caem em compromissos prejudiciais; a Providência depara-lhes felizes eventualidades, que

tudo reparam. Como é boa a política que se funda na boa vontade! Prudência na simplicidade, indústria na inocência e na fraqueza! Vede o jovem Tobias, é uma criança, mas Rafael vai a seu lado, e assim caminha com segurança. Até os monstros que encontra lhe fornecem víveres e remédios; e aquele que procura devorá-lo vem a ser o seu alimento. O amor divino é, pois, para as almas que se entregam plenamente a ele, o princípio de todos os bens; e para adquirir este tesouro, basta querer; sim! Almas queridas, Deus só quer o vosso coração, e desde que se quer só a Deus e a sua vontade, goza-se daquele e desta, e esse gozo corresponde aos desejos que se tem. Amar a Deus é abrigar o desejo sincero de amá-l'O.

Não é a habilidade própria que corresponde a ação divina; ela corresponde à pureza da intenção e não às medidas que se tomem, aos projetos que se formem, aos meios que se escolham. A alma pode iludir-se em tudo isso; e não é raro que isto suceda; mas a sua retidão e boa intenção nunca a iludem. Basta que Deus veja essa boa disposição, para dispensar todo o resto; donde resulta que a boa vontade nada tem que recear; porque, só cai, só pode cair sob essa mão onipotente, que a sustenta em todos os seus desvarios. É essa mão divina que a aproxima do limite quando dele se afasta, e que a conduz ao bom caminho, quando dele sai; e nela a alma encontra sempre recursos nas aberrações da imaginação. Nunca um bom coração está solitário, porque o Espírito Santo disse:

“Tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus. (Rm 8, 28)”

CAPÍTULO 13 – A ALMA QUE SE ABANDONA A DEUS, DEPARA MAIS LUZES E FORÇAS NA SUA SUBMISSÃO DE QUE NÃO POSSUEM ORGULHOSOS QUE LHE RESISTEM

Para que servem as luzes mais sublimes, e até as revelações divinas, quando se não ama a vontade de Deus?

Lúcifer não quis aprovar a sua ordem; o proceder da ação divina, que Deus lhe revelava, descobrindo-lhe o Mistério da Encarnação, só lhe causou inveja; pelo contrário, uma alma simples e iluminada

pela fé não pode cessar de admirar, louvar e amar a ordem de Deus; de achá-l'O não só nas criaturas santas, mas até na confusão e desregramento das mais contaminadas. Uma alma simples é mais esclarecida por um grão de fé pura do que Lúcifer pelas suas claridades elevadíssimas.

A ciência da alma fiel aos seus deveres tranquilamente submissa às ordens da graça, doce e humilde, vale mais do que a mais profunda penetração dos mistérios. Se víssemos só a ação divina nesse orgulho e dureza das criaturas, só com doçura e respeito as receberíamos.

As suas desordens não podem perturbar a ordem. Contanto que se seja fiel a praticar a doçura e humildade, estas criaturas só podem auxiliar a alma a unir-se mais intimamente à ação divina. Não nos deve importar o caminho que elas seguem; caminhemos nós no nosso com firmeza; assim vergando suavemente, chega-se a quebrar os cedros e a derrubar os rochedos.

Nada há no mundo que possa resistir à força de uma alma fiel, doce e humilde; e se queremos vencer infalivelmente todos os nossos adversários, basta opor-lhe estas armas, que Jesus Cristo colocou nas nossas mãos para defender-nos, nada tende que temer, quando sabemos servir-nos delas.

Quem é Lúcifer? É um formoso espírito, o mais esclarecido de todos, mas descontente de Deus e da sua ordem. O mistério da iniquidade não é senão a extensão deste descontentamento que se manifesta por todos os modos possíveis. Se Lúcifer pudesse, não quereria deixar coisa alguma do que Deus fez e ordenou; em toda a parte, onde ele penetra, aparece a obra de Deus sempre desfigurada. Tantas mais luzes, ciência e capacidade tem uma pessoa, tanto mais deve recear, se não tem o fundamento da piedade, que consiste em estar contente com Deus e a sua vontade. O coração assim regrado está unido à ação divina; sem Ele tudo se reduz a puro naturalismo, e em geral, pura oposição à ordem de Deus. Este onipotente artífice não reconhece por instrumentos senão os humildes; e condena os soberbos, que bem a seu pesar servem como vis escravos ao cumprimento dos seus desígnios. Quando vejo uma alma que se ocupa só de Deus e se submete às

suas ordens, embora esteja privada de todas as coisas, digo: *Eis aqui uma alma, que tem grandes talentos para elevar-se à perfeição.*

Todo o resto sem isto me faz medo; receio encontrar aí a ação de Lúcifer, acautelo-me e fortaleço-me no meu fundo de simplicidade para opô-lo a todo esse brilhantismo sensível que para mim não passa de vaso frágil.

CAPÍTULO 14 – DEUS ASSEGURA ÀS ALMAS QUE LHE SÃO FIÉIS, VITÓRIA GLORIOSA SOBRE AS POTÊNCIAS DO MUNDO E DO INFERNO

Se a ação divina se oculta sob as exterioridades da fraqueza, é para aumentar o mérito das almas que lhe obedecem; mas o seu mérito não é menos seguro.

A história do mundo não é senão a das lutas que as potências do mundo e do inferno travam desde o princípio contra as almas humildemente consagradas à ação divina. Nestas lutas todas as vantagens parecem estar do lado do orgulho, e, todavia, é a humildade que triunfa sempre. A figura do mundo nos é apresentada sob a imagem de uma estátua de ouro, prata, bronze, ferro e barro. Este mistério de iniquidade mostrado em sonho a Nabucodonosor, é a reunião confusa de todas as ações exteriores de todos os filhos das trevas.

Esses são ainda figurados pela saída do abismo desde o princípio dos séculos para fazer guerra ao homem interior e espiritual; e tudo o que se faz hoje é sequência dessa guerra. Os monstros sucedem-se uns aos outros; o abismo devora-os e torna a vomitá-los; eles enviam incessantemente novos vapores.

O combate começado no céu entre Lúcifer e São Miguel e continuado na terra entre a serpente e a Mãe do gênero humano, durará até a consumação dos séculos. O coração deste anjo soberbo e invejoso tornou-se um abismo inesgotável de todos os males; ele revoltou os anjos contra os anjos do céu; e todo o seu cuidado na terra consiste em suscitar, entre os homens, novos malvados que ocupem o lugar daqueles que o abismo devora.

Lúcifer é o chefe dos que não querem obedecer a Deus; esse mistério de iniquidade é a inversão da ordem divina, é a ordem, ou antes a desordem do demônio; e essa desordem é um mistério porque oculta debaixo de belas aparências males irremediáveis e infinitos. Todos esses ímpios que, desde Caim até aos que atualmente assolam o universo, têm declarado guerra a Deus, foram aparentemente grandes e poderosos personagens que fizeram muita confusão no mundo e a quem os homens adoraram. Mas essa aparência pomposa é só um mistério; não são senão bestas que subiram do abismo umas após outras para arruinar a ordem divina; mas essa ordem, que é outro mistério, lhes opôs sempre homens verdadeiramente grandes e poderosos que feriram de morte esses monstros; e à maneira que o inferno solta outros, o céu faz surgir heróis que os combateram. A história antiga, santa e profana não é mais que a história dessa guerra. A ordem de Deus permaneceu sempre vitoriosa; aqueles que se colocaram do seu lado triunfaram com Ele, sendo recompensados com a bem-aventurança eterna; a impiedade, pelo contrário, nunca pôde proteger os desertores e não pôde pagar-lhes senão com a morte, e morte eterna. Pensa-se ser invencível, quando se tem a impiedade em frente. Quando uma só alma tivesse o inferno e o mundo contra si, nada deveria temer desde que se colocou no partido do abandono à ordem de Deus. Essa audácia monstruosa da impiedade armada de tanto poder, essa cabeça de ouro, esse corpo de prata, de bronze e de ferro, não é mais do que um fantasma aparatoso de pó, bastando para desfazê-lo uma pequena pedra.

Quanto o Espírito Santo é admirável na representação de todos os séculos! Tantas revoluções que surpreendem os homens; os heróis que sobrevivem com tanto aparato e são como tantos astros que rolam sobre a cabeça dos outros; tantos acontecimentos extraordinários, tudo isto não passa de um sonho que escapa à memória de Nabuconodossor quando desperta, embora sejam terríveis as impressões que deixaram no seu espírito. Todos esses monstros vêm ao mundo para exercitar só a coragem dos filhos de Deus; e quando estes estão assaz adestrados, Deus lhes dá o prazer de matar estes monstros, e para este fim chama novos atletas ao campo de batalha. Esta vida é um espetáculo contínuo,

que faz o júbilo do céu, o exercício dos santos na terra e a confusão no inferno. Assim, tudo o que se opõe à ordem de Deus serve só para torná-la mais adorável. Todos os servos da iniquidade são escravos da justiça; e a ação divina constrói a celeste Jerusalém com as ruínas de Babilônia.

TERCEIRA SEÇÃO – CARTAS DO PADRE JEAN PIERRE DE CAUSSADE

Quando nós lemos o Tratado do Abandono à Providência pelo Padre Caussade, no meio de pensamentos admiráveis encontramos alguns, que para serem bem compreendidos exigem uma contenção de espírito de que muitas pessoas não serão capazes. Nas suas cartas o piedoso escritor emprega uma clareza que torna a sua leitura fácil, agradável e própria para dirigir as almas nas vias da sólida perfeição. Vamos dar a substância de algumas dessas cartas mais importantes; embora sejam dirigidas o mais das vezes à religiosas, ver-se-á que tudo o que elas contém é aplicável às pessoas piedosas, obrigadas a viver no mundo.

CARTA 1 – À UMA NOVIÇA. CONJUNTO DAS PROVAS. DIREÇÃO GERAL.

A vossa vocação, minha irmã, parece ter o selo de Deus; vejo nela sinais manifestos da sua divina bondade, provas da sua predileção graciosa pela vossa alma e consoladoras garantias da vossa predestinação. Alegrai-vos, pois, no Senhor, e agradecei-lhe incessantemente este precioso testemunho do seu amor para conosco.

O atrativo que Deus vos dá para consagrar-vos inteiramente a Ele e para viver uma vida interior, apesar das dissipações e provas do espírito e revoltas da natureza, é uma graça cujo preço eu quisera fazer-vos conhecer completamente. Ela é tanto mais real quanto é menos acessível aos sentidos e mais ocultas sob as aparências contrárias.

Porque razão, pois, apesar desse atrativo e de todas as vossas leituras, tendes ficado até este dia à porta da vida interior sem poder entrar para dentro? Eu vou dizê-lo, minha irmã, porque vejo muito distintamente a razão; é porque vós haveis abusado desse atrativo natural que desagradam a Deus e abafam os suaves movimentos da sua graça; também vós colocastes no vosso procedimento uma

presunção secreta e imperceptível, que vos fazia contar em demasia sobre a vossa própria indústria e esforços. Deus quis humilhar-vos e confundir-vos pela vossa própria experiência; e por este modo moderar esse ardor natural que vos arrastava além das impressões da graça. Sem que vos apercebêsseis, obraríeis como se houvésseis pretendido fazer toda a obra pelo vosso próprio trabalho e ainda além do que Deus queria. Vós, que teríeis como grande pecado uma ambição mundana, vos deixáveis arrastar sem escrúpulo por uma ambição mais sutil e pelo amor da vossa própria elevação nas vias do espírito. Mas consolai-vos: graças ao rigor misericordioso, que Deus usa a vosso respeito, nada há perdido ainda e, pelo contrário, muito tendes ganhado. Deus vos pune destas imperfeições como bom pai e com ternura; e vos ministra remédio para o vosso mal no castigo mesmo com que vos afeta. Para vingar-se das vossas infidelidades, envia-vos as precauções costumadas e de que se serve para purificar e desligar as almas escolhidas que Ele chama ao puro amor e à união divina. Compreendei esse procedimento paternal, cujo objeto sois; olhai as vossas provações pelo verdadeiro prisma e todos os vossos receios se dissiparão por si mesmos. Não vos admireis, por exemplo, que as vossas mágoas interiores tenham aumentado desde que entrastes em religião; isso não me surpreende, e mau seria que sucedesse por outra forma. Foi desde então que mais inteiramente pertenceis a Deus e que este Divino Esposo deve trabalhar mais energicamente para purificar a vossa alma a fim de dispô-la a uni-la a si.

Quanto a essa contínua dissipação de que vos queixais, creio que ela provém, em parte, do vosso natural, da vivacidade da vossa imaginação e principalmente do hábito. Mas Deus não permitiu este resultado senão para humilhar-vos e confundir-vos mais; a viva dor que sentis não é a parte menos meritória da provação. Vedes quanto eu estou afastado do vosso parecer, que o mal seja irremediável ou que provenha de alguns pecados secretos. Os temores que essa dissipação de espírito vos faz experimentar, quando ides à oração, são tentações ou pura imaginação; e Deus vos fez uma grande graça quando vos deu a coragem precisa para

passar adiante e vos acercardes d'Ele sem embargo desses falsos temores.

Na vossa repugnância pelas coisas exteriores e pelos empregos, só vejo outra parte da vossa provação e grande motivo de mérito na presença de Deus, contanto que domineis essa repugnância em vez de deixar-vos arrastar por ela. Os vossos atos de abnegação, sacrifício e abandono são sólidos e bons; e o seu mérito só faz aumentar-se pela repetição das rebeliões interiores que vos crucificam de novo; é uma outra parte da provação.

O que me dizeis sobre a vossa impotência e aparente ociosidade na oração é outra consequência da prova; e eu ficaria muito surpreendido se sucedesse por outra forma. Mas sossegai, minha cara irmã, vós não perdeis o vosso tempo na oração, poderia ela ser mais tranquila, mas nunca melhor nem mais útil e meritória; a oração de aniquilamento e sofrimento é a mais cruciante, a que mais purifica a alma e a faz morrer para si, para não morrer depois senão em Deus e para Deus. Quanto eu aprecio essas orações durante as quais vos mantendes na presença de Deus como insensível a tudo e vergada pelo peso de todas as sortes de tentação! Haverá coisa mais própria para humilhar, confundir e aniquilar uma alma perante Deus?

Eis o que Ele pretende e aonde conduzem estas misérias aparentes. Se soubésseis então conservar-vos respeitosa e submissa neste estado humilhante, abandonando-vos plenamente à vontade divina, comprazendo-vos na vossa abjeção e aniquilamento, vos tornaríeis muito mais agradável a Deus pela imobilidade e silêncio, do que por atos formais ou mais enérgicos.

Não há sacrifícios que Deus aceite de melhor grado do que esse inteiro abandono de um coração quebrado e aniquilado; é este verdadeiramente o holocausto de cheiro agradável. As orações mais suaves e fervorosas, as mortificações voluntárias mais rigorosas, nada tem de comparável com este sacrifício.

Os vossos temores a respeito da confissão e comunhão são outra parte da vossa prova, tentações e quimeras que é necessário rejeitar e desprezar; se continuam a turbar-vos apesar das vossas

resistências, passarei adiante e tereis paciência neste ponto como em tudo.

Quando no desejo de sair de um estado tão violento é o movimento do amor próprio e da natureza, que gritam e tentam revoltar-se, vendo-se nas circunstâncias de serem sacrificados. Não vos admireis disto nem vos assusteis, mas lutai corajosamente contra estes desejos naturais e persisti com constância inabalável em querer só o cumprimento da vontade divina. Este ponto é de uma importância capital, não só para recolher o fruto da provação, mas também para suavizar-lhe o amargor e encurtar-lhe a duração. Se ela foi tão longa para vós, tenho razão para atribuí-la a não terdes ainda tido a coragem de fazerdes o sacrifício pleno, que Deus vos pedia. Apressai-vos a fazê-lo, dizendo-lhe: *Sim, meu Deus, aceito tudo, submeto-me a tudo sem reserva e por tanto tempo quanto vos aprouver*. Eis aqui os conselhos que vou dar-vos para que vos entregueis a esse abandono a Deus:

1.º Ide à oração resignada, a ser aí atormentada, afligida e crucificada, como Deus quiser. Quando as distrações, as securas, tentações e desgostos vierem importunar-vos, direis: *Sê bem-vinda, ó cruz do meu Deus. Eu te recebo com o coração submisso; e que eu sofra tanto até que o meu amor próprio se aniquile*. Mantende-vos depois ante Deus, oprimida pela vossa carga e prestes a sucumbir, mas esperando o auxílio e socorro do Bom Senhor. Ajoelhai humildemente aos pés de Jesus Cristo em uma expectativa passiva, silenciosa e pacífica como faz um pobre miserável, que espera a esmola horas inteiras, à porta de um grande rei ou de um rico generoso. Mas sobretudo não procureis fazer esforços nem na oração nem em outra qualquer coisa, para estar mais recolhida do que Deus não quer.

2.º Não façais esforço algum para conservar-vos em recolhimento durante o dia e desviai as dissipações contínuas; contentai-vos de sentir e de conhecer que este estado de dissipação vos desagrade e que teríeis grande prazer em ver-vos livre dele, mas só quando aprouver a Deus, e tanto quanto lhe aprouver, nem mais nem menos.

3.º Se as securas, as penas, temores e outras disposições vos contrariam tanto que não possais fazer um ato interior, nem ainda conceber um bom pensamento, não vos desanimeis. Nada tendes que temer e antes muito que ganhar se nesta deplorável situação vos souberdes manter no silêncio interior de respeito e submissão, imersa no abismo do vosso nada.

Este aniquilamento aceite e amado por amor de Deus é o vosso refúgio seguro no meio das tempestades; é aí que vos deveis manter, pensando ver todas as vontades de Deus cumprir-se em vós. Afigure-se-vos que Ele faz descer sobre a vossa alma todas essas distrações, securas, temores, angústias, misérias e humilhações.

4.º Quanto aos sacramentos tende toda a cautela de nunca omitir algum. Mas dir-me-eis vós: *Como hei de preparar-me para recebê-los quando o espírito está conturbado por toda a sorte de temores e aflições?* Deveis desprezar tudo isso, passar além, e ir direito a Deus; e depois de ter feito suavemente e sem esforço o pouco que puderdes, ficai tranquila nesse silêncio interior de fé, submissão e amor, dizendo mentalmente: *Que o meu Soberano Senhor e Mestre faça de mim o que lhe aprouver. Amém.*

5.º Como em tudo que me dizeis não há pecado formal, embora vos pareça o contrário, mantende-vos sempre em sossego. Já não falo da parte inferior que se acha perturbada, mas da parte superior, à qual, com o socorro de Deus, pode permanecer tranquila no meio destas tormentas. A agitação não é, para o dizer assim, senão na parte exterior dos sentidos e da alma para crucificar aqueles e fazê-los morrer, como convém, antes de atingir ao puro amor. Não depende senão de vós o impedir que esta turbação não vá até no interior; e é a respeito do que até agora não fostes assaz esclarecida e fiel.

6.º Com efeito, embora eu não observe pecado deliberado no vosso procedimento, descubro, todavia, uma multidão de faltas e imperfeições que muito vos poderiam prejudicar, se lhe não aplicásseis remédio enérgico. Mas vós me perguntais qual esse remédio seja e ei-lo aqui: em primeiro lugar nunca aderir a essas imperfeições; e em segundo lugar não se ocupar delas nem

combatê-las com esforço, o que não faria senão aumentá-las; mas deixá-las cair, pensar em outra coisa, retirar-vos para o vosso refúgio, quero dizer, para esse silêncio interior de respeito e submissão, confiança e abandono total. Mas se, todavia, cometo algumas faltas voluntárias como devo comportar-me? Cumpre recordar a recomendação de São Francisco de Sales: Não vos afastardes por causa dessa perturbação; não vos inquietardes por essa inquietação; não vos desalentar por esse desalento; mas regressar logo a Deus sem violência, humilhando-vos e agradecendo-lhe por Ele ter permitido que não cometêsseis faltas maiores. Essa humildade sossegada pacificará o vosso interior e quanto ao momento presente é essa a vossa principal necessidade espiritual. Esquecia-me dizer-vos que os vossos grandes desejos do divino amor, sem embargo do que experimentais depois, não são imaginações nem quimeras; pelo contrário, esses desejos são muito reais, sólidos e excelentes; é imprescindível conservá-los, mas suavemente, sem vos entregardes a esses ardores, a esses transportes da imaginação e da atividade natural que estragam tudo. O que sentis quando estais abrasada com esses ardentes desejos, e a frouxidão e frieza que experimentais um momento depois, não deve causar-vos surpresa.

Vou explicar-vos por uma comparação, o que se passa então em vós: quando lançais ao fogo um pequeno pedaço de madeira bem seco, pega-lhe o fogo e ele pouco a pouco o envolve todo sem barulho algum; mas se a lenha é verde, a chama dura apenas um instante e o calor do fogo, atuando pouco a pouco sobre ele, o vai dissecando, fazendo-o suar e gemer, agitando-o com estalos e fermentação até que se torne apto para receber a força do fogo; e então o fogo pega de novo, abrasa e consome suavemente sem esforço e sem estrondo. Eis aqui uma imagem de operação do amor divino nas almas, que ainda estão cheias de imperfeições e dominadas pelo amor próprio; é imprescindível purificá-las primeiro, refiná-las, e isto não se consegue sem agitá-las e fazê-las sofrer. Considerai-vos, pois, como essa lenha verde, atuada pelo amor divino antes de inflamar-se, abrasar-se e consumir-se; ou também como uma estátua nas mãos de um escultor ou como uma pedra que se desbasta e prepara com o martelo e o cinzel para estar nas

circunstâncias de ser colocada em um belo edifício. Se essa pedra tivesse sentimento e durante o seu sofrimento vos perguntasse o que devia fazer, sem dúvida lhe responderíeis: *Mantém-te firme e tranquila, o artista fará de ti o que é necessário; aliás nunca deixarás de ser uma pedra bruta e informe.*

Tomai, pois, para vós este conselho: tende paciência e deixai que Deus faça, contentando-vos em dizer: *Adoro e submeto-me: fiat!*

CARTA 2 – UTILIDADE DAS PROVAS. TRATA-SE DE UMA ALMA ENTRADA NESTA VIA DEPOIS DE HAVER DESFRUTADO AS DOÇURAS DE UMA DEVOÇÃO SENSÍVEL.

Apresentou-se ao meu espírito uma comparação ao ler a vossa carta. É uma criança, à qual a sua ama recusa o leite para habituá-la a uma alimentação mais sólida e que chora como se fosse condenada a morrer de fome. Pela vossa parte vós lamentais também o gosto pelos atrativos que Deus vos havia dado para condescender com a vossa fraqueza; e não observais que este estado era cheio de imperfeições e que Deus devia privar-vos destas consolações sob pena de condenar-vos a permanecer sempre criança. É verdade que elas são muito agradáveis à natureza, que quer ver sempre, conhecer e sentir; mas é por isso mesmo que elas são menos próprias a satisfazer as exigências da graça. Se o nosso Bom Senhor não usasse a esse respeito para conosco do rigor paternal, ficaríamos sempre fracos, sujeitos a mil defeitos, e incapazes de defender-nos contra as seduções do amor próprio. Uma alma, que não tem sido esclarecida e libertada pela provação, deixa-se arrastar sem quase se aperceber a contínuas complacências em si mesma; funda-se o seu contentamento e a sua paz em tudo o que há de mais instável no mundo, a sensibilidade; permanece em uma vã estima de si mesma, causada pelas suas riquezas espirituais, em cuja posse ela julga estar; e apraz a Deus que ela não chegue à uma espécie de idolatria da sua pretendida excelência! Mas quando evitasse este criminoso excesso, é muito para rezear que, cheia de si mesma, ela fique vazia de Deus.

Parece em certos momentos, que se está sem fé, sem esperança, sem caridade, sem religião, e sem virtude alguma. Acontece isto quando apraz a Deus de tirar todo o sensível das suas virtudes para fazê-las residir no espírito puro e caminhar a alma na fé intemerata. É então que o servimos e adoramos em espírito e verdade, como dizia Jesus Cristo à samaritana. Este estado é muito mais distante dos sentidos, mais elevado, depurado e sólido; mas não se chega lá senão pela privação dos gostos sensíveis, assim como não se gozam as doçuras da devoção senão pela privação dos prazeres sensuais e terrestres. São diversas estações que é imprescindivelmente necessário transpor para chegar, por graus, até a região da pura luz.

Quanto aos atos multiplicados de oblação e resignação devem os principiantes fazê-los sem dúvida para adquirir o hábito; mas no vosso estado atual é o vosso coração que deve fazer e faz tudo isso e mais do que isso sem que penseis em tal. Não vê Deus as vossas intenções mais secretas que lhe as manifesteis, pelo que se chama de atos formais? Quando no meio das nossas boas obras, se introduz no coração alguma intenção secreta de amor próprio, vaidade ou respeito humano, longe de fazermos atos expressos, quiséramos ocultar a nós próprios estas intenções perversas, convencidos que Deus as vê e as há de punir; acreditaremos e nós, pois, que Ele não vê também as nossas boas e mais secretas intenções, e que Ele é mais liberal a recompensar do que severo a punir?

O desvario dos vossos pensamentos não é senão uma provação, ocasião de sofrimento e de humilhação, exercício de paciência e de mérito; e a dor, que vos causa mostra o desejo que teríeis de estar sempre ocupada em Deus. Ora, Deus vê esse desejo e na presença d'Ele os desejos valem por atos, quer para bem, quer para mal. Sofrei, pois, com paciência os desvios involuntários do vosso espírito e procurai não vos perturbar com eles nem examinar com inquietação de onde eles provém; será uma pura curiosidade de amor próprio. Recordai-vos do que Santa Teresa dizia a este respeito:

“Deixemos que a taramela^[19] faça barulho, contanto que o moinho faça boa farinha.”

Ela comparava o espírito desvairado à taramela e a vontade, que tende para Deus, ao moinho que faz boa farinha.

Eu não me surpreendo da fadiga e do vazio que experimentais, querendo multiplicar com esforço os vossos atos interiores.

Por este meio procurais subtrair-vos à operação de Deus, substituindo-a pela vossa própria, como se quisésseis antecipar a graça e fazer mais do que Deus quer. É isto o que se chama de atividade natural; contentai-vos em ficar em paz no vosso nada e conservai-vos aí como em uma prisão onde Deus se compraz em reter-vos cativa. É assim que se está na santa e fecunda ociosidade de que falam os santos e que se tem inúmeras ocupações sem trabalhar. É só o amor próprio que se enfada e desespera, de não ter nada que fazer, de nada ver, nem sentir, nem ouvir; mas gema ele como quiser; enfadando-se e desesperando-se acabará por libertar da sua presença, e cortando-lhe os víveres fá-lo-emos morrer de fome.

Bem-aventurada morte! Desejo-a como para mim próprio de todo o meu coração.

CARTA 3 – SACRIFÍCIO QUE DEUS EXIGE A UMA ALMA PARA FORMÁ-LA À VIDA INTERIOR

Quando não tiverdes vagar nem gosto de ler, procurai manter-vos em paz na presença de Deus, e não vos deis trabalho procurando fazer outras práticas de sub-rogação, salvo se Deus vos der o movimento e a facilidade; e se vos parecer que vos falta coragem em muitas coisas, esforçai-vos por conservardes a determinação geral de consagração a Deus. Humilhai-vos vendo quanto esta vontade é pouco eficaz e considerai-vos como não tendo ainda feito coisa alguma; tanto menor for a confiança em vós, tanto mais fácil será depô-la em Deus e nos méritos de Jesus Cristo. Eis aqui a sólida e perfeita esperança que destrói o amor próprio e martiriza; e nada há mais salutar do que esse martírio, principalmente a respeito de certas almas. Vós me dizeis que há sacrifícios que levam para Deus e outros que afastam d'Ele. Este sentimento é um erro que provém de julgarmos ordinariamente o bem e o mal, quanto à piedade senão pelos sentidos. Em certos sacrifícios, que não tocam

o coração pelo lado sensível, encontramos um não sei de quê de consolador que nos leva para Deus naturalmente; mas naqueles que nos ferem vivamente o coração, como nos causam dor, perturbamo-nos e nos abatemos. A essa dor que nos causam tais sacrifícios junta-se então outro sofrimento muito penoso, isto é, o temos de sofrer mal sem mérito; e daí nasce a falsa persuasão que esses sacrifícios desviam de Deus. É, todavia, princípio incontestável que quanto mais nos tocam ao vivo os sacrifícios, tanto mais nos fazem morrer para nós próprios, nos desligam das criaturas, aproximando-nos de Deus e unindo-nos a Ele. Essa união é tanto mais meritória, quanto mais oculta e fora do alcance dos sentidos; e o amor próprio não tem aí parte alguma. Queira Deus persuadir-nos de uma máxima tão consoladora, ensinada pelos doutores e confirmada pela experiência. Para bem compreender isso devemos lembrar-nos que em todos os homens há um tal fundo de amor próprio, fraqueza e miséria que não poderiam reconhecer um dom de Deus sem se exporem a alterá-lo e corrompê-lo pelas suas complacências imperceptíveis; apropriamo-nos assim das graças de Deus; nos comprazemos em tal ou tal estado; e nos atribuímos todo o mérito, não por pensamentos distintos e refletidos, mas pelos secretos sentimentos do coração. Mas como Deus penetra as dobras mais íntimas do nosso coração e como é infinitamente zeloso da sua glória; para conservá-la, precisa convencer-nos da nossa infinita fraqueza. É o que o leva a ocultar-nos todos os seus dons.

Há só duas exceções a esta regra; os principiantes que têm necessidade de ser atraídos por estes dons sensíveis; e os grandes santos que à força de terem sido purificados do amor próprio, por milhares de provações interiores, podem conhecer em si as coisas de Deus sem a menor complacência ou perigo para eles. Posso dar testemunho a esta constante disposição da Providência. Deus por tal forma ocultou à maior parte das almas, que Ele encaminhou para mim, os dons e as graças com que as enchia que elas nem podiam ver o adiantamento nem a sua paciência, humildade, abandono e amor por Deus. Também não podiam elas muitas vezes abster-se de chorar por causa de presumida ausência destas virtudes, e da sua falta de generosidade nos sofrimentos; mas tanto mais estas

almas se afligem e temem, tanto menos têm os diretores que temer afligir-se a seu respeito. Fénelon, disse quanto a este assunto:

“Todo o dom eminente depois de ter sido meio de adiantamento pode tornar-se no futuro um laço e obstáculo pelos regressos à complacência que mancham a alma. Resulta daqui que Deus tira o que tinha dado, mas não o tira para privar para sempre; tira-o para dá-lo melhor depois de sermos purificados dessa apropriação maligna, que, sem nos apercebermos, fazíamos das graças de Deus. A perda do dom serve para expropriar-nos; depois de tirado, é restituído cem por um.”

Conheço uma pessoa muito piedosa e penetrada desta grande máxima, a quem ouvi dizer por muitas vezes que depois de ter perdido por muito tempo e de fazer muitas novenas para obter estas graças puramente espirituais, disse para Deus: *Consinto, Senhor, de ficar privada para sempre de saber se vos aprouve conceder-me estas graças porque sou tão miserável que todo o bem conhecido se transforma para mim em veneno. Não o quisera, Senhor; mas é tal a corrupção do meu coração que estas malditas complacências de amor próprio vêm conspurcar a pureza das minhas obras, ainda contra minha vontade. Sou eu mesmo, ó meu Deus, que vos ligo as mãos e vos forço a ocultar-me por amor de mim as graças que a vossa misericórdia me fazer.*

Tudo isto nos convencerá que não é por vingança, mas por bondade e misericórdia que Deus vos tira mais do que aos outros; Ele é mais zeloso de possuir todo o vosso coração e confiança. Não pensemos mais nos males presentes ou futuros: abandono, confiança e amor.

CARTA 4 – ÚLTIMAS PROVAS, MORTE MÍSTICA

De todas as vossas cartas, foi a última, que me consolou mais. Vós não compreendeis nada na vossa situação e eu, pela graça de Deus, vejo nela claro como o dia.

Esse estado de estupidez, que me descreveis, esse caos de miséria e impotência é precisamente o dom de Deus; é o que tem produzido em vós pouco a pouco os influxos da graça. Em vão me esforçaria por explicar-vos tudo isto, porque no estado em que Deus vos colocou, a vossa inteligência não é suscetível de compreender; mas posso ao menos dar-vos uma segurança que deve ser-vos suficiente.

Confesso-vos que me causou surpresa ter-vos Deus tratado como as pessoas que fizeram já consoladores progressos; porque ordinariamente este estado é o fruto de muitos anos de combates e vitórias. A alma se acha aí introduzida quando Deus, satisfeito com o trabalho por ela empreendido para obter a abnegação de si, emprega a sua ação para fazê-la passar a uma completa morte, pela privação total de toda a criação.

Priva-a de todos os prazeres, mesmo dos espirituais, de todos os gostos e luzes para que ela se torne insensível, estúpida e aniquilada. Quando Deus faz esta graça a uma alma, só lhe resta sofrer em paz essa dura operação, e receber o dom de Deus em profundo silêncio de respeito, adoração e submissão.

O violento e contínuo excitamento de todas as vossas paixões é consequência da mesma operação mortificante e vivificante. Por uma parte, ela faz surgir todos estes movimentos para dar ocasião a combater e adquirir as virtudes contrárias; pela outra, estabelece em vós, por meio dessas mesmas agitações, o sólido fundamento da perfeição, isto é, a mais profunda humildade, o desprezo e o ódio de vós mesma.

As tentações de desalento e desesperação são outra consequência deste estado, e tem ainda mais poder para purificar-nos. Compreendo que nunca há consentimento, porque diviso que todas as vossas disposições voluntárias são exatamente o oposto das de uma alma que quer ofender a Deus.

Vós o não ofendeis nestes momentos tão dolorosos. A vossa alma é então, pelo contrário, como o ouro deparando-se no crisol, e aí adquire novo brilho. Nunca sois mais energicamente sustentada pela mão de Deus, e se pudésseis ver o vosso estado, tal qual é realmente, renderíeis muitas graças a Deus.

Como cada um deve seguir o seu atrativo na oração e sempre, não temais estar continuamente nesse grande vaso, que encontrais dentro do vosso coração; permaneceis insensível a tudo; amai esse estado, porque é ele um dom de Deus e manancial de todo o bem.

Todas as almas escolhidas passam por essa aridez antes de chegar ao paraíso da perfeição.

A vossa oração é boa e sê-lo-á sempre enquanto souberdes estar em paz, e, como diz São Francisco de Sales, em singela expectativa pacífica e sempre resignada.

A censura íntima com relação às menores faltas é prova evidente do desvelo, que o Espírito Santo toma pelo vosso adiantamento. Ele nada deixa passar a certas almas, por uma delicadeza de ciúme; não é uma tentação, mas uma verdade segura, que as almas, que são objeto deste afeto, não podem consentir, sem infidelidade, o que em outras não chega a ser imperfeição. A delicadeza e o ciúme do divino amor são maiores ou menores consoante os graus de predileção. Vede se tendes lugar de lamentar-vos dos misericordiosos rigores, que se empregam a vosso respeito.

A falta de esperança afeta-vos mais do que todo o resto; compreendo-o; porque, como na vossa vida nada encontrais que vos sirva do mais insignificante apoio, parece-vos que estareis à morte em horroroso vácuo.

Deixai-me, com a graça de Deus, curar-vos deste mal, mais sério do que todos os vossos sofrimentos.

Vós quereríeis encontrar algum apoio nas vossas boas obras e em vós mesma? Deus não quer isso; não o tolera nas almas que aspiram à perfeição. Procurar apoio em si mesmo, contar sobre as suas obras, é um resto de amor próprio, de orgulho, de perversidade. Para libertar as almas, Deus fá-las passar por um desamparo, pela miséria e nudez. Quer destruir pouco a pouco nelas todo o apoio, e confiança, que depositam em si, quer tirar-lhes todo o recurso, sendo Ele só o seu apoio, esperança e auxílio.

A esperança que se busca na própria pessoa não é abençoada; bendita é a pobreza, bendito é o despojamento, que fazia as delícias dos santos e em particular de São Francisco de Sales! A única confiança bem fundada é na misericórdia de Deus e nos méritos de Jesus Cristo. Mas vós só a tereis quando Deus houver destruído em vós as derradeiras raízes da confiança pessoal, e isso só se consegue mantendo-vos por algum tempo em completa pobreza.

Dir-me-eis, porém: *De que nos servem as boas obras, se não são suscetíveis de infundir-nos confiança?* Servem para alcançar-nos a graça de desconfiarmos de nós e confiarmos só em Deus. É o uso

que dela faziam todos os santos. E as nossas obras que são? Muitas vezes são todas vãs e corrompidas que se Deus nos julgasse rigorosamente, antes mereceriam castigo do que galardão. Não penseis nas vossas boas obras, para vos valerdes delas à hora da vossa morte; contaí só sobre a misericórdia de Deus e os méritos de Jesus Cristo.

Ainda outro terror; temeis que a vossa insensibilidade não seja o princípio da vossa paz. Mas essa insensibilidade é o princípio da paz e por isso a olho como um dom de Deus.

Eu desejo que as operações do Espírito Santo vos conduzam a uma insensibilidade maior ainda, tornando-vos como uma pedra; sem ela não teríeis a força para manter a paz. Seria imprescindível possuir a virtude da bem-aventurada Margarida Maria, que, no meio de todas as sensibilidades, se sabia dominar completamente, pelo que dizem. Quanto ao gosto pela solidão no meio das ocupações dir-vos-ei o que Santo Inácio dizia ao Padre Laynez^[20] em caso semelhante:

“Enquanto estais na corte, o que fazeis por obediência, e mantendes o gosto pela solidão, afianço-vos que estais em plena segurança; se este gosto vos passasse, e que chegásseis a amar as distrações e os passatempos seria um mau sinal.”

Tomai este conselho para vós; conservai o amor, que vos atrai para a solidão; mas enquanto Deus vos retiver no meio dos cuidados e distrações das vossas ocupações, procurai amá-las com o amor da santa obediência.

CARTA 5 – A PERFEIÇÃO DA VIDA ESPIRITUAL MEDE-SE PELA PERFEIÇÃO DO DESPOJAMENTO INTERIOR

Enquanto permanecerdes no abandono completo a Deus, asseguro-vos que Ele vos não abandonará. O presente e o passado vos garantem o futuro. Compreendo, que a via, por onde Senhor vos guia, é incomodada para os sentimentos; mas, além de ser Ele o Senhor, pensai de tempos a tempos nas grandes vantagens e segurança desse proceder. É por aí, por onde Ele encaminha as suas esposas diletas à perfeição, a que se destina.

Mas porque tem lugar essas situações penosas? Por que esses apertos de coração tão dolorosos, esses abatimentos, que fazem

que custe a suportá-los? Para destruir nas almas, destinadas a unir-se perfeitamente a Deus, um certo fundo de presunção oculta, para atacar o orgulho até ao seu último entrincheiramento, para encher de amarguras esse maldito amor próprio, que só busca o agradável, até que morra, à míngua de alimento como o fogo se apaga por falta de combustível. Mas essa morte não se opera em um momento; é necessário muita água para extinguir um incêndio.

O amor próprio é como uma hidra de muitas cabeças que é forçoso decepar sucessivamente; tem muitas vidas, que é necessário extinguir umas depois das outras, se queremos ser completamente livres; e já se alcança grande vantagem, quando nos achamos mortos para os sentidos; mas ela se alevanta depois desta primeira derrota, e vos ataca por outro lado. Mais sutil então, ela se fixa à parte sensível da devoção, e é para temer que esta segunda afeição muito menos grosseira e mais legítima não se torne mais forte do que a primeira. Todavia, o amor puro não suporta uma mais do que a outra; não pode suportar que estas consolações sensíveis dividam o coração de Deus. Que sucede então? Se se tratasse de almas menos privilegiadas e com referência às quais Deus não tivesse tanto amor, deixá-las-ia gozar em paz estas doçuras, e contentar-se-ia do sacrifício aos prazeres dos sentidos. É o que sucede às pessoas devotas, cuja devoção está misturada com um certo comprazimento pessoal. Por sem dúvida, Deus não aprova os seus defeitos; mas como lhe dispensa menos graças, é também menos exigente em assunto de perfeição.

O ciúme do seu amor pelas suas esposas escolhidas é igual à sua ternura. Desejando dar-se inteiro a elas quer possuir completamente todo o seu coração e assim não podia contentar-se com as cruzes e as penas exteriores, que as destacam das criaturas; Ele quer desligá-las de si mesmas. Para apurar esta segunda morte, Ele tira-lhes toda a consolação e todo auxílio interior, de modo que a alma desamparada encontra-se então suspensa entre o céu e a terra sem gozar as doçuras de um nem as da outra. Mas o coração do homem não pode viver sem amar e este estado é uma espécie de aniquilamento. É então que esta alma, perfeitamente purificada por uma dupla morte, auxiliada unicamente pela fé, entra em sociedade de espírito com Deus e possui-O tanto quanto pode ser possuído

sobre a terra. Os meios são, pois, a humilhação e depois levantar-se e animar-se. Vós me direis talvez que o fazeis, mas com desgosto, dor, tédio e tristeza. Eis aí precisamente o que aumenta o seu mérito, o que conduz à virtude sólida, o que só se adquire combatendo corajosamente no bom combate, como diz São Francisco de Sales. Vou terminar expondo-vos brevemente algumas verdades consoladoras às almas, que, como vós, se entregam à vida interior.

1º Princípio: nossa união a Deus não pode ser perfeita sendo Ele o manancial de toda a pureza se não despojar-nos de tudo quanto é criado.

2º Princípio: este despojamento, quando é perfeito, chama-se morte mística e tem dois objetos: o exterior, isto é, as criaturas diferentes de nós; e o interior as nossas próprias vistas, as nossas satisfações e interesses, numa palavra o nosso *eu*. O sinal da morte para o exterior é uma espécie de indiferença ou antes de insensibilidade por todos os bens exteriores, prazeres, reputação, parentes e amigos. Esta insensibilidade, pelos efeitos da graça torna-se tão completa e profunda que parece puramente natural, o que Deus permite para nos privar de todas as complacências e fazer-nos caminhar em tudo na obscuridade de fé e em perfeito abandono.

3º Princípio: o despojamento interior ou a morte para si mesmo é o mais difícil das renúncias; é como se nos esquecêssemos de nós mesmos e nos esfolássemos vivos. O amor próprio brada e os seus gritos são indício da força dos laços que nos uniam; tanto maior é a dor que causa o ferro do médico tanto mais ele penetra na carne; tanto mais se resiste à morte quanto mais se está cheio de vida. Seria necessária uma virtude heroica para alcançar o despojamento do coração no meio da abundância e a renúncia no meio dos prazeres. É, pois, uma graça e misericórdia da parte de Deus a privação de todos os dons sensíveis, assim como é um efeito da sua misericórdia a privação dos bens temporais para desapegar o coração. Quando, pois, Deus opera este desnudamento cumpre deixar-se despojar sem resistência alguma como uma estátua.

Quando se sentem rebeliões interiores, cumpre suportá-las sem prestar-lhes anuência. Se as suportarmos contra a vontade é mais uma pena que devemos juntar ao nosso despojamento, recebendo tudo na maior tranquilidade que possa ser. Mas virá de Deus esse desnudamento! Como o amor próprio procura sempre para consolar-se certezas impossíveis, eis aqui o que devo responder: É certo que a menos de uma revelação particular, Deus não quis deixar-nos certeza alguma, acerca das coisas da salvação eterna:

1.º Para vos fazer caminhar sempre nas trevas e tornar a fé mais meritória.

2.º Para nos conservar sempre humilhados e vencedores da propensão violenta que nos impele à soberba.

3.º Para exercer sobre nós o seu soberano domínio e manter-nos na mais absoluta dependência, quanto à nossa existência temporal e quanto ao nosso destino eterno.

É o que aparentemente parece mais terrível na religião; mas isto mesmo tem suavidade e consolação, porque logo que me submeto completamente ao soberano domínio de Deus e aos seus juízos incompreensíveis sinto um suave conforto, porque a sua misericórdia me deixa em vez da certeza uma firme esperança que vale bem aquela, sem me tirar as vantagens do abandono que proporciona a Deus tanta glória e a nós tanto mérito. Esta firme esperança funda-se nos tesouros da misericórdia infinita e nos méritos de Jesus Cristo; sobre tantas graças já recebidas, às quais, segundo Santo Agostinho, são garantia segura das que me são destinadas; e sobre as puras luzes da fé, às quais me conformo na minha vida pelo menos quanto ao essencial, que é evitar o pecado e praticar a virtude. Mas apesar de tudo isto resta sempre algum temor; mas se ele é pacífico e sem perturbação é o verdadeiro temor de Deus, o qual cumpre sempre conservar porque, onde o não houvesse, haveria certamente ilusão do demônio: mas se esse temor é inquieto e turbulento provém então do amor próprio, e por isso devemos gemer e humilhar-nos. Tendo, porém, atingido esse despojamento total que deve fazer-se? Ficar na simplicidade e na paz como Jó no seu monturo, dizendo repetidamente: *Bem-*

aventurado os pobres de espírito; porque quem não tem nada possui tudo, porque possui a Deus.

Deixai tudo, privai-vos de tudo, disse o célebre Gérson, e tereis tudo em Deus. Fénelon disse no mesmo sentido:

“Deus gracioso, complacente e beneficente é realmente Deus; mas é Deus com os dons que lisonjeiam a alma. Deus nas trevas, nas privações, no desamparo e nas insensibilidades é Deus em tal grandeza que é então só Ele Deus. Será doloroso passar assim a vida; mas que importa? Alguma doçura de mais ou de menos durante esta vida transitória não é, em verdade, grande coisa para aquele que tem diante dos olhos um reino eterno.”

QUARTA SEÇÃO – TRABALHOS MENORES

CAPÍTULO 1 – PADRE CLÁUDIO DE LA COLOMBIÉRE

Ele^[21] dá à confiança cristã dois fundamentos de uma solidez a toda a prova. Nunca podemos meditar assaz sobre eles. Deus tomou o compromisso mais preciso e formal e melhor garantido de nada recusar à nossa confiança, mas quando mesmo o não houvera feito, a nossa confiança o substituiria obtendo tudo d'Ele.

DEUS PROMETEU NADA RECUSAR À NOSSA CONFIANÇA

Meditemos seriamente este ponto. Embora seja rara a boa-fé entre os homens, olhamos como seguro o cumprimento de uma promessa, que é garantida pela palavra de um homem de bem, assinada em um escrito, e principalmente quando ele consagrou a sua palavra e o seu escrito pelo juramento, e mais ainda quando deu garantias de um grande valor acima de tudo, se ele teve a condescendência de entregar-se a si mesmo como penhor da sua promessa. Ora, Deus ligou-se conosco por todas estas maneiras, tornando-nos assim impossível a desconfiança.

1.º Temos a sua palavra:

“Pedi e recebereis, batei e abrir-se-vos-á; tudo quanto pedirdes, se a vossa fé é firme, obtê-lo eis. (Lc 11, 9)”

Tudo é possível para aquele que crê; e na Escritura esperar e crer são quase equivalentes. O Salvador atende sempre a fé e a esperança e declara que, sem esperar as nossas súplicas, vela pelas nossas precisões com a afeição de um pai; e chega até a dizer que não cairá um cabelo da nossa cabeça sem a sua permissão. Nos seus oráculos não há obscuridade; tudo ali é claro e formal. Jesus Cristo nos ensina que há em Deus três pessoas distintas e que essas três pessoas só fazem um Deus, embora cada uma delas o seja separadamente.

Nós acreditamos neste mistério sem compreendê-lo. O mesmo Deus, pelo modo mais preciso, nos afirma que nada recusará à nossa confiança; porque não daremos crédito a esta consoladora promessa? Será Deus menos digno de crédito neste ponto que nos outros? Abraão crê na palavra de Deus e é por isso que ele espera contra toda a esperança. Deus lhe havia prometido povoar a terra com os seus descendentes, pelo nascimento de Isaac, e, todavia, recebeu ordem para imolar este filho único. Como podia ele conciliar esta ordem com a promessa precedente? Como podia esse filho morto vir a ser o pai de uma nação? Mas podia o Rei dos vivos e dos mortos enganar o seu servo? Ressuscitaria Ele seu filho Isaac? Sem dúvida o faria, porque quando mesmo fosse necessário aniquilar o universo, e criar um novo mundo, há só um milagre que é impossível a Deus: é que Ele falte à sua palavra. Nós temos além disso essa palavra escrita e a lemos nos seus livros sagrados, pelos quais seremos julgados. Evangelho Sagrado! Poderíeis vós ser apresentado contra nós no tribunal terrível, se ao mesmo tempo em que atestais a nossa desobediência aos vossos preceitos, testificásseis a infidelidade do Senhor às suas promessas? Para que Deus seja considerado justo e verdadeiro nas suas palavras, é necessário que Ele me conceda tudo que lhe peço com confiança e tenho até direito de esperar da sua infinita bondade que me atenda sem lhe pedir. A sua mão me deixou um documento que responde pelo que me prometeu, pelo que nada tenho a temer. Mas o Senhor ainda teve a bondade de dar-me uma nova segurança.

2.º Ele confirma a sua palavra por um juramento:

“Em verdade, em verdade vos digo que tudo o que pedirdes a meu pai em meu nome, ele vo-lo concederá. Até agora vós nada pedistes em meu nome (Jo 16, 23-24), isto é, *com firmeza de esperança que deve inspirar-vos a minha promessa e mediação. Eu juro por mim mesmo, que sou a eterna verdade, por mim que odeio a mentira e castigo o mentiroso, que tomarei conta de vós se puserdes em mim todas as vossas solitudes.*”

Exclama Tertuliano:

“Ó homens! Quanto somos felizes porque Deus se obriga por juramento em nosso favor; mas quanto somos miseráveis se semelhante condescendência não basta para tranquilizar-nos!”

Há homens que faltam à sua palavra, negam os seus escritos e violam os seus juramentos, mas não devemos temer-lhes a inconstância e perfídia quando depuseram penhores preciosos ou se entregaram a si próprios como garantia da sua promessa.

Deus chegou ao excesso de dar-se a si próprio para obter a nossa confiança.

3.º As liberalidades de Deus, diz Santo Agostinho, têm um duplo caráter: são um benefício e penhor de novos benefícios. Eis aqui uma prova notável. O Senhor havia ameaçado exterminar a Israel, que se revoltara; e para aplacar a sua cólera Moisés recorda-lhe os prodígios que operou em seu favor: a saída do Egito, a passagem do Mar Vermelho a pé enxuto, etc. Era recordar-lhe os crimes de um povo ingrato e justificar a sua indignação; mas isto apaziguou a Deus e perdoou. Custa a um bom pai perder o fruto de tudo o que fez para a felicidade de seus filhos. Perturbamo-nos lembrando-nos da graça que havemos recebido; e pelo contrário, essa lembrança devia tranquilizar-nos. Quantas mais lágrimas e sangue derramou Jesus Cristo para santificar-nos e salvar-nos, tanto maior é o seu interesse em não inutilizar os grandes sacrifícios que se impôs.

Adicionaremos ainda: não só as riquezas da sua graça, que Ele me prodigalizou, que são penhor dos novos bens que me destina; é Ele próprio, porque seu Pai me deu, e Ele mesmo se entregou e entrega tantas vezes quantas eu quiser como penhor das promessas que me fez. Oferecendo-O a seu Pai, eu faço valer os meus direitos à posse de seu reino e posso dizer:

“O Senhor tornou-se o meu refúgio, e o meu Deus é o apoio da minha esperança. (Sl 93 (94), 22)”

Quão grande tranquilidade devia produzir em nós um compromisso divino tão solidamente garantido! Todavia ainda há mais do que isto.

QUANDO DEUS TIVESSE TOMADO ALGUM COMPROMISSO, BASTARIA A NOSSA CONFIANÇA PARA COLOCÁ-L'O NA NECESSIDADE DE SOCORRER- NOS E SALVAR-NOS

Há duas razões para isso: uma, que a maior honra para Deus é esperar n'Ele com confiança; outra, que Deus não pode desonrar-se

iludindo-nos na nossa expectativa.

1.º A primeira destas proposições é tão claramente expressa na Escritura, que não pode deixar dúvida alguma:

“Invocai-me no dia da tribulação, livrar-te-ei e tu me darás honra. (Sl 49 (50), 15)”

Que honra é esta? A maior que Deus possa receber de nós, e a mais digna d’Ele; honra que proclama todas as suas perfeições, apresentando-as em toda a claridade. Porque finalmente não podemos pôr a nossa confiança em Deus sem crê-l’O verdadeiro nas suas palavras, esclarecido nas nossas necessidades, terno e compassivo para auxiliar-nos, poderoso para executar em nosso proveito o que excede as forças da criatura, prudente para fazê-lo oportunamente, por modo fácil e suave, fiel para cumprir as suas promessas assistindo-nos com prontidão, continuação e sem estorvo, magnífico para conceder-nos o que lhe pedirmos com o fim dos nossos verdadeiros interesses, finalmente misericordioso para com os nossos crimes, que não são obstáculo para Ele nos fazer todo o bem. O homem, que tem confiança, tem convicção profunda e pratica de todas estas verdades, de modo que a sua fé manifestou-se no seu procedimento; e haverá coisa mais honrosa para as infinitas perfeições do Senhor?

Quando oramos é fácil dar a Deus a qualificação de pai, louvar a sua liberalidade e onipotência; fazemo-lo muitas vezes sem atenção e sem saber o que fizemos. Mas dar consentimento a depender em tudo da sua Paternal Providência, esperar sem inquietação e nas ocasiões mais difíceis o socorro que nos prometeu; crer mais na sua palavra do que nos meios humanos, adormecer, por assim dizer, em seus braços, na violência das maiores tempestades, é ter d’Ele uma ideia conforme a sua soberana grandeza. Eis porque, como no Antigo Testamento, Ele se glorificou de ser o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, porque não tinha tido adoradores mais fiéis; quis depois ser chamado por São Paulo de *Deus da Esperança* para fazer-nos entender que de todas as virtudes nenhuma honra tanto como a esperança, por ser esta a que o trata como Deus em toda a sua onipotência.

2.º Tanto o honra a nossa confiança, como Ele se desonraria se não correspondesse pelos seus benefícios aos sentimentos que esta virtude nos inspira a seu respeito. Seria possível que a confiança de uma criatura ultrapassasse a generosidade do Todo Poderoso? Que um homem encontrasse a bondade divina menos liberal do que a concebera? Que mancha sobre o seu nome adorável! Não há sombras de aparências neste modo de proceder da parte de Deus? É sobre este fundamento que os Padres ensinavam que a nossa esperança é a medida das graças que recebemos do céu. Santo Tomás diz que ela é em nós o princípio da impetração, como a caridade é a origem do mérito; de modo que, como merecemos em proporção do amor que nos impulsiona, obtemos à medida da confiança, que nos leva a pedir. Pela mesma razão, São Gregório Nazianzeno pretende que apenas se orou, logo Deus se julga obrigado pelo reconhecimento a conceder o que se lhe suplicou:

“Não é uma mercê que concede, mas um benefício que recebe e de que se mostra reconhecido.”

Como poderia deixar cair em confusão um homem que o honra tão perfeitamente? Como recusaria proteger-nos, se nós não podemos glorificá-lo tanto como pedindo-lhe a sua proteção?

Não há movimento mais natural nem mais racional como a tendência que nos impele a amar e socorrer os que tem recorrido a nós. Seria indigno do nome de homem que procedesse por outro modo.

Lemos na história que um senador de Areópago, havendo repellido com violência um pássaro, que se acolhera ao seu seio para salvar-se de um abutre, pareceu esta ação tão baixa e indigna a todos os seus colegas que o expulsaram da assembleia, como se a houvera desonrado pela sua dureza. Que teriam feito esses juízes, se em vez do pássaro débil, se tratasse de dar asilo a uma criança, a um homem, ao próprio filho? Que seria se o Senhor procedesse assim a respeito de nós, que somos seus filhos, quando cheios de confiança nos lançamos no seu seio, para nos preservarmos da mais tremenda desgraça? Não, não temamos que nos enxote. Qualquer que seja o perigo que nos ameace, o inimigo que nos persiga, a dor que nos vexe, o estado de fraqueza em que nos achemos,

recorramos ao nosso Deus, *lancemo-nos ousadamente nos seus braços, Ele não se desviará para nos deixar cair.*

Eu estou tão convencido, ó meu Deus, que velais sobre aqueles que esperam em vós, e me sinto tão compenetrado do pensamento que nada nos pode faltar quando esperamos em vós, que me decidi a viver no futuro sem canseira, lançando para vós todas as minhas inquietações. Podem os homens privar-me de todos os meus bens e da minha honra; podem as enfermidades tirar-me as forças e os meios de servir-vos; posso até perder a vossa graça pelo pecado, mas nunca perderei a minha esperança; conservá-la-ei até ao meu derradeiro suspiro, embora todos os demônios empreguem os maiores esforços para arrancar-me do coração. Que outros aguardem a felicidade, sonhando nas suas riquezas ou talentos; que se fundem na inocência da sua vida ou no rigor da sua penitência, ou na cópia das suas esmolas, ou no fervor das suas orações; quanto a mim, a minha confiança não tem outra base senão a confiança mesma; ela nunca iludirá pessoa alguma. Tenho, pois, a certeza que serei eternamente bem-aventurado, porque espero firmemente que o hei de ser, e porque o espero em Deus.

Conheço, ainda mal, que sou frágil e vacilante; sei o que podem as tentações contra as virtudes mais sólidas; eu vi cair os astros do céu e as colunas do firmamento; mas todas essas quedas não podem abalar a minha confiança. Enquanto eu esperar, considero-me coberto de todas as desgraças; e estou certo de esperar sempre, porque ainda espero da divina liberalidade essa esperança inapreciável. Finalmente estou intimamente convencido que não serei iludido e que obterei muito mais do que espero. Espero também que Deus me acautelará dos declives rapidíssimos, que me sustentará contra os furiosos assaltos, e fará triunfar a minha fraqueza dos ataques dos inimigos mais formidáveis. Espero que Deus me amará e pela minha parte que o amarei incessantemente; e para avançar a minha esperança até ao ponto culminante, espero em Deus, n'Ele mesmo, no meu Criador, para o tempo e para a eternidade.

Resposta admirável de uma senhora virtuosa! Perguntavam-lhe se em diversos riscos que tinham corrido nas suas viagens, não havia

sempre esperado que Deus a livraria. Não, disse, ela, esperei que Ele havia de fazer de mim o que fosse mais vantajoso para a sua glória e para a minha salvação, e nesta dependência o meu coração estava sempre tranquilo e contente.

CAPÍTULO 2 – PADRE MILLEY

DISPOSIÇÃO COM REFERÊNCIA À PROVIDÊNCIA DE UMA ALMA QUE ACABA DE RENOVAR-SE POR UM JUBILEU, UM RETIRO, ETC

A minha disposição atual e todos os meus sentimentos se reduzem a não ver senão a Deus; não me afastar d'Ele um só momento; tê-lo sempre presente pela fé, esperança e amor. Só vejo uma coisa digna dos meus cuidados; fazer a divina vontade; quanto ao modo e ao tempo isso não me importa; está a cargo de Deus. Precipito-me nos seus braços e adormeço tranquilamente. Que Ele faça ou desfaça, tome ou deixe, castigue ou console, uma vez que me salve, tudo deixo à sua deliberação. Creio que neste mundo só tenho a unir-me a Ele, à sua vontade, e nunca serei mais venturoso como quando seja completamente desconhecido e havido por inútil. A presença de Deus é a vida da alma. Nada se pode fazer mais proveitoso do que procurar viver de Deus, para Ele, n'Ele e ante Ele. Amemo-l'O, pois, com toda a força da nossa alma, toda a vivacidade do nosso coração.

Ocupemo-nos só d'Ele e para Ele. Esteja-nos Ele de tal arte presente que só o vejamos em nós e em todas as coisas. Abandonemo-nos plenamente à sua boa e Paternal Providência. Feliz e precioso abandono que dá ao divino amor tudo quanto anteriormente dávamos a nós e aos objetos caducos.

EFEITO DO SANTO ABANDONO

Nada mostra melhor a solidez deste estado como os seus felizes frutos. Parece-me que fora daqui nem há virtude nem mérito, nem inferior, nada absolutamente. É necessário grande fidelidade e coragem nesta via; fechar os olhos e prosseguir com todas as forças. Tomara eu sempre ouvir falar deste estado! Só se começa a ser alguma coisa aos olhos do Soberano Senhor, quando se não é

nada nos próprios. Só se goza o verdadeiro repouso, que é em Deus só, quando se tem n'Ele confiança inteira e ilimitada. Só lhe somos caros, quando nos abandonamos sem reserva aos seus cuidados. Nada ganha com tanta segurança o seu coração como a plena confiança. Só se faz alguma coisa digna de Deus, quando se tem a coragem de deixar-lhe absolutamente a nossa direção a seu bel prazer.

Agradeço a Deus o ter-me feito conhecer que tudo é nada a não ser Ele. Quando se quer só a Deus, o que é de fora pouco importa; não nos distrai o tumulto e o cuidado dos negócios. Abandonamo-nos a Deus, tudo o que nos advém é lucro, porque é sempre um aumento de bem manifestar a Deus a aquiescência da nossa vontade.

Esse abandono frutifica em nós todas as virtudes: amor da penitência, da mortificação, da solidão, desprezo de si, abnegação da vontade no santo recolhimento. Por estes meios dão-se largos passos no caminho da santidade; porque quem não se mortifica e renuncia a si mesmo, retira-se de Deus.

Muitas vezes me achei na angústia e amargura, mas nunca me importei com isso; abandonei-me a Deus sobre todas as coisas; Ele é Senhor e Pai; e disse com o santo Jó:

“Quando me matasse, não deixaria de esperar n'Ele. (Jó 13, 15)”

Quem teme muito, não se abandonou ainda a Deus, e apenas tem em gérmen esse abandono.

Procuremos o bem só em Deus; em mim nada há que seja bom. Que importa? Não é preferível que o bem esteja antes em manancial, do que em uma má cisterna, que nada pode reter? Devo humilhar-me sem turbar-me. Vão as coisas como forem, peço a Deus que lhe dê ordem; o melhor é entregar-lhe tudo. Então goza-se a paz, a doçura, que excede todo o sentimento.

Não sei se as coisas mudarão a meu respeito, mas não trato disso. Nem me ocupo de encontrar emprego, lugar, morada, ou qualquer outra coisa. Nada quero, nada peço, nada recuso... Quero viver pensando só em Deus, como filho entregue nas suas mãos. Quando cair em alguma infidelidade, o melhor recurso é humilhar-me com toda a minha fraqueza, e, unido a Jesus Cristo, lançar-me no abismo insondável das misericórdias divinas. Todos os dias

reconheço que tanto menos contamos com os nossos miseráveis esforços, mais Deus obra pela sua virtude onipotente.

Exorto-vos a que vos esqueçais de vós próprios, para que não vivais senão em Deus e para Deus, ou melhor dizer, para que o deixeis atuar e viver em vós, como em domínio e palácio seu, onde é Senhor Absoluto, onde Ele só é escutado, obedecido, amado e adorado. Todos os esforços do espírito das trevas serão impotentes contra vós, se vos entregais à vontade de Deus. Com tal defensor que temos a temer? É Ele o nosso apoio inabalável; com Ele nada pode faltar nem afligir-me seriamente, porque, segundo a fé, Deus não pode abandonar uma alma que é toda d'Ele e confia na sua Providência.

Nunca está Ele tão perto de nós, como quando parece que tudo está perdido; mas essa perda equivale a muitos lucros. Estareis então sem apoio, sem conforto, sem socorro da parte das criaturas, sem gosto sensível, mas tão somente unido a Deus por uma fé pura e simples e por uma constante fidelidade.

O verdadeiro amor de Deus é o cumprimento das suas vontades. Eu desfrutava o prazer da minha solidão; e agora vejo-me compelido a fazer uma viagem que não quadraria aos meus gostos, se tê-los me fosse concedido.

O melhor partido para vós e para mim em tais circunstâncias, é de criar para nós uma solidão interior, que levaremos conosco. Em qualquer parte que estejamos, não estamos nós sempre em Deus e na sua imensidade? E com esse tesouro que poderá faltar-nos?

Não argumenteis com a vossa situação e com os cuidados da família, o obstáculo ao vosso abandono nas mãos de Deus. As pessoas que conheço mais avançadas em perfeição são oprimidas por mil negócios em todo o sentido.

Será, pois, tão difícil nos convencermos da nossa nulidade, lançando-nos cegamente nos braços de Deus? Não poderemos fazer isto, tanto nos grandes embarços do mundo, como na solidão? Pelo contrário, a nossa fraqueza e as nossas faltas mais frequentes no tumulto e agitação, fazem-nos melhor sentir a necessidade que temos de Deus, o que nos deve chamar mais frequentemente para Ele. Deixemos a Deus o cuidado da nossa

perfeição e de tudo o que pode contribuir para ela; procuremos só cooperar com a sua graça, submetendo-nos tranquilamente à sua santíssima vontade. O verdadeiro amor de Deus é querer o que Ele quer, é só isto é o que Ele exige da nossa parte. *Se me amais*, disse Ele, *observareis os meus mandamentos* (Jo 14, 15). Façamo-lo, pois, e viveremos.

Uma alma que se entregou a Deus deve repelir todo o desassossego como tentação. Observai que nunca estais inquieto e desalentado senão quando hesitais em abandonar-vos ou pretendeis raciocinar. Poderá Deus explicar-se mais claramente? Pela última vez vos declaro que Ele quer absolutamente que entreis nesse feliz estado de abandono, renunciando a todo o temor que desalenta e a todo o raciocínio exagerado sobre os vossos pensamentos e aflições. Abandonando-vos plenamente a Deus, teríeis por ventura motivo para temer que Ele não fosse assaz poderoso para sustentar-vos, ou não tivesse bastante bondade para assim o querer? Haveria assim uma ingratidão bem criminosa. Que vos importa que as vossas orações sejam secas ou não, se vós não quereis senão a Deus? Quando se está nestas circunstancias pouco cuidado dá todo o resto. Ide diretamente para Deus, cumpri os vossos deveres, atendei à divina vontade e depois disto não investigueis se tendes faltas ou não, exceto no momento destinado ao exame. O melhor meio de reparar uma falta é, quando nos apercebemos dela, lançar para Deus um olhar simples e cheio de amor, arrependermo-nos e entrar n'Ele como em asilo inacessível ao inimigo; recomeçar a fazer melhor, caminhando com coragem como se nunca tivéssemos caído. O que o demônio pretende por estas revoltas interiores, desgostos e receios, é perturbar-nos, fazer-nos perder a Deus de vista para fixar nossos olhos em nós próprios. Não dizemos cem vezes que nada somos; e, todavia, esse nada, esse vil e miserável objeto nos é tão caro que deixamos sem cessar a presença de Deus para considerá-lo, escutá-lo, lamentá-lo fixando sobre ele toda a nossa atenção?

Este modo de proceder é lamentável; porque desde que esse grande todo deixar por um momento de acariciar este miserável nada, dir-se-ia que tudo está perdido, tanto ele se lamenta e aflige, como se quiséssemos obrigar este Deus de toda a grandeza e

majestade infinita a lisonjear este miserável *eu* que é o seu inimigo e o vosso.

É imprescindível deixar que Deus se glorifique em nós como lhe aprouver; se é pelo sentimento e consolações, humilhar-se profundamente; se é por uma privação inteira de todo o sensível, bendizê-l'O e agradecer-lhe; porque vos dá então uma grande prova do seu amor, porque, tire-nos Ele o que tirar, Ele está sempre em nós e nós n'Ele.

Procuremos moderar a nossa vivacidade até para o bem. A principal doçura consiste em poder dizer a Deus: *Vós sois o Senhor, e tereis todos os meus desejos e todo o meu amor*. Não há virtude sólida senão no perfeito abandono nem via segura senão esta; todo o resto não é senão divertimento e amor próprio.

O pensamento de que não somos senão um átomo pequeníssimo, o qual unido a Jesus Cristo se perde na imensidade de Deus como uma gota d'água no oceano; esse pensamento opera mais em uma alma dócil do que todas as práticas e meios ordinários. Obrai, pois, meu Deus, e só, como Senhor Absoluto para a vossa maior gloria. Nenhum modo de orar tem mais relação com a grandeza de Deus e convém melhor ao nosso nada como manter-se em um silêncio humilde, suplicante e respeitoso em presença da soberana majestade.

TRÊS GRAUS AO ABANDONO

Quando Deus nos chama a Ele, começa por dar-nos uma alta ideia deste estado. Fala-se d'Ele com elogio, reconhece-se-lhe a beleza, segurança, simplicidade e justiça; mas tudo isto é só para o espírito. Começa-se a desejá-l'O, e sendo fiel a este desejo, que é uma graça, passa-se a um segundo grau que é um antegosto deste mesmo estado. Sente-se durante alguns momentos indiferença por tudo o que não é a divina vontade, não podendo apoiar-nos nem sobre nós mesmos nem sobre qualquer criatura, cujo nada conhecemos, mas esta disposição dura só enquanto se lhe sente o gosto; mas como nenhuma coisa sensível nos apoia, experimenta-se perturbação, susto e desalento, procurando apoio ou nas criaturas ou nos nossos próprios esforços. Mas quando se chega ao perfeito abandono, veem-se então desaparecer todas estas

fraquezas e mudanças. Como não contamos então senão com Deus, não nos causa espanto que a criatura nos esqueça e abandone; nem nos julgamos mais felizes ou seguros quando ela nos é fiel, porque, quando muito, a olhamos como um instrumento de que Deus se serve para o cumprimento dos nossos deveres.

OBSTÁCULOS NO PROGRESSO AO ABANDONO

As ocupações mais santas são perigosas quando são excessivas; o Salvador disse:

“Marta, modera a tua diligência, Maria escolheu a melhor parte. (Lc 10, 41-42)”

Estar unido a Deus, guardar silêncio, escutá-l'O e amá-l'O vale mais do que todas as ocupações exteriores. Apliquemo-nos a elas, todavia, em respeito à vontade de Deus; mas demos sempre a preferência ao repouso que tomamos ao pé de Jesus Cristo. Há no homem, ainda o mais santo, um grande fundo de miséria e orgulho, e Deus serve-se de um para curar o outro.

À vista das graças especiais com que Deus nos favorece, imperceptivelmente nos deixamos surpreender por uma certa complacência ou apoio sobre o que se passa em nós.

Está aqui uma verdadeira tentação; é um orgulho secreto que ofende as vistas de Deus. Para destruir este orgulho ou acautelá-lo, deixa-nos o Senhor um peso de miséria, restos da natureza de Adão, fragilidade mais superficial do que interior; mais no sentimento do que na vontade; miséria que nos faz experimentar o que somos e a que excessos de fraqueza seríamos arrastados, se Deus nos não sustentasse; mas nem por isso devemos deixar de trabalhar para nos vencermos. Essa vitória não se alcança senão abandonando-nos àquele que pode tudo. Não temos outros meios nem indústria a que possamos recorrer. Devemos entregar-nos à mercê da bondade de Deus em pleno abandono, deixando prosseguir simplesmente a divina operação do seu espírito que obra em nós. Tudo irá bem desde que Ele só for o Senhor e não pensarmos senão em agradar-lhe; e quando lhe abandonarmos o cuidado de tudo que nos diz respeito, atingiremos a máxima amizade de Deus.

Deixemos, pois, a nossa vontade e cuidados aceitando a todos os momentos o que Deus nos apresenta; porque no meio de todos os nossos trabalhos e incômodos, Deus está sempre no fundo do nosso coração; porque só Deus nos governa e isso nos basta. O segredo mais infalível para extirpar o orgulho, é ver só a Deus e esquecer-nos a nós mesmos; porque o amor próprio só nos atormenta, por pensarmos demasiadamente em nós, e nunca bastante em Deus. Entreguemo-nos a Ele tais quais somos e Ele arrancará os espinhos e os abrolhos. Passarão o céu e a terra antes que as almas que se abandonam a Deus e cujo cuidado Ele tomou, sejam iludidas na sua confiança. Não vos perturbeis com esse resto de sensibilidade que reina em vós, mas procurai incessantemente destruí-lo; elevai-vos acima de cem pequenos objetos de pesar, que em verdade são apenas bagatela. É agradável não contar sobre pessoa alguma e procurar só repouso n'Aquele que é o centro da verdadeira tranquilidade. Não nos importemos com o que se passa da parte das criaturas a nosso respeito. Afeição ou negligência, reconhecimento ou ingratidão, amizade ou indiferença, tudo isso nada vale, ou se vale alguma coisa é Deus que o manda, para o interesse da sua glória ou da nossa felicidade; e por consequência nada disso deve perturbar uma alma que põe toda a sua ventura em crer o que Deus quer. Percamos tudo por Deus e tudo encontraremos em Deus. É Ele que muda, conserva e conduz ao seu fim, consoante as suas vistas e desejos. Todas as criaturas estão entre as suas mãos como pequenos átomos, que só têm o movimento e ação que Deus lhes dá. Que um átomo nos ares vá para um lado ou para outro, caia ou se levante; merece isso a mínima atenção, e mais ainda, poderá perturbar-nos?

Tudo o que nos vem da mão de Deus é sempre o melhor para nós; as nossas queixas e lamentações nada remedeiam. Ocultemos, pois, todas as nossas misérias no seio desse bom Pai Celeste, amando-O de todo o nosso coração. Embora eu seja miserável, não me é dispensado amar a Deus; antes Ele o manda e merece-O. Amá-l'O-ei, pois, e é o melhor meio de remediar as minhas misérias; porque importa mais a Ele do que a mim tornar-me tal qual Ele quer, porque sem Ele só posso fazer o mal, sendo incapaz de fazer o menor bem.

O ABANDONO À PROVIDÊNCIA, PRECIOSO EFEITO DA SAGRADA COMUNHÃO

Seria má resolução acercar-se raras vezes da Sagrada Mesa sob pretexto de indignidade.

Com efeito vós não sois digno disso, mas procurai a comunhão para fazer a vontade de Deus. Ele toma a seu cargo tudo que importa àqueles que Ele ama; Ele recebe-os tais quais são e transforma-os naquilo que quer. Ele ama-nos, não porque o mereçamos, mas porque é infinitamente bom. Não podemos deplorar assaz as nossas faltas passadas, mas evitemos as presentes por uma grande fidelidade à graça; é esta que nos atrai ao celeste banquete. Fazei-nos santos, ó Senhor; basta que vós o queirais e nós o seremos.

Quem ouviu já algumas vezes dizer que o meio de não cometer faltas era o afastamento de Deus, ou que essas comunhões, feitas com o fim de agradar-lhe, por obediência à regra e àqueles que nos dirigem em seu nome, seja um caminho para nossa perdição? Depois de haverdes purificado a vossa consciência o melhor que puderdes, ide apresentar-vos a Jesus Cristo singelamente, expõe-lhe as vossas enfermidades, humilhando-vos diante d'Ele e suplicando-lhe que vos conceda o que lhe aprouver para a sua glória e vossa salvação. Mas a nossa salvação é Deus, a nossa perfeição é Deus, a nossa vida, o nosso tesouro é Deus, e a Comunhão é Deus.

ESCLARECIMENTOS SOBRE O ABANDONO

É um grande erro imaginar que podemos chegar a este feliz estado sem fazer um ato desta virtude. Pretendemos dizer com isto que o ato mais ordinário, que Deus pede a nós é um simples olhar lançado sobre Ele, pelo qual estamos dispostos habitualmente a submeter-nos à sua vontade, satisfeitos com o que lhe aprouver, desejando cumprir os seus desígnios, embora isso nos custe. Nesta disposição interior, apresentam-se algumas vezes sentimentos de amor, confiança, humildade, contrição, oferenda, adoração; cumpre receber então o que a graça nos oferece e não fazer esforço algum para suprimir os seus atos. Equivaleria a opor-se ao espírito de Deus, que se explica por estes sentimentos, e quando eles

durassem sempre, deixemo-los durar. Deus é um Senhor e por isso sigamos o Espírito Santo. Só temos uma palavra a dizer quando se trata das vias de Deus. É aquela que disse Nosso Senhor:

“Seja assim, meu Pai, já que tal é a tua vontade. (Lc 22, 42)”

Há só uma coisa a fazer: é seguir a direção da graça aniquilando tudo quanto haja de humano na nossa operação. Respeitemos sempre e sigamos fielmente o movimento do Espírito Santo sem antecipá-l’O.

Que podemos nós fazer de bom, quando Ele não impele a isso? Sabemos por experiência que Deus só quer reinar no nosso coração e dominar como Senhor Absoluto; não sofram, pois, em nós essa multidão de desejos e de preocupações e contínuos cuidados. Confessai ante Deus a vossa impotência, contemplai a sua bondade e recorrei a Ele com confiança. Se estais aflitos, sofrei em paz: guardai silêncio respeitoso e mantende-vos na presença de Deus como faria um pobre à porta de um rico. Embora procurariam mandá-lo retirar, ele se conservaria até lhe concederem tudo quanto pedisse. Implorai a Nosso Senhor para vos conceder o que precisais, obtê-lo-eis facilmente porque Ele o deseja mais do que vós. Endereçai-vos à sua Santíssima Mãe e a São José, porque são modelos e protetores da vida interior. O perfeito abandono é a via mais curta e segura para chegar a Deus e a nossa maior infidelidade é não ter confiança n’Ele. É imprescindível desesperar de si para esperar plenamente em Deus; e seria deplorável que uma fraca criatura não ousasse confiar no seu Criador e quisesse só ocupar-se e inquietar-se de si. Mas dir-se-á: *Não é necessário tratar da nossa perfeição, da nossa salvação e dos progressos na virtude?* Por certo; mas quando entregamos esse cuidado a Deus, estamos nas melhores mãos; e ocupando-nos em amá-l’O, esquecendo-nos a nós mesmos para só pensar n’Ele, e cumprir a sua adorável vontade, não podemos deixar de ser socorridos por esse Deus infinitamente bom e não devemos deixar afligir a nossa alma.

Em qualquer situação que vos encontrardes, se vos perguntarem: que fazeis, que quereis? Deveis responder, mas com verdade: *Faço, quero o que Deus quer; bendigo-O em tudo e por tudo, submetendo-me à sua vontade.* Na realidade, neste mundo não temos senão

uma coisa a fazer: deixar que Deus obre sem lhe resistir por qualquer modo; assim manteremos a paz e tudo será para o nosso maior bem.

O reino de Deus está dentro de vós, disse Nosso Senhor, e é esse reino que Ele manda que peçamos todos os dias (Lc 17, 21). Mas em que consiste esse reino: Jesus Cristo disse também: *Faça-se a tua vontade* (Lc 22, 42). Eis o verdadeiro reino de Deus; consiste em que tudo seja submetido à sua santíssima vontade. É esta a melhor disposição e quão digna é de inveja!

CAPÍTULO 3 – SÃO FRANCISCO DE SALES

EM QUE CONSISTE ESTE ABANDONO

Abandonar a sua alma não é outra coisa senão desfazer-se da vontade própria, para entregá-la a Deus; porque de nada nos serviria a renúncia própria se não fosse para unir-nos perfeitamente à divina bondade. Há muitos que dizem a Nosso Senhor: *Entrego-me todo a vós sem reserva alguma*. Mas há poucos que pratiquem este abandono, o qual consiste numa perfeita submissão em receber todos os acontecimentos, considerados como resultado da ordem com permissão de Deus: a doença como a saúde, a riqueza como a pobreza, o desprezo como a honra.

Isto refere-se sempre à parte superior da alma porque a parte inferior ou inclinação natural tende sempre antes para a honra que para o desprezo. Este abandono é a virtude das virtudes; a perfeição da caridade, o cheiro da humildade, o mérito da paciência... *Meu pai*, disse o Salvador sobre a cruz, *entrego o meu espírito nas vossas mãos*; como se dissesse: *É verdade que tudo está consumado, e satisfaz tudo quanto me ordenastes; mas se for da vossa vontade permanecerei ainda sobre esta cruz para sofrer mais; entrego o meu espírito nas vossas mãos; fazei dele o que vos aprouver*. Nosso Senhor ama com um amor extremoso aqueles que se abandonam assim aos seus cuidados paternais, deixando-se dirigir pela sua divina providência sem se importarem, se os efeitos que ela produz serão suaves ou amargosos; certos que nada lhes poderia ser mandado por este coração paternal que não seja para o seu bem e utilidade.

Algumas vezes Nosso Senhor quer que as almas escolhidas para o serviço de sua Divina Majestade tomem a firme resolução de perseverar a segui-lo por entre desgostos, securas, repugnâncias e asperezas da vida espiritual, sem consolações, favores ou ternuras, seguindo assim o Divino Salvador sem outro auxílio além da sua santa vontade. Eis aqui como eu desejo que nós caminhemos; porque nunca estaremos reduzidos a tal extremidade que não possamos derramar na presença de Deus os perfumes de uma santa submissão à sua santa vontade. Perguntar-me-eis em que deve ocupar-se interiormente uma alma que por este modo se entregou a Deus. Deve ficar em paz unida a Nosso Senhor sem inquietação do que lhe há de suceder porque Ele proverá a tudo. É certo que é imprescindível uma grande confiança para nos abandonarmos assim, sem reserva alguma, à Divina Providência; mas quando nós abandonamos tudo, Nosso Senhor toma cuidado de tudo.

Santa Madalena, que se tinha abandonado a Nosso Senhor, ficava ajoelhada a seus pés e escutava-O enquanto falava; quando Ele se calava, nem por isso ela se movia de ao pé d'Ele; essa alma abandonada a Nosso Senhor permanece entre os seus braços como uma criança no seio de sua mãe; esta não pensa para onde vai, mas deixa-se levar para onde aprouver a mãe.

A alma, amando só a vontade de Deus em tudo que lhe acontece, deixa-se ir e caminha, todavia, cumprindo escrupulosamente quanto lhe significa essa mesma vontade de Deus. Perguntais-me que fundamento deve ter este perfeito abandono. Deve ser fundado sobre a infinita bondade de Deus e os méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo com a condição de que tenhamos e conheçamos em nós inteira e firme resolução de nos darmos a Deus. Não digo que seja necessário senti-la, mas sim tê-la e conhecê-la; é necessário que o nosso amor próprio vos não iluda porque a maior parte dos nossos sentimentos e satisfações são apenas brinquedos do mesmo amor próprio. Muitas vezes acontece que sentimos em nós desejos contrários à vontade de Deus e a vossa natureza repugna as suas ordens; mas isso não importa; porque tratamos aqui só das virtudes, que residem na parte superior da alma; a inferior,

ordinariamente, é contrária; mas cumpre abraçar esta vontade divina unindo-nos a ela, apesar da revolta da nossa natureza.

Um dia uma excelente religiosa me perguntou se tendo desejo de comungar mais frequentemente do que a comunidade, podia pedir permissão à superiora. Eu respondi-lhe, que se fosse religioso procederia desta forma: não pediria para comungar mais vezes nem fazer penitências extraordinárias; contentar-me-ia em seguir em tudo a comunidade.

Quero pouca coisa, e nisso mesmo não tenho desejo pelas coisas do mundo, mas se estivesse para renascer quisera não ter nada. Não devemos pedir nem recusar coisa alguma, mas entregar-nos nas mãos da Divina Providência querendo só o que Deus quer. Vós me perguntais se deveis desejar as virtudes e me recordais que Nosso Senhor disse: *Pedi e dar-se-vos-á*; quando digo que nada se deve pedir nem desejar; entendo pelas coisas da terra, porque quanto às virtudes devemos sempre pedi-las. Mas, dizeis, vós, quanto aos empregos baixos e humilhantes não será lícito desejá-los para nos abatermos ainda mais? Respondo a isso que Davi dizia que antes queria ser abjeto na casa do Senhor do que elevado na dos pecadores; mas esse desejo é muito suspeito. Como sabereis vós se tende desejado cargos baixos, tereis a força suficiente para suportar-lhe a abjeção? E se, agora que vos sentis com coragem para humilhação, a tereis sempre? Nosso Senhor na cruz nos fez sentir, como devemos mortificar os sentimentos naturais, porque tendo uma sede ardente não pediu que lhe dessem de beber; mas somente manifestou a necessidade, dizendo: *Tenho sede*. Depois do que fez um grande ato de submissão, porque apresentando-se-lhe uma esponja embebida em vinagre, levou-a a seus lábios benditos. Ele não ignorava que este líquido aumentaria a sua pena, e, todavia, fê-lo com a maior simplicidade. Gravaí, pois, na vossa memória essas duas recomendações que vos fiz: nada desejeis, nada recuseis.

Nestas palavras vos digo tudo. Contemplai Jesus Cristo no presépio; aí recebe a pobreza, a nudez, a companhia dos animais, as inclemências do tempo, o frio, e tudo quanto seu Pai permite que lhe aconteça; recebe também os carinhos de sua Mãe e os serviços

de São José, as adorações e os presentes dos pastores e dos magos e tudo com uma santa igualdade. Façamos a mesma coisa e Deus nos concederá a graça para isso.

O NOSSO CORAÇÃO DEVE ESTAR UNIDO INDISSOLUVELMENTE À VONTADE DE DEUS

Bendirei sempre a Deus pelas graças que me tem dispensado; devemos-lhe em troca grandes resignações e suportemos corajosamente e de boa vontade todas as coisas, que nos sucederem sem embargo de todas as contradições. Não olheis para a substância das coisas, que fizerdes, mas para a honra, que elas têm, por pequenas que sejam, por serem queridas por Deus, ordenadas pela sua experiência e pela sua sabedoria. Sejam os que Deus quer contanto que sejamos para Ele e nunca contra a sua intenção; porque embora fôssemos as criaturas mais excelentes do céu de nada nos serviria isso, se fôssemos contra a vontade de Deus. Vivamos alegres e contentes; o Senhor nos olha com amor tanto maior quanto mais são as nossas misérias e enfermidades.

Não alimentemos pensamentos contrários à sua vontade, e quanto despontarem afastemo-los; pensemos na bondade inefável, com que Deus ama a nossa pobre natureza, sem embargo de todos os nossos defeitos. Deus nos olha com ternura e vê com amor os mais terríveis pecadores, por pouco que seja o desejo que eles tenham de converter-se.

E não temos nós a intenção de ser para Deus e de servi-l'O fielmente? E quem nos deu esse desejo e intenção senão Deus mesmo? Não nos cumpre indagar se o nosso coração lhe agrada, mas sim se o coração de Deus nos agrada a nós; e como deixará de agradar-nos esse coração tão doce, condescendente e desejoso da nossa felicidade? Quem só tem desconfiança e temor e não abriga confiança e esperança assemelhar-se-ia àquele que fosse colher a uma roseira só os espinhos, deixando as rosas.

Mas eu tenho muitos pecados; qual seria o louco que pensasse ter cometido mais do que a misericórdia divina pode perdoar? Quem compararia a grandeza desses crimes à imensidade dessa

misericórdia que os esquece logo que nós nos arrependemos por seu amor?

Ó amor da vontade de Deus, amor eterno do meu Deus! A minha alma vos requer e escolhe sem reserva.

Vinde, Espírito Santo, inflame o meu coração. Amar ou morrer. Morrer para todo o amor, para viver só junto de Jesus, para que não morramos eternamente, mas vivendo no nosso amor eterno, ó divino Salvador das nossas almas, cantemos eternamente: *Viva Jesus que eu amo; eu amo Jesus que vive e reina por todos os séculos dos séculos. Amém.*

CAPÍTULO 4 – PADRE VINCENT HUBY

O SANTO ABANDONO

As almas esclarecidas pela fé, e encaminhadas pela graça, que buscam a felicidade no único objeto, que pode dá-la, que é Deus, tendem todas para o mesmo fim, mas não caminham pela mesma via.^[22]

A grande maioria entrega-se a práticas múltiplas. Umas põem a sua devoção nisto, outras naquilo; fazem diferentes atos e abrigam diversos desejos. Nada há de censurável em tudo isto a não ser o espírito próprio, ou o capricho, que, consoante o caráter de cada qual, diferencia estas práticas e devoções. Algumas por simples e completo abandono de si, deixam todo o cuidado de guiá-las a Deus. Colocam-se à disposição da Divina Providência, abafam em si todo o desejo alheio à vontade de Deus, e apenas dizem isto: *Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu.* Quando digo que abafam todo o desejo, não quero dizer que renunciam à ambição de se aperfeiçoarem, de tratarem de sua salvação e de buscarem os auxílios de Deus. A sua vontade, que só buscam, é a nossa santificação neste mundo e a bem-aventurança no outro.

Embora este meio de segregação seja o meio mais rápido, podendo toda a gente adotá-lo, e livrando de embaraços e perturbações, não é, todavia, o mais seguido. Sempre se quer conservar e salvar do naufrágio algumas parcelas do próprio espírito e da vontade pessoal. Não há coisa de que tanto nos custe a desfazer-nos como

de nós mesmos, isto é, das operações da natureza. Mas se queremos achar a Deus perfeitamente, é necessário morrer de todo para nós nos braços de Deus, abandonando-nos a Ele sem reserva alguma, para que Ele opere em nós como for do seu agrado.

A alma que assim proceder, haverá deparado a verdadeira felicidade nesta vida. Ela possui a ventura temporal, porque vive solta de todas as coisas terrenas, sem temor e sem desejo; possui a bem-aventurança espiritual, porque vendo-se só a si, e deixando que Deus queira nele tudo quanto lhe apraz, vive em uma tranquilidade inalterável, tendo por único cuidado esse abandono a Deus, que ele ama. Solta assim de uma multidão de desejos, temores, reflexões inquietas, no repouso pleno, só dependendo de Deus, goza felicidades plena e tão constante como pode apetecer-se. Ele está no termo, para onde outros tendem por longos períodos, que alongam e embaraçam por tal modo o caminho que não raras vezes não se consegue chegar ao termo da viagem.

Nesse estado de abandono pratica-se excelentemente a perfeição contida nas duas palavras, que quanto à moral e mortificação contém tudo; *abstine*, abster-se, *sustine*, sofrer; não procurar cômodos nem satisfações, entregar-se nas mãos de Deus, e deixar tudo ao seu cuidado e disposição; *sustine*, abandonar-se aos sofrimentos, plenamente resignado à vontade divina. Por este modo a nada nos afeiçoando e nada temendo, seguimos o nosso caminho com pleno assentimento ao que Deus quer; e tanto mais se avança, tanto menos nos abalamos e nos distraímos das coisas da terra.

Temos então muito mais força para obrar. Assim como no inverno os corpos são mais robustos do que no verão, porque no inverno o sangue e o calor afluem ao coração, onde está o princípio da vida; também as almas, que tem abnegação da vontade própria e só abrigam desejo de cumprir a vontade divina, reúnem todas as suas forças em um só ato, que é o princípio da vida; e de ordinário essas almas praticam as diferentes virtudes por modo mais rigoroso e elevado, do que o fazem aqueles que têm as forças divididas em atos diversos, e diferentes intenções, embora sejam boas e louváveis. Não deve temer-se que essas almas permaneçam ociosas e inúteis.

Em verdade elas nada querem da sua vontade própria, mas querem tudo quanto lhes oferece o caráter da vontade divina. Toda a sua atenção está no que elas fazem e sofrem cada instante, porque Deus não exige delas outra coisa; mas o seu coração estende-se a tudo e tudo abrange.

O que o Nosso Senhor disse, que todo aquele que abandonar por Ele a sua casa, seus irmãos, irmãs, pai, mãe, esposa, filhos e tudo quanto possuir, receberá cem por um e terá por herança a vida eterna, justifica-se com referência ao que abandonamos por amor de Deus. Aquele que renunciar aos prazeres e gozos sensuais, à estima e glória dos homens, aos seus cômodos e à saúde, depara, por esta renúncia e abandono, cem vezes mais paz, doçura, e contentamento, do que os mundanos encontram na procura e posse dessas pretensas vantagens. Santo Agostinho experimentava mais prazer nas lágrimas da sua penitência e amor, do que nunca desfrutara nas loucas alegrias do mundo. Quem se resigna a Deus, acha cem vezes mais conforto fazendo ou sofrendo o que Deus quer, do que dando largas à vontade própria. Venhamos à prática e experimentaremos, com o tempo, a verdade da promessa do Senhor.

O que é ainda mais vantajoso e apreciável, é que não só se acha o cêntuplo no que se abandonou, mas além disso damos a Deus esse cêntuplo; isto é, damos a Deus cem vezes mais glória; cumpre-se a vontade divina cem vezes perfeitamente em nós, e reine Ele com cem vezes mais império. Tanto mais perdermos por causa de Deus, tanto mais Deus nos dá, e tanto mais felizes e contentes somos.

MEIO DE CHEGAR À PERFEIÇÃO PELA PRÁTICA DO SANTO ABANDONO

Exprimem-se por duas palavras: *desprendimento* e *assentimento*.

DESPRENDIMENTO DO ESPÍRITO E DA VONTADE

Se pudéssemos desterrar do nosso espírito todas as imagens das coisas criadas, gozaríamos de um repouso tranquilo e liberdade perfeita. O que desconheço não me impressiona. Se o meu amigo estiver doente e eu o não souber, não me aflijo; se dizem mal de mim e eu o ignoro, não me incomoda. Se puder desprender-me de

todas as criaturas, estas não preocuparão o meu espírito; o meu espírito estará livre e poderei aplicá-lo só a Deus; procederei como se no mundo só houvesse Deus e eu.

Não está no meu poder fechar à porta as ideias que os sentidos suscitam necessariamente. Mas, sendo fiéis à graça, desvio o meu espírito dessas ideias; elas serão em mim como se não fossem, e o meu espírito gozará do repouso e tranquilidade perfeita.

Essa tranquilidade é tão apetecível que devo ter estima regular pelos meios, que me habilitam a praticá-la zelosamente. Apontamos três que são gerais e fiéis para uma alma, que abriga sincero desejo de perfeição; *esquecer tudo, ignorar tudo, anular tudo*. Vamos explicá-los sinceramente.

1.º Esquecer tudo. O esquecimento refere-se ao passado; é necessário esquecer de tudo quanto é inútil lembrar. Quantas vezes temos visto e ressentido coisas desagradáveis, que nos acedem ao imaginar? Ofenderam-nos gravemente; se pudermos esquecer o agravo, quebra-se o espinho; mas se não o fizermos continuará a ferir-nos. Se perdermos alguma coisa importante a lembrança pungir-nos-á sempre; e o mesmo acontece com todas as coisas aflitivas. E já que a lembrança destes acontecimentos só serve para amargurar-nos, cumpre desterrar para longe a sua recordação. Este esquecimento deve ampliar-se até aos pecados da vida passada; contanto que hajamos feito deles boa confissão geral, ou que as confissões particulares nos satisfaçam; convém não relembrar esses pecados nas suas minúcias e circunstâncias; porque o inimigo poderia tirar daí ocasião para novas tentações, inquietando-nos pelo receio de não havermos esmiuçado todas as circunstâncias. Devemos apenas conservar uma ideia confusa das nossas culpas, e que somos grandes pecadores. Basta isso para nos manter na humildade e excitar-nos à contrição.

Quanto ao bem, que houvermos feito, é indispensável esquecê-lo logo, e apenas cumprida uma boa obra, perder-lhe a ideia; e pelo menos nunca nos demorarmos voluntariamente na sua recordação. Dois são os motivos, que determinam este asserto; porque a reflexão sobre as nossas boas obras pode infundir-nos a vaidade de

Deus, que é o sumo bem, o qual devemos possuir plenamente sempre que não pensarmos nas criaturas.

2.º Ignorar tudo. Esta ignorância refere-se ao futuro. Quantas vezes nos inquietam milhares de fantasmas, ou por nos havermos ocupados de coisas inúteis ou por havermos prestado a nossa atenção a assuntos de mera curiosidade?

O espírito do mundo quer saber e provar tudo; é ávido de novidades e enche-se de conhecimentos vãos. O espírito de Deus pelo contrário leva a ignorar de bom grado tudo quanto não pode servir ao nosso adiantamento espiritual.

Feliz ignorância, que faz que a alma adquira ciência maravilhosa das coisas divinas; que se solte do que poderia perturbar-lhe o repouso, dominando de tal arte a sua inteligência, que lhe é fácil dispor dela e aplicá-la como se quisesse.

Seja o nosso cuidado em guardar fidelidade a Deus, desterrar toda a inquietação, proceder só por amor a Ele, e abrigar-nos no Seio da Providência, como uma criança que dorme pacificamente no seio materno, sem se importar com o dia imediato.

3.º Anular tudo. Esta máxima abraça não só o passado, mas o futuro, e até as coisas que já estão no nosso espírito, quer elas aí tenham vindo contra nossa vontade, quer por influência dela. Se tendes cometido uma falta, e vos comprazeis em refletir nela, fazeis como uma discussão, que cumpre banir, virando-vos para Deus com simplicidade e amor, sem vos inquietardes ou perderdes ânimo: fazei um ato de contrição e não penseis mais no vosso erro até ao momento em que passeis revista ao atos do dia.

Cumprir anular no espírito todas as coisas que não contribuem ao vosso adiantamento. A alma, que tende para a união divina, começa por desprezar a terra como lugar de exílio e toma a resolução de viver já antecipadamente no céu, verdadeira pátria. Mas se por causa da dependência necessária que liga a alma e o corpo, as ideias das coisas visíveis e passageiras entram no seu espírito, a alma não se fixa nelas, e serve-se delas como de degraus para elevar-se à consideração das coisas invisíveis e eternas.

Este vácuo de tudo que não é Deus ou a Ele não conduz, aperfeiçoa a alma e debilita o princípio das tentações; porque o demônio só pode penetrar pela vontade no espírito. Mas se o espírito está vazio de tudo quanto é criado, como poderá ele atacar a vontade?

Por este meio se entra na via mais reta e curta para receber as comunicações de Deus. Nunca fala tão familiar e intimamente à alma como quando o espírito é tranquilo e não se acha agitado pelo pensamento das criaturas.

O desprendimento do espírito determina do ordinário e da vontade. Assim como devemos anular no nosso entendimento tudo quanto não vem de Deus, cumpre-nos também retirar a nossa vontade do redemoinho das paixões e impressões, que excita em nós o espírito contrário a Deus.

ASSENTIMENTO

Se a despeito dos nossos esforços para desviar e vencer as tentações, estas continuam a perseguir-nos, o remédio é assentir, não à tentação, mas à vontade de Deus que permite que lhe sintamos a importunidade. Distingamos sempre duas coisas na tentação; o mal que propõe, contrário à divina vontade, e a pena e humilhação, que causa, à qual provém de Deus. Se o demônio vos solicita à vingança, o mal, que podeis querer ao nosso próximo, é o que Deus proíbe; mas o mal e a pena que vos causa a importunidade e a sugestão é permitida por Deus. Deve o primeiro ser objeto do vosso ódio, e nunca dar-lhe assentimentos; e quanto ao segundo, deve assentir-se-lhe com humildade, dizendo interiormente a nós mesmos: *Não quero mal a ninguém; mas Deus consente que a tentação me assalte e perturbe; adoro a sua santíssima vontade, recebo da sua mão o tormento que sofro; submeto-me de todo o meu coração e só quero ver-me livre deste tormento quando lhe aprouver.*

Por este assentimento a alma goza de grande sossego e faz progressos maravilhosos.

CAPÍTULO 5 – PADRE JEAN BERTHIER

ABANDONO DE JESUS CRISTO À VONTADE DE DEUS

A ciência do abandono à divina vontade conduz à paz, a verdadeira paz, que foi a de Jesus Cristo; por isso Ele no-la quis ensinar pelas suas lições e exemplos.^[23]

Esta ciência supõe grande conhecimento de Deus, do homem e da vida futura. Quando se conhece bem a Deus, sabe-se que Ele faz tudo; que de tudo dispõe para a sua glória e nossa felicidade, e então nada nos inquieta. Quando se conhece bem o homem, sabe-se que ele nada pode, que suas luzes são limitadíssimas e que só tem afetos para si próprio, e dele nada se pode esperar. Quando se conhece bem a vida futura, sabe-se que não devemos fazer caso algum da vida presente, porque esta, comparada à outra não é uma vida, mas um sonho e preliminar da morte. Jesus Cristo conheceu melhor que nós estes três objetos; e todo o resumo do seu Evangelho é o abandono nas mãos de Deus, que pode e sabe tudo e nos ama.

Três pontos nos interessam: os acontecimentos da vida, o nosso interior, o tempo e circunstâncias da nossa morte. Destes três pontos, o primeiro é de que os homens se ocupam mais; o segundo é o de que tomam menos cuidado; o terceiro é aquele em que forcejam por não pensar. Pelo contrário, Jesus Cristo nos ensina a não fazer caso do primeiro, a velar incessantemente no segundo, e a estarmos sempre preparados para o terceiro; mas quer ao mesmo tempo em que nos abandonemos a Deus, para todos os três pontos, considerando-O como Senhor dos acontecimentos, da nossa alma e da nossa vida.

Os acontecimentos da vida são em geral uma série de tribulações e provas. O nosso interior está muitas vezes na aflição, e o governo de mim, que nada parece, é mais difícil do que a direção de um grande império. A morte considerada em si é horrível e odiosa.

Considerando a Deus no abandono a Ele, os acontecimentos com todas as misérias inerentes são bagatelas. O nosso governo torna-

se suave e fácil; a morte é não só suportável, mas objeto dos desejos mais legítimos. Eis o que Jesus Cristo nos ensina pelo seu completo abandono à vontade de seu Pai.

Um cristão que se abandona com Jesus Cristo e como Ele se abandonou, assemelha-se àquele que se alivia de um peso enorme. Esse peso esmagava-o; estava a ponto de sucumbir sob o fardo; uma mão amiga o alivia e desde logo começa a respirar. Enquanto eu tinha vontade, o peso me arrastava para a terra e me impedia de olhar para o céu. Desde que nada quero, e que me abandone a Deus, estou sem estorvos e corro onde Jesus Cristo me chama. Diz o autor da Imitação:

“Abandonai-vos à Providência, esforçai-vos para seguir, privado de todas as coisas, a Jesus Cristo, também privado de tudo, e então desaparecem todos os vossos desassossegos.”

Esta palavra é o resumo do Evangelho e contém a verdadeira doutrina da paz.

TRÊS OBSTÁCULOS AO PERFEITO ABANDONO

São os pecados que se cometeram, os que se cometem todos os dias, e as paixões cuja vivacidade se sente ainda.

1.º Lê-se nos livros sagrados, que não devemos estar sem temor, a respeito dos pecados perdoados (Eccl 5, 5). Adoremos o Espírito Santo; mas há uma grande diferença entre o temor e a perturbação, a humilhação de um coração contrito e a agitação de um coração conturbado. Este último sentimento é efeito de um amor próprio secreto. Quiséramos não termos sido criminosos, menos pela afronta à Majestade Divina do que por não podermos gozar os elogios lisonjeiros de uma consciência irrepreensível. Quiséramos ser contentes de nós.

Quando encontro uma alma que se entregou sinceramente a Deus e quer servi-l'O, satisfaço-me em dizer-lhe: *Sacrificai todos os vossos pecados e a agitação daí resultante; fazei dessa massa de corrupção um holocausto que consumireis nas chamas do santo amor. Comparando as vossas iniquidades com o preço imenso do sangue de Jesus Cristo, exclamai: 'Senhor, eu detesto os meus crimes; mas a graça do perdão é o triunfo da vossa misericórdia e a glória dos vossos méritos. Não devo perturbar-me recordando os*

meus crimes. Vós viestes não por causa dos justos, mas pelos pecadores; e o vosso reino está cheio daqueles que arrastastes do inferno. Eu estarei tranquilo, pois ao pé da vossa cruz; observo as cicatrizes das minhas feridas, mas contemplando aquelas que vós conservais no vosso estado de glória, confiadamente creio que as minhas chagas estão fechadas, que os vossos vestígios restantes não são senão para reter-me na humildade e na vigilância até ao derradeiro dia da minha vida.'

2.º Cometemos faltas apesar das mais santas resoluções; atormentamo-nos e corremos dias cheios de amargura; apresentamo-nos continuamente no santo tribunal e não estancamos a origem das prevaricações, objeto de um novo sacrifício; Santo Ambrósio nos ensina a fazê-la perfeitamente. Diz ele:

“Pecamos, e isto é de nós; choramos pelos nossos pecados, e isto é de Jesus Cristo.”

Mas onde quer que Jesus Cristo se encontre, aí deve existir a paz interior; e essa paz deve ser tanto mais íntima e profunda quanto a acompanham a humildade que nos concentra no desprezo de nós mesmos, e o reconhecimento que nos une ao nosso benfeitor. Acrescenta o mesmo santo doutor:

“As minhas faltas podem vir a ser mais úteis para mim do que a inocência mesma; a inocência me tornaria vaidoso e as minhas faltas me mantêm na humildade.”

Não quer isto dizer que abandonemos a vigilância para termos ocasião de humilhar-nos; seria abusar da misericórdia e bondade divina. Os santos velaram muito sobre o seu interior e encontraram manchas cotidianas; mas o espírito de sacrifício que os animava imolava ao mesmo tempo as faltas cometidas e o amor próprio que quisera ser irrepreensível, a impaciência que se irrita com as recaídas, e a desconfiança que arrasta a começar e nunca acabar uma obra. Esses santos são ainda mais admiráveis pela paciência com que suportaram o peso das suas fraquezas do que pelos esforços que fizeram para fortificar-se na perfeição. Embora vergados pelas suas misérias, tomaram as asas do amor para elevar-se ao céu.

3.º Ordinariamente perturbamo-nos na guerra que fazemos às nossas paixões; tanto maior ardor empregamos para vencê-las, tanto mais nos angustiamos vendo-as sempre rebeldes e prontas para dar-nos golpes mortais. Quando estamos encarregados de combater os inimigos da pátria não começamos por desconfiar de nós e das nossas tropas desalentando-nos. É o sangue frio e a constância que facilitam e asseguram a vitória. Por que seremos nós menos corajosos atacando as nossas paixões? Essa covardia provém de três coisas; nós as conhecemos mal, perseguimos pior e raríssimas vezes as sujeitamos. A nossa vaidade, por exemplo, envolve-se até nas nossas boas obras sem nos apercebermos disto; disfarça-se sob o pretexto do bem para que a fomentemos; renasce das suas derrotas mesmas para que a lisonjeemos. Será para admirar depois disto que a luz celeste nos alumie sobre os requintes do nosso amor e as sutilidades da vaidade? Não nos perturbemos, todavia; seria obscurecer o raio da graça e deixar às paixões a liberdade de nos seduzir ainda mais grosseiramente. Ataquemos este tirano doméstico consoante todas as regras da milícia espiritual, cujos princípios são os seguintes: combater pacificamente; moderar o ardor dos nossos desejos com relação aos sucessos; aproveitar sossegadamente todas as ocasiões para derrubar o colosso da vã estima de nós mesmos; aproveitar essa mesma vaidade para fundamento de uma humildade profunda.

CAPÍTULO 6 – SANTO AMBRÓSIO

CONTRA OS TEMORES DA MORTE

Quando a Santíssima Virgem apresentou seu Filho no templo, Simeão, esse velho venerável que havia sabido pela revelação que não morreria sem ver o Messias, tomou-O nos seus braços e bendizendo a Deus, disse:

“E agora, Senhor, que, consoante a vossa palavra, deixareis partir em paz o vosso servo. (Lc 2, 29)”

Queria dizer que estava neste mundo não porque ele lhe agradasse, mas porque não podia deixá-lo, e como um prisioneiro coberto de algemas de dia e de noite desejava a sua liberdade. Dessa liberdade nunca goza plenamente a alma senão quando está solta

dos liames do corpo, que é a sua prisão; só então ela exerce as suas funções independentemente dos sentidos exteriores, que só lhe fazem estorvos e incômodos. Os ignorantes e insensatos temem a morte como o fim dos seus trabalhos; perigos e misérias; ela é para eles um porto seguro depois de uma navegação mais ou menos longa e perigosa. Com a morte cessam as nossas inquietações e as nossas desordens, e ficam como que sepultadas com o corpo no túmulo; mas a alma, na qual residem as virtudes e o mérito das boas obras, vai para o céu para aí receber a recompensa que lhe é devida. Deixemos, pois, esses vãos temores da morte, considerando-a como um tributo que é necessário que todo o homem pague à natureza. Vamos alegremente para onde o nosso Salvador nos chama e os santos nos esperam; para onde encontraremos aqueles que nos instruíram na fé; as suas virtudes poderão suprir de certo modo o pouco cuidado que tivemos em nos exercitarmos como eles nas boas obras; vamos reunir-nos a esse glorioso exército de bem-aventurados que estão assentados no reino de Deus, como Abraão, Isaac e Jacó; onde o bom ladrão, depois de uma vida cheia de crimes, entrou triunfalmente gozando na companhia de todos os eleitos as delícias inefáveis do paraíso; onde se não sabe o que são trevas, chuvas, tempestades, calores imoderados, frios excessivos, doenças, dores e onde não temos necessidade da luz do sol porque o sol da justiça é o único que esclarece a Jerusalém Celeste. Quando, pois, a morte se avizinhar, consolemo-nos com o pensamento que Jesus Cristo, nosso irmão primogênito, vem do céu ao nosso encontro e já tomou posse da herança eterna em nosso nome e para nós. Abracemos devota e amorosamente os seus pés sagrados e adoremo-l'O como fizeram as santas mulheres, às quais Ele apareceu depois da sua ressurreição para que nos diga como a elas: *Não temais, isto é, não vos inquieteis com os vossos pecados, porque sou eu que tenho o poder de vo-los perdoar. Não vos importam as trevas porque eu sou a luz; não receeis a morte porque eu sou a vida, e aqueles que se dirigem a mim confiadamente não morrerão.*

CAPÍTULO 7 – PADRE JEAN GROU

FALTAS E IMPERFEIÇÕES

É certo que às vistas de Deus as faltas em que Ele permite que caiamos, devem servir para a nossa santificação, dependendo só de nós para tirar delas vantagem. ^[24] Acontece, todavia, pelo contrário, que essas faltas nos prejudicam menos por si que pelo mau uso que fazemos delas. O que vou dizer não pode referir-se a essas almas frouxas e interesseiras, que são reservadas para com Deus e não querem entregar-se a Ele senão até certo ponto. Estas fazem refletidamente muitas falas de que não podem tirar proveito algum, atenta a sua má disposição. As pessoas para quem escrevo são aquelas que nunca deliberadamente cometem alguma falta e, todavia, incorrem nelas pelo primeiro impulso, inadvertência e fraqueza. Acontece-lhes admirarem-se das suas faltas, sentirem perturbações, falsa vergonha e deixam-se arrastar ao desalento. São outros tantos efeitos do amor próprio mais pernicioso ainda do que as faltas mesmas. Admiram-se de ter caído, procedem mal e é uma prova que não reconhecem bastante; bem pelo contrário deviam surpreender-se de não cair mais repetidas vezes em faltas mais graves, e dar graças a Deus pelas quedas de que Ele os preserva. Afligem-se por se encontrarem envolvidas em algumas faltas; perdem a paz interior e agitam-se horas e dias inteiros.

Nunca nos devemos perturbar quando nos vemos em terra: cumpre erguer-nos tranquilamente, voltando-nos para Deus com amor, implorar-lhe perdão e só pensar no que acontecer quando for necessário fazer a acusação; e quando na confissão mesmo nos esquecermos, não devemos inquietar-nos. Sente-se uma falsa vergonha dessas faltas: mal se declaram ao confessor. Que ideia terá Ele de mim depois de tantas promessas e protestos que lhe fiz? Se a confissão é sincera e humilde, Ele vos estimará mais; se, pelo contrário, ela é feita com repugnância, achar-vos-á orgulhoso. A sua confiança em vós diminuirá vendo que não tendes franqueza com ela. Mas, diz São Francisco de Sales, que nos amarguramos por nos havermos enfadado e nos impacientamos por nos haver faltado a paciência. Não vemos nós que tudo isto é orgulho e que nos envergonhamos por nos termos achado menos fortes e menos santos do que julgávamos e que só aspiramos a estar livres de

imperfeições e faltas, para nos felicitar-mos a nós mesmos por havermos passado um dia, uma semana, um mês sem ter nada de que nos acusemos? Finalmente desalentamo-nos, abandonamos as práticas de devoção, renunciemos à oração, olhamos a perfeição como impossível e desesperamos de alcançá-la. De que me servem, dizem, constranger-me, velar continuamente sobre mim e entregar-me ao recolhimento e mortificação já que de nada me corrijo e me não torno melhor? É este um dos laços mais sutis do demônio de que nos devemos livrar. Para isto cumpre não nos desalentar, qualquer que seja a falta que cometamos, dizendo sempre: *Quando caísse vinte, cem vezes por dia, levantar-me ia outras tantas e prosseguiria no meu caminho.*

Que importa ter caído durante a viagem, uma vez que chegamos ao termo dela? Muitas vezes as quedas provêm da rapidez e do ardor, que nos impulsiona, que não nos permite que tomemos todas as precauções. As almas tímidas e cautelosas que querem sempre ver onde põem o pé e que se desviam em todos os momentos para evitar passos em falso, não avançam tão depressa como as outras e a morte as surpreende quase sempre no meio do seu caminho. Não são aqueles, que cometem menos faltas, que são mais santos, mas sim aqueles que têm mais coragem, generosidade e amor, que fazem mais esforços sobre si mesmos e que não temem vacilar, cair e sujar-se mesmo contanto que avancem. São Paulo disse que *tudo volta para bem para aqueles que amam a Deus* (Rm 8, 28). É verdade, até as faltas e ainda as muito graves. Deus permite estas quedas para nos curar da presunção e para ensinar-nos o que somos e o de que somos capazes. Davi reconheceu que os maiores crimes que ele tinha cometido serviram para mantê-lo em contínua desconfiança de si mesmo.

Disse ele a Deus:

“É uma vantagem para mim que vós me humilhásseis, tenho sido depois mais fácil na observância dos vossos mandamentos.”*

A queda de São Pedro foi para este a lição mais útil, e a humildade, que esta lhe inspirou, o dispôs a receber os dons do Espírito Santo, a tornar-se chefe da Igreja e a livrá-lo dos perigos de um lugar tão eminente. São Paulo, dos grandes sucessos do seu apostolado,

acautelava-se da vaidade, recordando-se que tinha sido blasfemo e perseguidor da Igreja de Deus; e uma tentação humilhante de que Deus o não quis livrar, servia de contrapeso à sublimidade das suas revelações. Se Deus sabe tirar tanto bem até dos maiores pecados, quem duvida que Ele não poderá fazer contribuir para a nossa santificação as nossas faltas cotidianas? Os mestres da vida espiritual observam que Deus deixa muitas vezes às almas mais santas certos defeitos, dos quais, apesar de todos os seus esforços, não chegam a corrigir-se, para lhes fazer sentir a sua fraqueza e o que seriam sem a graça, impedindo-lhes que se ensoberbeçam com os favores que lhes faz, dispondo-as para recebê-los com mais humildade, sem caírem nas armadilhas do seu amor próprio; para sustentar o seu fervor, manter a sua vigilância, confiando só em Deus e recorrendo continuamente.

A criança que cai, quando quer andar só e se desvia de sua mãe, volta para ela com mais ternura para curar-se do mal que fez, e pela sua queda mesma toma lição para a não deixar. A experiência da sua fraqueza e da bondade com que sua mãe a recebe, inspira-lhe mais afeição por ela. As faltas que nos advém dão lugar a grandes atos de virtude, que não teríamos ocasião de praticar sem isso e Deus as permite com este fim. Por exemplo, Ele permite um ato da desesperação, de ira e viva impaciência para nos dar lugar a um ato de humildade, que repara abundantemente a nossa falta e o escândalo que causou. Um primeiro movimento deu lugar à falta; a reparação faz-se com reflexão plena e deliberada; e que constitui um ato muito mais agradável a Deus do que o desgosto que causou a falta. Deus também se serve das nossas imperfeições aparentes para ocultar a nossa santidade aos olhos dos outros e para daí nos provirem humilhações. Deus é um grande mestre e Ele não deixará a sua obra pela metade.

Proponhamo-nos evitar cuidadosamente tudo quanto possa desagradar-lhe; mas quando cairmos em alguma falta, sintamos amargura não por nós, mas por Ele; amemos a abjeção que nos proveio dessa queda e roguemos a Deus, que nos humilhe e se exalte a sua glória; Ele o fará e nos avançará mais por este meio do que uma vida mais regular e aparentemente mais santa, que seria menos eficaz para a destruição do amor próprio.

Quando Deus exige de nós certas coisas, não nos recusemos com o pretexto das faltas que poderemos cometer ao fazê-las. Vale mais fazer o bem imperfeitamente do que omiti-lo. Algumas vezes não se faz uma correção, que é necessária, porque se teme a exageração. Evitar-se-á o comércio de certas pessoas, porque os seus defeitos nos desgostam e impacientam; mas como adquiriremos as virtudes se evitarmos as ocasiões? Não será esta uma falta maior do que aquela que queremos evitar? Tenhamos uma boa intenção e vamos para onde o dever nos chama; estejamos certos que Deus é bastante indulgente para nos perdoar as faltas a que nos expõe o seu serviço e o desejo de agradar-lhe.

CAPÍTULO 8 – ABADE LOUIS DE BLOIS

CONFISSÃO, CONTRIÇÃO

Não façais as vossas confissões demasiadamente longas, nem as encheis de minúcias e discursos supérfluos, porque isso não serve senão para perturbar a paz da vossa consciência. ^[25] Quanto às culpas leves que não está em nosso poder evitar inteiramente nesta vida, se nos escaparem algumas de que vos não recordeis na confissão, não tendes por isso escrúpulo, porque não sois obrigado senão a acusar-vos das que são clara ou aparentemente mortais. Quanto às outras podeis expungir-las fora do tribunal da penitência, fazendo um ato de contrição, recitando devotamente a oração dominical, tomando água benta, etc. Se não tendes contrição, procurai ao menos ter pesar disso, o que será excelente disposição para obtê-la de Nosso Senhor. Quando tiverdes declarado suficientemente os vossos pecados ao sacerdote com o coração verdadeiramente contrito e que já tiverdes satisfeito a penitência, que vos for imposta, descansai quanto ao resto na bondade divina. Se, todavia, vos assalta algum escrúpulo ou remorso de consciência sobre matéria da vossa confissão, passai adiante e sofrei essa pena com paciência e resignação, esperando que compraze ao Senhor restituir-vos a tranquilidade e a paz. Convençei-vos do poder que o Filho de Deus deu aos confessores quando lhes disse na pessoa dos seus apóstolos:

“Serão perdoados os pecados àqueles a quem vós os perdoardes e serão retidos àqueles a quem vós, os retiverdes. (Jo 20, 23)”

Depois de haverdes feito uma boa confissão, sem ter dissimulado coisa que seja importante, confiai em Deus e, contando sobre a eficácia do sacramento, não vades recomeçar a vossa confissão. Esperai tudo na misericórdia do Senhor e crede que Ele é verdadeiro nas suas promessas, e esse ato de fé e confiança lhe é sempre muito agradável.

Um grande servo de Deus, interrogado sobre o que ele queria fazer, se houvesse passado a sua vida como muitos devassos, respondeu muito prudentemente: *Se me tivesse confessado bem e satisfeito a penitência que um confessor experimentado e homem de bem me tivesse imposto, se tivesse detestado os meus crimes de todo o meu coração e houvesse resolvido não cometer mais, não quereria pensar outra vez na vida passada com receio de conspurcar de novo a minha imaginação. Esforçar-me-ia somente para ter uma vida tão pura que Deus quisesse esquecer completamente o meu passado, porque Deus procede neste caso como se nunca o houvéssemos ofendido. Quando, pois, houvesse passado quarenta anos em desordem e houvesse de morrer já, tendo expiado os meus pecados por uma boa confissão e rigorosa penitência e me havendo entregado a Deus por um ato de puro amor, esperaria morrer tão inocente como um anjo.*

CAPÍTULO 9 – PADRE JEAN-JOSEPH SURIN

MEIO MAIS FÁCIL DE ADQUIRIR A PAZ DO CORAÇÃO

Parece-me que a multiplicidade dos métodos de que nos servimos para adquirir e praticar a virtude é um dos obstáculos que impedem o seu estabelecimento sólido.^[26] Estou longe de aconselhar a adoção de um método irrevogável, o qual cumpre alterar quando muda o atrativo de Deus; mas este atrativo nunca muda fundamentalmente e só se apresenta debaixo de uma forma espiritualizada. Aqueles que observarem as regras que vamos expor, não terão dificuldade em praticar as virtudes mais apropriadas do tempo e do lugar onde se acharem e abusar do

exercício destas virtudes, a paz e santa liberdade dos filhos de Deus.

1.º A todos os momentos devemos manter a plenitude do nosso espírito, não consentindo que a vontade racional relembre inutilmente o passado, ou provoque vãs preocupações do futuro. O verdadeiro abandono que atrai para nós as vistas amorosas do Senhor, consistem em deixar o passado à sua justiça, que durante esta vida é sempre misericordiosa, e confiar o futuro aos cuidados Paternos da Providência. A lembrança das nossas infidelidades passadas humilhar-nos-á sem perturbar-nos, embora estejamos persuadidos que essas infidelidades foram ainda mais culposas do que parecem. Quanto ao futuro não tenhamos confiança nas nossas próprias forças e nos nossos sentimentos de devoção; mas só em Jesus Cristo, por mais contrárias que possam ser as impressões sensíveis. Apoiados neste divino fundamento, poderemos sem presunção ter a certeza de que somos mais fortes do que a terra e o inferno; e quanto maior for essa confiança, tanto mais ela louvará Jesus Cristo e disporá a sua bondade para socorrer-nos nas nossas necessidades.

2.º Santificaremos o momento presente, renovando, sempre que o julgarmos necessário, o ato de recolhimento que houvermos feito a primeira vez; mas esse recolhimento deve ser pacífico e residir muito mais no íntimo da alma do que na parte sensível.

3.º Não podemos permanecer fiéis a esse recolhimento senão examinando frequentemente qual é a ocupação interior e exterior da alma. Logo que houvermos surpreendido algum movimento, que seja desregrado e desagradável a Deus, devemos forcejar para restituir tudo à ordem com o coração tão tranquilo como se não houvéssemos pecado, sem nos inquietarmos com os desassossegos que sugere ao amor próprio e dissabor da falta cometida ou o pretexto de uma contrição mais viva. Estes sentimentos só poderiam prejudicar o adiantamento na virtude; porque um pesar excessivo, sobre as faltas passadas, paralisa a ação da alma e a dispõe para novas recaídas. Um pesar pacífico do tempo mal empregado, junto a uma aplicação atenta para aproveitar

o momento presente, nisto consiste o verdadeiro caráter do amor de Deus.

4.º O meio mais seguro de chegar rapidamente à paz do coração é o amor da nossa abjeção e das nossas misérias, quaisquer que sejam, exceto a ofensa voluntária a Deus. Esse amor de abjeção pessoal tira proveito de tudo, até das quedas, que nunca devem desalentar. A alma assim preparada zomba do desalento e combate-o com todas as suas forças. Satisfeita por não ver em si senão impotência e misérias, experimenta uma alegria secreta sabendo que Jesus Cristo possui a plenitude de todas as perfeições e que não pode dispensar-se d'Ele um só momento. Se estivesse em seu poder alguma força própria, não quereria aproveitar-se dela porque a sua impotência radical para o bem e a necessidade incessante, que tem de Jesus Cristo, manifestam melhor os seus divinos atributos. O contentamento da alma consiste em só procurar a glória de Deus.

Este método faz adiantar mais rapidamente em uma semana na pureza do divino amor e extirpação dos maus hábitos, do que em um ano inteiro a vigilância inquieta; e disto se convencerão aqueles que têm alguma experiência nas vias de Deus. Aqueles que se inquietam são dominados pelo amor próprio, ao passo que aqueles que estão tranquilos, apoiam-se unicamente em Jesus Cristo; e o interesse buscado em Deus fortifica sempre, enquanto que o egoísmo, ainda espiritual, debilita, porque é uma desordem.

5.º A perfeição da ordem consiste na completa fusão dos nossos interesses com os de Deus. Aquele que permanece fiel a este hábito, não se espanta quando se vê assaltado de todas as tentações; tolera-lhes o peso como fruto natural da sua misérias; e no fundo do seu coração resigna-se e arrasta corajosamente essa pesada cadeia do seu passado, sem deixar-se perturbar ou abater pelo pensamento das suas iniquidades. Quando este pensamento o assalta, não perde tempo em examinar de onde ele veio, porque seria nova distração mais prejudicial e voluntária do que a primeira; contenta-se em humilhar-se à vista desta infidelidade, à qual, embora involuntária, prova, todavia, que o seu coração não está completamente fixado em Deus. Como a inquietação, nestes casos,

é um sinal de amor próprio, é necessário voltar para Deus e procurar a paz no amor da própria abjeção.

6.º Cumpre seguir a mesma regra nas relações com o próximo e fazer-lhe sentir a verdade destas palavras do Senhor:

“O meu jugo é suave e o meu fardo leve. (Mt 11, 30)”

Esta esperança não pode falhar àqueles que fizeram dela experiência, porque saiu da boca da eterna verdade e a prática nos fará infalivelmente gozar-lhe a doçura.

7.º Quando o sentimento da inquietação passou e o espírito encontrou de novo a paz, é útil então recordar de novo as faltas passadas para nos humilharmos e condenarmos; porque o fundo do orgulho e do amor próprio não morre nunca em nós e ameaça produzir novos frutos. Se desprezamos este ponto importante, o fundamento da nossa virtude perderá indubitavelmente a sua solidez. Quando satisfazemos perseverantemente a este princípio, concebemos pelo próximo mais alta estima, cessam os juízos temerários, e só nos condenamos a nós, porque nos colocamos abaixo de todos na qualidade de pecadores.

8.º Considerando as faltas passadas deveremos pensar como as deveríamos ter evitado; expor depois a Jesus Cristo as nossas misérias e a vontade que temos de lhe sermos fiéis e não procurarmos medir as dificuldades ou facilidades que se experimentam para fazer o bem. Não devemos ir a Deus por modo torto, mas reanimar em nós o puro interesse que nos levará em linha reta para a sua adorável majestade.

CAPÍTULO 10 – PADRE CARLO GIUSEPPE QUADRUPANI

TENTAÇÕES

Se formos tentados, é sinal que Deus nos ama, diz o Espírito Santo. Os que Deus ama são mais expostos à tentação. Disse o anjo a Tobias:

“Por isso que éreis agradável a Deus, foi necessário que a tentação vos provasse. (Tb 12, 13)”

Não peçais a Deus que vos livre da tentação, mas sim a graça de não sucumbir a ela e de só praticar a sua santa vontade. Aquele que recusa o combate renuncia a coroa; confiai em Deus, e Deus combaterá em vós, para vós e convosco. Diz São Francisco de Sales:

“As tentações importunas provém da malícia do diabo; mas a pena e o sofrimento que experimentamos provém da misericórdia divina porque Deus tira da malícia daquele a santa tribulação. Eu direi, pois: As vossas tentações são do diabo e do inferno, mas as penas e aflições são de Deus e do paraíso; as mães são de Babilônia, mas as filhas de Jerusalém.”

Desprezai a tentação, patenteai a vossa alma as aflições que Deus vos manda, para purificar-vos no tempo e coroar-vos na eternidade.

Continua ainda o santo:

“Deixai correr o vento e não julgueis que o sussurro das folhas seja o estrondo das armas. Não há tentação do inferno que possa manchar um coração que não queira. O apóstolo São Paulo sofria tentações terríveis e Deus não lhas quis tirar por amor.”

Lembra-vos que Deus é um pai infinitamente bom, eterno e só permite aos demônios que experimentem os seus filhos, para tornar maior o mérito e mais bela a recompensa. Tanto mais a tentação persiste, tanto mais claro é que não lhe destes assentimento.

Diz também São Francisco de Sales:

“É bom sinal que o inimigo tumultue tanto em volta da vontade, que isso prova que se não apoderou dela.”

Não se assedia uma fortaleza cuja posse já temos e enquanto o ataque se obstina, podemos estar certos que a resistência se mantém. Vós temeis ser vencido no momento mesmo que alcançais a vitória; o vosso temor provém de confundirdes a impressão com o consentimento e tomando um estado passivo da imaginação por ato da vontade, pensais ter cedido à tentação porque ela vos atribula energicamente. A imaginação exercita-se, de ordinário, além dos limites do nosso poder. São Jerônimo estava retirado no deserto, e a sua imaginação representava-lhe as danças das mulheres romanas; o seu corpo estava gelado pelas macerações mais severas, e os ardores da concupiscência abrasavam e ainda torturavam o seu coração. Nestes formidáveis combates, o santo eremita sofria, mas

não pecava; era atormentado, mas não culpado; pelo contrário; tanto maior era o mal, quanto se aumentava o seu mérito ante Deus. Santo Antônio, abade, tinha por costume dizer aos fantasmas da sua imaginação:

“Vejo-vos, mas não vos olho; vejo-vos porque não depende de mim evitar que a imaginação me represente o que eu não quisera ver; não vos olho, porque a minha vontade repele e rejeita estas imagens.”

É tal a essência do pecado, diz Santo Agostinho, que não sendo voluntário, perde o seu caráter.

Algumas vezes o atrativo do sentido humano é tão poderoso para o objeto que a imaginação lhe apresenta, que a vontade parece ter sido arrastada e absorvida em uma espécie de fascinação; mas não é assim; a vontade sofre, mas não consente; foi combatida, escalavrada, mas não vencida. Esta situação refere-se ao que menciona São Paulo quanto à revolta da carne contra o espírito, e a sua luta perpétua. Nela experimenta a alma estranhas sensações, mas não lhes dá assentimento; atravessa-as pura como os corpos cobertos de uma camada de óleo, e emergem da água sem que esta os molhe.

Se não tendes a consciência distinta da vossa vitória sobre a tentação, sabeis que Deus vos recusa esta satisfação, para que a obediência vos sirva de luz; assim quando o vosso diretor, ouvindo a vossa exposição, decide que não destes consentimento, fixai-vos nessa decisão com imperturbável tranquilidade, repelindo todo o receio de não terdes sido bem compreendido, ou de vos não terdes explicado como convém. Esses temores são novos artifícios do demônio para vos privar do mérito da obediência, e assim tornaríeis toda a direção impossível, deixando de ver o próprio Deus na pessoa do vosso diretor.

Para haver pecado mortal é necessário o conjunto de três circunstâncias:

1.º Que a matéria seja grave.

2.º Que haja pleno conhecimento da culpabilidade da ação, que se comete, da omissão que se faz, do perigo ocasional a que se expõe.

3.º Que a vontade se decida deliberadamente e com criminosa preferência para a ação ilícita, omissão culposa, ou ocasião perigosa.

Estas reflexões poderão servir para assegurar a vossa alma, se o temor de haver pecado mortalmente vos perturbar, porque o conjunto dessas três circunstâncias encontra-se dificilmente em uma alma que teme a Deus; mas a segurança perfeita só pode e deve vir da obediência.

Nas tentações contra a fé e a pureza, não torne a tentar produzir atos destas virtudes; virai para Deus ternas vistas sem lhe falar da ideia, que vos aflige, com receio de dar a essa ideia mais consistência; entre mãos, sem vos perturbar, sem responder ao agressor, como se o ataque vos não houvesse molestado. Cubri-lo-eis de confusão, permanecereis em paz.

Embora toda a vossa vida vos acometam tentações, não vos inquietais; os vossos méritos crescerão em proporção das vossas provações, e a vossa coroa será mais formosa. Permanecei firme na resolução de desprezar os esforços do tentador.

Os mais sábios teólogos e mestres da vida espiritual acordam em dizer que o desprezo da tentação é meio eficaz de repeli-la, melhor do que a palavra e atos das virtudes opostas.

Lede atentamente a *Introdução da Vida Devota* (Cap. 3.º e 4.º)^[27]; aí encontrareis grandes luzes e consolações. Veja-se também o Cap. 12 do *Combate Espiritual*^[28], e os Cap. 6, 7, 12, 20, 29, 55 e 57 do Livro 3.º da *Imitação*.

CAPÍTULO 11 – ABADE HENRI-MARIE BOUDON

CONFIANÇA EM DEUS

A grande maioria dos homens depositam a sua confiança nas coisas criadas: uns no seu dinheiro e riquezas, e não se lembram do que disse o Espírito Santo *que todos os ricos adormeceram no seu sono, e quando despertaram encontraram as mãos vazias* (Lc 1, 53); os outros na sua força, na sua indústria, no seu talento; mas não consideram o que nos ensina o Senhor *que o homem não será salvo pelo vigor da sua força* (1Sm 2, 9).^[29] Alguns estribam-se no

favor dos homens; mas é *maldito o homem que confia no homem* (Jr 17, 5). Escreveremos com Davi: *feliz aquele que tem Deus de Jacó por defensor e deposita a sua esperança no Senhor* (Sl 145 (146), 5). Quão admirável é o descanso para a alma que tem colocado em Deus todas as suas esperanças, e quanto é agradável dizer-lhe: *O Senhor é fiel nas suas palavras!* (Sl 144 (145), 13). É também consolador esse oráculo do Salvador: *Não vos amargureis, dizendo: Que comeremos, que beberemos, ou quem vos vestirá? São os gentios, que se preocupam destas coisas; porque o vosso Pai Celeste sabe que tudo isto vos é necessário* (Mt 6, 31-32).

Se o nosso Divino Mestre não quer que nos inquietemos por aquilo que é indispensável para a vida, quanto mais pelas coisas supérfluas.

Quando pela boca do apóstolo nos brada que não nos preocupemos de coisa alguma, será lícito incomodar-nos por aquilo que importa ao mundo? Só há a procurar aí o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo quanto é necessário nos será dado por excesso (Mt 6, 33). Aqueles que de nada se importam porque só se ocupam do Reino de Deus, abandonando-se singelamente à sua Divina Providência, Deus sendo tudo para eles, esses vivem tranquilos no meio de todas as tempestades da vida e possuem o paraíso terrestre. ^[30]

Mais e mais; aquilo que abate os homens mais corajosos é o que exalta e anima aqueles que só confiam em Deus. Diz o Real Profeta:

“O Senhor é o meu protetor, quando eu fosse assaltado por um exército, a minha coragem não se abalaria, e esperaria sair vitorioso do combate. Logo que uma pessoadissee ao Senhor, que Ele é a sua esperança, e escolheu o Altíssimo para seu refúgio, não lhe sucederá mal algum. Deus ordena aos seus anjos que o guardem em todas as dificuldades; eles o sustentarão nas suas mãos com receio de que ele não mortifique o seu pé em alguma pedra. Caminhar-se-á sem perigo sobre a víbora e a serpente. (Sl 90 (91), 8-13)”

Não só Deus o circundará com a proteção dos seus anjos e dos seus santos, mas Ele próprio o defenderá.

Exclama Davi:

“Senhor! Vós me cobristes com a vossa boa vontade, isto é, com o vosso amor como com um escudo impenetrável. (Sl 90 (91), 4)”

CAPÍTULO 12 – JACQUES-BÉNIGNE BOSSUET

ATO DE ABANDONO

Unir-se a Deus, identificar-se com Ele, é o nosso fim derradeiro, a felicidade suprema; assim é necessário que haja um ato que compreenda tudo quanto está no homem, e que corresponda a tudo quanto está em Deus.^[31]

Fazei-me conhecer, Senhor, esse ato que vos entrega tudo quanto sou, e me una a tudo quanto sois. Ó Senhor Jesus, estou a vossos pés; fazei-me conhecer esse *ato único e necessário*.

Já o entendes, alma cristã; Jesus te disse no teu coração, que é o ato de abandono. Esse ato entrega o homem completamente a Deus; a sua alma, o seu corpo, em geral e particular, todos os seus pensamentos, todos os seus sentimentos, desejos, membros, todas as suas veias com o sangue nelas contido... todo o interior e exterior. Tudo vos é abandonado, ó meu Deus, fazei o que vos aprouver, entrego-vos a minha vida, não só a temporal, mas a eterna. Abandono-vos a minha salvação; entrego entre vossas mãos minha vontade, e todo o império que me destes sobre as minhas ações. Fazei consoante o vosso coração, e dai-me um coração, que seja puro, dócil e obediente. Atrai-me para vós, *para que eu corra após o sabor de vossos perfumes*. Entreguei-vos tudo; nada mais tenho. Eis aqui o homem completo.

Mas se este ato corresponde a tudo o que está no homem, corresponde ao mesmo tempo a tudo o que está em Deus.

Entrego-me a vós, ó meu Deus, para não fazer senão *um* convosco; à vossa infinidade incompreensível, para me perder nela e esquecer-me a mim mesmo; à vossa sabedoria, para ser governado conforme os vossos desígnios e não segundo os meus pensamentos; aos vossos decretos eternos conhecidos e não conhecidos, para me conformar a eles; à vossa onipotência para estar sempre sob a vossa mão; à vossa bondade paternal, afim de que no tempo que houverdes designado, recebais o meu espírito no vosso seio.

Entrego-me à vossa justiça formidável, ó Deus santo, ó Deus vingador dos crimes; porque essa justiça é santa e não deve ser

privada da glória que lhe é devida. É forçoso que só me abandone a Ele e neste momento apresentar-se a Jesus Cristo e eu me entrego nas suas mãos e por meio d'Ele. Eu adoro os vossos santos e inexoráveis rigores e para vos apaziguar a meu respeito ofereço-vos os méritos e a santidade de Jesus Cristo, com a qual Ele me cobriu e revestiu.

Não me olheis em mim próprio, mas achai-me em Jesus Cristo como membro do corpo, cujo chefe é; dai-me a parte que vos aprouver na paixão de vosso Filho, para que eu seja santificado na verdade.

Façamos, pois, como aqueles que oprimidos de trabalho e não podendo sustentar-se, logo que acharam algum apoio sólido, algum braço firme e poderoso, mas benéfico, que se presta a ajudá-los, entregam-se a Ele deixando-se conduzir e descansando n'Ele.

Assim nós, que nada podemos fazer senão atormentar-nos inutilmente, deixamo-nos ir com fé nos braços caritativos do nosso Deus, Salvador e Pai; é então que verdadeiramente lhe podemos dar este nome, porque como crianças, inocentes e simples, sem pena nem inquietação e sem providência para o futuro depositamos n'Ele todas as nossas solitudes (1Pd 2, 2). Eu te digo, pois, alma cristã, quem quer que tu sejas e quaisquer que sejam os cuidados que te agitem, digo-te em nome do Salvador: o vosso Pai sabe as necessidades que vós tendes. Por este ato, ó cristãos, quem quer que vós sejais, não vos enfade coisa alguma nem a vossa fraqueza porque Deus é a vossa força; nem até os vossos pecados, porque este ato, sendo bem feito, expunge-os todos; e quando ele não produz todos os seus efeitos, é porque alguma coisa lhe falta para a sua perfeição.

Esse ato é o mais perfeito e santo; porque não é o esforço de um homem que quer obrar por si mesmo, mas é o ato do que se deixa encaminhar, sendo movido e impelido pelo Espírito de Deus (Rm 8, 14). Não devemos, todavia, imaginar que por meio deste abandono caímos na inação e em uma espécie de ociosidade; pelo contrário, somos tanto mais ativos quanto impelidos, movidos e animados pelo Espírito Santo. Esse ato, pelo qual nos entregamos à ação que Ele faz em nós, coloca-nos, para assim o dizemos, em movimento para

Deus. Vamos com fervor aos nossos exercícios para Deus. Vamos com fervor aos nossos exercícios porque Deus o quer; recorreremos continuamente à oração, aos sacramentos, assim como aos socorros que Deus nos deu para nos sustentar. Assim um ato tão simples compreende todos os nossos deveres com o desejo eficaz de empregar todos os remédios que Deus empregou, para curar todas as nossas enfermidades espirituais.

CAPÍTULO 13 – PADRE JEAN-BAPTISTE SAINT-JURE

Devemos entregar-nos sem reserva à vontade de Deus e dar-lhe carta branca para dispor de nós como entender.^[32] Davi disse:

“Estou na vossa presença como um animal de carga. (Sl 72 (73), 22-23)”

Não temos que justificar a exatidão de uma comparação que é do Espírito Santo; mas é necessário convir que ela exprime admiravelmente a indiferença com que devemos proceder a respeito de Deus. O animal de carga não tem escolha nem faz distinção pelo que importa ao serviço do seu senhor nem quanto ao tempo, lugar, pessoa ou fardo. Quanto ao lugar, ela está pronta a servi-lo na cidade e no campo, nos montes e nos vales; voltai-a para direita ou para a esquerda, ela irá onde vós quiserdes. Quanto ao tempo, ela está pronta a toda a hora, de manhã e de tarde, de dia e de noite. Quanto à pessoa, ela se deixa conduzir tão pacificamente por uma criança como por um homem feito; quanto ao fardo tanto lhe importa levar esterco, como ouro, areia ou diamantes. Eis aqui o modelo de uma perfeita resignação no que toca às coisas de Deus. Repitamos, pois, o que disse o Real Profeta, e estejamos dispostos a aceitar com submissão e respeito o que Deus dispuser de nós; fazendo como fazem os camelos que ajoelham e só abaixam diante daqueles que os carregam.

O amor de conformidade consiste em querer resolutamente o que Deus quer, por isso que Ele o quer e para os mesmos fins que Ele se propõe. Eu aceito, ó meu Deus, tudo quanto vós quiserdes; o calor, o frio, a chuva, o bom tempo, as tempestades, os gelos, as alterações do ar, a perturbação dos elementos; conformo-me com a vossa vontade para a fome, para a sede, pobreza, infâmias,

afrontas, desgostos, enfados, doenças, e todas as misérias que vos aprouver de mandar-me, segundo for do vosso agrado.

Cumpre-nos também triunfar em nós contra o receio da morte; devemos crer tudo quanto Deus ordenou a este respeito e receber a morte que Ele nos enviar porque é aquela que Ele julgou mais a propósito para a sua glória.

Santa Gertrudes, saltando uma colina, faltou-lhe um pé e caía numa espécie de precipício onde poderia morrer. Levantou-se e disse para Nosso Senhor:

“Ó adorável Jesus! Quanto seria grande a minha fortuna se esta queda me tivesse abreviado o momento de ir para vós!”

Maravilharam-se disto as suas companheiras e lhe perguntaram se não temia de morrer, não recebendo os sacramentos da Igreja. Ela lhes respondeu:

“É verdade que desejo de todo o meu coração receber os sacramentos nesta última viagem; mas ainda mais quero cumprir a vontade de Deus; porque a melhor disposição para bem morrer é a submissão à vontade divina. Pelo que, qualquer que seja a morte pela qual lhe aprouver que eu deixe o mundo, é essa que desejo; segura como estou que essa será melhor para mim do que outra qualquer.”

Há uma coisa mais difícil no abandono à Providência, e consiste em estendê-lo ao grau de virtude neste mundo e de glória no outro, que a vontade divina nos destinar. É certo que não teremos nunca tanta humildade, caridade e perfeição, por muito que correspondamos à graça, como tiveram a Santíssima Virgem, São João Batista, São José, etc. Mas Deus, diz Santo Tomás, que faz tudo com peso e medida, determinou quantos dons e favores devia distribuir aos seus eleitos; e com esta medida deve contentar-se cada um deles. Nisto, como em todas as coisas, devemos submeter-nos ao agrado de Deus, não encontrando da nossa parte resistência alguma, podendo Ele dizer da nossa alma conforme as palavras de Isaías:

“A minha vontade é a de Deus, ela aí reina e governa tudo.”*

Disse o Rei Profeta:

“Feliz o homem cuja vontade está continuamente na lei do Senhor; assemelha-se a uma árvore plantada no curso de um rio, à qual produzirá o seu fruto a tempo, nunca perderá a folha e será bem sucedida nas suas empresas. (Sl 1, 1-3)”

A respeito de Santa Gertrudes dizia o Senhor em entretenimentos secretos com uma alma predileta:

“Esta alma bendita está tão intimamente unida ao meu coração, que é um mesmo espírito comigo e por causa disso ela consente em tudo o que vê que eu desejo com uma tal prontidão que a correspondência dos membros ao coração não é maior que a da sua vontade à minha.”

O escritor que acabamos de citar, o Padre Saint-Jure, aconselha um exercício particular a respeito da Providência, que diz ser de uma maravilhosa importância. Consiste nos atos seguintes:

1.º Ato de fé sobre o dogma da Providência: crer firmemente que Deus tem cuidados contínuos a respeito de tudo e de cada uma das coisas, mas especialmente por aquilo que nos interessa: o nosso corpo, a nossa alma, ocupações, moradas, alegrias, penas, saúde, doenças, vida, morte, até ao menor cabelo da nossa cabeça.

2.º Ato de esperança na mesma Providência, conhecendo que ela provê a tudo que nos diz respeito, dirigindo-nos e defendendo-nos com uma vigilância e carinho mais do que paterno e materno; de modo que tudo o que nos suceder será para o nosso maior bem.

3.º Ato de caridade. Não basta crer na Providência e esperar nela; é necessário amá-la eternamente. É da sua Providência que Deus fala, quando se compara a uma mãe cheia de ternura pelo seu filho: *Uma mãe anima o seu filho sobre os seus joelhos; consola-o quando chora; eis aí o que eu farei por vós, almas queridas, objeto de todas as minhas afeições* (Is 66, 12-13).

4.º Depois destes atos produzidos com firmeza e vigor, a alma logra abandonar-se completamente a essa Boa Providência e adormecer pacificamente nos seus braços. Ela canta com júbilo o belo cântico de confiança do Rei Profeta:

“O Senhor me governa e alimenta, estou completamente seguro que nada me faltará. Quando eu me visse rodeado dos meus inimigos e no meio dos horrores da morte, eu estaria sossegado, ó meu Senhor e Pai, porque a vossa misericórdia me acompanhará durante toda a minha vida. (Sl 22 (23))”

Nesta disposição a alma recebe respeitosamente da mão de Deus todos os acontecimentos presentes e espera tranquila todos os futuros, pondo-se debaixo da direção do Senhor e vendo, no que

empreende e faz, só uma dependência da vontade divina à qual se abandona.

CAPÍTULO 14 – PADRE GUSTAVE DELACROIX DE RAVIGNAN

VIDA PRESENTE

Quando deste corpo de lama o espírito se eleva, se isola e vive ao presente perante Deus, guardando só o desejo de agradar-lhe e empregando todas as suas forças para cumprir o seu dever, possui uma vida quase angélica.^[33] O espírito de Deus não é nem o passado nem o futuro; para Ele não há nem passado nem futuro; tudo é o presente. Desligamo-nos de todo o temor e de todos os cuidados da véspera e do dia seguinte; não se trata de saber o que Ele quis nem o que quererá, mas sim conformar-se com o que quer no momento presente. Se santificarmos o presente, estejamos certos que o passado será bem reparado e o futuro bem preparado. Para que voltar para trás ou lançarmo-nos no futuro? A paz consiste na tranquilidade do presente. Com certeza neste momento não quero ofender a Deus; é Ele o único em que Deus está diante de mim ou diante de Deus; confio n'Ele e abandonando-me faço o que devo. Deus então nos enche com o seu espírito, com o seu amor, consigo mesmo, vivendo dentro de nós. Bendizemos-O por nos mandar essa cruz, que não teríamos coragem de pedir-lhe; e em vez de preocuparmos com as dificuldades e preocupações de cada dia, voltemos a nossa alma e deponhamos as nossas inquietações no seio de Deus. Não coloquemos as nossas curtas previsões e mesquinhos empenhos no lugar da Boa Providência. Deus espera o dom completo de nós mesmos e então Ele se encarregará de nós.

Ocupamo-nos das nossas penas e falamos delas repetidas vezes; estranha ilusão do coração humano! A paz e a doce tranquilidade está à porta das nossas almas; basta um ato de abandono para ela entrar e estabelecer-se em nós.

Deus reclama esse sacrifício de uma alma que está angustiada. Sede simplesmente fiel e pacificamente dedicado.

TOMAR DEUS À BOA PARTE

Há uma disposição interior, que não temos habitualmente e, todavia, ela é necessária. É tomar Deus à boa parte e tudo o que d'Ele provém. O nosso pobre coração tem no fundo uma amargura que torna amargo tudo, até o que provém de Deus; daí dimana esse mal-estar, esses julgamentos severos, relações penosas e dificuldades de toda a espécie.

Que é tomar à boa parte Deus e tudo o que provém d'Ele? A Escritura Sagrada disse uma palavra admirável que responde maravilhosamente a esta pergunta: *pensai bem de Deus* (Sb 1, 1). Pensar bem de Deus é-nos difícil, não tratamos com Deus como com uma pessoa, cuja bondade conhecemos; porque então tomaríamos à boa parte o que nos vem d'Ele. Deus nos manda e nos solicita; e nós examinamos, duvidamos e nos rebelamos. Isto é realmente deplorável. A nossa natureza gosta de voltar o ferro contras as chamas da nossa alma; assim somos conformados.

Quando procuraremos nós aliviar-nos e ser bons para conosco mesmo; quando saberemos esquecer, deixar cair o passado, viver no presente, conservar só o prazer de agradar a Deus e dizer-lhe sinceramente: *“Meu Deus! Estou contente de vós sem embargo das mil vozes interiores que me **queriam** fazer ouvir o contrário.”*?

A voz da submissão à vontade divina é segura e reta; abandonemo-nos cegamente a ela; sejamos contentes de Deus e Ele será contente de nós.

CAPÍTULO 15 – PADRE DE PONTLEVOY

CONFIANÇA, PAZ

Confiai; por pouco que sejais fiel, a graça vos fará achar a solidão na sociedade, a oração na ação, a paz nos trabalhos, a alegria na tristeza. Que importa o que se passa? Deixai passar. Levantai o vosso coração para o céu. Deus vos conserva sempre comprimido no físico pelo desfalecimento, no moral pela impotência. Beijai estes dois pregos benditos que nos desligam de nós e fixam a Jesus Cristo crucificado.

Ocultai-vos e acabai por perder-vos em Deus por Jesus Cristo. Não vos importe isto ou aquilo, esquecei tudo menos Jesus, que será

tudo para vós. Marchai sempre avante e quando as provações subirem para vós, vós subireis para Deus. Vivei no presente e deixai ao Senhor o cuidado de fazer o futuro segundo o seu coração.

Algumas vezes o Senhor tarda a vir, mas acreditai que Ele virá a tempo e reconheceréis então que Ele dirigiu tudo aparentando que não se envolvia em coisa alguma. É necessário que haja alguma coisa nas vias do Senhor que nós não compreendemos, porque deve deixar-se lugar à fé e a cruz. Ponhamo-nos à mercê do Senhor, nada pedindo, nada recusando e dizendo sempre: *Faça-se a sua vontade*. Entrai e ficai na alma de Jesus: pensai, senti, querei, amai, sofrei, gozai e vivei nela.

Quando se procura Nosso Senhor só e principalmente sem pensar em nós, é a prova de que o possuímos. Tende fé, confiança, caridade, devoção alta, larga, firme e independente dos acidentes de tempo, de lugar, de pessoas, saúde, consolações... Nosso Senhor não tem necessidade de todos estes acessórios para nos abençoar, e a nossa alma não deve ter precisão deles paraamá-l'O e servi-l'O.

Tudo farei em nome de Jesus;
Se velar, ante mim terei Jesus;
Se dormir, sonhar quero com Jesus;
Por mestre a estudar seja Jesus;
Minha pena por guia tem Jesus;
Ela por mim escreve só Jesus;
Andando, me conduza o bom Jesus;
Orando, implorará em mim Jesus;
Minhas palavras forma-as Jesus;
Cansado, tranquilizo-me em Jesus;
Comerei, beberei só a Jesus;
Se doente, meu médico é Jesus;
Quando morrer, assista-me Jesus;
Quando expirar, terei o meu Jesus;

Em minha alma, aspirando por Jesus;
Pronunciando o nome de Jesus;
Meus olhos fechará o bom Jesus;
Descansarei no peito de Jesus;
Na sepultura quero o nome de Jesus.

SUPLEMENTO

Apaz da alma é um bem tão grande que nos cumpre combater tudo quanto pode perturbá-la, no que trabalha incessantemente o inimigo. Conhecemos pessoas eminentemente piedosas, que não podem pensar no purgatório sem se inquietar, pelo extremo terror que lhes causa; conhecemos outras que receiam os derradeiros combates da vida, que são decisivos e depois dos quais tudo está perdido ou ganho.

Aos primeiros aconselhamos a compaixão pelos mortos, aos outros zelo fervoroso pelos moribundos e desta arte completaremos a tarefa, que nos impusemos.

APÊNDICE – PURGATÓRIO E INDULGÊNCIAS

CAPÍTULO 1 – O PURGATÓRIO

Não temos senão noções incompletas sobre o estado e sofrimento dos fiéis, que no momento da sua morte não estavam assaz purificadas para entrarem imediatamente no céu nem assaz culpadas para serem condenadas ao inferno.

Duas opiniões se deixaram à escolha dos filhos da Igreja; e ambas concordam com a extrema intensidade dos sofrimentos do purgatório: a primeira mais assustadora quase não distingue o purgatório do inferno senão pela eternidade. Em ambas é a violência, a confusão, as lamentações e o horror. É um fogo devorador destinado a torturar as suas vítimas, fogo terrível de que o nosso não é senão uma fraca imagem. A esta pena sensível ajunta-se a do dano, incomparavelmente mais rigorosa.

A alma, solta de tudo quanto durante a vida minorava os seus desejos de possuir a Deus, precipita-se a Ele com uma impetuosidade que a imaginação não poderia conceber. A força do seu ardente amor torna-se medida do seu incompreensível sofrimento. A outra opinião nos é oferecida por São Francisco de Sales que a tirou de Santa Catarina de Gênova, sobre o purgatório. Como ela é mais consoladora e tão autorizada como a outra e como escolhemos mais principalmente para as almas, que tem mais necessidade de alento, vamos explicá-la em breves palavras.

Sem ser oposta à primeira, podemos dizer que esta opinião tem realmente muita suavidade. A alma entra no purgatório com serenidade e deliciosamente extasiada com a presença de Jesus Cristo, que viu pela primeira vez no juízo particular. A impressão que lhe resta é cheia de encantos e mitiga singularmente o terror que lhe inspira a triste prisão que vai habitar. Neste oceano de fogo onde vai submergir-se, a alma sente-se inebriada com a inefável visão da santa humanidade de Jesus; mas como nesta luz, de que se acha inundada pela presença do Salvador, apercebe em si manchas que

a tornam indigna do céu, voluntariamente se encaminha para o purgatório.

Não é necessário que os anjos a transportem; é a homenagem livre que presta à pureza infinita de Deus que a precipita. Tudo isto é expresso de um modo comovente em uma revelação de Santa Gertrudes contada por Louis de Blois. Esta santa viu em espírito a alma de uma religiosa que havia passado a sua vida no exercício das mais sublimes virtudes. Ela estava na presença do Senhor vestida e ornada da caridade, mas não se atrevia a levantar os olhos para contemplá-l'O, tinha-os abaixados como se tivesse vergonha de se encontrar na sua presença e deixava ver pela atitude que desejava desviar-se do Senhor. Gertrudes estava espantada e ousou dizer ao Salvador: *Ó! Jesus misericordiosíssimo! Por que razão não recebeis esta alma no seio da vossa caridade infinita? Qual é a causa desta desconfiança que observo nela?* Então Nosso Senhor estendeu caridosamente o seu braço como que para atrair essa alma para mais perto d'Ele; mas esta com humildade profunda e grande modéstia afastava-se sempre. Gertrudes ainda mais surpreendida, perguntou à religiosa, porque evitava os abraços de um esposo tão digno do seu amor. Eis a sua resposta: *Não estou bastante purificada das manchas que me deixaram as minhas faltas, e quando mesmo Jesus Cristo me persistisse entrar no céu neste estado, eu não quisera aceitá-lo; porque embora eu vos pareça resplandecente de beleza, sei que não sou ainda esposa digna do meu Salvador.*

Neste momento solene a alma, de que havemos falado, ama ardentemente a Deus e sabe que é por Ele ternamente amada; sofre o castigo, é verdade; mas está em união indissolúvel com Deus, soberano bem.

Santa Catarina de Gênova diz positivamente que ela nem se recorda dos seus pecados passados nem do mundo que deixou. A sua deliciosa prisão e o seu túmulo é a vontade do Pai Celeste; aí ela espera o termo da sua inteira purificação com a mais perfeita resignação e amor inefável. Completamente desembaraçada de si mesma, não está sujeita a nenhum motivo de temor e goza de uma segurança imperturbável; chegou ao feliz estado da impecabilidade,

o que, se lhe sucedesse sobre a terra, lhe pareceria conter o céu. Ei-la ao abrigo da mais ligeira imperfeição, do mínimo movimento de impaciência e de qualquer coisa que seja, que possa desagradar a Deus; ama-O sobretudo com um amor puro e desinteressado, constantemente consolada pelos anjos, só sente a alegria de ter chegado ao porto, e os seus sofrimentos mesmos e as suas agonias são acompanhadas de uma paz profunda e tal, que palavras humanas a não poderiam exprimir.

O espírito desta segunda opinião é o amor, desejo extremo, que Deus não seja mais ofendido e um zelo ardente pelos interesses de Jesus Cristo, o que explica o impulso que a alma experimenta para voluntariamente entregar-se ao sofrimento. Tendo tomado o partido de Jesus contra si mesma, ela persevera até ao fim. Os que adotam esta opinião comovem-se mais com o estado de impotência em que estão as almas do purgatório, às quais tanto queriam aliviar, do que com todos os seus tormentos remidos; a glória de Deus e os interesses de Jesus Cristo estimulam principalmente o pensamento dessa região de dores, que não só aceita, mas se ama! Aí não há gritos nem murmúrios, tudo é silencioso como Jesus Cristo diante dos seus cruéis inimigos. Penas santificadas em vez de expiações! Vós me ofereceis a imagem dos mais perfeitos dos cultos prestados a Deus depois daquele que se lhe tributa no céu. Ó mundo tumultuoso e pecador! Quem não quisera ver-se longe de ti, se fosse possível, para voar com as asas da pomba para essa terra tão pura, santa e cheia de angústias, mas asilo de amor impecável!

Este júbilo admirável da alma enquanto padece no purgatório, dimana da força e da pureza do seu amor para com Deus, amor que lhe dá um contentamento inefável sem diminuir coisa alguma aos sofrimentos; pelo contrário, é o adiamento que ela experimenta na posse de Deus que causa as suas penas, e as suas penas são maiores na proporção da grandeza do seu amor; assim as vítimas do purgatório experimentam a um tempo os excessos do gozo e os excessos do sofrimento sem que lhe diminuam os outros. Tal é o sentimento de um autor muito estimado (Padre Étienne Binet da Companhia de Jesus) que tratando deste assunto intitulou o seu livro: *Estado Feliz e Desgraçado das Almas do Purgatório*.

Seria um grande erro supor alguém que a felicidade, que gozam as almas do purgatório, as torna menos dignas de compaixão. Já o dissemos: o tormento destas últimas provém do seu amor para com Deus, do qual se vêm repelidas, apesar do desejo ardente que têm de possuí-lo; o amor é o seu algoz. No céu faz-se nos corações uma admirável circulação de amor e de alegria, diz um piedoso e sábio Cardeal; o amor produz a alegria e esta aquele; tanto maior é a alegria tanto mais se ama.

Mas no purgatório as coisas passam-se de um modo diverso; o amor produz e aumenta a dor, o pesar o tormento porque dá-se uma circulação contínua entre a privação e o desejo: a alma sofre tanto mais quanto mais deseja e vice-versa; são desejos sem cumprimento, privações sem repouso; e nesta circulação de desejos e privações, essas pobres almas se consomem de tristeza e enfado.

Desde que elas se separaram dos corpos, todas as suas inclinações tendem para Deus; gravitam naturalmente para Ele como que para o seu centro; e verdadeiramente não são mais do que desejo e fome de Deus, que não sofrem interrupção alguma. O seu entendimento deseja-O como primeira verdade e a sua vontade deseja-O como soberano bem; todas as suas potências o desejam como o único objeto capaz de satisfazê-las. Todavia a justiça de Deus é formidável porque esse centro é a santidade mesma, do qual não pode aproximar-se coisa que seja impura; e essas almas, embora santas, vendo em si algumas manchas ligeiras, quando pensam que vão unir-se ao seu centro, para nele repousar, a esse objeto único de todos os seus desejos, veem-se repelidas!

Quanto é violenta esta dor! Tormenta na inteligência, na vontade, em todas as potências e faculdades das almas! Imagino um doente que tem uma fome devoradora, uma sede ardente e que deseja os alimentos, as bebidas deliciosas que estão em volta dele, às quais se afastam quando ele se aproxima delas; eis uma pintura grosseira da pena de uma alma privada de Deus, que ela ama e deseja com paixão e cujos desejos são acompanhados de uma privação amargosa.

O purgatório acaba de aparecer-nos terrível e cheio de doçuras ao mesmo tempo; estes dois aspectos são rigorosamente verdadeiros;

mas para entrarmos em considerações práticas, procuremos compreender as verdades que daí dimanam. Todos nós sentimos com maior ou menor ansiedade a grandeza do perigo que corremos neste mundo; e, todavia, esperamos o céu pelos méritos do nosso redentor. O pensamento do inferno não é para nós senão motivo de trabalhar com maior desvelo na nossa salvação, inspirando-os um temor salutar. Não acontece o mesmo com referência ao purgatório; porque não suponho que poderemos escapar às suas chamas; seria para rezear que não houvesse neste sentimento uma vã presunção. Se refletirmos sobre a santidade de Deus, as nossas faltas multiplicadas quase ao infinito, a nulidade ou fraqueza das nossas penitências; não poderá vir-nos ao espírito a ideia de que possamos passar imediatamente da terra ao céu; antes nos acharemos dispostos para bendizer a divina misericórdia que se manifesta a nosso respeito, concedendo-nos o purgatório como meio de expiação. Se estamos persuadidos que o nosso caminho para o céu nos fará passar pelo purgatório, importa-nos saber o que há de comum entre as duas opiniões que acabamos de expor. Ambas concordam em mostrar-nos as penas que se sofrem como extremamente dolorosas; e também concordam sobre a extensão do sofrimento, ponto que merece atenção particular; porque é difícil de convencer os homens desta verdade e, todavia, esta convicção nos é de uma grande utilidade. A duração do purgatório pode ser compreendida de dois modos: extensão real do tempo que ali se passa e extensão aparente que se julga falsamente ter lá passado, em consequência da ilusão causada pelo excesso da dor.

Se devemos dar crédito à revelações que se apresentam, um bispo, caridoso para com os pobres a ponto de merecer a alcunha de esmoleiro, passou cinco anos nesta prisão dolorosa só por ter desejado a sua dignidade; um presbítero esteve lá quarenta anos por se haver descuidado de alguns doentes que morreram sem haver recebido os últimos sacramentos, etc. Mas sem multiplicar exemplos, o que seria fácil, tudo nos leva a excitar a vigilância que devemos exercer sobre nós mesmos e a perseverança em orar pelos mortos.

Quando a Igreja aceita e autoriza as fundações de missas perpétuas pelo repouso de uma alma não insinua ela evidentemente que uma

pessoa pode permanecer no purgatório até ao fim do mundo? Em geral somos propensos a cessar muito cedo com as nossas orações pelos mortos, imaginando por uma ternura pouco esclarecida que os nossos parentes e amigos estão libertados do purgatório, ao passo que eles ainda aí permanecem e talvez por muito tempo.

Se presenciarmos a morte de uma pessoa que viveu na piedade, nos damos pressa em canonizá-la; é uma santa, dizemos nós, temos mais necessidade das suas orações do que ela das nossas; e com este pretexto assaz cômodo, deixamos de orar ou de mandar orar por ela, o que é prestar-lhe muito mau serviço. Quanto à extensão aparente, recordemo-nos o que contam escritores muito autorizados. Falam de um homem atacado de uma doença que lhe causava dores horrorosas e extorquia gritos angustiosos.

O seu anjo da guarda lhe apareceu e ofereceu-lhe livrá-lo dos seus sofrimentos com a certeza da sua salvação se consentisse em dois anos de purgatório. Não só dois anos, respondeu o doente, mas dez, se necessário for. Depois da sua morte o anjo tendo ido visitá-lo no purgatório para consolá-lo, esse homem lhe exprobou tê-lo enganado, dizendo-lhe que não ficaria senão dois anos nesta prisão ardente.

Respondeu o anjo: *Pois que julgais por ventura que há muito tempo que estais aqui? O vosso corpo ainda não está sepultado e há apenas duas horas que deixastes a vida!*

Quanto o tempo parece longo àquele que sofre e deseja ardentemente o fim dos seus sofrimentos!

Sejamos, pois, fervorosamente devotos para com os mortos e compenetremo-nos vivamente dos motivos que devem excitar-nos a isso. Eles referem-se ao estado destas almas, a glória de Deus e as vantagens preciosas que daí podemos tirar.

I. Uma aflição profunda, quaisquer que sejam aqueles que a sofrem, é direito adquirido à compaixão dos bons corações. Somos até levados a esquecer o crime em presença do suplício que o castiga. Mas quanto mais legítima é a nossa compaixão, quando aqueles que padecem sofrimentos excruciantes estão adornados de

admiráveis virtudes! Que vemos nós no purgatório? Almas justas, amadas por Deus, orladas com a graça santificante, pacientes, resignadas, bendizendo como o mais terno dos pais aquele que as trata como juiz inexorável e reconhecendo que mereceram esses terríveis castigos, lhe dizem:

“Vós sois justo, Senhor, e os vossos juízos são cheios de equidade. (Tb 3, 2)”

A si mesmas elas dizem: *Onde está o teu Deus, alma insensata, e porque razão não gozas tu da sua felicidade? Bastava-te um pouco mais de vigilância que exercesses sobre ti e que te impusésseis leves sacrifícios, para evitar uma desgraça tão horrível! Quanto me custam caras as atenções que tive para comigo, pois que elas me privam da vista e do gozo do meu Deus!*

Façamos uma reflexão sobre a pena de dano, a mais dolorosa de todas as penas do purgatório. A privação de um bem é tanto mais aflitiva quanto esse bem é mais excelente, mais conhecido, e temos a ele direitos mais incontestáveis e principalmente quando somos levados para esse bem por uma inclinação mais forte; ora, o bem de que essas almas são privadas é Deus mesmo, mas Deus conhecido. Elas o viram comparecendo diante do seu tribunal. Quanto Ele era belo e, todavia, no seu rosto tão radiante havia sinais de cólera! Quem compreenderá a veemência com que elas se sentem arrastadas a precipitar-se para Ele ardendo em desejos e quanto mais sofrem sendo por Ele repelidas? O que torna as almas do purgatório ainda mais dignas da nossa compaixão é que na sua extrema miséria só em nós depositam a sua esperança. Um pobre pelo seu trabalho remedeia a sua indigência; acontece o mesmo aos outros desgraçados sobre a terra; sempre lhes restam alguns recursos, e o mais seguro é invocar o céu, que nunca é insensível às suas orações.

Quanto às almas do purgatório tudo lhes falta se lhes não acode a nossa caridade; por que a quem deviam recorrer? À divina misericórdia? Pra elas o seu reino está passado e não voltará. A novos méritos? Não se semeia nem se ceifa no outro mundo; o dia está acabado e substituído por uma noite fatal em que não pode trabalhar-se (Jo 9, 4).

Nobres e santas vítimas! Quem se não apiedaria de vossas dores se pudesse delas fazer ideia? Já falamos da vossa pena, falemos também da glória que promove para Deus o vosso zelo em aliviar-nos.

II. Esta devoção, com efeito, glorifica a providência de Deus, que por este modo proveu ao bem de todos os seus filhos: dos mortos pelos vivos e destes por aqueles que no céu se tornam nossos zelosos intercessores. Ela glorifica a sua santidade, cuja sublime perfeição o purgatório nos ensina; a sua justiça recebe assim inteira satisfação pela aplicação dos méritos do Redentor, mas glorifica, sobretudo, a sua bondade, misericórdia e amor; esquecem, diz Bourdaloue, que o purgatório é um estado de violência, não só para as almas que lá sofrem, mas para Deus mesmo; eis aqui a razão: no purgatório Deus vê as almas que Ele ama com o amor mais terno e às quais, todavia, não pode fazer bem algum, segundo os decretos eternos da sua justiça; almas cheias de méritos, santidade e virtudes e que Ele não pode ainda recompensar como queria; almas que até Ele é forçado a castigar. Nada é tão oposto às misericórdias de um Deus tão misericordioso e bom e cumpre-nos fazer cessar esta violência, libertando estas almas da sua prisão e abrindo-lhes o céu.

Deus ligou as suas mãos, por assim dizer, e nós lhas desligamos. Ele não diz como outrora a Moisés: *Deixa-me fazer porque a minha justiça reclama seus direitos* (Ex 32, 10); pelo contrário: *Oponde-vos à minha vingança; não abandoneis à minha cólera almas que eu amo e que vós deveis amar.*

Deixaremos nós a Deus na dura necessidade de estender o seu braço sobre aqueles que está impaciente de coroar, não acedendo aos seus desejos? Tomamos estas reflexões de Bourdaloue e cumpre meditá-las muito. O menor alívio que prestamos aos sofrimentos das almas do purgatório é ao mesmo tempo aumento de glória pela santa humanidade de Jesus Cristo, pela honra rendida ao seu precioso sangue, porque é em consideração dos seus méritos que este alívio é concedido. Tanto mais cedo saírem do cativeiro tanto mais depressa o Salvador colherá o derradeiro fruto de tudo o que fez para salvá-las. Ele só é completamente um

Redentor quando elas chegam ao reino da glória; Maria, a mãe de misericórdia, a consoladora da Igreja padecente; os anjos da guarda dos fiéis defuntos, os santos seus protetores e patronos, toda a corte celeste que se regozija com a conversão de um pecador, alegra-se muito mais quando um eleito entra no céu; porque quantos pecadores convertidos tiveram a desgraça de perder-se por funestas recaídas! É nisto, como sempre, os nossos interesses estão estreitamente unidos aos da glória do Senhor.

III. As virtudes que nos faz praticar esta devoção, as graças que nos alcança, as lições que nos dá, é a que a torna para nós tão salutar.

1.º Esta devoção é um excelente exercício das virtudes teologais: fé, esperança e caridade. Nela exercemos a fé porque entramos em um mundo invisível e trabalhamos para este mundo com tanta energia e convicção, como se o víssemos; a fé na comunicação dos santos, nos efeitos do divino sacrifício, no poder dado à Igreja de aplicar os méritos superabundantes de que é depositária. Exercemos a esperança, virtude cuja necessidade se faz desgraçadamente sentir na vida espiritual. Esperamos para essas almas, tão penosamente experimentadas, as bênçãos do sangue divino que hão de mudar os seus gemidos em cânticos de alegria e para nós a recompensa do vosso zelo em socorrê-las. Exercemos a caridade não só para os fiéis falecidos, mas para com Deus: amamos aqueles porque Ele os ama e antecipamos a sua liberdade para a sua glória.

São Francisco de Sales observa que na nossa devoção para com os mortos deparamos todas as obras de misericórdia recomendadas pela Escritura: esmola, cuidado dos doentes, etc. Efetivamente apaziguamos a fome e a sede dessas almas, santamente impacientes de ver a Deus e possuí-lo; pagando as suas dívidas com as nossas próprias satisfações, de certo modo nos despimos para revesti-las; visitamo-las no seu cativeiro, mais duro para elas do que a morte; acolhemos os peregrinos e é no céu que lhes damos hospitalidade.

Quando chegar o dia em que Jesus, nosso juiz, nos fizer estas perguntas: *Tive fome, deste-me de comer? Estive enfermo, visitaste-me?* Etc (Mt 25, 35-36). Feliz o cristão que ouvir uma

multidão de almas tomar a sua defesa e respondendo por ele: *Sim, Senhor, fê-lo; porque nós éramos vossos membros que padecíamos no purgatório e ele lá desceu pela sua caridade, prestando-nos os bons ofícios.*

2.º Pensemos também nas graças que nos dá esta devoção. Deus prometeu regular a sua misericórdia pela nossa e derramar abundantemente os seus dons no seio daquele que assiste a seu irmão indigente. O oráculo é formal: O que faz misericórdia obterá misericórdia (Mt 5, 7). Sabemos que a misericórdia espiritual se avanta tanto à temporal, quanto a alma é superior ao corpo, o céu à terra, os bens e males da eternidade aos temporais.

A compaixão que praticamos para com os mortos será inspirada por Deus a fiéis piedosos quando também estivermos no purgatório e tivermos necessidade de sufrágios. Nada é comparável ao amigo fiel; mas onde podemos encontrá-lo? Quando José predisse ao mordomo do rei do Egito que brevemente seria restabelecido no seu emprego, pediu-lhe que fosse favorável a seu respeito ante o Faraó; pedido inútil: José foi esquecido. Quanto a nós não temamos sê-lo, se livramos nossos irmão do purgatório, porque no céu não há ingratos. Aqueles cujos sofrimentos aliviamos antecipando-lhes a felicidade, quando não fosse senão por um dia ou algumas horas, sabem melhor o que nos devem e não o esquecerão.

3.º Ocupando-nos dos fiéis defuntos e do que eles sofrem e da causa dos seus sofrimentos aprendemos a temer a divina justiça talvez muito mais do que meditando no inferno. Na morada dos réprobos Deus mostra-se terrível, mas a sua ira exerce-se sobre inimigos obstinados, que até ao último momento repeliram os favores da sua misericórdia; sobre pecadores, que o serão sempre, e nunca deixarão de blasfemar o seu nome.

No purgatório estão os justos, que se adormeceram no sono da paz, eleitos que o céu espera, almas que longe de murmurar contra Deus que as castiga, bendizem e adoram o Deus que as salvou. Os seus sofrimentos não diminuem o seu amor; Deus mesmo ama-as ternamente e, todavia, trata-as com maior severidade. Por que as castiga Ele? Por faltas leves, pecados perdoados, cuja expiação, todavia durante a vida não foi bastante. Se obedeço à impressão

que fazem sobre mim estas verdades, evito o mal e até a sombra do mal. Vigio sobre mim, sobre o meu coração, e essa multidão infinita de palavras não só inúteis, mas que ofendem a caridade e a humildade.

Não digo: é só pecado venial, mas sim é pecado. Conheço como todo o pecado é punido no purgatório.

Senhor, quanto o pecado venial vos desagrada, vejo-o porque sois constrangido a castigar com tanto rigor almas que vós amais infinitamente mais do que o coração humano pode amar. Abraço ardentemente a penitência, persuadido que Deus punirá no homem tudo quanto não tiver sido punido pelo homem e que a satisfação pela qual vinga Deus neste mundo não pode comparar-se aos castigos pelos quais Deus se vinga quando o tempo e a misericórdia passarem.

Direis, pois, a Deus com Santo Agostinho:

“Purificai-me nesta vida, Senhor, e fazei-me tal que o fogo do purgatório nada ou pouco ache que purificar no outro.”

A nossa insensibilidade para com as almas do purgatório seria tanto mais indesculpável quanto se elas não podem socorrer-se a si mesmas, torna-se a nós fácil limpar-lhe as suas lágrimas e pôr um termo ao seu cativeiro.

Diz o catecismo romano:

“Não poderíamos ser assaz reconhecidos à bondade do Senhor, que deu aos homens o poder de satisfazer uns pelos outros e de pagar assim o que é devido à sua justiça.”

A religião faculta-nos os meios que são eficazes e os principais são: o santo sacrifício da missa, a oração, a esmola e a indulgência. Só falaremos aqui da última.

CAPÍTULO 2 – AS INDULGÊNCIAS

Diz Bourdaloue:

“Temos artigos de crença surpreendentes; mas, entre estes, a fé na indulgência plenária não é o que deve admirar-nos menos.”

Ela nos patenteia efeitos de misericórdia tão extraordinários que, sem a revelação divina e a autoridade da Igreja, não poderíamos

crer um ponto que ultrapassa todas as nossas vistas e é superior a todas as nossas esperanças. Não será prodigioso que Deus, zeloso da sua glória e justiça, se obriga a remir todas as culpas pela via mais curta, fácil e gratuita, que é a concessão de uma indulgência plenária? A grandeza deste benefício seria capaz de excitar contra os homens toda a inveja dos demônios, porque quando mesmo um pecador tivesse cometido todos os atentados, que pode imaginar uma criatura rebelde, e tivesse merecido todos os tormentos do inferno, logo que ganha uma indulgência plenária pagou plenamente a Deus, pode glorificar-se de nada dever à sua justiça e parece tão puro aos olhos desta soberana majestade como se saísse das águas batismais; que está na mesma disposição para ser admitido sem obstáculo e delongas à glória do céu, como os mártires quando eles acabaram de derramar o seu sangue. A prática e o exemplo dos maiores amigos de Deus deve inspirar-nos grande estima por este meio de santificação. Vê-se nas cartas do Apóstolo das Índias a instância com que solicitava indulgências à Santa Sé para si mesmo e para os cristão que produzia para Jesus Cristo. Muitos santos fizeram longas peregrinações para ganhá-las, e São Carlos Borromeu dizia que para obter semelhante favor era pouco ir a Roma e seria até pouco ir ao fim do mundo; donde tirava a consequência que seria culpado aquele que desprezasse o recurso à esta grande misericórdia. São Luiz, rei de França, no fim do seu testamento, dizia a seu filho:

“Procura, meu filho, ganhar as indulgências da Santa Igreja.”

Não indicaremos no quadro seguinte senão as que são aplicáveis às almas do purgatório e fáceis de ganhar.^[34]

ORAÇÕES JACULATÓRIAS

O uso destas orações é muito recomendado por São Francisco de Sales. Por elas, diz ele, nos retiramos em Deus e atraímos Deus para nós.

1.º “Meu Jesus, Misericórdia!” Cem dias cada vez (Pio IX, 1856).

A recitação frequente desta oração tem obtido efeitos maravilhosos. Ela era familiar ao bem-aventurado Leonardo de Porto Maurício, que aconselhava muito sugeri-la aos moribundos.

2.º “Doce coração de Jesus, fazei que vos ame cada vez mais.” Indulgência de trezentos dias cada (Pio IX, 1876).

3.º “Doce coração de Maria, sede a minha salvação.” Trezentos dias cada vez e plenária uma vez cada mês (Pio IX, 1852).

4.º “Bendita seja a santa e Imaculada Conceição da bem-aventurada Virgem Maria.” Cem dias cada vez (Pio VI, 1793).

5.º “Jesus, Maria, José, eu vos dou o meu coração, o meu espírito e a minha vida. Jesus, Maria, José, assisti-me na minha última agonia. Jesus, Maria, José, que eu morra pacificamente na vossa santa companhia.” Indulgência de cem dias cada vez para cada uma destas três invocações (Pio VII, 1807).

ORAÇÕES

1.º Os atos de fé, esperança e caridade. Indulgência de sete anos e sete quarentenas cada vez, plenária uma vez por mês e em artigo de morte.

2.º “Alma de Jesus, santificai-me. Corpo de Jesus, salvai-me. Sangue de Jesus, inebriai-me. Água do lado de Jesus, purificai-me. Ó bom Jesus, escutai-me. Ocultai-me nas vossas chagas. Não permitais que eu me separe de vós. Defendei-me contra o espírito maligno. Chamai-me à hora da minha morte; e ordenai que eu venha a vós, para que eu vos bendiga com os vossos eleitos, nos séculos dos séculos. Amém.”

Indulgência de 300 dias cada vez, de sete anos e sete quarentenas quando é recitada depois da comunhão, plenária uma vez no mês (Pio IV, 1854).

3.º “Eis-me aqui, ó bom e dulcíssimo Jesus! De joelhos na vossa presença, peço-vos e imploro-vos, com todo o fervor da minha alma, que imprimais no meu coração vivos sentimentos de fé, esperança e caridade, assim como vivo arrependimento dos meus pecados e firme propósito e emendar-me; enquanto que com viva atenção e grande dor considero em mim mesmo e contemplo em espírito as vossas cinco chagas, tendo ante os olhos o que outrora dizia de vós, ó meu bom Jesus, o profeta Davi: *atravessaram as minhas mãos e os meus pés e contaram todos os meus ossos* (Sl 21 (22), 17-18).”

Indulgência plenária é concedida aos que recitarem esta oração (Clemente VIII, Bento XIV, Pio VII, Leão XII, Pio IX).

Para ganhá-la é preciso recitar esta oração diante de qualquer imagem de Jesus crucificado, quando verdadeiramente contrito se haja feito confissão e comunhão.

4.º O *Lembraí-vos*. Indulgência de 300 dias cada vez, plenária uma vez por cada mês (Pio IX, 1846).

5.º *Ladainha da Santíssima Virgem*. Indulgência de 300 dias cada vez (Pio VII, 1817).

6.º O *Rosário de Santa Brígida*. Indulgência de 100 dias por cada *Pater* e *Ave*. Indulgência plenária uma vez por mês (Bento XIV, 1743).

7.º O *Angelus*. Indulgência de 100 dias cada vez e plenária uma vez por mês (Bento XIII, 1724).

8.º *Oração ao Anjo da Guarda*. “Anjo de Deus, a quem tenho sido confiado por um benefício de caridade divina, protegei-me, dirigi-me, governai-me.” 100 dias cada vez. Indulgência plenária uma vez por mês no dia 2 de Outubro e à hora da morte (Pio VII, 1821).

DEVOÇÕES

1.º *Associação do Sagrado Coração*. Para pertencer-lhe é necessário inscrever-se no registro da Confraria. Recitar todos os dias o *Pater*, *Ave* e *Credo*, com esta aspiração: “Ó Divino Coração de Jesus, fazei que eu vos ame cada vez mais.”

Indulgência plenária no dia da recepção, no dia da festa do Sagrado Coração, na primeira sexta-feira ou primeiro domingo de cada mês, à escolha dos associados e em artigo de morte. Indulgência parcial sete anos e sete quarentenas nos quatro domingos que precedem a festa do Sagrado Coração; 300 dias quando se recitam de manhã, no meio dia e à tarde três *Gloria Pater*, e muitas outras indulgências mencionadas no boletim da associação.

2.º *Caminho da Cruz*. Duas condições são essenciais e bastam percorrer sucessivamente as catorze estações, e ao percorrê-las, meditar sobre os mistérios representados por cada estação ou na

Paixão em geral. Ganham-se todas as indulgências concedidas aos que visitam os lugares santos de Jerusalém (Pio IX, 1558).

3.º Honra ao Precioso Sangue. “Pai eterno, ofereço-vos o sangue precioso de Jesus Cristo em expiação dos meus pecados e pelas necessidades da Santa Igreja.” Indulgência de 100 dias cada vez (Pio VII, 1817).

4.º Ato Heroico em Favor das Almas do Purgatório. É uma oblação que fazemos a Deus de todas as nossas obras satisfatórias pessoais durante a nossa vida, e dos sufrágios que nos serão aplicados depois da morte. Depositamos tudo nas mãos da Santíssima Virgem, suplicando-lhe que disponha de tudo pelas almas dos finados. Indulgência, para os sacerdotes, no altar privilegiado todos os dias do ano; para os fiéis, indulgência plenária todas as vezes que comungarem, aplicável só pelas almas do purgatório; indulgência plenária todas as segundas-feiras ouvindo a missa.

Observações referentes a esta oblação:

A cessão que fazemos em favor destas almas, pela caridade que a determina, não diminui, antes acrescenta o fruto meritório das nossas boas obras. Sucede o mesmo ao fruto propiciatório, impetratório e satisfatório (Esta doutrina é desenvolvida pelo Padre Munfold, S. J. e pelo Padre Faber na sua obra *Tudo por Jesus*).

SOCIEDADE DO CORAÇÃO AGONIZANTE

De todas as páginas contidas neste volume não há alguma, que mais recomendemos à atenção dos nossos piedosos leitores como aquelas que terminam e são consagradas a fazer conhecer a devoção ao Coração Agonizante de Jesus Cristo. Esta notícia deverá modificar tudo o que havemos precedentemente publicado a este respeito. Se não soubéssemos que as obras de Deus tem sua época determinada nos decretos providências e que cada uma delas vem sempre a seu tempo, admirar-nos-íamos de ouvir São Francisco de Sales lamentar-se com tão comovedora compaixão da pouca lembrança que conservamos dos nossos caros defuntos, ao passo que ele não se mostra tão sensível à sorte dos moribundos, embora a seu respeito o nosso esquecimento ou caridade tenham consequências incomparavelmente mais graves: a devoção para com os mortos alivia-os, a caridade para com os moribundos, salva-os.

A Sociedade do Coração Agonizante tem por fim socorrer atentamente a cem mil almas que todos os dias comparecem no tribunal divino. É uma dessas obras que se impõem às simpatias de todos os homens sem exceção alguma e que os interessa no mais alto grau.

Haverá alguém por ventura que se atreva a dizer: *Não hei de morrer ou pouco me importa que a morte me seja suave ou cruel?* Sábios e insensatos, incrédulos e crentes, qualquer que seja a sua classe e posição, cristãos submissos ou gigantes revoltados que se creem fortes contra o Onipotente, todos estão embarcados em um rio rápido, que é o tempo. As nossas horas, os nossos dias, as nossas semanas são ondas que nos arrastam para esse imenso oceano onde tudo entra e nada sai. Chegamos sempre mais cedo do que se havia pensado às margens desse abismo sem fundo; assustados então e desenganados de todas as ilusões quiséramos voltar para trás, mas não é tempo; as praias da vida desapareceram. Obra tão importante em si mesma e de um interesse tão geral não podia deixar de atrair a atenção dos espíritos sérios e refletidos. Aquela de que falamos teve a boa fortuna de deparar em Monsenhor Freppel

um apreciador justo e protetor dedicado; apenas o eminente Bispo de Angers a conheceu, deu-se pressa em erigi-la em sociedade religiosa, recomendando-a com instância ao clero e fiéis da sua diocese.

Este apelo foi ouvido e a partir desse momento o sucesso da associação não deixou de ir sempre crescendo e até à publicação de um decreto pontifício, exigindo que para entrar em uma confraria é necessário inscrever-se pessoalmente e não por terceira pessoa ou por escrito.

Esta prescrição perturbou os espíritos e diminuiu a entrada de fiéis sob a bandeira da mais tocante caridade. Felizmente as diligências que fizemos em Roma nos habilitam a dizer que nos assustamos em demasia, porque a congregação das indulgências declarou formalmente que esta obra não era uma confraria no sentido que lhe diga em Roma; mas para evitar todas as dúvidas esta agremiação toma o nome de sociedade ou de associação.

Os estatutos desta obra foram aprovados em 28 de Janeiro de 1878 e sobre ela daremos alguns esclarecimentos.

I. Para pertencer à Sociedade do Coração Agonizante e ter parte nas suas vantagens bastam duas condições essenciais: fazer-se inscrever e orar por todos os defuntos daquele dia.

Os associados adotaram o uso de recitar a piedosa fórmula: Ó misericordiosíssimo Jesus, ou um Pai Nosso e uma Ave-Maria. Mas a oferta do divino sacrifício sendo, sem contradição, o meio de ação mais eficaz, tanto mais se multiplicarem as missas que se celebram pelos agonizantes, tanto maior será a parte que temos nos frutos da associação; pelo que cada um dos associados ou comunidade religiosa deverá concorrer com alguma pequena esmola.

A oferta de 60 francos por uma vez fundará uma missa perpétua. Os presbíteros e pastores apreciarão melhor do que ninguém as vantagens de uma obra que tornará o seu ministério ao lado dos doentes, mais fácil e consolador. Por certo eles concorrerão para esta grande obra, usando de todos os recursos de seu zelo para desenvolvê-la sempre mais e mais, convencidos de que propagá-la equivale a propagar a glória de Deus e a salvação das almas.

Sobretudo lhes pedimos que façam conhecer os méritos e as bênçãos celestes que se adquirem quando se consegue fundar uma ou muitas missas pelos pobres agonizantes, e os pais cristãos deverão compreender o valor dessa porção de herança que deixam a seus filhos, sendo meio admirável de sobreviverem a si mesmos, perpetuando o bem que fizeram durante a sua vida.

Se muitas pessoas se reunirem para fundar uma missa, as missas nominativas serão celebradas depois da morte do que houver recolhido as ofertas particulares e feito inscrever a fundação.

As pessoas consagradas a Deus pela vida religiosa estão mais em circunstâncias de poderem compreender a alta importância desta sociedade e por isso mais de duzentas comunidades se acham inscritas nos nossos registros. Todavia algumas se desculparam de tomar parte nela por causa do número crescente de instituições piedosas, que solicitam o seu concurso, pela proibição das suas constituições e por já fazerem parte de associações semelhantes. Assim como as desgraças e os perigos da nossa época se multiplicam, também se aumentam as obras de caridade dos nossos dias. Agradecemos à Providência que sempre proporciona remédios aos males e patenteia novas fontes de graças e bênçãos celestes; já que não podemos concorrer ativamente para todas as obras que se apresentam, devemos fazer seleção e perguntar a nós mesmos: *Qual é o bem particular que eu quisera ter preferido aos outros, quando a minha alma estiver a ponto de deixar o meu corpo?*

As constituições religiosas não excluem senão as obras que impõem encargos e não são contrárias àquelas, onde só há a receber o nada ou quase nada a dar; e quanto às pessoas que pertencem já a outras obras que lhes dão as mesmas vantagens, só nos cumpre felicitá-los e exortá-los à perseverança. Pedimos aos membros da Sociedade de São Miguel, cujo número já chegou a vinte mil; de adicionar à sua devoção para com os mortos um zelo ardente pela salvação dos agonizantes, esperando encontrar neles zelosos defensores dessa associação.

Estas duas obras estão estreitamente unidas e a segunda é auxiliar à primeira, podendo dizer-se que ainda tem maior importância.

A nossa devoção para com as almas do purgatório só se exerce em favor daquelas que lá entrarem por uma santa morte, coroa de todas as graças; e se aliviar os sofrimentos dos fiéis é uma grande caridade, preservá-los dos sofrimentos eternos é muito maior.

II. Indulgências plenárias: No dia da admissão, em artigo de morte, na festa da Oração de Nosso Senhor, nas duas festas do Precioso Sangue de Jesus Cristo (4ª sexta-feira de quaresma e 1º domingo de Junho), nas festas das cinco chagas (3ª sexta-feira de quaresma), quinta-feira santa, festa do Santo Sacramento e do Santo Coração, nas duas festas de São José (19 de Março e 3º domingo depois da páscoa) nas duas festas de Nossa Senhora das Sete Dores (2º domingo de Setembro e sexta-feira da Paixão); *visita em uma capela pública e oração segundo as intenções do Soberano Pontífice*. “Todas estas indulgências são aplicadas às almas do purgatório.” (Pio IX, 14 de Agosto de 1864).

Temos a fortuna de indicar às almas devotas meios de tirar maior proveito ainda do tesouro das indulgências. Devemos à Providência o favor de ter relações com o venerando geral dos teatinos, que nos concedeu o diploma para abençoar e impor o escapulário da Imaculada Conceição. Esse escapulário é, sem dúvida alguma, a mais rica das devoções em indulgências, como nos poderemos convencer pela seguinte notícia, que publicamos com a aprovação episcopal.

ESCAPULÁRIO DA IMACULADA CONCEIÇÃO

A Igreja definiu como dogma de fé a crença da Imaculada Conceição de Maria e esta homenagem prestada à Santíssima Virgem, junta à convicção que Deus recompensa generosamente o nosso zelo em honrar este belo privilégio da sua incomparável Mãe, chama da nossa parte algum novo testemunho da nossa veneração e amor.

O escapulário azul ou da Imaculada Conceição satisfaz a este piedoso desejo, revelado no ano de 1616 à venerável Úrsula Benincasa, cujas virtudes foram declaradas heroicas por um decreto de Pio VI em 1793; enriquecido de imensas indulgências pelos Papas Clemente XI, Gregório XVI e Pio IX, este escapulário a todos oferece um meio fácil de assinalar o nosso amor pela Virgem

concebida sem pecado, de assistir muito eficazmente às almas do purgatório e de participarmos nos tesouros espirituais que a Igreja dispensa a seus filhos. Este escapulário é feito de dois pedaços de lã azul, aos quais, por devoção, podemos acrescentar uma imagem de Maria Imaculada. Deve ser benzido e dado por um religioso teatino ou por um presbítero que haja recebido o poder por um geral da ordem. Traz-se ao pescoço como o do Carmo, caindo sobre as espáduas por um lado e sobre o peito pelo outro, podendo um só cordão trazer muitos escapulários.

O fim principal que se tem em vista é orar pela reforma dos maus costumes e pela conversão das almas desvairadas. Para este fim cada um se impõe alguma oração ou obra que a sua devoção lhe sugere; mas nunca esta condição é prescrita sob pena de pecado. Para esta devoção duas coisas são necessárias:

1.º Trazer sempre consigo o escapulário.

2.º Orar pela intenção do Soberano Pontífice.

Muitos preenchem esta segunda intenção recitando todos os dias ou habitualmente 12 Ave-Marias em honra dos 12 privilégios de Maria e três Pais-nossos em honra da Santíssima Trindade.

INDULGÊNCIAS PLENÁRIAS QUE SE PODEM GANHAR COM AS
CONDIÇÕES ORDINÁRIAS; CONFISSÃO, COMUNHÃO, ETC (*DECRETO DE
GREGÓRIO XVI DE 12 DE JULHO DE 1845. TODAS ESTAS
INDULGÊNCIAS SÃO APLICÁVEIS ÀS ALMAS DO PURGATÓRIO*).

Dia da recepção, em artigo de morte, todos os primeiros domingos do mês, todos os sábados de quaresma, domingo e sexta-feira de Paixão, quarta-feira, quinta e sexta da semana santa, um dos dias das 40 horas, no último domingo de Julho, no primeiro e último domingo da novena de Natal. Nas festas de Natal, Páscoa e Ascensão, Pentecostes, Trindade, Invenção e Exaltação da Santa Cruz. Nas festas da Imaculada Conceição, Purificação, Anunciação, Assunção e Natividade da Santíssima Virgem. A 2 de Agosto, festa da Porciúncula. Nas festas de São Miguel, dos Anjos da Guarda, de São João Batista, de São José, dos Apóstolos São Pedro e São Paulo, de Santo Agostinho, de Santa Teresa, de todos os santos.

Uma vez no decurso dos exercícios de retiro, outro dia do ano à escolha da pessoa. Nas festas principais dos teatinos, a saber: a 24 de Março, 12 de Abril, 17 de Julho, 7 de Agosto, 10 de Novembro e 13 de Dezembro. No dia da primeira missa se o associado é presbítero. Além disso, as indulgências das estações de Roma, nos dias prescritos pelo missal, visitando a igreja dos teatinos ou, se isto não é possível, a própria paróquia. Duas vezes no mês pode-se do mesmo modo ganhar as indulgências, concedidas à visita das sete igrejas de Roma, do Santo Sepulcro e da Terra Santa.

INDULGÊNCIAS PLENÁRIAS QUE SE PODEM GANHAR SEM CONFISSÃO NEM COMUNHÃO.

Por uma graça especial e autêntica, quando os associados recitam seis vezes o *Pater*, a *Ave*, *Gloria Patri* em honra da Santíssima Trindade e da Beatíssima Virgem concebida sem pecado, orando ao mesmo tempo pela exaltação da Santa Igreja, extirpação das heresias, etc; podem ganhar cada vez, *toties quoties*, as indulgências concedidas àqueles que visitam as sete basílicas de Roma, a Igreja da Porciúncula em Assis, a Igreja de São Tiago de Compostela e a Terra Santa de Jerusalém. E para participar destas indulgências não é necessário recitar outras orações nem confessar-se nem comungar, contanto que se esteja em estado de graça e estas indulgências são aplicáveis aos defuntos.

Este favor extraordinário foi recebido e aprovado de novo pela Sagrada Congregação das Indulgências (Decreto de 31 de Março de 1856, confirmado a 14 de Abril do mesmo ano pelo Papa Pio IX).

INDULGÊNCIAS PARCIAIS

Sessenta anos para quem fizer meia hora de meditação diária; 20 anos pela visita aos enfermos, ou no caso de impedimento, recitando cinco *Pater* e *Ave* com esta intenção; 20 anos por cada dia das oitavas de todas as festividades de Nosso Senhor e pelas outras das ordens religiosas; 7 anos e 7 quarentenas por todas as festas da Santíssima Virgem não mencionadas supra; 7 anos e 7 quarentenas cada vez que nos acercamos dos sacramentos da Penitência e da Eucaristia; 5 anos e 5 quarentenas sempre que se

visite alguma igreja dos teatinos ou a própria igreja paroquial, recitando cinco *Pater*, *Ave* e *Gloria* com as intenções habituais; 300 dias por cada um dos da oitava de Pentecostes; 200 dias por cada vez que se ouça a Palavra de Deus; 60 dias por uma obra de piedade; 50 dias pela invocação dos sagrados nomes de Jesus e de Maria; 50 dias pela recitação de um *Pater* e *Ave* pelos fiéis e defuntos.

Todas as missas que se dizem em qualquer altar, pelos associados defuntos, que gozam de benefícios do *altar privilegiado*.

Que nos é necessário para a inscrição à obra tão excelente e para haurir desta mina fecunda todas as riquezas espirituais que ela contém? Amar sinceramente o nosso grande e generoso Salvador, condoer-se da situação dos irmãos agonizantes e termos para conosco amor bem entendido.

Não pode amar-se Jesus Cristo sem querer aliviar o peso opressivo das suas dores. Contemplamo-l'O no Jardim das Oliveiras, prostrado com a face em terra e banhado de seu sangue.

Ele ora, chora, geme; a sua alma está conturbada e a causa principal deste abatimento, é Ele que no-la explica: ***Que utilidade advirá do meu sangue? Os homens saberiam quanto eu sofro, se eles soubessem quanto os amo. Morrer para salvá-los! Quanto é amargoso este cálice! A minha alma está triste até à morte*** (Mt 26, 38). Do Jardim passemos ao Calvário. Que grito é esse que se escapa do coração agonizante de Jesus, e que será o derradeiro esforço do seu amor? *Meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste* (Mt 27, 46)? É para este coração aflito a última expressão da dor que o dilacera; e para nós é um convite quase que para que unamos o nosso ao seu zelo para a salvação dos moribundos; recusar-lhe-emos esta consolação?

O nosso amor pelo próximo nada pode fazer que se compare ao serviço que lhe prestamos assistindo-o no momento da sua morte. A agonia é o combate por excelência, o combate desesperado, de onde tudo vai decidir-se; é o momento de que depende a eternidade. Em volta deste moribundo; corramos a socorrê-lo: Jesus nos chama, Maria nos impele, a Igreja solicita o concurso dos nossos esforços.

Comprazemo-nos em orar pela conversão dos pecadores, e todos os dias cem mil passam do tempo à eternidade. Entre estes há milhares a quem podemos abrir os céus; e deixá-los-emos precipitar no inferno? Os outros pecadores podem esperar, enquanto que para o agonizante não há um momento a perder. Estão contadas as palpitações do seu coração; um suspiro mais e tudo está acabado. Mas este suspiro pode reparar tudo, ou tornar tudo irremediável; não há necessidade mais urgente.

Finalmente se somos pouco sensíveis aos sofrimentos do coração de Jesus Cristo e ao extremo perigo dos agonizantes, pensemos ao menos em nós. A assistência de que eles precisam, em breve será nossa. Na nossa agonia serão os vivos para nós como nós fizemos. Se esquecemos, seremos esquecidos. E quanto será consolador poder dizer Àquele que em um momento vai julgar-nos: *Sabeis, Senhor, que desde muitos anos orei, fiz boas obras por meus irmãos moribundos: está chegada a minha hora; inspirai a outros para mim a mesma compaixão que vós me inspirastes por meus irmãos. Conte nas vossas promessas, ó meu Deus! Fui misericordioso, obterei misericórdia! Vós recompensais o copo de água dada ao pobre por amor de vós, e para agradar-vos, fiz aos agonizantes a esmola do céu com a sua felicidade eterna.*

INDICAÇÕES

A PROPENSÃO para a leitura de livros místicos é muito enunciada em algumas pessoas, e, sem dúvida, é a meditação um dos exercícios espirituais mais úteis e consoladores. O livro que precede está neste caso, mas como pode haver quem deseje conhecer algumas das obras que eu tenho como mais adaptadas para auxiliar a meditação, parece-me fazer um serviço às almas piedosas indicar-lhes quais são esses livros, que me parecem, hão de satisfazer as aspirações do seu coração. Aponto-os sem ordem metódica e nas diferentes línguas em que os tenho percorrido. ^[35]

Frei Heitor Pinto – *Imagem da Vida Cristã*, em diálogos, obra excelente não só como mística, mas como modelo da mais pura linguagem portuguesa.

Frei Tomé de Jesus – *Trabalhos de Jesus*, obra riquíssima em doutrina e vernaculidade, feita pelo venerável agostiniano durante o seu cativeiro na África, onde sucumbiu à força de fadigas e de torturas que lhe fizeram.

Tomás de Kempis – *A Imitação de Cristo*, obra monumental, que será sempre o modelo de todos os escritos místicos.

São Boaventura – *Meditationes vitae Jesu Christi*, o nome do autor é o elogio da obra.

Santo Inácio de Loyola – *Eucaristia Spiritualia*, esta obra, embora dedicada aos membros da Companhia que o autor fundara, pode ser proveitosa para toda a gente.

Obras de São Francisco de Sales, e entre estas a *Introdução à Vida Devota* e o *Jardim das Almas Cristãs*.

Tesouro de Escritores Místicos Espanhóis, em 3 volumes.

Cartas de Santa Teresa.

Obras de Luiz de Granada, são 13 volumes.

Obras de São João da Cruz.

Maria de Agreda, *La Cité Mystique de Dieu*, obra em 3 volumes.

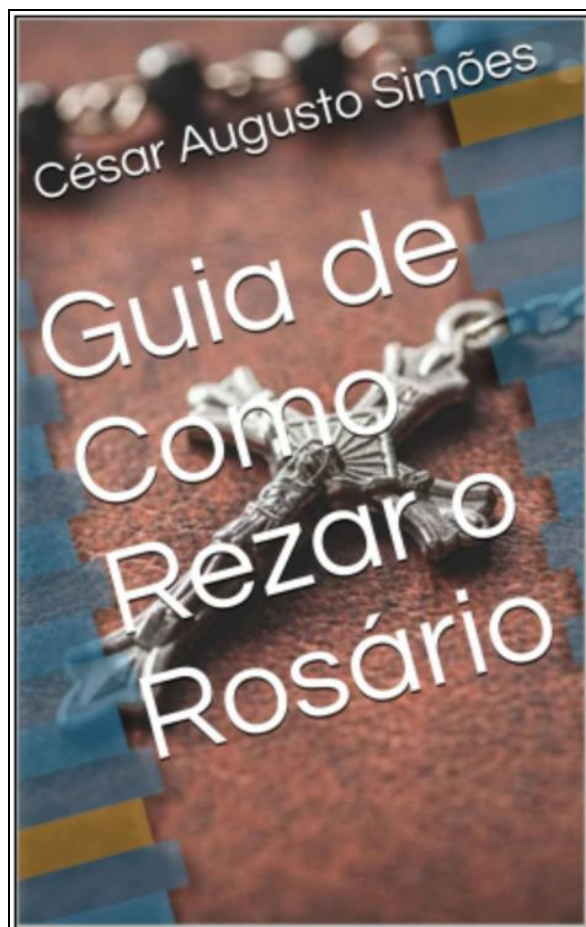
The Archard of Syon, revelations of St. Catharine of Sene.

São estas as de que me recordo agora, mas a biblioteca mística e ascética é imensa e só com os livros desta especialidade se podem encher muitas estantes.

Há, porém, muitas obras da primeira idade da imprensa que hoje são raríssimas, e que formam antes preciosidades bibliográficas, do que livros de estudo e leitura fácil. Nas que acabo de citar neste volume há matérias de sobra para as almas piedosas poderem satisfazer a sede devorante da paixão pela adoração silenciosa das grandezas do Ente Supremo.

Conde de Samodães.

NOSSOS LANÇAMENTOS



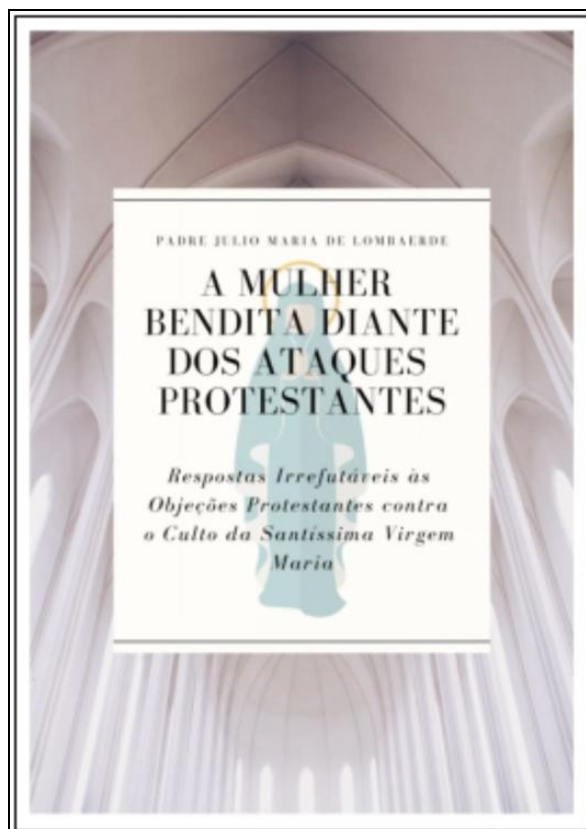
GUIA DE COMO REZAR O ROSÁRIO – CÉSAR AUGUSTO SIMÕES

Este é um guia simples de como rezar o rosário, segue os moldes de aplicativos de celular, basta ir rezando e mudando as páginas. No índice tem os Mistérios e os dias em que se rezam, possui também o Rosário Completo com todos os Mistérios.

Ebook Kindle – Disponível no Unlimited:

([amazon.com.br/dp/B07DF25Q7G](https://www.amazon.com.br/dp/B07DF25Q7G))





**A MULHER BENDITA DIANTE DOS ATAQUES PROTESTANTES:
RESPOSTAS IRREFUTÁVEIS ÀS OBJEÇÕES PROTESTANTES CONTRA O
CULTO DA SANTÍSSIMA VIRGEM MARIA – PADRE JULIO MARIA DE
LOMBAERDE**

Publicado originalmente em 1936, esta grande obra do Padre Julio Maria de Lombaerde, na qual defende de modo enérgico a Virgem Santíssima, sua honra e sua dignidade, ganha finalmente uma Nova Edição. Antes relegada aos sebos, agora tem a oportunidade de novamente ser luz para muitos cristãos, fazendo Nossa Senhora ser cada vez mais conhecida e amada.

Padre Julio diz sobre o seu livro:

"É um livro de doutrina. Um livro evangélico. Um livro de exegese, mostrando os fundamentos do culto de Maria Santíssima, os alicerces evangélicos da sua grandeza e a fragilidade das objeções diversas. Nenhuma tese, nenhum princípio, nenhuma conclusão,

nenhum título será admitido neste livro que não tenha a sua base na Sagrada Escritura."

E assim ele cumpre o que diz, defendendo com maestria Maria Santíssima e todas as suas prerrogativas, dando respostas irrefutáveis frente as mais diversas objeções. E tudo isso, como ele mesmo diz, com a Bíblia na mão e um pouco de lógica na cabeça.

Ebook Kindle: (amazon.com.br/dp/B07JGMWD1V)

Livro Físico, ISBN 9781684547043, 459 Páginas: (bit.ly/2FswUUz)

Primeiros Capítulos GRÁTIS: (bit.ly/2U6j97n)





A SANTA MISSA PARA LEIGOS: *UMA EXPLICAÇÃO DO SANTO SACRIFÍCIO DA MISSA* – FREI MARTINHO DE COCHEM

Publicado originalmente na Alemanha em 1704, e no Brasil no início do século XX sob o título de "Explicação da Santa Missa"; esta grande obra do Frei Martinho de Cochem ganha uma Nova Edição.

Com linguagem simples e ingênua, e com jeito admirável de falar ao coração humano, como também pela vivacidade e clareza do estilo, Frei Martinho nesta obra explica as excelências da Santa Missa. Explica como ela é o perfeito sacrifício e culto supremo de latria, como os sacrifícios do Antigo Testamento foram figuras deste, profecias à respeito da Santa Missa, 77 graças e frutos que alcançamos durante ela, como o Sacrifício da Cruz de Jesus se renova na Santa Missa, bem como também o que podemos fazer para apreciá-la como se deve, a fim de que possamos receber o perdão de todos os nossos pecados e entrar de vez na vida de santidade.

Com diversos testemunhos de Santos, relatos históricos, citações bíblicas e entre diversas outras coisas, este livro serve para ensinar-nos de maneira simples o quão grande tesouro temos em nossas mãos, impedindo o demônio de cegar-nos sobre o valor infinito do Santo Sacrifício para que pouco o apreciemos e deixemos de assisti-lo, ou não tiremos os abundantes frutos de graças que poderíamos colher.

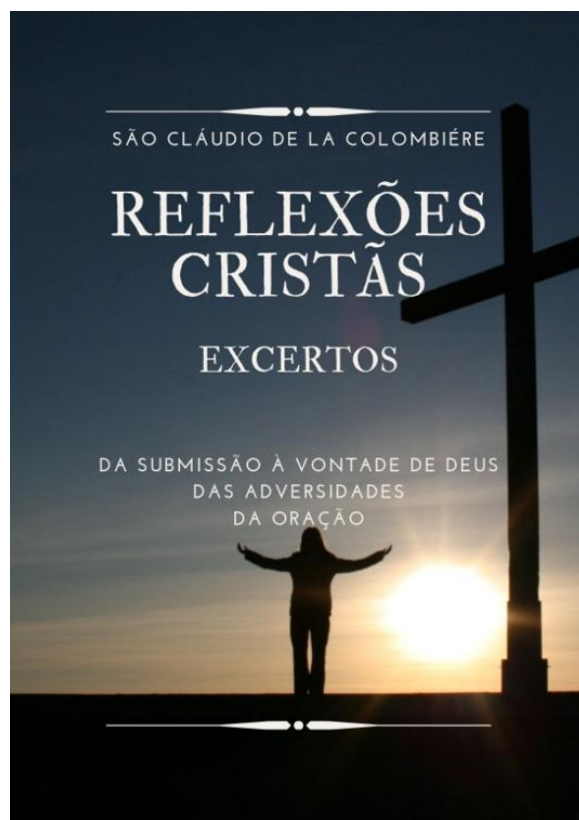
Ebook Kindle – Disponível no Unlimited:

[.amazon.com.br/dp/B07VQLHB7D\)](https://www.amazon.com.br/dp/B07VQLHB7D)

Livro Físico, ISBN 9781646331437, 303 Páginas: (bit.ly/2Mnydto)

Primeiros Capítulos GRÁTIS: (bit.ly/2LQU7pq)





REFLEXÕES CRISTÃS: EXCERTOS

SÃO CLÁUDIO DE LA COLOMBIÈRE

Publicado originalmente na França em 1684, e no Brasil excertos em 1934; esta obra recolhe 3 trechos da obra Reflexões Cristãs, que é uma coletânea de meditações de São Cláudio de la Colombière compiladas após sua morte. Este santo foi confessor de Santa Margarida Maria Alacoque, e junto dela foi propagador da devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

Nesta nova publicação, que é uma reedição da antiga brasileira, ele trata da Submissão à Vontade de Deus, das Adversidades e uma linda reflexão sobre a Oração. Todos estes pontos são extremamente necessários àqueles que querem chegar à santidade e ele faz com seus pensamentos que tenhamos ardentes desejos de nos entregar inteiramente a Deus, que Ele realize plenamente sua vontade em nós, louvando tanto na prosperidade como na dor, e além de tudo isso, firme resolução de ter com Ele uma união íntima através da oração.

Ebook Kindle – Disponível no Unlimited:

(amazon.com.br/dp/B07WCY4SCC)

Livreto Físico, ISBN 9781646698899, 65 Páginas:

(bit.ly/2OYeDqg)

Primeiros Capítulos GRÁTIS: (bit.ly/2YUEyPq)





**O SANTO SACRAMENTO DA EUCARISTIA: SUCINTAMENTE
EXPLICADO AOS FIÉIS**

FREI BENVINDO DESTÉFANI

Publicado originalmente em 1940 aqui no Brasil, esta obra do Frei Benvindo Destéfani ganha, finalmente, uma Nova Edição.

Com brevidade e concisão, o autor traz noções claras e exatas sobre o maior dos sete sacramentos, a Santíssima Eucaristia. Ele ensina sobre a presença real de Cristo na Eucaristia, o Santo Sacrifício da Missa e a Sagrada Comunhão. Demonstra-nos como podemos nos aproveitar deste imenso tesouro, através de uma fé viva e ardente, fonte de graça e imensa misericórdia.

Quem se aproveita deste manancial riquíssimo e abundante, tem como destino certo a santidade, esta que alegrará muito a Trindade Santa, a Santíssima Virgem e o céu inteiro. O demônio treme quando um cristão recebe devotamente a Eucaristia, pois sabe que esta alma irá para o céu e levará muitos com ele, enfraquecendo o seu poder infernal.

E assim acontece com aqueles que leem e põem em prática os ensinamentos deste livro. A Eucaristia é puro amor de Cristo para conosco, pobres criaturas, e amor com amor se paga. Vamos amá-lo com todo o nosso ser?

Ebook Kindle – Disponível no Unlimited:

[\(\[amazon.com.br/dp/B07YTHB23C\]\(https://amazon.com.br/dp/B07YTHB23C\)\)](https://amazon.com.br/dp/B07YTHB23C)

Livro Físico, ISBN 9781647138448, 133 Páginas: (bit.ly/2VFtGoN)

Primeiros Capítulos GRÁTIS: (bit.ly/2OAE9Af)





AS FONTES DO SALVADOR

MONSENHOR ÁLVARO NEGROMONTE

Publicado originalmente em 1941 aqui no Brasil, esta obra do grande mestre catequético Monsenhor Álvaro Negromonte ganha, finalmente, uma Nova Edição.

Este livro foi concebido inicialmente como suplemento para estudos de catequese dos adolescentes que frequentavam a 3ª série ginasial da época (atual 7ª série do fundamental). Como que de lá pra cá o ensino brasileiro só esteve em declínio, e, infelizmente, o de catequese também, os ensinamentos que aqui constam muitos adultos não conhecem ou não compreendem bem. Desta forma, faz-se oportuno a publicação desta obra, visto que o autor, possuidor dos dons de escritor claro e limpo, sóbrio e discreto, nos põe em contato com a Palavra de Deus e sua Doutrina de forma fácil e objetiva, traduzindo em atos concretos, nos ensinando em como viver os santos ensinamentos de Cristo e da Igreja.

Perpassando pelos 7 Sacramentos e pela Santa Missa, o autor nos faz ver como infelizmente não damos o devido valor a estas grandes façanhas do imenso amor divino por nós. Tudo isso, bem compreendido e posto em prática, nos levam, sem dúvida, à santidade. É impossível ser santo sem fazer o uso destas Fontes do Salvador, portanto, vamos com pressa realizar tudo o que este livro nos pede, atendendo à petição divina: "Sede santos, porque eu sou santo (Lv 11,44)".

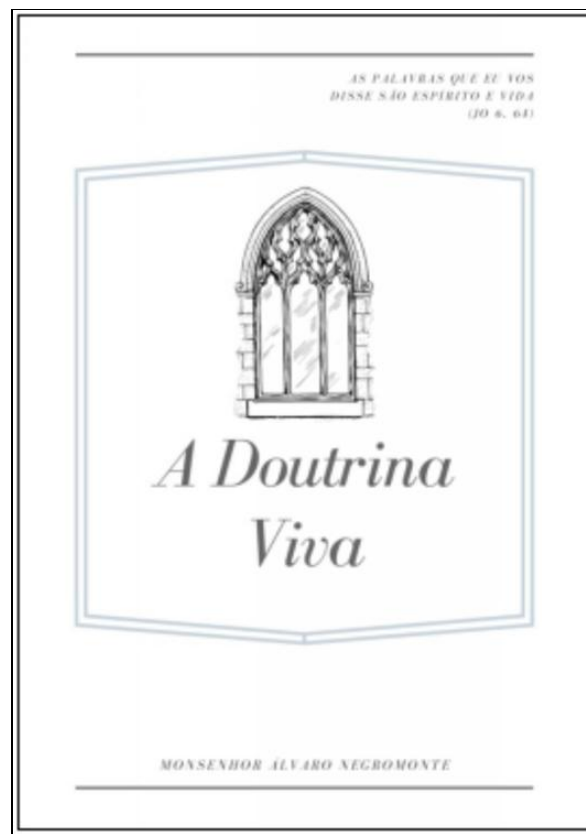
Ebook Kindle – Disponível no Unlimited:

[.amazon.com.br/dp/B084MKDV82\)](https://amazon.com.br/dp/B084MKDV82)

Livro Físico, ISBN 9781647644901, 220 Páginas: [.bit.ly/39N7clj\)](https://bit.ly/39N7clj)

Primeiros Capítulos GRÁTIS: [.bit.ly/31U72fp\)](https://bit.ly/31U72fp)





A DOUTRINA VIVA

MONSENHOR ÁLVARO NEGROMONTE

Publicado originalmente em 1939 aqui no Brasil, esta obra do grande mestre catequético Monsenhor Álvaro Negromonte ganha, finalmente, uma Nova Edição.

Este livro foi concebido inicialmente como suplemento para estudos de catequese dos adolescentes que frequentavam o Ensino Secundário da Época (hoje seria os anos finais do Ensino Fundamental e o atual Ensino Médio). Como que de lá pra cá o ensino brasileiro só esteve em declínio, e, infelizmente, o de catequese também, os ensinamentos que aqui constam muitos adultos não conhecem ou não compreendem bem. Desta forma, faz-se oportuno a publicação desta obra, visto que o autor, possuidor dos dons de escritor claro e limpo, sóbrio e discreto, nos põe em contato com a Palavra de Deus e sua Doutrina de forma fácil e

objetiva, traduzindo em atos concretos, nos ensinando em como viver os santos ensinamentos de Cristo e da Igreja.

Perpassando por todos os pontos básicos da Religião, desde a explicação da existência de Deus, vai se desenvolvendo até chegar a assuntos mais complexos da doutrina católica, como o Mistério da Encarnação, Instituição da Santa Igreja, Dogmas, Comunhão dos Santos, Purgatório, Infalibilidade do Papa, Tradição, etc. Todos estes conhecimentos nos faz amar ainda mais a Deus, e o Monsenhor Álvaro Negromonte nos ensina ao final de cada capítulo a pôr em prática tudo o que ensinou nele. Assim, nos tornamos conscientes das ofensas que fazemos a Deus diariamente urgindo em nós um imenso desejo de santidade e penitência pelos nossos pecados que tanto entristece o nosso Salvador.

Ebook Kindle – Disponível no Unlimited:

amazon.com.br/dp/B08LVX47YC

Livro Físico, ISBN 9781647644291, 293 Páginas: bit.ly/35FdQzD

Primeiros Capítulos GRÁTIS: amzn.to/3kGRZhC



AVISO DO EDITOR

Se você gostou deste livro, por favor, peço que faça uma avaliação no site da Amazon ou no da loja que o adquiriu. Isto nos ajuda a alcançar mais pessoas, fazendo com que a Palavra de Deus e de sua Santa Igreja possam frutificar em um número cada vez maior de famílias. Meu muito obrigado e Salve Maria!

[1] NE: Exposição solene e permanente do Santíssimo Sacramento à adoração dos fiéis na igreja.

[2] NE: O autor é Tomás de Kempis.

[3] NE: Hóstia é o mesmo que vítima.

[4] NE: Réprobo são aqueles que são condenados ao inferno.

[5] NE: Trata-se de François Fénelon (1651-1715); teólogo católico, poeta e escritor francês.

[6] NE: Hoje vinte séculos.

[7] NE: Isto nos faz lembrar do livro de São João da Cruz: A Noite Escura da Alma.

[8] NE: Espécie de espada ou sabre.

[9] NE: É o mesmo que pedir perdão.

[10] NE: É o mesmo que suplicar, pedir graças, bênçãos, etc.

[11] NE: Moeda grega de pouco valor.

[12] NE: Santo Padre quando não se refere ao Papa, se refere aos Pais da Igreja, também são chamados de Padres da Igreja e Padres Apostólicos. Estes são grandes cristãos dos oito primeiros séculos depois de Cristo, que se distinguem pelos seus ensinamentos, coerentes com a sua vida, que contribuíram para a edificação da Igreja em suas estruturas primordiais.

[13] NE: Acidente em filosofia é aquilo que não pertence à essência de alguma coisa.

[14] NE: Trata-se de São Francisco Xavier.

[15] NE: Trata-se do Pai Nosso.

[16] Quem puder deve ler o sermão do domingo da oitava do Espírito Santo sobre a comunhão como meio de adquirir a pureza da vida; o do 23º domingo depois de Pentecostes, em que se trata do desejo de comungar; e o da primeira quinta-feira da Quaresma, para combater o pretexto de não comungar frequentemente com receio de faltar à pureza de coração.

[17] NE: Monsenhor Jean-Joseph Languet de Gergy (1677-1753) foi um eclesiástico e teólogo francês.

[18] NE: Padre Jean Pierre de Caussade (1675-1751) foi jesuíta e escritor. Ele é especialmente conhecido pela obra atribuída a ele: Abandono à Providência Divina.

[19] NE: No moinho, peça que comunica à tremonha o movimento trêmulo da mó superior, fazendo que os grãos caiam aos poucos para serem esmagados.

[20] NE: Trata-se de Padre Diego Laynez (1512-1565), jesuíta espanhol e teólogo. Foi o segundo Superior Geral da Companhia de Jesus, logo após Santo Inácio de Loyola.

[21] NE: Padre Cláudio de la Colombière (1641-1682) foi um jesuíta francês. Era confessor de Santa Margarida Maria Alacoque e junto dela foi propagador da devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

[22] NE: Padre Vincent Huby (1608-1693) foi um jesuíta, escritor e místico francês.

[23] NE: Padre Jean Berthier (1840-1908) foi um sacerdote francês. Foi o fundador da Congregação dos Missionários da Sagrada Família.

[24] NE: Padre Jean Grou (1731-1803) foi um místico e escritor espiritual francês.

[25] NE: Abade Louis de Blois (1506- 1566) foi um monge e escritor místico. É geralmente conhecido sob o nome de Blossius.

[26] NE: Padre Jean-Joseph Surin (1600-1665) foi um jesuíta, místico, pregador, escritor espiritual e exorcista francês.

[27] NE: Obra de São Francisco de Sales.

[28] NE: Obra do Padre Lourenço Scupoli.

[29] NE: Abade Henri-Marie Boudon (1624-1702) foi um autor espiritual francês.

[30] Conta-se que uma alma piedosa tendo compaixão deste estado, cuja excelência não compreendia, orava a Deus para livrá-la de tantas penas internas e externas. Nosso Senhor lhe respondeu: “*Se eu te escutasse, iria contra os meus desejos e os d’Ele.*” ***A minha cruz o alegra, porque Ele ama a minha cruz.*** Palavras que deveriam meditar aqueles que só se entregam a Providência quando ela só lhe oferece doçuras e não compreendem o preço da cruz na estima de Deus, que a dá e na dos santos que a recebem.

[31] NE: Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704) foi um bispo e teólogo francês, famoso por seus sermões e discursos.

[32] NE: Padre Jean-Baptiste Saint-Jure (1588-1657) foi um sacerdote e escritor jesuíta francês.

[33] NE: Padre Gustave Delacroix de Ravignan (1795-1858) foi um escritor, pregador e jesuíta francês.

[34] NE: Indulgência é a remissão, diante de Deus, da pena temporal devida pelos pecados já perdoados quanto à culpa, que o fiel, devidamente disposto e em certas e determinadas condições, alcança por meio da Igreja, à qual, como dispensadora da redenção, distribui e aplica, com autoridade, o tesouro das satisfações de Cristo e dos Santos (*Indulgentiarum Doctrina, Norma 1*). É necessário para receber uma indulgência ter feito Confissão Sacramental, Comunhão Eucarística e Orações segundo a intenção do Sumo Pontífice. Para informações atualizadas, cumpre verificar atualmente no Manual das Indulgências, publicada em 1989, quais são as obras indulgenciáveis e quanto é o tempo, uma diferença que se pode notar da época em que esse livro foi originalmente escrito é a quantidade de tempo das indulgências, que agora são apenas Parciais e Plenárias, não tendo número de dias.

[35] NE: Aqui o tradutor da obra indica alguns livros místicos, alguns ganharam novas edições na atualidade, outros não. Havia mais alguns livros indicados, porém o exemplar que serviu para esta edição infelizmente estava rasurado, não possibilitando a identificação destes.